ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.

(PHILOBIBLION, CAP. XVI)

1898

VOLUME XX

SUMMARIO:

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1899

5717 — 98

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1898

VOLUME XX

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1899

4720 — 99

INTRODUCÇÃO

INTRODUCÇÃO

Da descripção technica dos Retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado, collecção unica existente, saem neste volume dos nossos ANNAES os tomos V e VI; esperam os dous restantes a sua vez de impressão, completando-se então o trabalho que logrou a fortuna de levar a cabo o nosso saudoso companheiro o zeloso Dr. Menezes Brum: no ultimo dar-se-á um indice alphabetico de todos os retratos contidos na famosa collecção.

Fazem parte do volume 12 opusculos de extrema raridade, pertencentes ainda ao acervo litterario do douto abbade de Sevér, referentes ás nossas luctas com os hollandezes, ás investidas dos francezes ao Rio de Janeiro e a outros assumptos que interessam á nossa historia, reimpressão que se julgou opportuno fazer para divulgar noticias que jaziam quasi ignoradas dos estudiosos das cousas patrias, como se verificará das copiosas notas elucidativas e bibliographicas, que lhes ajuntou o chefe da Secção de Manuscriptos.

De seguida se dão á impressa duas das *Memorias* ineditas do naturalista Domingos Vandelli, originaes, incluidas sob os n.os III e IV, nas que, sob o numero geral 11.297, vêm descriptas no Catalogo da Exposição de Historia, que se realizou na Bibliotheca em 1881. A publicação d'estas duas memorias, como que vem ao encontro dos intuitos do Governo, que, pelo Ministerio da Industria e Viação, se propõe a organizar a codificação methodica de leis e mais disposições attinentes á industria metallurgica no Brasil.

O relatorio do movimento da Repartição no decurso de 1897, que se addiciona ao volume, obedece á serie dos referentes aos annos anteriores e é uma pagina mais da sua historia intima, que terá talvez algum valor aos olhos curiosos dos futuros investigadores da historia patria no que respeita ao nosso desenvolvimento intellectual.

Fecha o presente volume o «Indice Geral Alphabetico» dos vinte até agora publicados, promettido na *Introducção* ao XVIII e que será de incontestavel auxilio aos que nos nossos ANNAES procurem os assumptos que possam convir aos seus estudos.

Mais alentado seria o volume, si a verba que o Orçamento consigna para a sua impressão o comportasse.

T. M.

CATALOGO

DOS

RETRATOS

COLLIGIDOS

POR

DIOGO BARBOZA MACHADO

V

RETRATOS

DE

VAROENS PORTUGUEZES

INSIGNES

NA

CAMPANHA, E GABINETE,

ORNADOS COM ELOGIOS POETICOS,

E

COLLEGIDOS

POR

DIOGO BARBOSA MACHADO.

Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e
Academico Real.

TOMO III.

(Brazão do Reino de Portugal, gravado por A. GRAMIGNANI)

N.º 1028

ROUPINHO (Dom Fuas).

De perfil para a direita, com a cabeça descoberta, o chapéo voando no ar, empunhando uma lança, montado a cavallo e dirigindo-se para a direita em perseguição de um veado, estaca á beira de um precipicio perto do mar. No alto, á direita, a Virgem Santissima com o Menino Jesus nos braços, entre nuvens, vista até pouco abaixo dos joelhos, com o tronco a tres quartos para a direita e o rosto voltado para o lado opposto.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Estampa sem margens.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*)

D. FUAS ROUPINHO,

Governador de Porto de Mós, Fundador do Santuario da Senhora | de Nazareth, | que o livrou em 14 de Setembro de 1182 do fatal | perigo maquinado pelo Demonio.

Fl. 1, n.º 1.

N.º 1029

——— O mesmo assumpto da estampa precedente, tratado quasi do mesmo modo; a principal differença consiste em estar a Virgem Santissima de tres quartos para a esquerda. Na margem inferior: «*Nuestra S.ra De Nazareth.*»

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Com a margem inferior um pouco mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 2, n.º 2.

N.º 1030

———Cópia no mesmo sentido, um pouco modificada, da estampa n.º 1033 d'este Catalogo. Na margem inferior: 1.º,—A Paris chez *J. B. Bonnart*., á esquerda; *rue S.t Jacques*, á direita; 2.º «*Nossa S.ra De Nazareth*».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Parece que parte do endereço foi apagada e substituida por outras palavras; pelo que se pode considerar a estampa como pertencente ao 2.º estado da chapa. Com a margem inferior em parte mutilada e as outras cortadas.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 3, n.º 3.

N.° 1031

——— A cavallo, dirigindo-se para a direita, com o rosto voltado para o lado opposto, de chapéo na cabeça, de lança em punho, correndo um veado á beira de um precipicio perto do mar, onde se vêem barcos, pescadores colhendo uma rede, etc. No alto á direita, dois passaros voando; e no penhasco por baixo dos pés do cavallo: « REFVGIVM ET | SPES MEA ».

Xg. grosseira por Anon. (?) — S. d. (?)

Mutilada na parte inferior da gravura e sem as margens lateraes e superior.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 4, n.° 4.

N.° 1032

——— A cavallo, dirigindo-se para a esquerda, de chapéo na cabeça, de lança em punho, correndo um veado á beira de um precipicio perto do mar, onde se vêem barcos. No alto, á esquerda, a Virgem Santissima com o Menino Jesus nos braços, entre nuvens.

Xg. grosseira por Anon. (?) — S. d. (?)

Estampa sem margens.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 4, n.° 5.

N.° 1033

——— A cavallo, dirigindo-se para a esquerda, de cabeça descoberta e braços abertos, á beira de um penhasco perto do mar, correndo um veado, que se vê, assim como a lança do cavalleiro, a cahir n'agoa; no alto, á esquerda, a Virgem Santissima com o Menino Jesus nos braços, entre nuvens; e no mar, varios barcos. Em baixo, á esquerda: — *João gomes* (sic).

Estampa com as margens cortadas. S. d. (?)

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 4, n.° 6.

N.° 1034

PEREIRA (Dom Alvaro Gonçalves).

De perfil para a direita, ajoelhado, vestido de armadura, de cabeça descoberta, com a mão esquerda ao peito, á esquerda da estampa, adorando a Virgem Santissima, que tem o Menino Jesus no regaço e uma rosa na mão direita. Em cima: « *N. S.ª da Flor da | Roza, q̃. se ven.ª na Cap.ª do Paço | do Gran Priorado do Crato.* », em um cartucho; e em baixo: « *D. Alvaro Gonçalves Pr.ª Pay do invicto D. Nuno Alves Pr.ª, e | Gran*

Prior do Crato no anno de 1345, em q̃. mandou fazer o Paço, | e Igreja da Sr.ª, q̃. appareceo naquelle tempo. », em um cartucho, tendo na parte superior o escudo das armas de Portugal sobre uma cruz de Malta com a corôa real por cima. Na margem inferior: — *Carpinetti. f. 13,* á esquerda; *Lx.ª 1761.,* á direita.

Com parte da margem inferior e sem as outras.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 5, n.º 7.

N.º 1035

PEREIRA (Dom Nuno Alvares), Condestavel de Portugal.

Em corpo, de frente, vestido de armadura, com a cruz dos Pereiras na cota, de cabeça descoberta, segurando com ambas as mãos a espada posta á sua frente; dentro de um portico.

Xg. grosseira por Anon. — S. d. (1526?)

Occorre impressa no recto da folha I da « Coronica do condestabre de purtugall Nuno Aluarez Pereira... *Lisboa, Germã Galharde,* 1526 », 1 vol. in-folio (B. N.), e no verso da folha I da 2.ª edição da mesma obra citada mais adiante (Vide a estampa n.º 1041 d'este Catalogo).

A estampa existente neste volume foi extrahida da 2.ª edição da obra acima citada e está mutilada pela beira do desenho.

Innocencio, VII, pag. 89.

(Epigramma)

D. NUNO ALVARES PEREIRA,

CONDESTAVEL DE PORTUGAL.

Fl. 6, n.º 8.

N.º 1036

——— Vestido de armadura, seguido de tres companheiros de armas, encaminha-se para a esquerda, a encontrar-se com um grupo de frades carmelitas que sahem do seu convento a recebel-o. Na margem superior, no meio: «*Occidente.*»; e na inferior, á esquerda: «*G. F. L. Debrie del. et sculp. 1745.*»

Cabeção da pag. 283 do vol. I da obra « Chronica dos Carmelitas... de Portugal... por Fr. Joseph Pereira de S.ta Anna... *Lisboa, na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvam,* 1745 », 2 vols. in-folio. (B. N.)

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 6, n.º 9.

N.º 1037

——— Vestido de habito e manto curto monasticos, com um cajado na mão esquerda e um livro meio fechado na direita, acompanhado por tres frades carmelitas, dirige-se para o lado esquerdo pelo caminho que lhe indica um pagem; no fundo, uma grande igreja e convento. Na margem superior, no meio: «*Oriente.*»; e na inferior, á esquerda: «*G. F. L. Debrie del. et sculp. 1745.*»

Cabeção da pag. 571 da *Chronica dos Carmelitas*, citada no n.º antecedente.

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 6, n.º 10.

N.º 1038

——— Visto até aos joelhos, de tres quartos para a esquerda, vestido de habito e manto curto monasticos, com um cajado na mão esquerda e um livro meio fechado na direita, contemplando um crucifixo sobre uma caveira, em cima de uma mesa; no fundo, á esquerda, um retábulo de N. S.ra do Carmo. Na margem inferior: 1.º, — *B(ernardus). Picart sculp. 1722.*, á esquerda; 2.º:

« *Hæc Nonni effigies extremâ ætate salutis*
Cum solum æternæ tendit inire viam:
Sic spretis opibus, spretis et honoribus unam
Pauperiem amplexus sidera summa petit. »

Faz *pendant* á estampa seguinte e occorrem ambas na « Vida de D. Nuno Alvares Pereyra, segundo Condestavel de Portugal... pelo M. R. Padre Fr. Domingos Teixeyra... *Lisboa occidental, Off. da Musica*, 1723 », 1 vol. in-fol. (B. N.)

Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pags. 89 e 130.

Fl. 7, n.º 11.

N.º 1039

——— Visto até aos joelhos, de tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com a cruz dos Pereiras na cota, pousando a mão esquerda sobre o quadril do mesmo lado e segurando com a direita uma lança; no fundo,

uma cortina arregaçada, deixando vêr, á esquerda, um recontro de cavallaria. Na margem inferior: 1.º, — *B*(ernardus). *Picart Sculp. 1722.*; 2.º:

« *Hæc Comitis stabilis Nonni bellantis imago*
Dum regnum Lysiis asserit ense suis:
Bætigenas vicit Lusitanica sceptra petentes,
Obtulit et victor parta tropæa Deo. »

Vide a descripção da estampa precedente, á qual esta faz *pendant*. Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pags. 89 e 130.

Fl. 7, n.º 12.

N.º 1040

——— Em busto, de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura, segurando com a mão direita a espada desembainhada encostada ao hombro direito; dentro de um oval ao alto. Em um cartucho, por baixo do oval: «GRAN CONDE ESTABLE | DE PORTVGAL»; e na parte inferior da estampa: — *P. de Villa*, á esquerda; *franca st.*, á direita. S. d.

Com as margens mutiladas.

Occorre na obra «Vida y fechos heroicos del gran Condestable de Portugal D. Nuño Aluarez Pereyra... por Rodrigo Mendez Silua Lusitano... *Madrid, Juan Sanchez*, 1640», 1 vol. in-8.º.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 7, n.º 13.

N.º 1041

——— Em busto, de tres quartos para a direita, vestido de habito monastico. Na margem superior: «ESTA HE A FIGVRA DO CONDE ESTABRE, AO | NATVRAL, QVANDO ESTAVA EM RELIGI — | AM, NO CARMO DE LIXBOA, ONDE IAZ;» e na inferior:

«EPITAPHIVM AD IPSIVS TVMVLVM.»

Ille Comesstabilis Braganti nominis autor
Nunnus adest Dux maximus hic Monachusq; beatus.
Qui regnum asseruit viuens, sortitus in æuum
Cœlum cum superis. Nam post numerosa tropæa,
Reiecit pompas: humilisq; ex Principe factus,
Hoc templum posuit, coluit, censumq; dicauit.»

Ambos estes dizeres estão impressos com caracteres typographicos.

Xg. por Anon. — S. d. (1554?)

Occorre impressa no recto da folha LXVII (innumerada) da «Coronica

do Condeestabre d' Portugall dom Nuno alurez Pereyra... *Lisboa, Germã Galharde*, 1554», 1 vol. in-fol. (B. N.) com texto no verso.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 8, n.º 14.

N.º 1042

——— Cópia reduzida e no mesmo sentido da estampa n.º 1044 d'este Catalogo. Na margem inferior: 1.º, — *G. F. L. Debrie sculp. | 1749.*; 2.º, os dois distichos latinos: «*Hæc Comitis... Deo.*»

Com a margem inferior um pouco mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 8, n.º 15.

Sem n.º

——— A figura é cópia reduzida da do retrato gravado por Pedro de Villafranca (estampa n.º 1040 d'este Catalogo); dentro de uma moldura oval feita de folhas de carvalho. Em uma fita por cima da moldura: «NONNIVS ALVAREZ PEREYRA.», e em outra fita por baixo da mesma moldura: «ASSERTOR PORTV - | GALLIÆ.»

E' trecho mutilado da estampa n.º 16 deste Catalogo.

Innocencio, VII, pag. 89.

Fl. 9, n.º 17.

N.º 1043

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, vestido de habito e manto monasticos, com um rosario na mão direita. No alto, á direita: — *P*(etrus). *P*(erret). *f*(ecit); e na margem inferior, quatro distichos latinos, em duas columnas:

«Qui Lusitanæ supremo munere gentis
Militiæ functus, officioq; Ducis:
et Bargantiaçi generosi stematis auctor
Regiȯ.ᵍ et multis fons et origo fui:
Exhaustis postquam bellis sceptrisq; relictis,
Vnus Carmeli de grege factus eram:
Huic Germana tuli, quam reddit imago figura
Nonius (ut cernis) Aluarus ora Comes.»

Fl. 9, n.º 16.

S. d. (?) Com os cantos superiores mutilados e parte da margem inferior; e com as outras tres inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 89.

N.º 1044

AFFONSO (Dom), I do nome, I Duque de Bragança.

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, de cabeça descoberta, vestido de armadura tendo um manto por cima, com a mão direita no boldrié. Na moldura: «DOM AFFONSO I. DUQUE DE BRAGANÇA.»; e na margem inferior: — *Carolus Aut.º Leoni Florentinus deli :*, á esquerda; *Miguel M. Aubert Sculp.*, á direita.

S. d. (?) — Da serie XXV.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*)

Joannis soboles Primi fuit inclyta Regis
Atque Brigantinæ splendida origo Domûs.
Expugnat *Septam* genitor; comitatur & ipsum
Filius insigni Palladis arte nitens.
Alta Sacerdotum posui collegia Princeps
Barcellis: peragant ut pia sacra Deo.
Cui tamen in terris fuerant cœlestia curæ,
Credibile est superas hinc abiisse plagas.

Fl. 10, n.º 18.

N.º 1045

FERNANDO (Dom), I do nome, II Duque de Bragança.

Com o tronco de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, vestido de armadura, de capacete na cabeça, segurando a espada com a mão esquerda levantada á altura do peito. Na moldura: «DOM FERNANDO II. DUQUE DE BRAGANÇA.»; e na margem inferior: — *Carolus Antonius Leoni Florentinus delin*, á esquerda; *Petit filius sculps*, á direita.

S. d. (?) — Da serie XXV.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*)

Ductor Classis erat: suffuso sanguine *Tingim*
Obsidet, & capta victor ab urbe redit.
Bis Quintum Alphonsum Lybicis fera bella parantem
Prosequitur: regni fræna bis ille tenet.
Arte valens sacra, pollens & flumine linguæ
Acceptus cunctis fata suprema subit.

Fl. 11, n.º 19.

N.º 1046

FERNANDO (Dom), II do nome, III Duque de Bragança.

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, vestido de armadura, de capacete na cabeça, tendo na mão esquerda um pequeno bastão de mando. Na moldura: «DOM FERNANDO III. DUQUE DE BRAGANÇA.»; e na margem inferior: — *Carolus Antonius Leoni Florentinus delin.*, á esquerda; *Petit f. 1755.*

Da serie XXV.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*).

Africa te vidit ceu Martem bella gerentem,
    Et tribuit *Lybici* nomina clara *Ducis*.
Sæpe tibi justi placuit sententia belli,
    Sæpe tibi dulcis pax quoque grata fuit.
Quàm vero instabilis sit, Princeps gloria mundi
    Ostendunt fati tristia signa tui.
Post titulos, lauros, post parta ex hoste trophæa
    Carnifici præbes colla secanda ferò.

Fl. 12, n.º 20.

N.º 1047

JAIME (Dom), IV Duque de Bragança.

De tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com a cabeça descoberta, segurando com a mão esquerda um pequeno bastão de mando. Na moldura: «DOM JAIME IV. DUQUE DE BRAGANÇA.»; e na margem inferior: — *Carolus Antonius Leoni Florentinus delin.*, á esquerda; *M. Aubert sculp.*, á direita.

S. d. (?) — Da Serie XXV.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*)

Ut Ductor classis Lybicas delatus ad oras,
    Hîc *Azamorii* mœnia celsa capit.
Illius auspiciis celebris victoria venit:
    Cunctæ hæc virtutis dona fuêra suæ.
Hunc Regni hæredem Proceres, populique salutant
    Essent si Regi pignora nulla Tori.
Progenuit natos: pars aris ponit honores;
    Cætera pars rectè munera magna gerit.

Fl. 13, n.º 21.

N.° 1048

THEODOSIO (Dom), I do nome, V Duque de Bragança.

De tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com a cabeça descoberta, tendo a mão direita ao quadril do mesmo lado e pousando o ante-braço esquerdo sobre uma mesa. Na moldura: « DOM THEODOSIO V. DUQUE DE BRAGANÇA. »; e na margem inferior: — *Carolus Antonius Leoni Florentinus del.*, á esquerda; *R*(obertus) *Gaillard Sculp.* — S. d.

Da Serie XXV.

Innocencio, VII, pag. 89.

(*Epigramma*)

INclyta collucet patriæ virtutis imago,
Excelsumque genus bellica facta probant.
Afrorum ad *Tunectum* Lodoici in castra ruentis
Bis tentat fidus Principis ire comes.
Cùm tamen impleri vota hæc sors dira negasset,
Centenos equites misit in arma quater.
Artes excoluit generoso pectore dignas;
Nomen & illius cuncta per ora viget.

Fl. 14, n.° 22.

N.° 1049

FERNANDO (Dom), I do nome, II Duque de Bragança, e Dona Joanna de **Castro**:

O Duque, á esquerda; a Duqueza, á direita. « *D. Fernando I.° Duca 2.° | di Braganza.* », por baixo do Duque; « *La Duchessa D. Giouanna di | Castro, figlia di D. Giouanni | di Castro, et nepote di D. Aluaro Pires di Castro Conte- | stabile di Portogallo.* », por baixo da Duqueza.

Da Serie XI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.° 23.

N.° 1050

——— O Duque, á esquerda; a Duqueza, á direita. « *D. Fernando I.° Duca 2.° | di Braganza.* », por baixo do Duque; « *La Duchessa D. Giouanna de Ca- | stro figlia di D. Giouanni di Cas- | tro, et nepote di D. Aluaro Pires | di Castro Contestabile di | Portogallo.* », por baixo da Duqueza.

Da Serie X.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n. 23 bis.

N.º 1051

THEODOSIO (Dom), I do nome, V Duque de Bragança, e sua mulher Dona Isabel de **Alencastro.**

O Duque, á esquerda; a Duqueza, a direita. «*D Theodosio I.º Duca 5.º / di Braganza*», por baixo do Duque; «*La Duchessa D. Isabella / di Alencastro*», por baixo da Duqueza.

Da Serie X.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.º 24.

N.º 1052

——— Cópia dos retratos correspondentes da Serie X, descriptos sob o n.º antecedente. « *D. Theodosio I.º Duca 5.º / di Braganza.* », por baixo do Duque; « *La Duchessa D. Isabe- / lla di Alencastro* », por baixo da Duqueza.

Da Serie XI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.º 25.

N.º 1053

JOÃO (Dom), I do nome, VI Duque de Bragança, e sua mulher, a Infanta Dona **Catharina.**

O Duque, á esquerda, e a Infanta, á direita. « *D. Giouanni I.º Duca / 6.º di Bragaza* (sic) *pretenden / te della Corona*», por baixo do Duque; «*L'Infanta D. Caterina legi- / tima herede della Corona / di Portogallo spogliatane dal / Rè D Filippo 2.º di Castiglia* », por baixo da Infanta.

Da Serie X.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.º 26.

N.º 1054

——— Cópia dos retratos correspondentes da Serie X, descriptos sob o n.º antecedente. «*D. Giouanni I. Duca / 6.º di Bragaza* (sic) *pretenden / te della Corona* », por baixo do Duque; « *L'Infanta D. Caterina legi- / tima herede della Corona / di Portogallo spogliatane dal / Rè D. Filippo 2.º di Castiglia* », por baixo da Infanta. As differenças entre a cópia e o original são pouco apreciaveis;

entretanto nota-se que no original a lettra por baixo do Duque reza assim: « *D. Giouanni I.° Duca...* », emquanto a da cópia diz assim: « *D. Giouanni I. Duca...* »

Da Serie XI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.° 27.

N.° 1055

THEODOSIO (Dom), II do nome, VII Duque de Bragança, e sua mulher Dona Anna de **Velasco.**

O Duque, á esquerda; a Duqueza, á direita. « *D. Theodosio Duca di Braga= | nza legitimo herede della | Corona di Portogallo.* », por baixo do Duque; « *La Duchessa D. Anna di Velas= | co figlia di Gio: Fernando di | Velasco Contestabile di Casti= | glia e Duca di Frias.* », por baixo da Duqueza.

Da Serie X.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.° 28.

N.° 1056

——— Cópia dos retratos correspondentes da Serie X, descriptos sob o n.° antecedente. « *D. Theodosio Duca 7.° di Braga= | nza legitimo herede della | Corona de Portogallo.* », por baixo do Duque; « *La Duchessa D. Anna di Ve= | lasco figlia di Gio: Fernando | di Velasco Contestabile di Ca= | stiglia e Duca di Frias.* », por baixo da Duqueza.

Da Serie XI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15, n.° 29.

N.° 1057

DINIZ DE PORTUGAL (Dom), filho do III Duque de Bragança, Dom Fernando II, e Conde de Lemos, com sua mulher Dona Brites de **Castro Osorio:**

O marido, á esquerda; a mulher, á direita. « *D. Dionisio di Porto ga= | llo Conte di Lemos* », por baixo do Conde; « *D. Beatrice di Castro Osorio | herede Contessa di Lemos | e Marchesa di Sarria* », por baixo da Condessa.

Da Serie X.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15 v., n.° 30.

N.° 1058

—— Cópia dos retratos correspondentes da Serie X, descriptos sob o n.° antecedente. « *D Dionisio de Portogallo | Conte di Lemos* », por baixo do Conde; « *D Beatrice di Castro Oso- | rio herede Contessa di | Lemos e Marchesa di | Sarria* », por baixo da Condessa.

Da Serie XI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 15 v., n.° 31.

N.° 1059

PORTUGAL (Frei Affonso de), XI Grão Mestre da Ordem de S. João de Jerusalem.

De tres quartos para a direita, vestido de habito talar, ornado com a cruz da Ordem; sobre um fundo formado por linhas circulares concentricas. Na moldura: « F. ALFONSO DI PORTOGALLO XI. MAESTRO DELLA S. RELIG. GEROSÒL. »; e no cartucho: 1.°, « *ALFONSO della Real Casa di Portogallo... disciplina religiosa* »; 2.°, o n.° « 13 ».

Da Serie XXVI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 16, n.° 32.

N.° 1060

A figura é cópia invertida do retrato precedente. No redondo: 1.°, « F ALFONSO DI PORTOGALLO »; 2.°, o n.° « 13 », à esquerda; e na cortina: « *Fu della Real casa de Re di Portogallo... come Apostata* ».

Da Serie XXVII.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 16, n.° 33.

N.° 1061

—— A figura do retratado é cópia no mesmo sentido da da estampa seguinte; dentro de um oval. Em volta da parte inferior do oval: « *Gravado por Barros: Discipulo de seis mezes de Aguilar.* »; e na margem inferior:

« *Fr. D. Affonso XII Grão Mestre* (Brazão do retratado) *De Portugal da S. O. I.* »

Da Serie XXVIII. S. d.

Innocencio, VII, pag. 104.

Fl. 16 v., n.° 34.

N.° 1062

——— A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto voltado para o lado opposto, vestido de armadura, tendo no peito a cruz da Ordem de Malta. Na moldura: « ALPHONSE DE LA MAISON ROYALE DE PORTUGAL ONZIEME GR.D MAITRE année 1194. »; e no socco, á direita: « *Cars Sculp.* » — S. d. (?)

Estampa sem margens.

Da serie XXIX.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 17, n.° 35.

N.° 1063

——— A figura do retratado é cópia invertida e reduzida da do retrato n.° 1062 d'este Catalogo; dentro de uma moldura oval, na qual se lê: « F. ALPHONSVS DE PORTVGALLIA ».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Grande diametro do oval, 98 millim.; pequeno diametro, 78 millim.

Mutilada pela beira da moldura.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 17, n.° 36.

N.° 1064

——— Cópia reduzida da estampa precedente; dentro de uma moldura oval, na qual se lê: « F. ALPHONSVS DE PORTVGALLIA. »

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Grande diametro do oval, 58 millim.; pequeno diametro, 43 millim.

Mutilada pela beira do oval.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 17 v., n.° 37.

N.° 1065

VASCONCELLOS (Frei Luiz Mendes de), LIV Grão Mestre da Ordem de S. João de Jerusalem.

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, vestido de habito talar ornado com a cruz da Ordem; sobre um fundo formado por linhas circulares concentricas. Na moldura: « FRA LVIS MENDES DE VASCONCELLOS LIV. G. MAESTRO DELLA S. RELIG. GEROSOL. »; e no cartucho: 1.°, « *Dopo molti priuati impieghi... Religioso si conueniuano* »; 2.°, o n.° « 57 »

Da Serie XXVI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 18, n.° 38.

N.º 1066

——— Figura um pouco parecida com a do retrato precedente, mas invertida e reduzida; dentro de uma moldura oval, na qual se lê: «F. LVDOVICVS MENDES DE VASQVALES (*sic*).»

G. por Anon. (?), o mesmo abridor da estampa n.º 1068 d'este Catalogo, á qual faz *pendant*; ou talvez sejam ambas *trechos* mutilados de uma só estampa. S. d. (?)

Mutilada pela beira do oval.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 18, n.º 39.

N.º 1067

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, vestido de habito talar e manto, ornados com a cruz da Ordem de S. João de Jerusalem. No alto: «54», á esquerda; «M», no meio, por cima da cabeça do retratado; e o seu brazão, á direita. Na margem inferior: «FR. LVIS MENDES DE VAS|CONCELOS».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

A estampa foi mutilada na parte superior, para fazer desapparecer o n.º «54» e a lettra «M»; o brazão foi cortado e collado mais abaixo do lugar primitivo; as margens lateraes inteiramente cortadas e a inferior só em parte.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 19, n.º 40.

N.º 1068

——— De tres quartos para a direita, olhando para a frente, vestido de habito talar ornado com a cruz da Ordem. No redondo: 1.º, «F. LOVIS MENDES DE VASCONCELLOS. G. M»; 2.º, o n.º «57», á direita; e na cortina: «*Dal comando di Generale delle galere... è di sua uita ottanta anni.*»

Parece cópia invertida da estampa n.º 1065 d'este Catalogo.

Da Serie XXVII.

Innocencio, VII, pag. 90

Fl. 19, n.º 41.

Sem n.º

——— A mesma estampa descripta no n.º 1067 d'este Catalogo.

Na estampa collada nesta folha, o corpo da gravura está intacto; as margens porém foram cortadas: a inferior, em parte, e as outras inteiramente.

Fl. 20, n.º 42.

N.º 1069

—— A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto voltado para o lado opposto; olhando para a frente, vestido de habito talar e capa, tendo naquelle a cruz da Ordem de Malta. Na moldura: « FRERE LOUIS MANDES (*sic*) DE VASCONCELLOS CINCUANTE-QUATRIEME G.^D M^E an. 1622.»; e no socco, á direita: — *Cars Sculp.*

Com as margens mutiladas. S. d. (?)

Da Serie XXIX.

Innocencio, pags. 90 e 126.

Fl. 20, n.º 43.

N.º 1070

—— A figura do retratado é cópia no mesmo sentido da da estampa precedente; dentro de um oval. Em volta da parte inferior d'este: « *Barros Discipulo de Aguilar Gravou.*» e na margem inferior:

« *Fr. Luis Mendes* *I.V. Grão-Mestre* (Brazão do retratado) *De Vasconcellos da S. O. I.* »

Da Serie XXVIII. S. d.

Innocencio, VII, pag. 126.

Fl. 20 v., n.º 44.

N.º 1071

—— A figura do retratado é muito parecida com a do retrato n.º 1067 d'este Catalogo; dentro de uma moldura oval, inscripta em um parallelogrammo, com o brazão do retratado em baixo. Na moldura: « FREI LUIZ MENDES DE VASCONCELOS, GRAN MESTRE DE MALTA.»; e na margem inferior: — *Bern.*^do *F. Gayo.*, á esquerda; *Comp. Esculp.*, á direita. S. d. (?)

Com tres margens cortadas e a inferior um pouco mutilada.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 21, n.º 45.

N.º 1072

—— Em busto, de tres quartos para a esquerda, vestido de habito talar, ornado com a cruz de Malta, e de pelliça; dentro de uma moldura oval ao alto, inscripta em um parallelogrammo. Na moldura: « F. LVDOVICVS DE MENDES VASCONSELLOS.»

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Sem margem. Extrahida de livro. Traz impressas no verso: texto em francez, e o retrato de Frei Antonio de Paula dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, com o numero « 55 ».

Este numero faz-nos crer que o retrato de Luiz Mendes de Vasconcellos tambem tinha numero, que se não póde ver por ter sido raspado; de feito no lugar, em que devia ter estado o numero, o papel acha-se mais adelgaçado.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 21, n.º 46.

N.º 1073

VILHENA (Frei Dom Antonio Manuel de), Grão Mestre da Ordem de S. João de Jerusalem.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de habito talar, capa e bacalhaus, com a cruz da Ordem no habito e capa; dentro de uma moldura quasi circular sobre um socco, com o brazão do retratado — escudo esquartelado: ao 1.º, de goles, uma cruz de prata firmada no escudo; ao 2.º, de prata, um leão de purpura armado de azul, e assim os contrarios, encimado por uma coroa de Duque. Na moldura: «E.^{MUS} ET SER.^{MUS} FR. DON ANTONIUS MANOEL DE VILHENA MAGNUS MAGISTER ORDINIS S.^{TI} JOANNIS HYEROSOLIMITANI»; e no socco: «*Jac*(obus): *Coelêmans Sculpsit*, á esquerda; *Aquis Sextii 1724.*» Por entre as lettras do dizer escripto na moldura vêem-se vestigios mal apagados de outras lettras; conseguintemente esta estampa pertence a um 2.º estado.

Com as margens mutiladas; alem d'isto, Barboza Machado substituiu o leão do 3.º quartel pelas armas dos Manoeis (em campo vermelho, um coto de aguia de ouro com uma mão empunhando uma espada guarnecida de ouro), pintadas a pennejado em um pedacinho de papel collado por cima do dito 3.º quartel.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 22, n.º 47.

N.º 1074

——— A figura do retratado é cópia no mesmo sentido, mas reduzida (ou vice-versa?), da do retrato precedente; dentro de uma moldura oval, por baixo de um baldaquim. Por baixo da moldura, vê-se um trophéo de armas e attributos do retratado sobre uma almofada ornada com o seu brazão, como na estampa precedente. Na moldura lê-se: «EM. ET. SER. FR. D. ANTONIUS MANUEL DE VILLENA MS. MR. ORS. S. YOANIS HIEROSOLIM», com algumas das lettras conjugadas em monogramma.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 23, n.º 48.

N.° 1075

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, de cabelleira, vestido de armadura, tendo no peito a cruz da Ordem de Malta; dentro de uma moldura oval sobre um socco, no qual se vê o brazão do retratado como está gravado nas duas estampas precedentes. Na moldura: « FRERE ANTOINE MANOEL DE VILHENA SOIXANTE - ET - CINQ.ME G.D M.E an. 1722.»; e no socco, à esquerda: — *Cars Sculp.*

Da Serie XXIX. S. d.

Com as margens mutiladas.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 23, n.° 49.

N.° 1076

——— A figura do retratado é copia invertida e reduzida (ou vice-versa?) da do retrato gravado por Jacob Coélemans (n.° 1073 d'este Catalogo); sobre um fundo formado por linhas circulares concentricas. Na moldura: « FRA D. ANTONIO MANOEL DE VILLENA LXV. G. MAESTRO DELLA S. RELIG. GEROSOL.»; e no cartucho: 1.°, «*Fra D. ANTONIO MANOEL DE VILLENA del Priorato di Portogallo... 1736.*»; 2.°, o n.° « 68 ».

Nesta estampa o brazão do retratado está figurado como Diogo Barboza Machado o emendou na estampa gravada por Jacob Coélemans, n.° 1073 d'este Catalogo, a saber: tendo no 3.° quartel as armas dos Manoeis.

Da serie XXVI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 24, n.° 50.

N.° 1077

——— Com o tronco de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de habito talar e bacalhaus. No redondo: « F. ANTONIO MANVEL DE VILLENA G. M. »; e na cortina: « *Tosto che fù assunto... della Maumettana Gente* ».

Nesta estampa, o brazão do retratado está figurado como na gravada por J. Coélemans (n.° 1073 d'este Catalogo).

Da Serie XXVII.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 24, n.° 51.

Sem n.º

——— Falta na collecção um retrato de Antonio Manuel de Vilhena, gravado por Francisco Zucchi em Veneza.

Innocencio, VII, pag. 90.

N.º 1078

FONSECA (Frei Dom Manuel Pinto da), Grão Mestre da Ordem de S. João de Jerusalem.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de habito talar e capa, ornados com a cruz da Ordem, e de bacalhaus; dentro de uma moldura oval sobre um socco. Neste lê-se:

«FR. D. EMMA-		NUEL PINTO
DELLA VENERANDA		LINGUA DI CASTIGLIA
E PORTOGALLO, ELETTO	Brazão	GRAN MAESTRO DELLA
SACRA RELIGIONE		GIEROSOLIMITANA
LI 18. GENNAJO		L'ANNO 1741.»;

e por baixo do brazão: — *F.co Zucchi sculp. Venezia.* — S. d.

Por fóra da estampa vê-se uma moldura parallelogrammica ornada com armas e attributos de guerra, aberta em outra chapa, como se infere dos testemunhos da folha.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 25, n.º 52.

Sem n.º

——— Falta neste volume uma folha com um retrato de Manuel Pinto da Fonseca.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 26, n.º 53.

N.º 1079

——— De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de habito talar ornado com a cruz da Ordem, capa e bacalhaus. Na moldura: «FRÀ D. EMMANVELLE PINTO LXVII. G. MAESTRO DELLA S. RELIG. GEROSOL.»; e no cartucho: «*Frà D. EMMANVELLE PINTO della Lingua di Castiglia... e lungo governo.*»

Da Serie XXVI.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 27, n.º 54.

N.° 1080

—— A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de habito talar (?), manto de arminhos e bacalhaus, com a cruz da Ordem no habito e capa; dentro de um oval. Na margem inferior:

«*Fr. Manoel Pinto*	Brazão	*Da Fonceca*
LXVIII. Gr.-M.°		*da S. O. I.*»;

e por baixo do brazão: — *Barros Discipulo de Aguilar, gravou.*

Da Serie XXVIII. S. d.

Este retrato parece ser do numero dos ajuntados á Collecção depois da morte de Barbosa Machado.

Innocencio, VII, pag. 128.

Fl. 27 v., n.° 55.

N.° 1081

TAVORA E NORONHA (Frei Felippe de), Bailio de Lessa.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, com grande cabelleira, vestido de armadura e bacalhaus, tendo a insignia da Ordem de Malta pendente de uma faxa a tiracollo, com a mão esquerda ao quadril do mesmo lado e segurando com a direita um pequeno bastão de mando; dentro de uma moldura oval por cima de uma peanha, na qual se vê um porto de mar, fortificado, com navios. Na moldura: 1.°, «FR. PHILIPPUS DE TAVORA ET NORONHA BAIULIVUS DE LESSA. OBIIT MELITÆ DIE. 24. AVG. AN. DNI. 1715»; 2.°, —*fellix Bellinguen Afes em lisboa*, em baixo, no meio; e na margem inferior: «Extincto Fama superstes erit. Ovid.». S. d. (?)

Com a margem inferior um pouco mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Fl. 28, n.° 56.

N.° 1082

MAGALHAENS (Fernando de).

A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a direita e o rosto meio voltado para o lado opposto, medindo com um compasso na mão es-

querda um globo terrestre, que sustenta com a direita; dentro de uma moldura oval (enfeitada com duas grandes palmas, aos lados, e uma corôa de louro, em cima) assente sobre uma peanha. No fundo, vista do mar, com um navio, á direita; «FERDINAND MAGELLANUS.», em uma taboleta sobre a peanha.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Com as margens mutiladas.

Innocencio, VII, pag. 90.

(*Epigramma*)

NAvigat æquoreas audax Magelanicus undas,
Et liquidum ignoto gurgite fecit iter.
Non scopulos horret, Boreæ nec flamina sævi,
Impavidum pectus, nulla pericla movent.
Nereus expavit, pavit Neptunia proles
Cum videant regni claustra petita sui.
Per vada non ullis olim tentata carinis
Immensum Hispanis comparat imperium.
Iret dum circum navi Magelanicus Orbem
Ter posuit gelidas frigida bruma nives.
Inditur huic navi merito *Victoria* nomen,
Hæc magis est *Argo* digna micare polo.
Æquum erat, ut factis clarus Magelanicus heros
Detecto imperio publica jura daret.

Fl. 29, n.° 57.

1083

——— Cópia invertida e reduzida da estampa precedente; dentro de um oval ao alto, tendo por baixo a lettra: « *Hernando Maga- | llanes Descubridor | de las jndias* ». Em volta do oval vêem-se diversos assumptos abertos em outra chapa: 1.°, no alto, uma esphera armillar, tendo aos lados dois globos (terrestre e celeste) cercados de varias figuras; 2.°, aos lados, as quatro partes do mundo; 3.°, em baixo, em uma pequena moldura parallelogrammica, uma composição representando a passagem do estreito meridional da America pelos navios sob o commando de Magalhaens. Por baixo d'esta moldura: « *Gasper Bouttats. fecit.* » — S. d.

N.° 14 de L. B.; n.° 424 do *C. E. Cimon.*; n.° 17750 do *C. E. H.*

Com as margens mutiladas.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 30, n.° 58.

1084

——— Cópia no mesmo sentido, mas um pouco reduzida, da estampa n.° 1082 d'este Catalogo. Em baixo, a direita:— *P*(etrus). *B*(althazar). *Bouttats. sculp.*; e em uma margem por baixo do retrato: « HERNANDO DE MAGALLANES, / *Cavallero Portuguès, descubridor del* / *Estrecho de su nombre.* » Em volta do retrato uma moldura parallelogrammica com muitos attributos do retratado e enfeites, e com as armas de Hespanha no alto, gravada em outra chapa.

Altura, com a margem, 134 millim.; largura, 92 millim.

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 30, n.° 59.

1085

——— Em busto, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, de chapéo na cabeça; dentro de uma pequena moldura redonda, na qual se lê: « *Her.do de Magallanes caua.ro Portugues descub.or del estrecho de su nombre* ».

G. por Anon. (?). — S. d. (?)

Cortado pela beira do redondo; provavelmente trecho de alguma estampa.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 30, n.° 60.

1086

——— A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a direita, e o rosto voltado para o lado opposto, olhando para a constellação do Cruzeiro do sul, no alto, tendo na mão esquerda um compasso e na direita um rolo de papel; sobre um fundo constituido por linhas horizontaes parallelas, muito proximas. Em uma taboleta, em baixo: « *FERNAND MAGELLAN* / *PORTVGAIS.* »

Altura, inclusive a taboleta, 122 millim.; largura, 72 millim.

G. por Anon. (?), o mesmo gravador da estampa n. 315 d'este Catalogo.

Cópia reduzida da estampa n.° 1089 d'este Catalogo (ou vice-versa?).

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 30, n.° 61.

1087

——— Sentado, dentro de um navio tendo na bandeira as armas do Imperador Carlos V, mede com um compasso uma esphera armillar. O navio, conduzido pelo Sol sob a figura de Apollo, atravessa um estreito entre duas

terras: a da direita, com homens agigantados (Patagonia), a da esquerda lançando chammas (Terra do Fogo). Por baixo dos pés do navegador: «FERDINAN. MAGALA.»; e na margem inferior: 1.º «FERDINANDES MAGALANES LVSITANVS *anfractuoso euripo superato, & telluri ad Austrum nomen dedit, | eiusque navis omnium prima atque novissima Solis cursum in terris æmulata, terræ totius globum circumijt. An. Sal.* ∞.D.XXII.»; 2.º, o numero «4», á direita.

G. por Adriano Collaert. — S. d.

Esta peça [n.º 17401 (4 do C. E. II.] faz parte da serie de quatro estampas numeradas, gravadas por Adriano Collaert segundo João Stradano (n.os 372-375 de L. B.), allegoricas ao descobrimento da America.

Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 31, n.º 62.

N.º 1088

——— Cópia reduzida e invertida da estampa precedente Na cópia, a lettra por baixo dos pés do navegador não existe, e em vez d'ella occorre: «15», ou talvez «IS». Na margem inferior, um longo dizer em 11 linhas, impresso com caracteres typographicos; «FERDINANDVS *Magallanus à Rege Portugalliæ offensus... Magallanici cognomen inditum.*

G. por Anon. (?) – S. d. (?)

Com as margens lateraes e superior cortadas.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 32, n.º 63.

N.º 1089

——— Cópia avultada e no mesmo sentido da estampa n.º 1086 d'este Catalogo (ou vice-versa?)

A gravura foi mutilada, de modo que se lhe não descobrem dizeres nem outros caracteres; as suas dimensões maximas, no estado actual, são:

Altura,	170 millimetros;
Largura,	140 millimetros.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Por baixo do retrato foram colladas duas tiras de papel com o seguinte dizer, impresso em caracteres typographicos: «*FERNAND MAGELLAN | PORTVGAIS.*»

Extrahida de livro; com texto em francez no verso.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 33, n.º 64.

N.º 1090

——— Em busto, com o rosto de tres quartos para a direita, olhando para o alto; dentro de um redondo, por baixo do qual se lê o seguinte dizer, impresso com caracteres typographicos: «FERDINANDVS (*sic*) MAGEL.»

Xg. por Anon., o mesmo gravador das estampas n.os 238, 258 e 342 d'este Catalogo. S. d. (1611?)

Extrahida da obra de P. Opmero, *Opus chronog.*, em cuja pag. 455 do tomo I occorre intercalada no texto.

Cortada pelas beiras do redondo e da letra.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 33, n.º 65.

N.º 1091

CUNHA (Tristão da).

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, de chapeo na cabeça, com a insignia da Ordem de Christo pendente de um collar; no 2.º plano, por detraz do retratado, vê-se parte de um elephante, de frente; dentro de um oval ao alto, inscripto em um parallelogrammo, cujos cantos estão ornados de cartuchos.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

N.º 423 do *C. E. Camon.*

Extrahida de livro; com texto no verso. Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 34, n.º 66.

N.º 1092

——— Em busto, de tres quartos para a direita, com chapeo na cabeça e um collar ao pescoço; dentro de um redondo, por baixo do qual se lê o seguinte dizer, impresso com caracteres typographicos: «TRISTANVS CVGNA.»

Xg. por Anon., o mesmo gravador das estampas n.os 238, 258, 342 e 1090 d'este Catalogo. — S. d. (1611?)

Extrahida da obra de P. Opmero, *Opus chronog.*, em cuja pag. 449 do I tomo occorre intercalada no texto.

Cortada pelas beiras do redondo e da letra.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 34, n.º 67.

N.os 1093-1121

Familia **SOUSA** (Retratos dos membros da)

D'esta serie, de 30 peças (Innocencio, VII, pags. 90 e 102-103), gravada por P. Giffart para o «Theatro historico, genealogico, y panegyrico: erigido a la Immortalidad de la Excelentissima Casa de Sousa, por Manuel de Souza Moreyra... *París, en la Enprenta Real*... 1694», in-fol (B. N.), contém a Coll. Barbosa Machado os 29 seguintes retratos: *

N.º 1093

BELFAGUER (Dom Suciro).

De perfil para a direita, com o rosto quasi de frente, tendo na mão direita um pequeno bastão de mando, montado a cavallo e dirigindo-se para a direita. Na margem superior «*P. 9*»; e na inferior: 1.º, «*Don Sueyro Belfaguer*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | invenit et fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 35, n.º 68.

N.º 1094

BELFAGUER (Ahufo Soares).

De perfil para a direita, com o rosto quasi de frente, pousando a mão direita sobre o quadril do mesmo lado, montado a cavallo, dirigindo-se para a direita; com capacete, e manto por cima da couraça. No segundo plano, muitos operarios trabalhando em construcções. Na margem superior: «*P 15*»; e na inferior: 1.º, «*Ahufo Suarez Belfaguer*»; 2.º,—*P Giffart Sculptor Regius | inuenit et fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 36, n.º 69.

N.º 1095

AHUFES (Ahufo)

De perfil para a direita, com o rosto quasi de frente, tendo na mão direita um bastão de mando apoiado na sella, montado a cavallo, dirigindo-se para a direita. Sem numero de pagina na margem superior (?). Na margem

---

* Vide á pag. 19 do vol. I d'este Catalogo (tomo I dos *Retr. de Reys, Raynhas*, etc), sob n.º XXX, a descripção geral e minuciosa d'esta Serie.

inferior: 1.°, «*Ahufo Ahufes*»; 2.°,— *P. Giffart Sculptor Regius | Jnuenit et fecit Parisus*, á direita.

Ha d'esta estampa dois estados: 1.°, o acima descripto, sem o numero da pagina no canto superior esquerdo; 2.°, com o dito numero no mesmo canto: «*P. 23*».

A estampa que Barboza Machado incluiu neste volume de retratos, pertence ao 1.° estado; e a que occorre no exemplar do *Theatro historico... da Casa de Sousa*, da B. N., é do 2.°.

Da Serie XXX.

Fl. 37, n.° 70.

N.° 1096

GOÇOY (Dom).

Montado a cavallo, de perfil para a direita, com o rosto um pouco voltado para o lado opposto, apontando com o indicador da mão direita para o lado direito, aonde se dirige. Na margem superior: «*P. 47*»; e na inferior: 1.°, «*Don Goçoy*»; 2.°, — *P. Giffart Scuptor* (sic) *Regius | Inuenit et fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 38, n.° 71.

N.° 1097

GOÇOY (Dom Echigui).

Em pé, com o tronco de frente e o rosto um pouco voltado para a esquerda, empunhando com a mão esquerda uma lança, cujo conto pousa no chão. Na margem superior: «*P. 65*»; e na inferior: 1.°, «*Don Echigui Goçoy*»; 2.°,— *P. Giffart Sculptor Regius | Jnuenit et fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 39, n.° 72.

N.° 1098

ECHIGAS (Dom Gomes).

Visto pelas costas, a cavallo, de dardo em punho, perseguindo um cavalleiro inimigo, que corre para a esquerda. No canto superior: «*P. 73.*»; e na margem inferior: 1.°, «*Don Gomes Echigas.*»; 2.°,— *P. Giffart sculptor Regius | jnuenit et fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 40, n.° 73.

N.° 1099

SOUSA (Don Egas Gomes de).

A cavallo, de perfil para a direita, com um pequeno bastão de mando na mão direita pousada sob o quadril do mesmo lado. Na margem superior: « *P. 73* (aliás *93*) »; e na inferior: 1.°, « *Don Egas Gomes de Sousa* »; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Inuenit et fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 41, n.° 74.

N.° 1100

SOUSA (Dom Mendo I Viegas de).

De pé, quasi de frente, com o rosto um pouco voltado para a esquerda, a mão esquerda ao quadril do mesmo lado, e a direita sobre a extremidade de um bastão de mando apoiado pela outra sobre uma mesa. Na margem superior: « *P. 131* »; e na inferior: 1.°, « *Dom Mendo Viegas de Sousa. 1.°* »; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius, | Jnvenit et fecit Pariis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 42, n.° 75.

N.° 1101

SOUSA (Dom Gonçalo I de).

De perfil, montado a cavallo, dirigindo-se para a direita, com o braço direito estendido, segurando um pequeno bastão de mando com a mão do mesmo lado. Sobre uma arvore, á esquerda, em um escudo, o brazão do retratado (em campo azul uma quaterna de crescentes de prata). Na margem superior: « *P. 145* »; e na inferior: 1.°, « *Don Gonçalo de Sousa* »; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Invenit et Fecit Parisiis*, á direita.

Ha dois estados d'esta estampa: 1.°, o acima descripto; no 2.°, a lettra reza assim: « *Dom Gonçalo de Sousa 1.°* ». O 1.° occurre neste volume de retratos de D. Barboza Machado; o 2.°, no exemplar do *Theatro historico e panegyrico da Casa de Sousa* que a B. N. possue.

Da Serie XXX.

Fl. 43, n.° 76.

N.° 1102

SOUSA (Dom Mendo II de).

De pé, com o corpo de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, com a mão esquerda á cintura e segurando

com a outra um pequeno bastão de mando. Em cima, á esquerda: «*P. 183.*»; e na margem inferior: 1.°, «**Don Mendo de Sousa.** *2.°*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Juvenit et fecit Parisijs.*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 44, n.° 77.

N.° 1103

SOUSA (Dom Gonçalo II Mendes de).

Em pé, de perfil para a direita, com o rosto um pouco voltado para a frente, segurando com a mão esquerda um pequeno bastão de mando, apontando com o indicador da mão direita para o lado direito da estampa. Na margem superior, á direita: «*P. 215*»; e na inferior: 1.°, «**Don Gonçalo Mendez de Sousa.** *2.°*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Juvenit et fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 45, n.° 78.

N.° 1104

SOUSA (Dom Gonçalo III Garcia de).

A cavallo, dirigindo-se para a esquerda, com o rosto de frente e o braço direito estendido para o lado esquerdo da estampa. Na margem superior, á esquerda: «*P. 245.*»; e na inferior: 1.°, «**Don Gonçalo Garcia de Sousa.** *3.°*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Juvenit et fecit Parisijs.*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 46, n.° 79.

N.° 1105

SOUSA (Dona Constança Mendes de) e seu marido Dom Pedro Annes Portel.

Ambos de pé: Dona Constança, de frente, á esquerda; Dom Pedro, de perfil para a esquerda, pousando a mão direita sobre uma das extremidades de um pequeno bastão, firmado pela outra sobre uma mesa, á direita. No canto superior esquerdo: «*P. 281*»; e na margem inferior: «**Dona Constança Mendez de Sousa. Don Pedro Annes Portel.**»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius Invenit et fecit Parisijs*, á esquerda.

Da Serie XXX.

Fl. 47, n.° 80.

N.º 1106

RIBEYRA (Dona Maria Paes) e seu marido Dom Affonso **Diniz.**

Ambos de pé: Dona Maria, de perfil para a direita, á esquerda da estampa; e á direita, Dom Affonso, de frente, com o rosto um pouco voltado para sua mulher, tendo um pequeno bastão de mando na mão esquerda e apoiando a direita sobre uma mesa. No fundo, os escudos dos retratados, pendentes de duas columnas. No canto superior esquerdo: «*P. 319*»; e na margem inferior: 1.º, «*Dona Maria Paez Ribeyra Don Alfonso Dyniz.*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius Inv. et fecit Parisijs*, á esquerda.

Da Serie XXX.

Fl. 48, n.º 81.

N.º 1107

SOUSA (Dom Diogo I Affonso de).

De pé, com o corpo de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, arregaçando o manto com a mão direita, estendendo o braço esquerdo para o lado direito da estampa. No canto superior esquerdo: «*P. 381*»; e na margem inferior: 1.º, «*Don Diego Alfonso de Sousa. 1.º*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | Invenit et fecit Parisiis.*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 49, n.º 82.

N.º 1108

SOUSA (Alvaro I Dias de).

De pé, com o corpo quasi de perfil para a esquerda e o rosto de frente, com a mão esquerda ao quadril, e o braço direito estendido para a esquerda, marchando para o mesmo lado. No canto superior esquerdo: «*P. 393*»; e na margem inferior: 1.º, «*Alvaro Dias de Sousa 1.º*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | Invenit et Fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 50, n.º 83.

N.º 1109

SOUSA (Dom Lopo Dias de).

A cavallo, correndo para a direita, com o rosto voltado para a esquerda, trazendo a tiracollo a insignia da Ordem de Christo, empunhando um dardo com a mão direita. No canto superior esquerdo: «*P. 411*»; e na margem

inferior: 1.°, «*Don Lope Dias de Sousa.*»; 2.°,—*P. Giffart Sculptor Regius* | *Jnvenit et fecit Parissijs*, à direita.

Da Serie XXX.

Fl. 51, n.° 84.

N.° 1110

SOUSA (Diogo Lopes de).

De pé, quasi de frente, com o rosto um tanto voltado para a direita, apoiando a mão esquerda sobre uma mesa, com o braço direito estendido, tendo na mão do mesmo lado um pequeno bastão de mando. No canto superior esquerdo: «*P. 497*»; e na margem inferior: 1.°, «*Diego Lopes de Sousa 2.°*»; 2.°,—*P. Giffart Sculptor Regius* | *Juvenit et fecit Parisiis*, à direita.

Da Serie XXX.

Fl. 52, n.° 85.

N.° 1111

SOUSA (Dom Alvaro II de).

De pé em um promontorio perto do mar, de perfil para a esquerda, com grande cabelleira, tendo o braço direito estendido para o lado esquerdo. Na margem superior, à esquerda: «*P. 431*»; e na inferior: 1.°, *Alvaro de Sousa 2.°*»; 2.°, —*Giffart Sculptor Regius* | *Jnv. et feeit* (sic) *Parisijs*, à direita.

Da Serie XXX.

Fl. 53, n.° 86.

N.° 1112

SOUSA (Diogo III Lopes de).

De pé, com o corpo de frente e o rosto quasi de perfil para a esquerda, pousando a mão esquerda sobre uma mesa, e segurando com a direita um pequeno bastão de mando, apoiado por uma das extremidades no quadril do mesmo lado. No canto superior direito: «*P. 567.*»; e na margem inferior: 1.°, «*Diego Lopes de Sousa 3.°*»; 2.°,—*P. Giffart Sculptor Regius* | *Inuenit et fecit Parisiis*, à direita.

Ha 2 estados d'esta estampa: 1.°, o acima descripto, que occorre neste volume da Collecção de retratos de Diogo Barbosa Machado; no 2.°, o n.° da pagina, no canto superior direito, foi apagado e aberto no superior esquerdo. No exemplar do *Theatro historico genealogico e panegyrico da Casa de Sousa*, que a B. N. possue, encontra-se a estampa no 2.° estado.

Da serie XXX.

Fl. 54, n. 87.

N.º 1113

SOUSA (André de), I do nome.

De pé, com o corpo de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, apoiando a mão esquerda sobre uma mesa e segurando com a direita levantada uma carta. Na margem superior, á esquerda: «*P. 649*»; e na inferior: 1.º, «*Andrés de Sousa. I*ᵒ.»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs*, á direita.
Da serie XXX.

Fl. 55, n.º 88.

N.º 1114

SOUSA (Manuel de), I do nome.

Sentado, de tres quartos para a direita, com o rosto de frente, apoiando a mão direita sobre a cadeira e pousando a esquerda em um livro aberto em cima de uma mesa, na qual se vêem uma esphera armillar, um compasso, uma regoa, etc. No segundo plano, á esquerda, uma cortina tomada para o mesmo lado; á direita, uma estante com livros. No canto superior esquerdo: «*P. 657*»; e na margem inferior: 1.º, «*Manuel de Sousa 1.º*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs.*, á direita.
Da Serie XXX.

Fl. 56, n.º 89.

N.º 1115

SOUSA (André de), II do nome.

De perfil para a direita, trajando um gibão largo com manto por cima, montado a cavallo correndo para a direita, com um dardo na mão direita, como quem o vae disparar contra um javali perseguido por cães e caçadores á pé. No canto superior esquerdo: «*P. 679*»; e na margem inferior: 1.º, «*Andrés de Sousa 2.º*»; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs*, á direita.
Da Serie XXX.

Fl. 57, n.º 90.

N.º 1116

SOUSA (Manuel de), II do nome.

Em criança; sentado em uma pequena elevação do terreno, vestido com um tuniquete e manto, de pés descalços, quasi de perfil para a direita, com ar pezaroso, pousando o rosto na mão esquerda e afagando com a direita

um cão que o festeja; em uma paizagem. No canto superior esquerdo: «*P. 701*»; e na margem inferior: 1.°, «*Manuel de Sousa 2.°*»; 2.°,— *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 58, n.° 91.

N.° 1117

SOUSA (Diogo IV Lopes de).

Em pé, com o corpo de tres quartos para a direita e o rosto voltado para o lado opposto, tendo um papel na mão direita posta ao quadril e pousando a esquerda em cima de uma mesa. Na margem superior, á esquerda: «*P. 707.*»; e na inferior: 1.°, «*Diego Lopes de Sousa. 4.°*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Invenit et Fecit Parisiis*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 59, n.° 92.

N.° 1118

SOUSA (Henrique I de), I Conde de Miranda.

Em pé, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com a insignia da Ordem de S. Thiago pendente, apoiando a mão direita sobre uma mesa e segurando com a esquerda os copos da espada. No canto superior esquerdo: «*P. 763*»; e na margem inferior: 1.°, «*Henrique de Sousa 1.° Conde de Miranda.*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 60, n.° 93.

N.° 1119

SOUSA (Diogo V Lopes de), II Conde de Miranda.

Em pé, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com a insignia da Ordem de S. Thiago pendente, segurando com a mão esquerda um pequeno bastão de mando e pousando a direita nos copos da espada. No canto superior esquerdo: «*P. 805*»; e na margem inferior: 1.°, «*Diego Lopez de Sousa 2.° Conde de Miranda.*»; 2.°, — *P. Giffart Sculptor Regius | Jnvenit et fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 61, n.° 94.

N.º 1120

SOUSA TAVARES (Henrique II de), I Marquez de Arronches.

Em pé, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros e a insignia da ordem de S. Thiago pendente de um collar, tendo na mão direita uma carta e pousando a esquerda nos copos da espada. No canto superior esquerdo: « *P. 859* »; e na margem inferior: « ***Henrique de Sousa Tavares 1.º Marques de Arronches.*** »

Sem subscripção do gravador (Pedro Giffart).

Da Serie XXX.

Fl. 62, n.º 95.

N.º 1121

SOUSA (Diogo VI Lopes de).

Em pé, tendo o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto meio voltado para o lado opposto, com grande cabelleira e a insignia da Ordem de S. Thiago pendente, segurando com a mão esquerda um pequeno bastão de mando e apontando com a direita para o lado esquerdo da estampa. No canto superior esquerdo: « *P. 969* »; e na margem inferior: 1.º, « ***Diego Lopez de Sousa. 6.º*** »; 2.º, — *P. Giffart Sculptor Regius.* | *Juvenit e fecit Parisijs*, á direita.

Da Serie XXX.

Fl. 63, n.º 96.

N.º 1122

FEIRA (Manuel Forjaz Pereira e Pimentel, Conde da).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, vestido de armadura, com um pequeno bastão de mando na mão esquerda. Na margem inferior: 1.º, « NOBILISSIMVS VIR AC D. EMANVEL FROCKAS PINYRA | ET PIMENTEL COMES DE FERIA EQES ORDINIS | MILITARIS S. IACOBI DOMINVS S.ª BENEDICTÆ | REGIÆ AC CATHOLICÆ SVÆ MAIESTATIS CONSILIARIVS | CVBICVLARIVS ETC »; 2.º, — *P. Pontius sculp.*, á esquerda; *Ant. van Dyck pinxit*, no meio; *Mart. vanden Enden excudit Cum privilegio*, á direita. — S. d.

Ha varios estados d'esta estampa: 1.º, o acima descripto; no 2.º, a palavra « PINYRA », da lettra, foi substituida por « PERERA »; e o endereço « *Mart. vanden Enden excudit* » foi apagado (n.º 32 de Nagler, *Lexicon*).

Do dizer de Nagler parece deduzir-se que ha outro estado intermedio entre os acima descriptos: com a lettra emendada « PERERA » e o endereço « *Mart. vanden Enden excudit* ».

Faz parte da *Collecção dos cem retratos de A. Van Dyck.*

O retrato que Barboza Machado incluiu neste V volume da sua collecção é do 1.º estado; tem as margens superior e lateraes inteiramente mutiladas e a inferior em parte cortada.

Innocencio, VII, pag. 90.

Fl. 64, n.º 97.

N.º 1123

MELLO (Francisco de), Conde de Assumar e Marquez de Torredelaguna e de Villescas.

Visto até aos joelhos, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos, vestido de gibão curto e manto, grande collarinho virado, ornado com renda, uma larga faxa a tiracollo por cima do gibão e trazendo uma chave presa ao boldrié da espada, segura com a mão direita um pequeno bastão de mando e com a esquerda um papel; dentro de uma moldura oval, ornada de cartuchos e grutescos, tendo na parte superior o brazão do retratado e por baixo uma taboleta. Nesta, a lettra: « Excellentissimus Dominus | D. FRANCISCVS DE MELLO, | TVRRIS LACVNÆ MARCHIO, | ASSVMARENSIVM COMES, (*sic*) etc. | SVPREMVS BELGARVM AC BVRGVNDIONVM, | CATHOLICI REGIS NOMINE, | GVBERNATOR. »; e por baixo da taboleta, á esquerda: — *Balliu* (Petrus) *sculpsit et excudit.* S. d. (?)

Com as margens mutiladas. Extrahida de livro.

Traz no verso texto impresso: « Epistola... quæ judicium Serenissimi Principis Ferdinandi Cardinalis... de primo Illustratæ Flandriæ tomo Antonii Sanderi declarat... D. Carolus Philibertus... Nobilium cubiculariorum ejusdem Serenissimi Principis primicerius, & summus ejusdem Equilis præfectus, ad... Ioannem Iacobum Chiffletium... &. »

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 65, n.º 98.

N.º 1124

——— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos, vestido de gibão tendo por cima um grande collarinho liso e uma larga faxa a tiracollo; dentro de uma moldura oval inscripta em um parallelogramma. Na margem inferior: « EXCELLENTISSIMVS DOMINVS | D. FRANCISCVS DE MELLO, | TVRRIS LACVNÆ MARCHIO, ASSVMARENSIVM | COMES, etc. SVPREMVS BELGARVM AC BVRGVN= | DIONVM, CATHOL: REGIS NOMINE, GVBERNATOR. »

G. por Anon. ? (Henrique Hondio ?) — S. d. (?)
Extrahida de livro. Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Traz impressa no verso a mesma carta que occorre no verso do retrato precedente.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 66, n.º 99

N.º 1125

——— A figura do retratado parece cópia reduzida da do retrato precedente (ou vice-versa?). Por detraz da figura vê-se um muro meio derrocado e ao longe, á direita, uma cidade fortificada. Dentro de um oval, por baixo do qual se lê: «FRANCISCUS DE MELO, COMES D'AZUMAR | pro rex SICILIæ, Belgii æc (*sic*) Burgundiæ Guberna | tor, et ad Pacem Plenipotentiariυ Regis Catholici &».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)
Dimensões do oval:

Grande diametro,	131 millim.;
Pequeno diametro,	99 millim.

Extrahida de livro; com texto no verso. Cortada pelas beiras do oval e da lettra.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 67, n.º 100.

N.º 1126

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos, vestido de armadura tendo por cima um grande collarinho liso e uma larga faxa a tiracollo, segura com a mão direita um pequeno bastão de mando e pousa a esquerda ao quadril do mesmo lado; no fundo uma cortina meio tomada; dentro de uma portada. Em baixo: 1.º, — *Pet de Iode exc*, á esquerda; 2.º, «EXCELLENTISSIMVS DOMINVS D. FRANCISCVS DE MELLO COMES DE AZVMAR | GVBERNATOR BELGII ET BVRGVNDIÆ.»

G. por Pedro de Jode junior. — S. d. (?)
N.º 49 de L. B. N.º 814 de Drugulin, *Allgemeiner Portrait-Katalog*.
Sem margens.
Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 67, n.º 101.

N.º 1127

——— A figura do retratado, menor e um pouco semelhante á do retrato n.º 1125 d'este Catalogo, está sobre um fundo em branco, dentro de um oval ao alto tendo por baixo um cartucho, no qual se lê: « FRANCISCO DE MELLO GRAVE | VAN ASSUMAR. ETC. »

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Dimensões do oval:

Maior diametro, 92 millim.;
Menor diametro, 62 millim.

Extrahida de livro; com texto no verso. Cortada pelas beiras do oval e do cartucho.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 67, n.º 102.

N.º 1128

——— Visto até aos joelhos, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos, vestido de gibão curto tendo por cima um grande collarinho liso e uma larga faxa a tiracollo, com a mão esquerda á cintura e segurando com a direita um pequeno bastão de mando; no fundo, por detraz da figura, um muro meio derrocado, e mais além, á esquerda, uma cidade fortificada. Em baixo, á esquerda: — IO. DE BRUYN EXC.; e na margem inferior: « EXCEL.MO DÑO. D. FRANCISCO DE MELLO COMITI DE AZUMAR, &C... ET BELGII AC BURGUNDIÆ GUBERNATORI: ANT. VANDER DOES L. M. D. C. Q. », em sete linhas.

G. por Antonio Vander Does. * — S. d. (?)

N.º 5 de Huber & Rost. N.º 15 de de L. B.

Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 68, n.º 103.

N.º 1129

——— Em busto, sobre um fundo branco; dentro de um oval inscripto em uma moldura octogona. A figura do retratado é copia reduzida da do

* Brulliot, no n.º 275 da I parte do seu Diccionario, diz que o nome d'este artista é *Arnoldo Vander Does*, attribuindo a erro de Huber o chamal-o *Antonio Vander Does*; entretanto, segundo a lettra d'esta estampa é evidente que o erro é de Brulliot e não de Huber.

retrato n.º 1126 d'este Catalogo. Em uma taboleta, em baixo: «FRANCISCVS DE MELO | COMES DE AZVMAR, BELGARVM | *et Burgundiæ Gubernator.*

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Cortada pelas beiras da moldura e da lettra.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 68, n.º 104.

N.º 1130

——— A figura do retratado é copia, no mesmo sentido, da do retrato n.º 1126 d'este Catalogo. No fundo, uma cortina além de um alto parapeito meio tomado para a esquerda, deixando ver á direita uma batalha; dentro de um oval. Nos cantos superiores da estampa: o brazão do retratado, á esquerda, e dois ramos de loureiro, á direita; e na margem inferior: «*DOM FRANÇOIS DE MELLO Comte de Azumar, | Gouuerneur de païs bas et de Bourgongne.*»

Sem a subscripção do gravador (?), Balthazar Moncornet. — S. d. (?)

Da Série XV.

Innocencio, VI, pag. 91.

Fl. 69, n.º 105.

N.º 1131

——— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos, vestido de gibão tendo por cima um grande collarinho liso e uma larga faxa a tiracollo; dentro de um pequeno oval tendo por baixo uma taboleta com a letra: «*Franciscus de Mello*».

Dimensões do oval:

Maior diametro, 33 millim.;
Menor diametro, 25 millim.

G. por Anon (?) — S. d. (?)

Extrahida de livro? Cortada pelas beiras do oval e da taboleta.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 69, n.º 106.

N.º 1132

ATTOUGUIA (Jeronymo de Athayde, 6.º Conde de).

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, vestido de armadura tendo por

cima um collarinho de renda e uma larga faxa a tiracollo, pousando a mão esquerda sobre um bastão de mando. No alto, á esquerda, o brazão do retratado, com a sua divisa ao lado: «IPSVM PETIMVS»; e em uma taboleta, em baixo: «HIERONIMVS ATTAIDIVS ATTOGVIÆ CO= | MES OLIM VLTRAMONTANÆ PROVINCIÆ | NVNC TOTIVS BRASILIÆ MODERATOR. ANNO. | ÆTATIS. SVÆ XXXVII.»

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Com as margens cortadas.

Vide Innocencio, VII, pags. 91 e 138.

Fl. 70, n.° 107.

N.° 1133

VIEIRA (João Fernandes), dito **Castrioto Lusitano.**

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, vestido de armadura, com a insignia da Ordem de Christo pendente de um collar; dentro de um oval no meio de um portico ornado com figuras representando a Fortaleza, a Fidelidade, a Liberalidade, a Guerra e a Fama. No oval lê-se: «PATRARVNT NOMEN ILLI»; e por baixo d'este, em uma taboleta: «IOAÕ FERNANDES VIEIRA | CASTRIOTO | LVSITANO». Com o brazão do retratado, em um cartucho, na parte media do socco; e com a subscripção do gravador: — *Clemente Billingue Inuem e fes*, no mesmo socco, á esquerda. S. d. (1679?)

N.° 17838 do C. E. H.

E' o frontispicio gravado da obra de Fr. Raphael de Iesvs: «Castrioto Lvsitano... *Lisboa, na impressão de Antonio Craesbeeck de Mello...* 1679», in-fol. (B. N.)

Diogo Barboza Machado mutilou a estampa, aproveitando d'ella sómente o retrato, que incluiu neste V volume da sua collecção.

Innocencio, VII, pag. 91.

(*Epigramma*)

Iste truces Batavas obsessa pulsat Olinda,
　Totaque Brasiliæ reddit ab haste loca.
Dat letho multos, multos dare terga coegit,
　Militiam semper, sorte favente, subit.
Lysia terra duos genuit fœcunda Vieiras,
　Tullius ille loquens; Mars nitet iste furens.

Fl. 71, n.° 108.

N.º 1134

TAVORA (Luiz Alvares de), 1.º Marquez de Tavora e 3.º Conde de S. João.

Visto até á cintura, quasi de frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, trajando veste curta, bacalhaus e capa ornada com a cruz da Ordem de Christo; dentro de uma moldura oval tendo na parte superior o brazão do retratado. Aos lados da moldura, dois rios sustentam uma coroa de louro por cima da cabeça do mesmo retratado; e em uma taboleta, por baixo da moldura, o seguinte distícho:

Hic Ludovicus adest, qui vivus imagine, vitam.
Quam Libitina rapit, Laurea parta dedit.»

Na parte inferior da estampa, um trophéo de armas com uma caveira no meio, tendo por baixo o mote: «POST BELLA TRIVMPHAT», em uma fita; e por baixo d'esta, restos de lettras mutiladas, provavelmente a subscripção do gravador.

G. Anon. ? (And. Leit?) — S. d. ? (1674 ?)

E' provavelmente o frontispicio gravado da obra de Dom Luiz de Menezes, 3.º Conde de Ericeira, «*Compendio panegyrico da vida e acções do... Sr. Luiz Alvares de Tavora*», de que faz menção Innocencio (vol. V, pag. 307, sob n.º 673).

Estampa mutilada.

(*Epigramma*)

LUIZ ALVARES DE TAVORA

Primeiro Marquez de Tavora, e terceiro Conde de S. Joaõ. Morreu repentinamente a 25 de Novembro de 1672.

(D.or Manoel Pinheiro Arnaut)

MOderno Scipiaõ, Marte segundo
Tavora digno de immortal historia
Deu, que guardar prodigios á memoria,
Fez de trofeos a Portugal fecundo.

No obrar activo, em discorrer profundo;
Primeiro que a batalha era a Vitoria;
Dos contrarios horror, dos proprios gloria,
Rayo do campo foy, trovaõ do mundo.

Pendente estava a morte do ameaço;
Pera a morte sobrava golpe estreito
Jurava a morte obediencia ao aço:

Mas oh caso fatal! oh triste effeito!
Sahindo tantas mortes do seu braço
Inda lá lhe ficou huma no peito.

Fl. 72, n.º 109.

1135

MENEZES (Antonio Luiz de), 3.º Conde de Cantanhede e 1.º Marquez de Marialva.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, vestido de armadura, com o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão de mando e com a esquerda um papel. No alto, á direita, o brazão do retratado; em baixo:

« *Ne librvm mvtvm, at faciem mirare loqventem;*
Nam mvlta hæc dicit, plvra sed ille tacet. »,

em uma taboleta; e na margem inferior, á direita: — JOAM BAPTISTA F. 1674.

Com texto no verso. Extrahida da obra: « Panegyrico ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Lvis de Menezes Marquez de Marialua... escripto... por D. Fernando Correa de La Cerda... *Lisboa, na Officina de João da Costa...* 1674 », 1 vol. in-4º (B. N.), na qual occorre impressa no verso da folha 8 innumerada.

Diogo Barboza cortou as margens da estampa e mutilou o disticho da taboleta, que substituiu por um enfeite cortado de outra estampa.

Innocencio, VII, pags. 91 e 106.

(*Epigramma*)

FORTISSIMO IMPERATORI

ANTONIO LUDOVICO MENESIO

Comiti Cantanledii

Ob Liberatam a trimestri obsedione urbem Helviam.

VIctor io! meritam dextræ comes insere palmam
Cinge triumphales fronde virente comas.

Tu conjuratas quas misit Iberia gentes
Proteris, atque jugo colla superba premis.
Bella tibi laurum, Patriæ tua laurus olivam
Parturit, hæc nostros servat, & illa lares.
Roma sile, cessaque tuo de Cæsare tandem
Laudibus immodicis Itala Musa loqui.
En nobis Heroa parem Tagus edidit: uno
Hic VENI, VIDIT, VICIT ut ille, die.

Fl. 73, n.º 110.

1136

SCHONBERG (Frederico, Duque de).

De perfil para a esquerda, tendo o rosto um pouco voltado para a frente, com grande cabelleira, vestido de armadura, segurando com a mão direita um pequeno bastão de mando, montado a cavallo marchando para a esquerda, e acompanhado por um negro a pé carregando-lhe o capacete. Na margem inferior: 1.º, « *FREDERICK Duke of SCHONBERG, Marquis of Harwich... Stadtholder of Prussia, &c* », em tres linhas; 2.º,—*G Kneller pinx.*, á esquerda; *I*(oannes) *Smith fe: et ex.*, á direita. — S. d. (?)

Gnm. N.º 66 de Nagler, *Lexicon*, o qual diz que o retrato é pintado por Kneller e Wyck e dá á estampa a data de 1679, do que parece deduzir-se que a nossa estampa pertence a outro estado, provavelmente 2.º

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 74, n.º 111

1137

VILLA-FLOR (Dom Sancho Manoel, Conde de).

Montado a cavallo e dirigindo-se para a direita, com o rosto quasi de frente, tendo na mão direita um pequeno bastão de mando. Em baixo, no meio: « COMES DE VILLA-FLOR », dentro de um oval, formado pelo symbolo da eternidade, tendo por cima um festão de louro entrelaçado com uma fita, na qual se lê: « FLOS VETERUM VIRTUSQUE VIRUM ».

G. por Anon. (?) — S. d. (?) [1673?]

Extrahida da obra « Aplauzos Academicos e rellação do felice successo da celebre victoria do Ameixial. Offerecidos ao... Senhor Dom Sancho Manoel Conde de Villaflor pello Secretario da Academia dos Generosos, e Academico Ambicioso. *Amsterdam, em casa de Jacob van Velsen,* 1673 », in-4.º (B. N.)

Sem margens.

Innocencio, VII, pags. 91 e 132.

(Epigramma)

DON SANCHO MANOEL,

Conde de Villaflor

(*Dom Miguel de Barrios*, **Coro de las Musas**, *Clio*, *Elogio XXXVIII*)

EN lamina de bronse figurado
Tan a lo vivo estás, *Sancho* invencible,
Que a nò faltar al arte lo sensible
Natural pareciera lo pintado.

Sobre guerrero bruto Cid armado
Tanto en tu efigie exerces lo terrible,
Que al enimigo fuera el verte horrible;
Como outra vez lo fué tu aspecto ayrado.

Hazes de modo que el valor te encumbre;
Que con tu sombra al que te incita assombra,
Ya al que te espera abrasa con tu lumbre.

Aun Marte con el lauro que te nombra,
Por recelar el rayo de la cumbre,
Al sagrado se acoge de tu sombra.

Fl. 75, n.° 112.

N.° 1138

ALARCÃO (Dom Martim Soares de).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, tendo a mão esquerda á cintura e segurando com a direita uma espada desembainhada; em um portico, tendo em cima o brazão do retratado e por toda a parte dizeres e figuras, entre as quaes vêem-se Marte, á esquerda, e Apollo, á direita, que sustentam por cima da cabeça do retratado uma especie de coroa, formada de pennas de escrever, e em baixo, um pequeno retrato de « *Fernan Martinez de Ceuallos Conquistador de Alarcon, 1176.* » Por baixo do retrato, a lettra: « D. MARTIN SVAREZ

DE ALARCON», com oito versos por baixo: «*Amanos del vençer* (sic)... *las Prohezas, los Blasones.*»; e na parte inferior da estampa: — *D. Alfons. de Alarcon. inuen. Matriti.*, á esquerda; *1652 P. de Villafranca. sculpsit.*, á direita.

Extrahida da obra «Corona sepvlcral, Elogios en la mverte de Don Martin Suarez de Alarcon... escritos por diferentes plumas. Sacados a lvz por Don Alonso de Alarcon... *Madrid*, 1652», in-4.º (B. N.)

Innocencio, VII, pag. 91.

(*Epigramma*)

Filho primogenito do Marquez de Trocifal, e Conde de Torres Vedras atacando heroicamente hum Forte em Barcellona, de que era Governador o Marquez de Carcasa Francez o privou da vida perdendo ao mesmo tempo a sua em 17 de Julho de 1652.

(*Dom Antonio de Spinosa*)

HEctor valiente, Alcides Lusitano,
Cuyo valor heroico sin segundo,
Fiado a los impulsos de tu Mano,
Pudo temblar la redondez del Mundo
Muerte, pasmo, terror del Africano,
Que uniendo con lo afable lo iracundo,
Marte Español armado te retratas,
Venciendo mueres, y muriendo matas.

Fl. 76, n.º 113.

N.º 1139

GALVEAS (Diniz de Mello de Castro, 1.º Conde das).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, vestido de armadura tendo por cima o habito pendente da Ordem de Christo, com um bastão na mão direita; dentro de uma moldura oval, enfeitada com palmas e ramos de loureiro, sobre um socco em que se vê o brazão do retratado. Em uma especie de mesa, aquem da figura e dentro da moldura, lê-se: «*DENIS DE MELLO DE CASTRO. I.º CONDE DAS GALVEAS*»; e na parte inferior da estampa, á esquerda: — *M. Freyre afes.* — S. d. (?)

Com as margens mutiladas.

Innocencio, VII, pag. 91.

(*Epigramma*)

POstquám exacta mihi bis octo lustra fuêre,
Addita queis lustris altera messis erat.
Arma iterum capio. Cedunt Alcantara dextræ,
Cætera & invictâ mœnia capta manu.
Non annis, factis numero mea tempora. Nomen
Sola mihi æternum fortia gesta dabunt.
Ex tantis, ac tot factis nunc conjice, Lector,
Quid gererem juvenis, cùm gero tanta senex.

Fl. 77, n.º 114.

N.º 1140

—— O Conde das Galveas, á cavallo, de perfil para a esquerda, entre dois outros cavalleiros, com as seguintes dizeres: « *P. Carle.* », por baixo do cavalleiro da esquerda; « *C.ᵉˢ das Galueas* », por baixo do do meio; « *C.ᵈᵉ de V.ª Verde* », por baixo do da direita. O cavalleiro da esquerda como que aponta com a espada para o fundo da paisagem; na extrema esquerda da estampa vê-se um homem de pé, segurando com ambas as mãos um bastão descançado no hombro direito; e no alto, ao longe, uma praça fortificada vista *à vol d'oiseau*, tendo por cima o dizer: « ALBUQUERQUE.» Na margem inferior, á esquerda: — *de Rochefort fec 1729.*

Sem margens. O nome do gravador e a data encontramos em outra estampa estragada, não pertencente á B. N.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 78, n.º 115.

N.º 1141

CADAVAL (Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, 1.º Duque de).

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelos hombros, vestido de armadura, tendo por cima o habito pendente da Ordem de Christo e um grande manto; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha. Por cima da moldura vê-se uma

cortina tomada para a esquerda e aos lados dois anjos sustentando a mesma moldura. Nesta lê-se: «O DUQUE D · NUNO DE IDADE DE 88 ANN ·»; na peanha: 1.º,

« Hac loqueris sine voce, Parens, in imagine vivus
Verius in nato vivis at ipse tuo.
Exprimit illa Patrem, sed mortua ficta colore;
Hic vera effigies viva que Patris adest;
Illa refert vultum, et generosi corporis artus;
Huic animum simili in corpore pinxit amor.

H. M. e S. J.»,

em um cartucho; 2.º, — *A Quillard fecit*, á esquerda do cartucho. S. d. (1730?).

Ha dois estados d'esta estampa: 1.º, o acima descripto; 2.º, o que traz, á direita do cartucho, o seguinte dizer: — *T. A. Harrewÿn Tipographus Regius Portugaliæ.*

A estampa do 1.º estado occorre, sob n.º 116, á fl. 76 d'este V volume da Collecção Barboza Machado, sem margens; a do 2.º no exemplar, que possue a B. N., da obra: «Ultimas acções do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello... escriptas... pelo Duque Dom Jaime... *Lisboa Occidental na Officina da Musica*, 1730», 1 vol. in-fol.

Innocencio, VII, pags. 91 e 130.

Fl. 79, n.º 116.

N.º 1142

—— Cópia da estampa precedente. As principaes differenças entre o original e a cópia são: nesta, o manto é forrado de arminhos; falta a lettra escripta na moldura; o dizer do cartucho é o seguinte:

« Nonius Hic primus Dux est Cadavalius, Ipse
Qui quatuor Regum Sceptra beavit ovans.
Hic est Ille Pater patriæ, cui fidus amans que
Bello, pace, domi, proficit atque foris.
Hic est Lusiadum, quem virtus, Sanguis honor que
Augendo certant, crescere qui que Nequit.
Hic est Ille Heros, altiis quem Regibus æquant,
Solus et Ille Suo nec cupit esse parem.»;

a subscripção do gravador: « *F. Harrevÿn Schulps : Lisboa.* », fica á direita do cartucho; e na margem inferior lê-se: « *Impressit T. A. Harrewin Tipog.* *Regis Portug.* » — S. d. (1731?)

N.º 17777 do C. E. H.

Occorre a estampa na obra: « Epistola ad Jametem Ducem Cadavalensium, in qua Ducis Nonii, ejus patris, apotheosis... describitur ab Antonio dos Reys... *Ulyssipone Occidentali, Excudebat Josephus Antonius da Sylva*, 1731 », in-fol. (B. N.).

D'esta estampa uns exemplares são impressos com tinta preta, outros com tinta vermelha; o collado nesta folha é dos primeiros.

Cortada pela beira do desenho.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 80, n.º 117

Sem n.º

——— A mesma estampa descripta no n.º 1142 d'este Catalogo.

O exemplar collado nesta folha é impresso com tinta vermelha. Cortada pela beira do desenho.

Fl. 82, n.º 120.

N.º 1143

——— Cópia reduzida, invertida e modificada da estampa precedente. Na cópia, a cortina por cima da moldura é arregaçada por um anjo, á direita; na peanha, vê-se uma grande concha e não ha o cartucho com os quatro distichos latinos; finalmente, na parte inferior da estampa, no meio, occorre a subscripção do gravador: — *G. F. L. Debrie del. et Sculp. 1734.*

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 81, n.º 118.

N.º 1144

——— O Duque, vestido de guerreiro á antiga, ajoelhado, é coroado com uma coroa de louro por um personagem trajado do mesmo modo, sentado em um throno, á direita da estampa, e cercado de muitos guerreiros. Na margem inferior, á esquerda: « *A. Quillard f.* » — S. d. (1731?)

Cabeção da pag. 1 da obra do P.e Antonio dos Reys, acima citada, « Epistola ad Jametem Ducem Cadavalensium... ».

Sem margens.

Fl. 81, n.º 119.

N.º 1145

BOBADELLA (Gomes Freire de Andrada, Conde de).

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de armadura, segurando com a mão direita um bastão de mando, e pousando a esquerda na cintura; dentro de uma moldura oval sobre um largo socco. Na moldura: «GOMES FREIRE DE ANDRADA SARGENTO MOR DE BATALHA»; e no socco: 1.º,

«Arte regit populos, bello præcepta ministrat
Mavortem cernis milite, pacem Numam»;

2.º, — O(livarius). *Cor Sculpsit 1747*, á esquerda.

N.º 17675 do C. E. H.

Occorre a estampa na obra de José Fernandes Pinto Alpoym, *Exame de bombeiros* (vide o n.º 192 da C. dos Cimelios).

Sem margens.

Innocencio, VII, pags. 91 e 115.

Fl. 83, n.º 121.

N.º 1146

ANDRADA LEITÃO (Francisco de).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, vestido de gibão, capa ornada com a cruz da Ordem de Christo, grande collarinho virado, e com o habito de Christo pendente; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha. Na moldura: as armas de Portugal tendo por timbre o dragão da Casa de Bragança, em cima; o brazão do retratado, em baixo; e a seguinte lettra, de permeio: «MELIOR EST, TVTA PAX QVAM SPERATA VICTORIA.»; e na peanha: «FRANCISCVS DE ANDRADA LEITAO | *Regis Portugalliæ Sacri Consistorij Consiliarius, Senator | Aulicus, Equestris Ordinis D. N. Iesu Christi Miles Cruci- | ferus, ad Regem Angliæ nec non unitos fœderati Belgij Ord.nes | Generales Legatus nuper Extraordinarius, nunc ad Generales | Pacis Tractatus itidem Plenipotentiarius Extraordinarius, etc.*».

G. por Anon. — S. d. (1648)

Altura,	298 millimetros;
Largura,	192 millimetros.

Ha dois estados d'esta estampa: 1.º, o descripto; 2.º, com o numero «58» aberto sobre a peanha, em baixo, á direita.

No 1.º estado, faz parte da serie: «Celeberrimi ad pacificandum christiani nominis orbem legati... *Antuerpiæ, apud Danielem Middelerium, 1648. Typis*

C. Jæghers.», in-fol., sem texto; e no 2.°, occorre na serie de 131 retratos numerados: «Pacificatores orbis christiani, sive Icones Principum, Ducum, et Legatorum, qui Monasterii atque Osnabrugæ pacem Europæ reconciliarunt, quosque singulos ad nativam imaginem expressit A. van Hülle, optimorum artificum dexteritate CXXXI tabulis æneis incisæ, nunc denum post viri illustris mortem in lucem editæ, & descriptione recens auctæ. *Rotterodami, Typis Petri Vander Slaart*, 1697.», in-fol.

Vimos em Amsterdão, na casa do mercador de estampas F. Buffa & Fils, um exemplar d'aquella serie, na qual o retrato de F. de Andrada Leitão tinha, na margem inferior, o seguinte dizer manuscripto: «Este. es. el Embaxador que fue. A Munster per | el Duque de Bragança. Intruso, Rey de Portugal., y. | aunque. esta. aqui. con los demas Embaxadores | no tubo. voz. ni voto. en el Congresso. ni fue oydo. | en materia ninguna, de que doy fee como. | testigo de vista. | Sebas^an de Oleyfay (?) bonetta».

Com as margens mutiladas.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 84, n.° 122.

N.° 1147

—— Cópia invertida e reduzida da estampa precedente. A figura está dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, cujo fundo é cheio de traços horisontaes muito juntos. A inscripção, que no original occorre na peanha, está na cópia, escripta na margem inferior da estampa.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Altura	144 millimetros;
Largura,	129 millimetros.

Com a margem inferior mutilada em parte e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 85, n.° 123.

N.° 1148

—— A figura é copia reduzida da do retrato n.° 1146 d'este Catalogo, dentro de um oval ao alto. No canto superior esquerdo da estampa, o brazão do retratado; no superior direito, dois ramos de loureiro; e na margem inferior: 1.°, «*François de Andrada plenipotentiaire | de portugal* (sic).»; 2.°, — *Moncornet excudit*, á esquerda.

G. pelo mesmo Balthazar Moncornet. — S. d.

Da Serie XV.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 86, n.° 124

N.º 1149

——— A figura do retratado é cópia invertida e um tanto modificada da do retrato n.º 1146 d'este Catalogo; dentro de uma moldura parallelogrammica. No alto, á direita, o brazão do retratado; e em um cartucho na parte inferior da moldura: 1.º, « *François d'Andrada / plenipotentiaire de Portugal* »; 2.º, — *Cum Priuilegio Regis*.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Cortada pelas beiras da moldura e do cartucho.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 87, n.º 125.

N.º 1150

——— Cópia um pouco modificada da estampa n.º 1147 d'este Catalogo; dentro de uma moldura oval, inscripta em um parallelogrammo. Na cópia o dizer, escripto em um cartucho por baixo da moldura, reza assim: « FRANCISCVS DE ANDRADA LEITAÕ | *Regis Portugalliæ sac. Consistorij Consiliarius, etc. | Eiurdemq;* (sic) *M.tis ad Generales Pacis Tractatus Pleni-po= | tentiarius Extraordinarius, etc.* »

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 88, n.º 126.

N.º 1151

CASTRO (Luiz Pereira de).

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos pelas costas, vestido de habito talar e capa com um collarinho virado por cima, trazendo na cabeça um barrete clerical; dentro de uma moldura parallelogrammica. No alto, á esquerda, o brazão do retratado, e em um cartucho na parte inferior da moldura: 1.º, « *Louis Pierre* (sic) *de / Castro plenipotentiaire de Portugal* »; 2.º, — *Cum Priuilegio Regis*.

G. por Anon. (?), o mesmo abridor da estampa n.º 1149 d'este Catalogo. S. d. (?)

Cortada pelas beiras da moldura e do cartucho.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 89, n.º 127.

N.º 1152

——— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com longos cabellos cahidos até aos hombros, de cabeça descoberta, vestido de habito talar tendo por cima um collarinho virado; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, cujo fundo é cheio de traços horisontaes muito juntos. Em uma cartela por baixo do oval occorre: « D. LVDOVICVS PEREIRA DE CASTRO. SERE- | NISSIMI REGIS PORTVGALLIÆ AD TRAC- | TATVS PACIS VNIVERS. LEGATVS | PLENIPOTENTIARIVS. ETC. »

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 90, n.º 128.

N.º 1153

——— A figura do retratado é representada de modo semelhante á do retrato precedente, mais vultuosa porém. Dentro de um oval ao alto, inscripto em um parallelogrammo, cujo fundo é cheio de traços horisontaes muito juntos. Na margem inferior: 1.º, « *Illustrissimus et Excellentissimus Dnũs. | Ludovicus Pereira de Castro Serenissimi | Regis Portugalliæ ad tractatus Pacis | vniversalis Legatus Plenipotentiarius* »; 2.º, — *P*(etrus). *D*(e). *Baillia Sculp.*, á esquerda. — S. d. (?)

N.º 37 de L.B.

Com a margem inferior meio mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 91, n.º 129.

N.º 1154

MELLO (Dom Francisco de).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, de cabelleira, com grande collarinho de renda virado, trazendo pendente o habito de Christo. Dentro de uma moldura oval assente sobre um socco?

Barboza Machado collou por baixo do retrato uma tira de papel, trecho da mesma estampa (o socco sobre que assenta a moldura?), com tres ovaes: um maior, no meio, com o brazão do retratado; e dois menores aos lados, o da esquerda com uma aguia de azas estendidas e o mote: « IOVI ET MIHI »; e o da direita com uma lyra, uma corneta e o mote: « EX VTRAQUE MELOS ».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Vide a descripção da estampa seguinte, que parece ser cópia reduzida e modificada d'esta.

A estampa foi dividida em duas partes: o retrato, mutilado, representando um oval ao alto; e o socco.

Innocencio, VII, pag. 91.

(Epigramma)

D. FRANCISCO DE MELLO

Embaixador Extraordinario aos Estados Geraes de Olanda no anno de 1668, e depois com o mesmo caracter em Inglaterra

(*Dom Miguel de Barrios*, **Coro de las Musas:** *Clio, Elogio XXX*).

LA union de los Estados Generales,
Y el bravo Portugal se dan las manos
En thalamo de Paz con soberanos
Triunfos, y com laureles celestiales.
Llevan los dòs las palmas, que leales
Juntan al despedirse cortesanos,
Mello sol de los fuertes Lusitanos
Reede honor de los Batavos navales.
Partese el gran *Francisco* a la gran Corte
Zenith de la Ulyssea Catalina
Y trono del Britanico Mavorte.
Y la Haya su mal cierto vaticina
Por faltarle en la luz del Luso Norte
El humano Atlas de la paz divina.

Fl. n.º 92, 130.

N.º 1155

——— Parece cópia reduzida e modificada da estampa precedente; dentro de uma moldura oval sobre um socco. Na moldura: «DOM FRANCISCUS DE MELLO SERENIS. PORTUGALLIÆ REGIS AD GENERALES FOEDERATI BELGII ORDINES LEGATUS EXTRAORD. MDCLXVIII.» Na cópia ha a seguinte differença capital: no oval da esquerda vê-se um coto de aza com uma mão segurando um caduceu, com o mote: «QUO IUSSA TONANTIS».

G. por Anon. — S. d. (1762?)

Estampa rara.

Privada de margens. Extrahida da obra: *Coro de las musas, por Dom Miguel de Barrios.* A proposito d'este retrato vide Innocencio, vol. V, pag. 227, sob n.º 1722; e vol. VII, pag. 91.

(*Epigramma*)

(*Dom Miguel de Barrios*, **Coro de las Musas** : *fl. innum. III v., Est. III*).

LIsboa es la Lis buena que en sus hojas
Pone las alas que en tus plantas llevas
Mercurio a los Estados donde arrojas,
Del Lusitano Apolo luzes nuevas.
Dexa Mavorte las campanas roxas,
Y de la Lis, que baña el Tajo, elevas
Los colores, que quando el Noto brama
Forma en el Iris la Apolinea llama.

Fl. 93, n.º 131.

N.º 1156

FONTES (Dom Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 3.º Marquez de).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de couraça, com um manto lançado sobre o hombro esquerdo, de habito pendente da Ordem de Christo; dentro de uma moldura oval sobre um socco. Na parte superior da estampa vêem-se dois anjos arregaçando uma cortina; e á direita, outro, com uma lança na mão direita. Na moldura: « D · RODRIGO ANNES DE SA, ALMEIDA, E MENESES, MARCH : DI FONTES, E AMBASC · PER S · M · IL RE DI PORTOG.º ALL.ᴬ CORT. ᴰᴵ ROMA.»; e em um cartucho sobre o socco, um disticho latino e o endereço do impressor, divididos ao meio pelo brazão do retratado, a saber: « *Arma, Genus, Probitas, Virtus, Decus, Osq, serenū* | *Nil Mortale sonant; hunc decet esse Diuū* », em cima; e « *in Napoli Presso Dom. Ant.º Parrino* », por baixo do disticho. Na margem inferior, á direita, descobrem se os restos de lettras cortadas de uma inscripção, provavelmente a subscripção do gravador.

G. por Anon.? — S. d. ?

Privada de margens.

Innocencio, VII, pag. 91.

(*Epigramma*)

FAma, che fai? sù via, col tuo sonante
Bronzo, del Grand *Sadico* Eroe del Tago,
Le Gesta esprimi; Nò, non resto pago
Di tua Tromba volgar al grido errante;

La Gloria è degna sol, con trionfante
Voce immortal di decantar l'Imago
Del Gran *Rodrigo*, sol di glorie vago,
Del Tempo, e de l'oblio già trionfante.
Ecco il Tebbro l'ammira; ed Opre, ed ori,
Ricco d'applausi egli spargendo in tanto,
Fatto è nel Lazio un dolce incanto à i cori;
Ed emulando à i forti Alcidi il vanto,
A i Diui Augusti i gloriosi onori:
Merta Diademi al Crine, ed Ostri al Manto.

Fl. 94 n.° 132.

N.° 1157

—— A figura do retratado, que parece cópia reduzida da estampa precedente (ou vice-versa?), está dentro de uma moldura oval sobre um grande cartucho. Por baixo da figura lê-se: — *Io. Baptista Sintes Sculp.*; e no cartucho, a dedicatoria: «ILLUSTRISSIMO, AC EXCELLENTISSIMO DOMINO, D. RODERICO ANNES DE SAA ALMEYDA ET MENESES... Emmanuel Pereira à Pigno Ferram Lusitanus Helvensis Felicitatem. *Numæ Pompilio... accipiendo.*», impressa com caracteres typographicos.

Estampa gravada em duas chapas: em uma foi aberto o retrato; e na outra, o resto da estampa (a moldura, o cartucho, &), talvez por outro gravador que não João Baptista Sintes. — S. d. (?)

Cortada pelas beiras da moldura e do cartucho.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 95, n.° 133.

N.° 1158

—— *Dois redondos representando o anverso e o reverso de uma medalha.* Naquelle, á esquerda, Dom **Rodrigo**, em busto, de perfil para a direita, com grande cabelleira, vestido de armadura tendo um manto por cima, com o dizer: «RODERIC · ANNESIVS DE · SAA · MARCH · FONTESIANVS · »; neste, á direita, uma nau entrando no Tejo, com o dizer: «INGENIIQVE · LABORE», á esquerda, e a data: » CIↃIↃCCXVII, em baixo. Por cima dos dois redondos: «ANNO · AETATIS · XL · NEGOTIIS · IMPLETIS · GRATVLABVNDA · VRBE · »; e por baixo: «OBSTANTIBVS · DELVSIS · IN · PATRIAM · REDVX».

G. por Annon. (?) — S. d. (?)

Extrahida de livro.

Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 95, n.os 134 e 135.

N.º 1159

——— *Dois redondos representando o anverso e o reverso de uma medalha.* No anverso, á direita, o busto de Dom **Rodrigo**, de perfil para a esquerda, com o dizer: «RODERICVS ★ ANNESIVS ★ FRANCISCI ★ F ★ IOANNIS ★ N ★ DE ★ SAA ★»; e no reverso, á esquerda, um templo grego tendo no entablamento a palavra «MODERATIONI», com o dizer e data seguintes por baixo: « ★ SVFFICIVNT ★ | CIↃIↃCCXVII». Por cima dos redondos: «POST ★ TRIBVNI ★ MVNVS ★ CONTRA ★ CASTELLANOS ★»; e por baixo: «POST ★ LEGAT ★ EXTRAORD ★ IN ★ VRBE ★ AN ★ AET ★ XL ★ QVIETI ★ INTENTVS ★».

G. por Anon. (?), o mesmo abridor da estampa precedente. — S. d. (?)
Extrahida de livro; com texto no verso.
Innocencio, VII, pag. 91.

Fl. 95, n.os 136 e 137.

N.º 1160

TAROUCA (João Gomes da Silva, Conde de).

A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para a direita, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de armadura, com o habito pendente da Ordem de Christo; dentro de uma moldura oval. Na margem inferior 1.º, «*João Gomes da Silva, Conde de Tarouca*»; 2.º, — *G. Kneller S. R. Imp. & Angel. Eques Aur. pinx.*, á esquerda; *B.* (ernardus). *Picart fecit 1725*, á direita.

Gmn. N.º 42 de Nagler, *Lexicon.* N.º 17807 do C. E. H.
Com as margens superior e lateraes cortadas.
Innocencio VII, pag. 92.

Fl. 96, n.º 138.

N.º 1161

——— A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, de cabelleira, vestido de armadura tendo por cima do hombro direito um manto forrado de arminhos, com o habito pendente da Ordem de Christo; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha, em que se vê o brazão do retratado. Na moldura: «IOAÕ GOMES DA SILVA CONDE DE TAROUCA»; á esquerda do brazão: — *Martinus de Meÿtens pinxitt* (sic); e á direita: «*Andreas et Joseph Schmuzer sc:*»

S. d. (?) — Com as margens mutiladas.
Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 97, n.º 139.

N.º 1162

MENDONÇA CORTE REAL (Diogo de).

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de gibão meio aberto no peito, bacalhaus de renda deixando vêr por baixo o habito de Christo pendente do pescoço, e capa sobre os hombros; dentro de uma moldura oval em cima de uma peanha, com o brazão do retratado sobre ambas. Aos lados da moldura e da peanha vêm-se muitos attributos e duas crianças, das quaes a da esquerda é festejada por um cão visto pelas costas; e por detraz da moldura uma grande cortina tomada para a esquerda, cahindo do alto da estampa até a baixo. Na moldura: «DIOGO DE MENDOÇA CORTE REAL DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE E SEU SECRETARIO DE ESTADO, DAS MERCES E DO EXPEDIENTE &c. &c. &c. 1730; Na peanha:

« Hæc est Lusiadum prudentis Imago Ministri,
Qui fide, et ingenio, Consilio que Valet.
Huic Natura pares paucos produxerat ante,
Attamen Ars Similem fingere docta potest.

marg.^m Ab.^d Telles dasi Lua. »;

e na margem inferior: « *G.^me F.^s Lt Debrie Fecit a Lixboa ano 1730.* », à esquerda; « *R* (obertus). *Gaillard Sculp.*», á direita. Com amplas margens.

Heineken, *Dictionnaire*, enganou-se quando attribuio a pintura d'este retrato a um certo *Deprie* (Vide *Cat. dos Cimelios*, a pags. 842 e seguintes, sub nomine *Debrie*).

No catalogo dos retratos da collecção Barboza Machado, feito por Antonio Joaquim Moreira e publicado por Innocencio a pags. 80 e seguintes do seu *Diccionario*, sob o n.º 199, esta gravura é por engano attribuida a R. Quillard.

O retrato de «Diogo de Mendonça Corte-Real», citado por Innocencio á pag. 110 do volume VII do dito *Diccionario*, será o acima descripto? Ou ter-se-ia elle enganado, attribuindo por causa da palavra «*Fecit*» a gravura da estampa a Debrie, e lendo 1750 em vez de « 1730 »? — engano tanto mais desculpavel quanto o illustre bibliographo não viu as duas estampas da collecção Barboza Machado, embora diga que ellas são differentes da que descreve neste lugar.

Vide tambem Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 98, nº. 140.

N.° 1163

——— Cópia da estampa precedente. As principaes differenças entre o original e a cópia são: na cópia, a data que occorre na moldura é «*1731*»; falta por baixo dos dois distichos latinos na peanha o dizer: «*margẽ Ab.^d Telles dasi Lua*»; a subscripção do gravador e a data: «*Franc.^s Harrewyn Deli^t et Sculp. Lisboa. 1731.*», estão escriptas no corpo da estampa, em baixo, á esquerda.

Sem outros dizeres na margem inferior? Privada de margens.

Innocencio, VII, pags. 92 e 110.

Fl. 99, n.° 141

N.° 1164

POMBAL (Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.° Conde de Oeiras e 1.° Marquez de).

A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, olhando para a frente, de cabelleira, tendo o habito da Ordem de Christo pendente do pescoço e um manto lançado por cima do hombro direito; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha, nas quaes se vê o brazão do retratado. Na moldura: «SEBASTIAO JOSE DE CARVALHO E MELLO SECRETARIO DE ESTADO &c. &c.»; e na peanha:

«Dignum laude Virum Musa vetat mori.

Horat. lib. 4 od. 8.».

Por estar privada de margens, esta estampa não apresenta os outros dizeres: «*Parodi vultum expressit. Carpinetti Lusitanus delineavit et sculp. 1759.*», indicados pelo Cardeal Patriarcha Saraiva na sua *Lista dos Artistas*, citada pelo Conde de Raczynski, *Dictionaire*, á pagina 41, no nome *Carpinetti*.

N.° 17783 do C. E. H.

Innocencio, VII, pags. 92 e 132.

Fl. 100, n.° 142

N.° 1165

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, de cabelleira, com o habito de Christo pendente de um collar em tres voltas; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha, nas quaes se vê o brazão do retratado. Na moldura: «S. J. DE CARVALHO et MELLO, C.^TE DE OEIRAS,

CONSEIL.ER ET SECRET.DE D'ETAT DE S. M. T. F. COMAND.r DE L'ORDRE DE CHRIST. »; na peanha, os seguintes versos:

« Ton Genie et ton Cœur, ta Sagesse et ton Zèle,
Tout les peint, Ministre fidelle;
l'Estime d'un grand Roi, la paix de ses Etats,
l'Amour des Citoyens, l'éffroi des Scélérats. »,

escriptos em uma cartela; e na margem inferior: — *Peint à Lisbonne*, á esquerda; *Gravé à Paris.*, á direita.

G. por Anon. (?) [S. C. Miger?] — S. d. (?)

Com a margem inferior meio mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pags. 92 e 132.

Fl. 100, n.º 143.

N.º 1166

ALMEIDA DE LANCASTRO (Don Pedro Balthazar de).

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, de cabelleira, tendo o habito de Christo á botoeira do gibão; dentro de uma moldura oval sobre uma peanha, na qual se vê o brazão do retratado.

Na peanha:

« DOM DE ALMEIDA naceo a 6 de Janeiro de Setembro	(Brazão)	PEDRO DE LANCASTRO 1676. morreo a 20. de de 1740.»;

e na margem inferior: — *G. F. L. Debrie sculptor Regius, del. et sculp. 1741.*

Privada de margens. Extrahida da obra: « Elogio de D. Pedro Balthezar de Almeida de Lancastro... por D. Jozé Barboza... *Lisboa occidental, na Officina de AntonioIsidoro da Fonseca...* 1741 », 1 vol. in-4.º (B. N.)

Innocencio, VII, pags. 92 e 130.

(*Epigramma*)

QUis jacet hic humili in saxo dic Parca! Colossus
Qui Lysiâ primus nobilitate fuit.
Quis fuit iste? tuus *Petrus Lancastrius*, illud
Virtutis speculum, norma, columna, decus.
Mortuus heu *Petrus?* minime; discessit ab orbe;
Nescit, qui nunquam vixit in orbe, mori.

Fl. 101, n.º 144.

N.° 1167

COUVAY (Pedro Nolasco).

A meio corpo; com o tronco de tres quartos para a esquerda e o rosto quasi de frente, tendo os olhos um pouco voltados para a direita, com a commenda da Ordem de Christo ao peito e o habito da mesma Ordem pendente do pescoço; dentro de uma moldura oval sobre um socco, no qual se vê o brazão do retratado. Na moldura: «PETRUS NOLASCUS COUVAY, CHRISTI ORDINIS EQUES, ET REG. CHRISTIANISS. A CONSILIIS ET SECRETISS. ÆTATIS SUÆ XXXIX»; e no socco: «*R. Tournierre* (sic) *pinxit*», a esquerda; «*P.* (Imbert) *Drevet sculp.*, á direita.

N.° 14, 2.° estado de Firmin-Didot.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 102, n.° 145

N.° 1168

BALSEMÃO (Luiz Pinto de Souza Coutinho, Visconde de).

Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, fardado, com diversas condecorações; dentro de um oval inscripto em uma moldura parallelogrammica. Por baixo do oval ha uma taboleta em branco. O fundo do oval é constituido por traços obliquos dirigidos de cima para baixo e da esquerda para a direita.

Sem lettra, nomes dos artistas, nem data.

Ha cinco estados d'esta estampa:

1.° O acima descripto. N.° 17814 do C. E. H.; n.° 305 do Cat. dos Cimelios.

2.° Na taboleta foi aberta a seguinte lettra: «LUIZ PINTO DE SOUZA COUTINHO | VISCONDE DE BALCEMÃO | CONSELHEIRO, E MINISTRO DE ESTADO DOS | NEGOCIOS DO REINO.»; e no oval, em baixo, os nomes dos artistas e a data: — *D*(omingos). *A*(ntonio). *de Siquira* (sic) *Del.*, á esquerda; *M*(anuel). *M*(arques). *de Aguilar. Gravou.* 1801., á direita. N.° 17815 do C. E. H.

3.° Aos traços obliquos do fundo do quadro foram accrescentadas outros cruzando os primeiros. N.° 17816 do C. E. H.

4.° A chapa foi retocada; os traços que formam o oval, á esquerda, estão muito carregados, dando uma forte sombra; os traços do fundo do quadro foram apagados e substituidos por um sombreado uniforme. N.° 17817 do C. E. H.

5.° Aos traços parallelos da parte externa da moldura parallelogrammica formam ajuntados pequenos enfeites de forma triangular; a lettra foi

corrida e reza assim: « LUIS... BALSEMÃO (e não BALCEMÃO)... REINO ». N.° 17818 do C. E. II.

A estampa que occorre neste volume da Collecção de Retratos de Barboza Machado, que alias não foi por elle ahi posta, pertence ao 4.° estado e tem as margens cortadas.

Innocencio, VII, pag. 126.

Fl. 102 v., n.° 146.

N.° 1169

BARTHOLOMEU, Indio do Brazil.

Visto até á cintura, de perfil para a direita, olhando para a frente, com os cabellos cahidos pelas costas, tendo um facão descançado no hombro esquerdo, seguro, ao que parece, pela mão direita; no fundo, vista de mar, com muitos navios dando entre si batalha. Na parte inferior da estampa, uma taboleta, na qual se lê: « BARTOLOME PORTUGUES ».

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Esta estampa é indubitavelmente do 2.° estado, porque ha na taboleta vestigios de uma inscripção anterior, em tres linhas: na 1.ª d'estas, vêem-se claramente os traços mal apagados da palavra « BARTHOLOMEUS »; nas outras duas porém as lettras são indecifraveis

Dimensões da estampa no seu estado actual:

Altura,	167 millimetros;
Largura,	126 millimetros.

Com as margens mutiladas

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 103, n.° 147

N.° 1170

——— A figura do retratado é cópia invertida e reduzida da da estampa precedente; dentro de um oval sobre um socco. No fundo da estampa não se vê a batalha naval. Em uma taboleta, no socco, lê-se: « BARTOLOMEW PORTUGUES. »

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Dimensões da estampa no seu estado actual:

Altura,	76 millimetros;
Largura,	45 millimetros.

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 103, n.° 148

N.º 1171

ROQUE, Indio do Brazil.

Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, segurando com a mão esquerda uma espada descançada no hombro direito; dentro de um oval sobre um socco. Neste occorre: «ROCK. BRASILIANO.», em uma taboleta.

G. por Anon. (?), o mesmo gravador da estampa procedente. S. d. (?)

A gravura tem as mesmas dimensões da anterior e é feita no mesmo gosto.

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 92, cita este retrato sob o nome de Bartholome, Portuguez.

Fl. 103, n.º 149.

CATALOGO

DOS

RETRATOS

COLLIGIDOS

POR

DIOGO BARBOZA MACHADO

VI

RETRATOS

DE

VAROENS PORTUGUEZES

INSIGNES

NA

CAMPANHA, E GABINETE,

ORNADOS COM ELOGIOS POETICOS,

E

COLLEGIDOS

POR

DIOGO BARBOSA MACHADO.

Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e
Academico Real.

TOMO IV.

(Brazão do Reino de Portugal, gravado por A. GRAMIGNANI)

N.º 1172

ALMEIDA (Dom Francisco de). (*)

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, sobreveste sem mangas por cima da armadura, segurando com a mão esquerda um pequeno bastão. «D. FRANCISCO DE ALMEIDA I. VISOREY DA INDIA.»

N. 408 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 1, n.º 1.

N.º 1173

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, segurando com a mão direita meio levantada um bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. FRANCISCO DE ALMEIDA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

PRIMEIRO VICEREY, E GOVERNADOR
DA INDIA.

Morreo em 01 (*sic*) de Março de 1510.

Fl. 2, n.º 2.

N.º 1174

——— Em busto, com o resto de tres quartos para a esquerda, de chapéo baixo na cabeça. «D. Francisco de Almeida | I. Vice-Rey da India.»

Impresso na pag. 127 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 3, n.º 3.

(*) Na numeração ordinal dos Vice-Reis e Governadores da India, adoptamos os numeros de Faria e Souza, *Asia Portugueza*, ainda que ás vezes em desaccordo com os dizeres da folha.

N.° 1175

ALBUQUERQUE (Affonso de).

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, cabellos mettidos em uma coifa, longa barba com a ponta amarrada em nó, tendo uma sobreveste sem mangas por cima da armadura e segurando com a mão esquerda, meio levantada, o cabo da espada. No fundo, á direita, uma praça fortificada, á beira d'agua. «AFFONÇO DE ALBUQUERQUE II. GOVERNAD. DA INDIA.»

N.° 409 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 4, n.° 4.

N.° 1176

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, com um collar de cadeia, em tres voltas, a tiracollo, espada á cinta, capa lançada por cima do hombro esquerdo, pousando a mão direita sobre um esquadro e um prumo, postos em cima de uma mesa, para os quaes aponta com a mão esquerda. O fundo da estampa é constituido por traços horisontaes parallelos, muito proximos. Por baixo da figura foram colladas duas tiras de papel trazendo o seguinte dizer impresso com caracteres typographicos: «*ALPHONSE | ALBVQVERQVE.*»

G. por Anon. (?), o mesmo gravador da estampa n.° 1089 d'este catalogo. S. d. (?)

Mutilada de margens.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 5, n.° 5.

N.° 1177

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, com chapeo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, cabellos mettidos em uma coifa, longa barba com a ponta amarrada em nó, tendo por cima da armadura uma sobreveste, pousando a mão esquerda nos copos da espada e a direita na cintura.

Impresso na pag. 171 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Mutilada em parte e cortada pela beira do desenho.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 5, n.° 6.

N.° 1178

——— Cópia um pouco modificada da estampa precedente. As principaes differenças entre as duas estampas são: na cópia, a barba não tem nó na ponta e os copos da espada são muito maiores que no original. Por baixo da figura, a lettra: «*O Grande Afonso de Albuquerque II. Governador da India.*», impressa com caracteres typographicos.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Sem texto no verso. Cortada pelas beiras do desenho e da lettra.

A' pag. 171 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1703, occorre intercalado no texto um retrato identico, impresso com a mesma prancha, mas sem lettra por baixo.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 6, n.° 7.

N.° 1179

——— Cópia reduzida da estampa n.° 1176 d'este Catalogo (ou vice-versa?) Em uma taboleta em baixo: «*ALPHONSE ALBV= | QVERQVE.*»

G. por Anonymo (?), o mesmo gravador das estampas n.os 314 e 1086 d'este Catalogo. S. d. (?)

Sem margens.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 6, n.° 8.

N.° 1180

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, dentro de uma moldura oval tendo aos lados dois indùs. Em cima, á direita: «*Tome I. page 520.*»; em um espaço em branco em fórma de margem, por baixo do retrato: «*Alphonse d'Albuquerque surnommé le Grand.*» Na parte inferior da estampa, a vista à *vol d'oiseau* da cidade e ilha de Ormuz, com a seguinte lettra: «*Ville et Isle d'Ormus.*» na margem inferior.

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 7, n.° 9.

N.° 1181

——— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, dentro de um redondo, por baixo do qual se lê o seguinte dizer impresso com caracteres typographicos: « ALPHON. ALBVQ. Vice-Rex Ind. Or. »

Xg. por Anon., o mesmo gravador das estampas n.os 238, 258, 342, 1090 e 1092 d'este Catalogo. S. d. (1611?)

Extrahida da obra de P. Opmero, *Opus chronog.*, em cuja pag. 437 do I tomo occorre intercalada no texto. Cortada pelas beiras do redondo e da lettra.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 7, n.º 10.

N.º 1182

——— De tres quartos para a direita, com chapeo baixo, de abas levantadas, na cabeça, cabellos mettidos em uma coifa, longa barba com a ponta amarrada em nó, segurando o cabo da espada com a mão esquerda. « AFFONÇO DE ALBUQUERQUE. » A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

SEGUNDO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo em Goa a 16 de Dezembro de 1515.

Fl. 8, n.º 11.

N.º 1183

ALBERGARIA (Lopo Soares de).

De tres quartos para a esquerda, com chapeo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, tendo por cima da armadura uma sobreveste sem mangas, apontando com o indicador da mão esquerda para o lado esquerdo da estampa. No fundo, do mesmo lado, uma paizagem á beira d'agua. «LOPO SOARES DE ALBERGARIA III. GOVERNADOR DA INDIA.»

N.º 410 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 9, n.º 12.

N.º 1184

——— De tres quartos para a direita, com chapeo baixo, de abas reviradas para cima, na cabeça, tendo a mão esquerda ao peito e segurando

com a direita, na altura da cintura, um bastão. « LOPO SOARES DE ALBER- | GARIA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*).

TERCEIRO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 10, n.º 13.

N.º 1185

SAMPAIO (Lopo Vaz de), IX Governador da India.

Em busto, de tres quartos para a direita, com chapeo baixo, de abas levantadas na cabeça.

Como se já não fosse bastante a incerteza que reina a respeito da identidade dos figuras dos retratados da Serie XXXIII, Diogo Barbosa Machado não trepidou em collar por baixo d'esta figura, que occorre intercalada no texto da pag. 265 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666, como retrato de Lopo Vaz de Sampaio, uma tira de papel com a lettra impressa: « Lopo Soares de Albergaria | III. Governador da India. »; e viceversa em collar por baixo da figura impressa na pag. 185 do mesmo I volume da dita obra, representando o retrato de Lopo Soares de Albergaria, outra tira de papel com a lettra impressa : « Lopo Vaz de Sampayo | VII. (*sic*) Governador da India. » (Vide o n.º 1205 d'este Catalogo). Na descripção dos dois retratos julgamos melhor conservar-lhes os nomes que Faria e Souza lhes deu.

Cortada pela beira do desenho.

Da Serie XXVIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 11, n.º 14.

N.º 1186

SIQUEIRA (Diogo Lopez de).

De tres quartos para a direita, com uma gorra na cabeça, tendo por cima da armadura uma sobreveste, com a mão direita sobre o peito esquerdo. No fundo, á direita, um acampamento. « DIOGO LOPES DE SIQUEIRA IV. GOVERNADOR DA INDIA. »

N.º 411 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 12, n.º 15.

N.º 1187

——— De frente, com o rosto de tres quartos para a direita, tendo uma gorra na cabeça e segurando com a mão direita, levantada á altura do peito, um pequeno bastão. « DIOGO LOPES DE SEQUEIRA. » A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

QUARTO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 13, n.º 16.

N.º 1188

——— Em busto, de tres quartos para a direita, com uma gorra na cabeça. « *Diogo Lopes de Sequeyra IV. Go- | vernador da India.* »

Impresso na pag. 216 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 14, n.º 17.

N.º 1189

MENEZES (Dom Duarte de).

De tres quartos para a esquerda, com uma gorra na cabeça, tendo por cima da armadura uma sobreveste sem mangas, pousando a mão esquerda no punho da espada. No fundo, á esquerda, uma fortaleza escalada. « D. DUARTE DE MENEZES V. GOVERNADOR DA INDIA. »

N.º 412 do *Cat. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 15, n.º 18.

N.º 1190

——— De frente, com o rosto de tres quartos para a direita, de gorra de plumas na cabeça e habito de Christo pendente, vestido de armadura, com uma sobreveste lançada por cima do hombro direito, segurando com a

mão esquerda o cabo da espada e pousando a direita ao peito. « D. DUARTE DE MENEZES. » A moldura é impressa com a prancha n.° 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

QUINTO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo em 4 de Mayo de 1588.

Fl. 16, n.° 19.

N.° 1191

VIDIGUEIRA (Dom Vasco da Gama, 1.° Conde da).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, tendo por cima da armadura uma sobreveste, de habito de Christo pendente, segurando um bastão com a mão direita levantada. No fundo, á esquerda, vista de mar, com muitos navios. « D. VASCO DA GAMA CONDE DA VIDIGUEIRA II. VICEREY DA INDIA. »

N.° 413 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 17, n.° 20.

N.° 1192

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo de abas levantadas na cabeça, tendo o habito de Christo pendente de um collar, segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. « D. VASCO DA GAMA. » A moldura é impressa com a prancha n.° 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

SEGUNDO VICEREY, E SEXTO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo em 25 de Dezembro de 1524.

Fl. 18, n.° 21.

N.º 1193

—— A meio corpo, com o tronco de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, de chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, vestido de armadura com uma sobreveste por cima; dentro de uma moldura oval sobre um socco, no qual se lê: « *DOM VASCO* | DA GAMA.»

G. por Anon. — S. d.

Altura,	113 millimetros;
Largura,	66 millimetros.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 19, n.º 22.

N.º 1194

—— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo de plumas, de abas viradas para cima, na cabeça, vestido de armadura tendo por cima uma sobreveste, de habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um grande bastão apoiado no chão e com a esquerda o punho da espada. Em cima: « *VASCO DE* », á esquerda; « *GAMA* », á direita »; e em baixo á esquerda: « *T*(homaz) *Cross fecit* », como no monogramma n.º 10 da Taboa geral. S. d. (1655?)

Com as margens lateraes e superior cortadas, e a parte inferior da estampa mutilada.

Extrahida dos *Lusiadas* de Camões, trad. por Fanshaw.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 20, n.º 23.

Sem n.º

—— A meio corpo, de tres quartos para a direita, com chapéo na cabeça, condecorado com o habito de Christo, tendo um pequeno bastão na mão direita; dentro de uma moldura oval feita de folhas de loureiro. Por cima da moldura: «VASCVS DE GAMA»; por baixo: «PROPAGATOR PORTV: | GALLIÆ.».

Vide a descripção da estampa n.º 16 deste Catalogo, da qual faz parte o retrato.

Mutilada.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 20, n.º 24.

N.º 1195

—— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, dentro de uma moldura tendo aos lados diversos attributos da arte nautica. Em cima lê-se: *« L'Amirante Don »*, á esquerda; *« Vasco de Gama »*, á direita. Por baixo do retrato a vista *à vol d'oiseau* de Calicut, com a seguinte lettra na margem inferior: *«La Ville de Calicut.»*

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 21, n.º 25.

N.º 1196

—— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas voltadas para cima, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, tendo o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um grande bastão e com a esquerda o punho da espada.

Sem lettra por baixo. Impresso na pag. 232 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 21, n.º 26.

N.º 1197

—— Cópia no mesmo sentido da estampa precedente, da qual differe principalmente pelo seguinte: no original o rosto do retratado é mais cheio, o bastão mais curto (o da cópia sobe até ao nivel da aba do chapéo), e não está figurado por baixo dos pés, como se vê na cópia, o terreno em que pousa a figura. Sem lettra por baixo.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Impresso á pag. 232 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1703.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 21, n.º 27.

N.º 1198

MENEZES (Dom Henrique de).

—— De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, e sobreveste por cima da

armadura. No fundo, á direita, uma paizagem á beira d'agua. «D. HENRIQUE DE MENEZES VII. GOVERNADOR DA INDIA.»

N.º 413 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 22, n.º 28.

N.º 1199

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, com a mão esquerda ao peito e segurando com a direita um pequeno bastão. «D. HENRIQUE DE MENEZES.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

SETIMO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 23 de Mayo de 1588.

Fl. 23, n.º 29.

N.º 1200

——— Em busto, de tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça. «D. Henrique de Menezes | VII. Governador da Indi. (*sic*)»

Impresso na pag. 243 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 24, n.º 30.

N.º 1201

MASCARENHAS (Dom Pedro), mallogrado Governador da India.

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, de habito de Christo pendente, segurando com a mão esquerda um punhal e com a direita o punho da espada. «D. PEDRO MASCARENHAS.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(*Epigramma*)

OITAVO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 25, n.º 31.

N.º 1202

SAMPAIO (Lopo Vaz de).

De tres quartos para a direita, com os cabellos mettidos em uma coifa, a cabeça coberta com um chapéo baixo, de abas voltadas para cima, tendo uma sobreveste por cima da armadura, e apontando com o indicador da mão direita para o lado direito da estampa. «LOPO VAZ DE SAMPAYO IX. GOVERNADOR DA INDIA.»

N.º 415 do *C. Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 26, n.º 32.

N.º 1203

——— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de abas voltadas para cima, na cabeça, de habito de Christo pendente e sobreveste por cima da armadura; dentro de uma moldura oval. Por baixo d'esta um sócco, com uma cartela, onde occorre a lettra: «LOPO VAZ DE SAMPAYO; IX. GOVER | NADOR DA INDIA.» Com o brazão do retratado em parte sobre a moldura, em parte sobre a cartela.

O nome do gravador e a data não vêm expressos na estampa, salvo si occorrem nas margens, que estão mutiladas; entretanto não duvidamos attribuil-a ao mesmo artista (I. P. Massili), que gravou a estampa n.º 1212 d'este Catalogo, e dar-lhe a mesma data que ella tem (1722).

Gmn.

Innocencio, VII, pag. 92

Fl. 27, n.º 33.

N.º 1204

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, e segurando com a mão direita um pequeno bastão. «LOPO VAZ DE SAMPAYO.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 92.

(Epigramma)

NONO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 18 de Abril de 1538.

Fl. 28, n.º 34.

N.º 1205

ALBERGARIA (Lopo Soares de).

Em busto, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas voltadas para cima, na cabeça. Por baixo da figura uma tira de papel, com a lettra impressa: «Lopo Vaz de Sampayo | VII. (*sic*) Governador da India.» Vide o n.º 1185 d'este Catalogo.

Impresso na pag. 185 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 92.

Fl. 29, n.º 35.

N.º 1206

CUNHA (Nuno da).

De tres quartos para a esquerda, com o olho direito vasado, tendo na cabeça um chapéo baixo, de abas levantadas, um grosso cordão ao collo e uma sobreveste por cima da armadura, e apontando com a mão esquerda para cinco moedas, que estão sobre uma mesa. A' esquerda, vê-se uma praça fortificada, á beira d'agua. «NUNO DA CUNHA X. GOVERNADOR DA INDIA.»

N.º 416 do *C. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 30, n.º 36.

N.º 1207

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, com o olho direito vasado, de chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, e apontando com a mão esquerda para cinco moedas, que estão sobre uma mesa; dentro de uma moldura oval. Em uma taboleta, por baixo d'esta, a seguinte lettra: «Nuno da Cunha | X. Governador da India.»

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Com as margens cortadas.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 31, n.º 37.

N.º 1208

——— A estampa é quasi toda occupada pela vista *à vol-d'oiseau* da praça de Diu. No alto o retrato de D. Nuno da Cunha, em busto, de tres

quartos para a esquerda, dentro de uma moldura oval, tendo por cima a lettra: «*Nugno d'Acuña*», em uma fita. No mar vêem-se muitas embarcações combatendo e varios homens, dos quaes um, de turbante na cabeça, é alanceado por um inimigo á popa de um barco. No corpo da estampa estão escriptos os numeros: «1», á esquerda, dentro da cidadella; «2», perto do musulmano alanceado. Na margem inferior: «1. *Citadelle de Diu.*» e «2. *Mort de Sultan Badur.*»

Com a margem inferior em parte mutilada e as outras totalmente cortadas.

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 31, n.º 38.

N.º 1209

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, tendo a mão esquerda ao peito e segurando com a direita um bastão. «NUNO DA CUNHA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DECIMO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 5 de Março de 1539.

Fl. 32, n.º 39.

N.º 1210

——— Em busto, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas voltadas para cima, na cabeça, e um collar ao pescoço. Por baixo, impresso em uma tira de papel com caracteres typographicos: «*Nuno da Cunha X. Governador | da India.*»

Impresso na pag. 367 do I da *Asia Portugueza*, edição de 1666.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 33, n.º 40.

N.º 1211

Noronha (Dom Garcia de).

Com o corpo de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, olhando para a frente, tendo na cabeça um chapéo baixo, de abas levantadas, por cima da armadura uma sobreveste, e segurando um

pequeno bastão com a mão esquerda. A' esquerda da estampa vê-se uma esquadra atirando contra uma fortaleza. «D. GARCIA DE NORONHA III. VISOREY DA INDIA.»

N. 417 do *Cat. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 34, n.° 41.

N.° 1212

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, vestido de armadura com uma sobreveste por cima, pousando a mão direita sobre a extremidade de um pequeno bastão; dentro de uma moldura oval. Por baixo d'esta, em um grande cartucho, a lettra e o brazão do retratado, assim:

«D · GARCIA III VISOREY	(Brazão)	DE NORONHA DA INDIA»;

e na margem inferior:

«I · P · MASSILI VLYSSIP · », á esquerda; «SCULP · 1722 · », á direita.

Gmn. Com a margem inferior um pouco mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 35, n.° 42.

N.° 1213

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. GARCIA DE NORONHA.» A moldura é impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

TERCEIRO VICEREY, E UNDECIMO
GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 3 de Abril de 1539.

Fl. 36, n.° 43.

N.° 1214

——— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, segurando com a mão direita um grande bastão e com a esquerda o punho da espada. « D. GARCIA DE NOROÑA. »

Impresso na pag. 23 do II da *Asia Portugueza.*

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 37, n.° 44.

N.° 1215

GAMA (Dom Estevão da).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com uma gorra na cabeça, sobreveste por cima da armadura, pousando a mão direita na cintura. Ao lado direito da estampa, uma fortaleza á beira d'agua. « D. ESTEVAÕ DA GAMA XII. GOVERNADOR DA INDIA. »

N.° 418 do *Cat. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 38, n.° 45.

N.° 1216

——— De tres quartos para a direita, com uma gorra na cabeça, segurando com a mão esquerda o punho da espada. « D. ESTEVAÕ DA GAMA. » A moldura é impressa com a prancha n.° 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DUODECIMO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 15 de Setembro de 1575.

Fl. 39, n.° 46.

N.º 1217

——— Em corpo, de frente, mas com o rosto um tanto voltado para a direita, com uma gorra na cabeça, sobreveste por cima da armadura, segurando com a mão esquerda o punho da espada e pousando a direita no quadril. « DON ESTEVAN DE GAMA. »

Impresso na pag. 109 do II da *Asia Portugueza.*

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 40, n.º 47.

N.º 1218

SOUSA (Martim Affonso de).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo na cabeça e sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, segurando um pequeno bastão de mando com a mão direita, e com a outra apontando para o lado esquerdo da estampa. No 2.º plano, do mesmo lado, uma fortaleza á beira d'agua, onde se vêem navios e dois ilhéos. « MARTIM AFFONÇO DE SOUSA XIII. GOVERNADOR DA INDIA. »

N.º 419 do *Cat. da Exp. Cam.* N.º 17811 do C. E. H.

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 41, n.º 48.

N.º 1219

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas viradas, na cabeça, de habito de Christo pendente, segurando com a mão esquerda o punho da espada e com a direita, levantada á altura do peito, um pequeno bastão. « MARTIM AFFONSO DE SOUSA. » A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DECIMO TERCEIRO GOVERNADOR
DA INDIA.

Morreo a 21 de Julho de 1564.

Fl. 42, n.º 49.

N.º 1220

——— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo na cabeça, sobreveste por cima da armadura, tendo o habito de Christo pendente do pescoço, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. « MARTIN-AFONSO DE SOVSA. »

Impresso na pag. 152 do II da *Asia Portugueza.*

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 43, n.º 50.

N.º 1221

CASTRO (Dom João de).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, de coroa de louro na cabeça, com uma sobreveste por cima do gibão, tendo na mão direita uma grande palma. No fundo, á direita, uma fortaleza portugueza á beira d'agua, fazendo fogo contra os musulmanos que a sitiam. «D. JOAÕ DE CASTRO IV. VISOREY DA INDIA.»

N.º 420 do *Cat. da Exp. Cam.*

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 44, n.º 51.

N.º 1222

——— A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, coroado de louro, com uma sobreveste por cima do gibão, segurando com a mão direita a classica palma; dentro de uma portada tendo no alto o brazão do retratado, e em baixo um grande cartucho ornado lateralmente com duas trombetas e duas palmas, com a inscripção: «D. IOAÕ DE CASTRO | QVARTO VISOREY DA INDIA.» No canto inferior esquerdo occorre o monogramma LV do gravador Lucas Vorsterman Senior. S. d. (1651?)

As figuras d'este e do retrato precedente são feitas segundo o mesmo original.

Sem margens. Extrahida da « Vida de Dom João de Castro... escripta por Iacintho Freyre de Andrada... *Lisboa, Off. Craesbeeckiana,* 1651 », in-fol. (B. N.)

Innocencio, VII, pags. 93 e 118.

Ha copia d'esta estampa nos vols. 129, 6, 20, e 129, 7, 19, nos quaes tambem occorre copia do frontispicio gravado por Lucas Vorsterman da edição de 1651. As copias do retrato e frontispicio não trazem o monogramma de Lucas Vorsterman.

Fl. 45, n.º 52.

N.º 1223

—— Cópia no mesmo sentido da estampa precedente. A lettra do cartucho reza: « D. IOAÕ. DE CASTRO | THE FOVRTH VICEROY OF | INDIA. »; e na margem inferior, á direita: « *W. Faithorne* (Senior) *sculp:* » S. d. (1663-1664?) Sem o monogramma de L. Vorsterman Senior.

N.º 15 de L. B.

Sem margens. Extrahida da obra « The Life of Dom John de Castro... by Jacintho Freire de Andrada, written in Portuguese and by Sr Peter Wyche K.t translated into English... *London, Henry Herringman*, 1664 », in-fol. (B. N.).

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 45, n. 53.

N.º 1224

—— Em busto, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, coroado de louro, com a classica palma encostada ao hombro direito; dentro de um oval ao alto. Em uma taboleta, por baixo do oval:

« D. IOAÕ TRO IV DA IN	(Brazão)	DE CAS- VISOREY DIA. »

O fundo da estampa está em branco.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Cortada pelas beiras do oval e da taboleta.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 45, n.º 54.

N.º 1225

—— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, coroado de louro, vestido de armadura com um manto por cima, empunhando com a mão direita a espada, que tem encostada ao hombro, e com a esquerda segurando um pequeno bastão; dentro de uma moldura oval, ornada de ramos de loureiro, tendo por baixo, no meio, o brazão do retratado

e em volta tropheos de armas de guerra, bandeiras, etc. Em uma cartela, em baixo, o seguinte distico latino:

« *Qualis, quantus erat, pietate insignis, et armis*
Spirat adhuc picta CASTRIVS in tabula »;

e na margem inferior, á direita: — *Andreas Rossi Sculp.* S. d. (1727?)

Extrahida da « Vita Joannis de Castro... Olim ab Hyacintho Freyre de Andrada lusitano sermone descripta nunc in latino sermone conversa interprete Francisco Maria del Rosso... *Romae Ex Typographia Rochi Bernabò*, 1727 », in-4.° (B. N.)

Com a margem inferior um pouco mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 46, n.° 55.

N.° 1226

——— Em busto, de tres quartos para a direita, coroado de louro, com a classica palma encostada ao hombro direito; dentro de uma moldura oval tendo por baixo o brazão do retratado. Em uma fita entrelaçada com a moldura está escripta a seguinte lettra: « D. IOAO DE CASTRO. IV. VISO REY DA. INDIA. »

O fundo da estampa é constituido por traços horisontaes parallelos, muito proximos.

G. por Anon. (?) — S. d. (?)

Cortada pelas beiras da moldura, da fita e do brazão.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 46, n.° 56.

N.° 1227

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, coroado de louro, com a classica palma na mão esquerda; dentro de uma moldura com o brazão do retratado por baixo e duas grandes palmas aos lados. No alto, no meio, o numero « *1* ».

Por baixo do retrato a vista *à vol d'oiseau* de Malaca, com o numero « *2* » por cima. Na margem inferior: « *1. Don Jean de Castro. 2. La Ville de Malaca.* »

O desenho da figura é semelhante ao do retrato n.° 1221 d'este Catalogo, mas invertido e reduzido.

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 47, n.° 57.

N.º 1228

——— De tres quartos para a direita, com uma corôa de louro (?) na cabeça, segurando com a mão direita uma palma e com a esquerda o punho da espada. «D. JOAÕ DE CASTRO.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

QUARTO VICEREY, E DECIMO QUARTO
GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 6 de Junho de 1548.

Fl. 48, n.º 58.

N.º 1229

——— Em corpo, de frente, mas com o rosto de tres quartos para a direita, coroado com uma palma e tendo uma sobreveste por cima da armadura, segura com a mão direita a classica palma e com a esquerda o punho da espada. «DON IVAN DE CASTRO.»

Impressa na pag. 209 do II da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 49, n.º 59.

N.º 1230

SA' (Garcia de)

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, tendo na cabeça um chapéo baixo de abas levantadas, por cima da armadura uma sobreveste, e segurando um pequeno bastão com a mão direita levantada. No fundo, á esquerda, uma praça fortificada á beira d'agua. «GARCIA DE SÁ XV. GOVERNADOR DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 50, n.º 60.

N.º 1231

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas viradas para cima, na cabeça, pousando a mão esquerda sobre os copos da

espada e com a direita, levantada á altura do peito, segurando um pequeno bastão. «GARCIA DE SAA'.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DECIMO QUINTO GOVERNADOR

DA INDIA.

Morreo a 13 de Julho de 1549.

Fl. 51, n.º 61.

N.º 1232

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo na cabeça, sobreveste por cima da armadura, e segurando um pequeno bastão com a mão direita. «GARCIA DE SA.»

Impresso na pag. 227 do II da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 52, n.º 62.

N.º 1233

CABRAL (Jorge).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, tendo na cabeça um chapéo baixo, de abas voltadas para cima, uma sobreveste por cima da armadura, e segurando com a mão direita um pequeno bastão. Por detraz da figura uma balaustrada, além da qual vê-se: á esquerda, uma fortaleza á beira d'agua, e á direita, dois navios batendo-se: «JORGE CABRAL XVI. GOVERNADOR DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 53, n.º 63.

N.º 1234

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de abas viradas, na cabeça, tendo a mão esquerda ao peito e segurando com a direita um pequeno bastão. «JORGE CABRAL.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DECIMO SEXTO GOVERNADOR

DA INDIA.

Fl. 54, n.º 64.

N.° 1235

——— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo na cabeça, sobreveste por cima da armadura, pousando a mão esquerda sobre os copos da espada e segurando com a direita um pequeno bastão. «JORGE CABRAL.»

Impresso na pag. 248 do II da *Asia Portugueza.*

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 55, n.° 65.

N.° 1236

NORONHA (Dom Affonso de).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma sobreveste por cima da armadura, e segurando a insignia da Ordem de Christo, que traz pendente do pescoço. No fundo uma cortina arregaçada, deixando ver, á direita, no segundo plano, uma fortaleza. «D. AFONSO DE NORONHA V. VICEREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 56, n.° 66.

N.° 1237

——— De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo na cabeça, segurando os copos da espada com a mão esquerda. «D. AFFONSO DE NORONHA.» A moldura é impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

QUINTO VICEREY, E DECIMO SETIMO
GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 57, n.° 67.

N.° 1238

——— Em corpo, de tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de

Christo pendente, e segurando com a mão esquerda o punho da espada. «DON AFONSO DE NOROÑA.»

Impresso na pag. 284 do II da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 58, n.º 68.

N.º 1239

MASCARENHAS (Dom Pedro), VI Vice-Rei e XVIII Governador da India.

De tres quartos para esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e segurando com a mão esquerda o punho da espada. « D. PEDRO MASCARENHA VI. VISOREY DA INDIA. »

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 59, n.º 69.

N.º 1240

—— De tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. A' esquerda do retratado um elmo sobre uma mesa. « D. FRANCISCO DA GAMA. A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Por baixo da lettra da taboleta Barboza Machado escreveu: « D. Pedro Mascarenhas »; e, não contente com isto, collou por cima de ambas estas lettras uma tira de papel com o dizer impresso em caracteres typographicos: « D. PEDRO MASCARENHAS. »

Não podendo saber ao certo si a figura é o retrato de Dom Francisco da Gama ou de Dom Pedro Mascarenhas, attribuimol-o a este para não destoar do epigramma impresso por baixo da estampa.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

SEXTO VICEREY, E DECIMO OITAVO
GOVERNADOR DA INDIA

Fl. 60, n.º 70.

N.º 1241

—— Em corpo, de frente, mas com o rosto de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma sobreveste por cima da armadura e o habito de Christo pendente, segurando com a mão esquerda o punho da espada e com a direita um punhal. « D. PEDRO MASCAREÑAS. »

Impresso na pag. 296 do II da *Asia Portugueza.*

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 61, n.º 71.

N.º 1242

BARRETTO (Francisco).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste lançada sobre o hombro esquerdo, de habito de Christo pendente, e apontando com a mão direita para uma pedra oval posta sobre uma mesa, na qual pedra se vêem representados a Virgem Santissima com o Menino Jesus ao collo e os sete céos. « FRANCISCO BARRETO XIX. GOVERNADOR DA INDIA. »

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93. (*)

Fl. 62, n.º 72.

N.º 1243

—— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, segurando o punho da espada com a mão esquerda. « FRANCISCO BARETTO (*sic*). » A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

GOVERNADOR DECIMO NONO
DA INDIA

Morreu em 9 de Julho de 1573.

Fl. 63, n.º 73.

(*) No *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, sob n.º 17.667, attribue-se este retrato a Francisco Barretto de Menezes, 19.º Governador da India, 3.º Governador e Capitão general de Pernambuco e Governador geral da Bahia. Houve nisto manifesto engano. Francisco Barretto e Francisco Barretto de Menezes são duas pessoas distinctas: aquelle, cujo retrato aqui se descreve, foi o 19.º Governador da India (1555 — 1558), este foi o 3.º Governador e Capitão general de Pernambuco (16 de Abril de 1648 — 26 de Março de 1657) e Governador geral da Bahia (20 de Junho de 1657 — 24 de Junho de 1663).

N.° 1244

——— Em corpo, de tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma sobreveste lançada por cima do hombro esquerdo, de habito de Christo pendente, tendo um punhal á cinta e segurando com a mão esquerda os copos da espada. « FRANCISCO BARRETTO. »

Impresso na pag 316 do II da *Asia Portugueza*.

Na pag. 85 do III da mesma obra, encontra-se de novo esta figura com lettra differente : « MATHIAS DE ALBVQVERQVE. » Uma d'essas estampas occorre, sob n.° 113, á fl. 105 d'este volume de retratos.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 64, n.° 74.

N.° 1245

BRAGANÇA (Dom Constantino de).

De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de S. Thiago pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a outra o punho da espada. No fundo, uma cortina arregaçada, deixando vêr, á esquerda, no segundo plano, uma fortaleza á beira d'agua. «D. COSTANTINO (*sic*) DE BRAGANÇA VII. VISOREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 65, n.° 75.

N.° 1246

——— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda ; dentro de uma moldura oval tendo por baixo o brazão do retratado e ao lado dois ramos de loureiro. Em cima : o numero «*1*», um pouco para a esquerda ; «*Tom. IV. page 200.*», á direita. Por baixo do retrato a vista *à vol d'oiseau* de Damão, com o numero « *2* » no meio. Na margem inferior : « *1. Don Constantin de Bragance. 2. la Ville de Daman.*»

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 66, n.° 76.

N.° 1247

—— De tres quartos para a esquerda, tendo na cabeça um chapéo baixo, de plumas, com o habito de S. Thiago pendente, segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. CONSTATINO (*sic*) DE BRA- | GANÇA». A moldura é impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

SETIMO VICEREY, E VIGESSIMO
GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 14 de Junho da 1575.

Fl. 67, n.° 77.

N.° 1248

——— Em corpo, quasi de frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito da Ordem de S. Thiago pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. « DON COSTANTINO.»

Impresso na pag. 378 da *Asia Portugueza*.

Na pag. 67 do III da mesma *Asia Portugueza* occorre de novo esta figura, com lettra differente: «MANVEL DE SOVSA COVTINO.» A fl. 102 d'este volume de retratos, sob n.° 112, existe uma d'essas estampas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 68, n.° 78.

N.° 1249

REDONDO (Dom Francisco Coutinho, III Conde de).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e tendo na mão direita um pequeno bastão. No segundo plano, á direita, muitos navios no mar. « D. FRANCISCO COUTINHO CONDE DE REDONDO VIII. VICEREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 69, n.° 79.

N.° 1250

—— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, de habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. FRANCISCO COUTINHO.» A moldura é impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

OITAVO VICÊREY, E VIGESSIMO
PRIMEIRO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 28 de Fevereiro de 1564.

Fl. 70, n.° 80.

N.° 1251

—— Em corpo, de tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. FRANCISCO COVTIÑO.»

Impresso na pag. 390 do II da *Asia Portugueza*.

Na pag. 199 do III da mesma *Asia Port.*, foi de novo impressa esta figura com lettra differente: «RVY LORENÇO (*sic*) DE TAVORA.» A' fl. 87 d'este volume de retratos occorre, sob n. 97, uma dessas estampas.

Innocencio, *Dicc. Bibliog*, V, pag. 417, não menciona este duplicado.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 71, n.° 81.

N.° 1252

MENDOÇA (Dom João de).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, e segurando com a mão direita um pequeno bastão. «D. JOAÕ DE MENDOÇA XXII. GOVERNADOR DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 72, n. 82.

N.º 1253

—— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «JOAÕ DE MENDOÇA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO SEGUNDO GOVERNADOR
DA INDIA.

Fl. 73, n.º 83.

N.º 1254

NORONHA (Dom Antão de).

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e tendo na mão direita um pequeno bastão. «D. ANTÃO DE NORONHA IX. VISOREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 74, n.º 84.

N.º 1255

—— Em corpo, de tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e segurando com a mão esquerda o punho da espada. «DON ANTON DE NORONA.»

Impresso na pag. 460 do II da *Asia Portugueza*.

A pag. 369 do III da mesma *Asia Port.* acha-se repetida esta figura, com a seguinte lettra: «DON AFONSO DE NOROÑA.» Este Dom Affonso de Noronha não é o 5.º Vice-Rei da India, cujos retratos estão aqui descriptos sob n.os 1236-1238 e sim outro, que M. de Faria e Souza considera 24.º Vice-Rei e 45.º Governador da India, por ter sido nomeado para o cargo, ainda que nunca o tivesse exercido. A' fl. 122 d'este volume de retratos occorre, sob n.º 132, uma d'essas estampas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 75, n.º 85.

N.º 1256

—— Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a esquerda, de chapéo baixo, de plumas, na cabeça, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. « D. ANTAÕ DE NORONHA. » A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

NONO VICEREY, E VIGESSIMO
TERCEIRO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo no anno de 1569.

Fl. 76 n.º 86.

N.º 1257

ATHAIDE (Dom Luiz de), III Conde de Athouguia.

Com o corpo de tres quartos para a direita e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, olhando para a frente, tendo um chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma sobreveste lançada por cima do hombro esquerdo, e segurando com a mão direita um bastão. No fundo uma paisagem com vista de mar, muitos navios e uma ilha fortificada. «D. LUIZ DE ATTAIDE X. VICEREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 77, n.º 87.

N.º 1258

—— A meio corpo, de tres quartos para a esquerda e com o rosto um pouco voltado para o outro lado; dentro de uma moldura oval tendo aos lados duas figuras: a da esquerda, com uma espada na mão direita e um rosario na outra; a da direita, com uma espada na mão esquerda. Em cima: « *Don Louis* », á esquerda; « *D' Ataïde* », á direita. Por baixo do retrato, tres cidades vistas *à vol d'oiseau*, com os respectivos nomes na margem inferior: « *Mangalor* »; « *Onor* »; e « *Bracalor* ».

Da Serie XXXIV.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 78, n.º 88.

N.° 1259

—— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, com um bastão na mão direita e segurando com a esquerda o punho da espada. « D. LUIZ DE ATAIDE. » A moldura é impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

DECIMO VICEREY, E VIGESSIMO
QUARTO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 10 de Março de 1581.

Fl. 79, n.° 89.

N.° 1260

—— Em corpo, de frente, mas com o rosto um pouco voltado para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura e habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. « DON LVIS DE ATAIDE. »

Impressa na pag. 356 do II da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 80, n.° 90.

N.° 1261

NORONHA (Dom Antonio de).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, e tendo um pequeno bastão na mão direita. No 2.° plano, á esquerda, uma fortaleza á beira mar, em um promontorio. «D. ANTONIO DE NORONHA XI. VISOREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 81, n.° 91.

N.º 1262

—— Com o corpo de frente e o rosto quasi de perfil para a direita, de cabeça coberta com um chapéo baixo, de plumas, de habito de Christo pendente, e segurando com a mão esquerda o punho da espada. « D. ANTONIO DE NORONHA. » A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 93.

(*Epigramma*)

UNDECIMO VICEREY, E VIGESSIMO
QUINTO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 82, n.º 92.

N.º 1263

—— Em corpo, de frente, tendo o rosto um pouco voltado para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura e collar ao pescoço, segurando com a mão esquerda o punho da espada e com a direita levantada um pequeno bastão. « DON ANTONIO DE NOROÑA. »

Impresso na pag. 580 do II da *Asia Portugueza*.

A' pag. 144 do III da mesma obra encontra-se de novo esta figura, com lettra differente: « DON FRANCISCO DE GAMA. » * Innocencio, *Dicc. bibl.*, V, pag. 417, não menciona esse duplicado de que possuimos um exemplar, sob n.º 118, à fl. 108 d'este volume de retratos.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 93.

Fl. 83, n.º 93.

N.º 1264

BARRETTO (Antonio Moniz).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma capa por cima da armadura, tendo o habito de Christo pendente, e segurando um pequeno bastão com a mão

---

* De Dom Francisco da Gama, IV Conde da Vidigueira, que foi por duas vezes Vice-Rei da India, ha no III vol. da *Asia Portugueza* dois retratos dissemelhantes; um, o acima descripto, occorre em seguida ao ultimo capitulo da historia do seu 1.º governo (1597 - 1600), á pag. 144; o outro, n.º 1295 deste Catalogo, vem impresso á pag. 405, no fim do capitulo em que acaba a historia do seu 2.º governo (1622 - 1627).

direita meio levantada. No fundo, á esquerda, uma fortaleza á beira-mar. « ANTONIO MONIZ BARRETO XXVI. GOVERNADOR DA INDIA. »

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 84, n.º 94.

N.º 1265

——— Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, vestido de armadura, tendo por cima um manto, com o habito de Christo pendente, segurando o punho da espada com a mão esquerda e pousando a direita no quadril do mesmo lado. «ANTONIO MONIS BARETTO.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO SEXTO GOVERNADOR
DA INDIA

Fl. 85, n.º 95.

N.º 1266

——— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e segurando o punho da espada com a mão esquerda. «ANTONIO MONIZ BARRETO.»

Impresso na pag. 595 do II da *Asia Portugueza.*

A' pag. 168 do III da mesma obra, encontra-se de novo esta figura com letra differente: «MARTIN AFONSO DE CASTRO.» Innocencio, *Dicc. bibl.*, V, pag. 417, não cita este duplicado. A fl. 112 d'este volume de retratos, sob n.º 122, existe uma d'essas estampas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 86, n.º 96.

Sem n.º

TAVORA (Dom Ruy Lourenço de).

Vide a descripção da estampa n.º 1251 d'este Catalogo.

Fl. 87, n.º 97.

N.º 1267

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, de habito de Christo pendente, tendo a mão esquerda no cinto e segurando com a direita um pequeno bastão. «RUY LOURENÇO DE TAVORA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VICEREY DUODECIMO, E VIGESSIMO
SETIMO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 88, n.º 98.

N.º 1268

MENEZES (Dom Diogo de).

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, vestido de armadura, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. DIOGO DE MENEZES.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO OITAVO GOVERNADOR
DA INDIA.

Morreo a 2 de Agosto de 1580.

Fl. 89, n.º 99.

N.º 1269

——— Em corpo, de tres quartos para a direita, tendo um chapéo baixo, de plumas, na cabeça, uma sobreveste lançada sobre o hombro esquerdo e costas, segurando com a mão esquerda o punho da espada e com a direita levantada um pequeno bastão. «DON DIEGO DE MENESES.»

Impresso na pag. 625 do II da *Asia Portugueza*.

A' pag. 158 do III da mesma obra foi novamente impressa esta figura, com lettra differente: «AYRES DE SALDAÑA.» Innocencio, *Dicc. bibl.*, V, pag. 417, não faz menção d'este duplicado. A' fl. 110 d'este volume de retratos occorre, sob n.º 120, uma d'essas estampas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VI, pag. 94.

Fl. 90, n.º 100.

N.º 1270

MENEZES (Fernando Telles de).

De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, de habito de Christo pendente, e segurando um pequeno bastão com a mão direita. No 2.º plano, á esquerda, duas fortalezas sobre promontorios, á beira d'agua. «FRANCISCO (*sic*) TELLES DE MENEZES XXX. GOVERNADOR DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 91, n.º 101.

N.º 1271

—— De tres quartos para a esquerda, com uma gorra de plumas na cabeça, vestido de armadura, tendo por cima do hombro esquerdo uma capa ornada com a cruz da Ordem de Christo, e segurando com a mão direita o habito da mesma Ordem pendente do pescoço. «FERNANDO TELLEZ DE ME-|NEZES.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

TRIGESSIMO GOVERNADOR DA INDIA

Morreo a 26 de Novembro de 1605.

Fl. 92, n.º 102.

N.º 1272

—— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com uma gorra de plumas na cabeça, sobreveste ornada com a insignia da Ordem de Christo e lançada sobre o hombro esquerdo, e segurando com a mão direita o habito da mesma Ordem, que traz pendente do pescoço. «FERNANDO TELLEZ.»

Impresso na pag. 649 do II da *Asia Portugueza*.

Na pag. 58 do III da mesma *Asia Port.* foi de novo impressa esta figura, com lettra differente: «DON DVARTE DE MENESES.» A' fl. 99 d'este volume de retratos occorre, sob n.º 109, uma d'essas estampas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 93, n.º 103.

N.° 1273

SANTA CRUZ (Dom Francisco Mascarenhas, I Conde de).

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, capa por cima da armadura, segurando com a mão direita a insignia da ordem de Christo, que traz pendente do pescoço. No fundo uma paisagem com uma fortaleza á direita, e vista de mar á esquerda. «D. FRANCISCO MASCARENHAS CONDE DE S.^{TA} CRUZ XIV. VISOREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 94, n.° 104.

N.° 1274

——— De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, de habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. FRANCISCO MASCARENHAS». A moldura é impressa com a prancha n.° 2.°

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO QUARTO VICEREY, E TRIGESSIMO I.°
GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 4 de Setembro de 1607

Fl. 95, n.° 105.

N.° 1275

——— Em corpo, de frente, mas com o rosto de tres quartos para a esquerda, tendo na cabeça um chapéo baixo, de plumas, uma sobreveste lançada por cima do hombro esquerdo e costas, ao pescoço o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. «DON FRANCISCO MASCAREÑAS.»

Impresso na pag. 21 do III da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 96, n.° 106.

N.° 1276

MENEZES (Dom Duarte de).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, capa por cima da armadura, de habito de Christo pendente, com a mão direita ao peito, e segurando com a esquerda o punho da espada. «D. DUARTE DE MENEZES XV. VISOREY DA INDIA.»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 97, n.° 107.

N.° 1277

——— Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a esquerda, de gorra na cabeça, segurando um pequeno bastão com a mão direita levantada á altura do peito, e com o indicador da outra mão apontando para a esquerda. « D. DUARTE DE MENEZES. » A moldura foi impressa com a prancha n.° 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO QUINTO VIÇEREY, E TRIGESSIMO
SEGUNDO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 98, n.° 108.

Sem n.°

——— Vide a descripção da estampa n.° 1272 d'este Catalogo.

Fl. 99, n.° 109.

N.° 1278

SOUZA COUTINHO (Manuel de).

De tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, tendo pendente do pescoço o habito de S. Thiago, e segurando com a mão direita levantada um pequeno bastão. No fundo, á direita, vista de mar encapellado, com um navio. « MANOEL DE SOUZA COUTINHO XXXIII. GOVERNADOR DA INDIA. »

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 100, n.° 110.

N.º 1279

——— De tres quartos para a direita, com uma gorra de plumas na cabeça e o habito de S. Thiago pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. « MANOEL DE SOUSA COUTINHO ». A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

TRIGESSIMO TERCEIRO GOVERNADOR
DA INDIA.

Morreo em 1588.

Fl. 101, n.º 111.

Sem n.º

——— Vide a descripção da estampa n.º 1248 d'este Catalogo..

Fl. 102, n.º 112.

N.º 1280

ALBUQUERQUE (Mathias de), Conde de Alegrete.

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste lançada por cima do hombro esquerdo, tendo o habito de Christo pendente, e segurando com a mão direita um pequeno bastão. No fundo, á direita, uma fortaleza e, mais ao longe, vista de mar com navios. « MATHIAS DE ALBUQUERQUE XVI. VICEREY DA INDIA. »

N.º 17637 do C. E. H.

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 103, n.º 113.

N.º 1281

——— De tres quartos para a direita, com um chapéo de abas levantadas na cabeça e o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. « MATHIAS DE ALBUQUERQUE ». A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO SEXTO VICEREY E TRIGESSIMO
QUARTO GOVERNADOR DA INDIA

Fl. 104, n.º 114.

Sem n.º

——— Vide a descripção da estampa n.º 1244 d'este Catalogo

Fl. 105, n.º 115.

N.º 1282

VIDIGUEIRA (Dom Francisco da Gama, IV Conde da).

De tres quartos para a direita, olhando para a frente, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça, sobreveste por cima da armadura, uma chave á cintura, tendo o habito de Christo pendente e segurando com a mão direita um pequeno bastão. «D. FRANCISCO DA GAMA CONDE DA VIDIGUEYRA XVII. VISOREY DA IND.ª»

Da Serie XXXII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 106, n.º 116.

N.º 1283

——— De tres quartos para a direita, com uma gorra de plumas na cabeça e o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um pequeno bastão. «D. FRANCISCO DA GAMA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO SETIMO VICEREY E TRIGESSIMO
QUINTO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 30 *de Mayo de* 1640

Fl. 107, n.º 117.

Sem n.º

——— Vide a descripção da estampa n.º 1263 d'este Catalogo.

Fl. 108, n.º 118.

N.º 1284

Saldanha (Ayres de).

De tres quartos para a direita, com chapéo baixo na cabeça, segurando com a mão esquerda o punho da espada e com a direita levantada um pequeno bastão. «AYRES DE SALDANHA.» Moldura impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO OITAVO VICEREY E TRIGESSIMO
SEXTO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 109, n.º 119.

Sem n.º

—— Vide a descripção da estampa n.º 1269 d'este Catalogo.

Fl. 110, n.º 120.

N.º 1285

CASTRO (Martim Affonso de).

De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça e o habito de Christo pendente, segurando com a mão esquerda o punho da espada. «MARTIM AFFONSO DE CASTRO». A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

DECIMO NONO VICEREY E TRIGESSIMO
SETIMO GOVERNADOR DA INDIA

Morreo a 3 de Junho de 1607

Fl. 111, n.º 121.

Sem n.º

—— Vide a descripção da estampa n.º 1266 d'este Catalogo.

Fl. 112, n.º 122.

1286

FORJAZ (João Pereira), ou segundo Souza, *Hist. geneal.*, João Forjaz Pereira, V Conde da Feira.

De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de abas levantadas, na cabeça, segurando com a mão esquerda o punho da espada, e com a direita levantada um pequeno bastão. «JOAÕ PEREIRA FORJAZ.» Moldura impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO VICEREY, E TRIGESIMO NONO
GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo em 15 *de Mayo de* 1608.

Fl. 113, n.º 123.

1287

MENDOÇA (André Furtado de).

De tres quartos para a direita, vestido de armadura, com a cabeça descoberta, tendo o habito de Christo pendente do pescoço e segurando com a mão direita um bastão. A' esquerda do retratado um elmo sobre uma mesa. «ANDRE' FURTADO DE | MENDOÇA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

QUADRAGESSIMO GOVERNADOR
DA INDIA

Morreo a 15 de Abril de 1610.

Fl. 114, n.º 124.

1288

——— Em corpo, de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente,

com um pequeno bastão na mão direita, e pousando a esquerda em um elmo posto em cima de uma mesa á direita. « ANDRES FVRTADO DE MENDOC,A. (*sic*) »

Impresso na pag. 160 (*sic*, aliás 190) do III da Asia Portugueza.

A estampa está cortada pela beira do desenho, como todas as d'esta Serie, e além d'isto mutilada para supprimir o elmo e a mesa.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 115, n.º 125.

1289

AZEVEDO (Dom Jeronymo de).

Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a direita, vestido de armadura, com a cabeça descoberta, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. A' esquerda do retratado vê-se um elmo sobre uma mesa. « D. JERONYMO DE AZEVEDO. » A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO SEGUNDO VICEREY,
E QUADRAGESSIMO SEGUNDO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 9 de Março de 1625.

Fl. 116, n.º 126.

1290

—— Em corpo, de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. A' direita vê-se um chapéo de plumas posto em cima de uma mesa. « DON GERONIMO DE AZEVEDO. »

Impresso na pag. 324 do III da *Asia Portugueza*.

Na pag. 452 do mesmo volume occorre de novo esta figura, com lettra differente: « NUÑO ALVAREZ BOTELLO. » A fl. 126 d'este volume de retratos, sob n.º 136, existe uma d'essas estampas.

Os dois exemplares existentes nesta collecção, estão cortados pela beira do desenho e mutilados em parte para supprimir o chapéo e a mesa.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 117, n.º 127.

1291

COUTINHO (Dom João), V Conde de Redondo.

Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. «D. JOAÕ COUTINHO.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO TERCEIRO VICEREY,
E QUADRAGESSIMO TERCEIRO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 10 de Novembro de 1619.

Fl. 118, n.º 128.

1292

ALBUQUERQUE (Fernando de).

Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a esquerda, de chapéo de abas levantadas na cabeça, segurando um bastão com a mão direita e com a esquerda o punho da espada. «FERNANDO DE ALBUQUER- | QUE.» A moldura é impressa com aprancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

QUADRAGESSIMO QUARTO GOVERNADOR
DA INDIA

Fl. 119, n.º 129.

N.º 1293

—— Em corpo, de tres quartos para a esquerda, com chapéo desabado na cabeça, vestido de gibão com capa por cima, tendo na mão direita um bastão e segurando com a esquerda o punho da espada. «FERNANDO DE ALBVQVERQVE.»

Impresso na pag. 366 do III da *Asia Portugueza*.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 120, n.º 130.

N.º 1294

NORONHA (Dom Affonso de).

De tres quartos para a esquerda, com chapéo baixo, de plumas, na cabeça e o habito de Christo pendente, segurando com a mão esquerda o punho da espada. «D. AFFONSO DE NORONHA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO QUARTO VICEREY, E
QUADRAGESSIMO QUINTO GOVERNADOR DA INDIA.

Fl. 121, n.º 131.

Sem n.º

—— Vide a descripção da estampa n.º 1255 d'este Catalogo.

Fl. 122, n.º 132.

N.º 1295

GAMA (Dom Francisco da), VI Conde da Vidigueira.

Em corpo, de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura, tendo ao pescoço o habito de Christo pendente e uma chave ao cinto, trazendo esporas nas botas e segurando com a mão direita um pequeno bastão. A' direita um elmo posto em cima de uma mesa. «DON FRANCISCO DE GAMA.»

Impresso na pag. 405 do III da *Asia Portugueza* (Vide o n.º 1263 d'este Catalogo.) Estampa cortada pela beira do desenho, como todas as d'esta Serie, e além d'isto mutilada para supprimir o elmo, a mesa e as esporas.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 123, n.º 133.

N.º 1296

MASCARENHAS (Dom Francisco).

De tres quartos para a esquerda, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, segurando um bastão com a mão direita e o punho da espada com a esquerda. «D. FRANCISCO MASCARENHAS.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO SEXTO VICEREY, E QUADRAGESSIMO OITAVO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo no anno de 1628.

Fl. 124, n.º 134.

N.º 1297

BOTELHO (Nuno Alvares).

Com o corpo de frente e o rosto de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura, segurando com a mão direita um bastão e com a esquerda o punho da espada. A' esquerda do retratado vê-se um elmo sobre um movel. «NUNO ALVARES BOTELHO.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

QUADRAGESSIMO NONO GOVERNADOR DA INDIA

Morreo a 5 de Mayo de 1630.

Fl. 125, n.º 135.

Sem n.º

—— Vide a descripção da estampa n.º 1290 d'este Catalogo.

Fl. 126, n.º 136.

N.º 1298

NORONHA (Dom Miguel de), IV Conde de Linhares.

De tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, e segurando com a mão direita um bastão. « D. MIGUEL DE NORONHA. » A moldura foi impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 94.

(*Epigramma*)

VIGESSIMO SETIMO VICEREY,
E QUINQUAGESSIMO GOVERNADOR DA INDIA.

Morreo a 20 de Fevereiro de 1648

Fl. 127, n.º 137.

N.º 1299

——— Em corpo, de tres quartos para a direita, com a cabeça descoberta, vestido de armadura, tendo ao pescoço o habito de Aviz pendente e uma chave ao cinto, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda o punho da espada. A' direita um elmo posto em cima de uma mesa. «DON MIGVEL DE NOROXA.»

Impresso na pag. 500 do III da *Asia Portugueza*.

A estampa está cortada pela beira do desenho, como todas as d'esta Serie, e além d'isto mutilada em parte para supprimir o elmo e a mesa.

Da Serie XXXIII.

Innocencio, VII, pag. 94.

Fl. 128, n.º 138.

N.º 1300

SILVA (Pedro da).

Quasi de frente, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, com a cabeça descoberta, segurando com a mão direita um pequeno bastão e com a esquerda uma gorra de plumas. «PEDRO DA SYLVA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 1.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 95.

(*Epigramma*)

VICESSIMO OITAVO VICEREY, E
QUINQUAGESSIMO PRIMEIRO GOVERNADOR DA INDIA

Morreo a 24 de Junho de 1630

Fl. 129, n.º 139.

N.º 1301

SILVA (Antonio Telles da).

Quasi de frente, com a cabeça descoberta, vestido de armadura tendo por cima o habito de Christo pendente, e segurando com a mão direita um bastão. «ANTONIO TELLEZ DA SYLVA.» A moldura é impressa com a prancha n.º 2.

Da Serie XXXI.

Innocencio, VII, pag. 95.

(*Epigramma*)

QVINQUAGESSIMO SEGUNDO
GOVERNADOR DA INDIA

Fl. 130, n.º 140.

N.º 1302

BRITTO (Manoel José Soares de).

De meio corpo, um tanto voltado para a direita, tendo o rosto de tres quartos para o lado opposto, com grande cabelleira e as insignias da Ordem de Christo (manto e habito pendente), e segurando na mão direita um livro fechado; dentro de uma moldura oval sobre um sócco, com o brazão do retratado em ambos. Na moldura lê-se: «MANOEL IOZE SOARES DE BRITTO.»; em um cartucho sobre o sócco: «*Cavalleiro Pro-| fesso da Ordem de | Christo, Fidalgo da | Casa de S. Mag.*ᵈᵉ»; e na margem inferior: — *Carpinetti f. 7.*, á esquerda; *Lx.ª 1761.*, á direita.

Sem margens. Occorre a estampa na obra: «O cavalheiro Christão. Dialogo sobre a vida, virtudes, e acções do Senhor Manoel Jozé Soares de Brito. Cavalleiro Professo na Ordem de Christo. *Lisboa, Officina de Pedro Ferreira*, 1761.» In-8.º (B. N.)

Innocencio, II, pag. 64, sob n.º 229; e VII, pags. 95 e 128.

Fl. 131, n.º 141.

N.º 1303

SOBRAL (Joaquim Ignacio da Cruz).

Em busto, com o corpo de tres quartos para a esquerda e o rosto um pouco voltado para o lado opposto, olhando para a frente, com grandes bacalhaus de renda e o habito de Christo pendente; dentro de uma moldura oval sobre um sócco. Na moldura: «JOAQUIM IGNACIO DA CRUZ SOBRAL DO CONCELHO DE S. MAG.^DE F.^A»; no sócco: o brazão do retratado, com o mote «NOMEN HONORQUE MEIS.»; na margem inferior: 1.º, «P. C. V. VOVET.», no meio; 2.º, «*I. Em. Rocha pinx.*», á esquerda; e «*Carp* (*inetti*). *sculp.*», á direita. S. d. (?)

Com a margem inferior em parte mutilada e as outras inteiramente cortadas.

Fl. 131, n.º 141.

CORRIGENDA

No tomo do *Catalogo dos retratos colligidos por Diogo Barbosa Machado* publicado em 1897 no vol. XVIII dos *Annaes*, em vez de Tomo IV leia-se na folha de titulo a duas côres: Tomo II.

No tomo do mesmo *Catalogo* sahido á luz em 1895 no vol. XVII dos *Annaes*, substitua-se a folha de titulo a duas côres pela que hoje damos á estampa em seguimento a esta.

RETRATOS

DE

VAROENS PORTUGUEZES

INSIGNES

EM

VIRTUDES, E DIGNIDADES,

ORNADOS COM ELOGIOS POETICOS,

E

COLLEGIDOS

POR

DIOGO BARBOSA MACHADO,

Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e
Academico Real.

TOMO I.

(Brazão do Reino de Portugal, gravado por A. Gramignani)

NOTICIAS HISTORICAS E MILITARES

RELATIVAS

á guerra hollandeza, ataques dos Francezes ao Rio de Janeiro
e outros assumptos de importancia para o Brazil

1630 — 1757

Reimpressão de 12 opusculos raros
e de um manuscripto existentes na Collecção Barbosa Machado

A. B. N.

RELAÇAM | VERDADEIRA | E BREVE DA TOMADA DA | VILLA DE OLINDA, E LVGAR DO RECIFE NA COSTA | do Brazil pellos rebeldes de Olanda, tirada de huma carta que escreueo | hum Religioso de muyta authoridade, & que foy testemunha de vista | de quasi todo o socedido: & assi o affirma, & jura; & do mais | que depois disso socedeo tè os dezoito de Abril | deste prezente, & fatal anno de 1630. |

Em noue de Feuereiro chegou à villa de Olinda auiso do Gouernador do Cabo Verde Ioam Pereira Corte Real, como pera tomar aquella Capitania era chegada à Ilha de Sam Vicente hũa armada Olandeza de 67. naos, & que ainda se esperaua por mais, té fazerem numero de 80. O General da armada se chamaua Henriques Cornelles Lont, que auia dous annos fora Almirante da que tomou a frota de Indias com tanta afronta, & perda desta Monarchia. A nao Capitayna passaua de 800. toneladas, jugaua 58. peças de artelharia, 40. dellas de bronze, as demais de bom ferro; trinta naos das de mayor porte leuauam a trinta, & sinco, & a 40. peças cada hũa, o terço de bronze, & as demais do mesmo ferro. Vinte & quatro naos de menos toneladas leuauam a 24. & a 30. peças, & sempre o terço de bronze. As doze, que enchiam o numero de 67. eram pataxos ligeiros, & todos em sua quantidade tambem artelhados como as naos mayores, & com a mesma qualidade de peças terçadas de bronze.

Tinha mais a armada 16. lanchas, que cada huma remaua dez remos por banda, & era capaz de sesenta homens de guerra com dous pedreiros, & huma peça de colher, & com hũa inuençam de vellas tam faceis de marearse, que o mesmo leme lançado a huma, & outra banda as mareaua sem outra mam de marinheiro. Trazia esta armada muytos petrechos, & inuenções de guerra, & entre outras hum genero de peças ligeirissimas, porque sam feitas de dous couros de boy, hum delles cortido, & outro cru, as quais atirão dez, & doze tiros sem se queimarem, & lançam bala de dez, & mais libras, & fazem o mesmo effeito, que se foram de bronze. Tambem trazia outro genero de peças, que nam pesam mais que 250. arrateis cada hũa; estam forradas por fora de huma chapa de cobre, & outra tem por dentro, & o meyo he de chumbo,

ou estanho, & tudo com tal arteficio, que com sós onze onças de poluora tiram tres libras de bala. Trazia mais setenta peças de campanha com suas coronhas, & com hum engenho facilissimo pera as caualgar, & plantar a onde quiserem.

Chegada, como digo, a noua desta armada, & de seu desenho a villa de Olinda, logo Mathias de Albuquerque superintendente na guerra daquella Capitania, & Visitador de todas as daquelle estado ordenou em toda a parte as cousas, como o caso requeria, Prouendo os fortes de gente de guarniçam, & do mais que era necessario pera a guerra; & pera o mesmo effeito fez almazens nos lugares mais conuenientes, & pos tudo na melhor forma que podia ser, & como demandaua a noua certa de huma tam poderosa armada, & de inimigos tam exercitados & victoriosos.

Ordenadas as cousas, & auizados os Capitães do que passaua, & todos animados, ao que mostrauam pera pelejarem com o inimigo; aos quatro dias do dito mez começou de apparecer a sua armada, & logo com tal vista Mathias de Albuquerque pos a gente em ordem, prouendo de armas aos que as nam tinham, & auisando aos superiores das Religioens que mandassem vir os Indios das Aldeas, que estauam á sua conta. Tornou a visitar os dous fortes, que á terra tem, & os deixou prouidos ainda de mais munições, bastimentos, & de gente escolhida; a mesma diligencia fez com os Capitães da gente de pé, & de caualo, repartindo por elles as estancias segundo a emportancia dellas.

Ao dia seguinte pella manhã veyo a armada do inimigo arrazada em popa demandar a barra de Pernambuco, dezaseis velas somente se fizeram na volta do Rio tapado. Acodio logo Mathias de Albuquerque acompanhado de algũa gente aos dous fortes assi da terra como do mar, animando aos que estauam dentro pera a escaramuça que sem duuiva começeria logo, & prouendoos ainda de mais gente da que tinham, parecendo que a que estaua era mais que bastante; & o mesmo cuidado, & prouidencia sobeja mostrou em os prouer de tudo o mais, que pera o conflicto se podia desejar. Daqui se foy a impedir o desembarcadouro ás dezaseis velas que com muytas lanchas se fizeram na volta do Rio tapado, pera lançarem gente em terra; o que nam teue effeito, porque os nossos lho empediram sò com apparecer naquella paragem. Ia neste tempo as naos mais grossas de toda a armada estauam ás bombardadas com os nossos fortes com pretençam, segundo mostrauam, de quererem entrar pela barra, ou algumas outras de menos toneladas á sombra das mayores.

Vendo o Capitam Geral Mathias de Albuquerque a furia da bataria, entregando a gente de caualo a Andre Dias da Franca (cujo valor he tam conhecido nas partes de Africa, & em todo este Reyno, & a cuja conta auia estado toda aquella Capitania) se foy por entre as balas, que chouiam da artelharia dos inimigos, meter dentro do forte, que chamam do Recife, a onde todo o tempo, ꝗ esteue, fez nam sò officio de General, mas de hũ soldado particular, & ainda de artelheiro, enchendo com suas proprias mãos os cartuxos de poluora, & ajudando a bornear as peças, com que se fazia muyto

dano aos inimigos. Durou este jogo sete horas continuas sem afrouxar, & estando na força delle chegou auiso ao General, como o inimigo hia lançar gente em hum porto, que chamam Pao amarelo, distante de Pernambuco duas pera tres legoas, & por essa causa o poderão fazer a seu saluo, porque a nossa gente que hia a lhe impedir o desembarcar, nam chegou a tempo ; no qual o General estaua occupado em cegar a barra de Pernambuco, o que fez mandando meter no fundo oito nauios, dos que nella estauam.

Acabada esta diligencia, & estando o Recife fortalecido, conforme às forças, & possibilidades, com que se achou, se veyo pera a terra a por em ordem as cousas pertencentes a guerra, que os inimigos por ella lhe auiam tambem de fazer, & que já vinham do Pao amarelo marchando com grande ordem, diuididos em quatro esquadroens, leuando diante algũas peças de campanha, fazendo vulto de quatro mil hohomens com trinta & seis bandeiras, que claramente se distinguiam, & nesta forma os achou a nossa gente da banda do Rio doce, a tiro ja de mosquete, de cujas balas nam tinham com que se reparar, & muyto menos das lanchas que pello mar vinham com algũas peças, guardando as costas da sua gente, & dando caça à nossa, que chegaria a numero de quinhentos homens, entre os de pé & de cauallo. Em posto tam arriscado, & partido tam desigual, pareceo bem que os nossos se retirassem, o que fizeram depois de algũas refegas, em que de ambas as partes ouue mortos, & feridos, & sendo o General sempre o primeiro nellas, que nam pode pegar seu animo senam a poucos ; com os quais foram tomar o passo do Rio tapado, aonde poderam os nossos fazer muyto mal ao inimigo, se tiueram perdido o medo aos pelouros, que sobre elles chouiam ; porem o medo hia de cada vez crecendo, & a gente deminuindose, & pareceres variandose : posto que a voz commua era que se retirassem de todo às trincheiras da Villa de Olinda pera a defenderem, porque os inimigos vinham seguindo a victoria com grande impetu.

Mas não foy bastante o serem tantos milhares, & o virem victoriosos, & os nossos já pouquissimos, & retirados, pera os nam rebaterem por tres vezes, que cometeram a trincheira que estaua pegada ao reducto do presidio junto do Conuento de Sam Francisco, a qual os nossos defenderam por espaço de duas horas com grande valor à sombra do seu General Mathias de Albuquerque, que a todos os assaltos se achou presente, & correndo a huma, & outra parte, como destro, & valeroso Capitam. Achando o inimigo naquella paragem tamanha resistencia desesperado de poder ganhar a trincheira, & escandalizado tambem de huma peça que della se desparou, & fez voar alguns pellos ares, & de outros muytos que lhe auiam mortos desaferrou daquelle posto, & guiado por quem sabia a terra foy marchando por entre as cercas dos Padres de Sam Francisco, & da Companhia de IESV, pera por alli entrarem na Villa. O Capitam Saluador de Azeuedo com huns poucos de soldados, com que se achou lhe quis impedir a passagem, mas como os inimigos eram muytos, & a Villa aberta, & estendida, montou pouco o valor, & deliberaçam de tam

poucos; começaram a entrar sem resistencia de consideraçam. O q̃ sabendo o Capitam Andre Pereira Temudo, com rayua digna de muyta enueja, arremeteo às barbas, & as arrancou, & aborrecido da vida se foy acompanhado de sò doze homens, & saindo na rua da Misericordia ao encontro aos inimigos pelejou com elles à espada valerosissimamente tè cair morto, passado de muytas balas, com alguns de seus companheiros, que todos o fizeram como valerosos, & verdadeiros Portuguezes. Assi se foram senhoreando da Villa; quizera os ir enuestir o nosso Capitam General, mas reprouaram-lhe a determinaçam esses poucos, que com elle ainda estauam auendoo por sabida temeridade: & assi obrigado dos requerimentos que todos lhe fizeram, se retirou pera o Recife por entre nuuens de pelouros, que de mar, & terra chouiam sobre os nossos.

A gente de guarniçam que estaua naquella força, assi pera a defender, como pera acodir ao que fosse mais necessario (& pera tudo era o numero sufficiente porque passauam de sete centos homens) em sabendo que os Olandezes estauam ja senhores da Villa, desmayaram de sortes que nam ouue metelos a caminho, & cada hum nam trataua de mais, que de o buscar pera se sair do forte, & por se em saluo, tendo a vida por mais que arriscada dentro nelle; demaneira que por mais diligencia que se fez, & por mais vigia que se teue, a gente se foy saindo, & desemparando o forte. Vendo os nobres que acompanhauam ao General, como o Recife estaua despejado, & que nam era possiuel defendelo no estado em que estaua, contra hum poder tam grande, lhe requereram que se saisse, o que por fim fez com tençam de tornar a elle com alguma gente, que podesse ajuntar, & aquem a vergonha, & obrio Portuguez obrigasse a ir defender o forte de seu Rey. Mas primeiro que se saisse delle mandou meter no fundo, ou queimar os nauios, que estauam carregados, & pôr fogo a toda a fazenda que estaua fora delles, que era muyta, como açuquere, pao do Brasil, Tabaco, Algodam, &c. que com os nauios, que eram vinte & quatro, foy aualiada em dous milhoens, & a diligencia que se fez no meyo de tanta confuzam, & à vista de tam poderosos inimigos, aualiada por de grande Capitam, como se deixa bem ver.

No meyo deste incendio, que tambem abrazaua aos inimigos, por lhe escapar tam grande preza, se passou o nosso General com alguns poucos, (& tam poucos que não chegavam a vinte) pera a outra parte do Recife, com intento de ajuntar gente, com que o reforçasse; pera o que fez todas as diligencias possiueis, vsando dos meyos já rigorosos, já brandos; mas nenhuns foram bastantes pera ajuntar gente de consideraçam; estando pera isso posto em hum sitio, que distaua como hum tiro de mosquete de hum, & de outro forte, do da terra, que chamam, & do Recife. Ahi esteue esperando alguns dias que lhe acodisse a gente depois de perdido o medo; de alguma pouca proueo deste lugar os dous fortes, & de alguns bastimentos. Ordenou que se

saluassem dos Almazens todas as muniçoens, que podessem; & vendo Antonio Ribeiro de Lacerda ao General tam desemparado de gente, se lhe offereceo para ir buscar dozentos homens sostentados à sua custa, pera com elles ir defender o Recife: lanço digno de seu animo, & valor, & que teue muytos enuejosos, mas poucos, ou nenhuns imitadores. Foy de pouco effeito esta sua diligencia, porque quando voltou com a gente, que pode ajuntar, já achou rendido o forte da terra, posto que tinha custado bem aos inimigos. Porque numa quinta feira, vinte & sete de Feuereiro, vieram sobre elle alguns oitocentos Olandezes, & no quarto da madorra o saltearam com grande impetu; porem os de dentro o defenderam com tanto valor, que os obrigaram a se retirarem desconcertadamente, deixando com as escadas, armas, mosquetes, & pistolas trinta & tantos mortos, a fóra outros muitos feridos, que leuaram, & morreram dentro da Villa. E com durar o assalto hora y meya, & muy perfiado sò da nossa parte ficaram quatro mortos.

No vltimo de Feuereiro abalou o inimigo com todo o poder, q̃ tinha em terra, & começou a marchar da Villa por huma lingoa de terra, q̃ vay ter ao Recife cõ intento de bater o forte da terra: & dãdolhe, ou o medo, ou o descuydo dos nossos lugar pera plantarem a artelharia, começaram de o bater pella parte, que estaua mais fraco, por ser obra antigua, & pouco defensauel; & fizeramno com tanta ventura, que logo o primeiro tiro foy de grande effeito, & nos mataram dous artelheiros, com o que desconfiaram, os que estauam dentro, de o poderem defender; & com esta desconfiança sòs tres dias sostentaram o cerco, & aos dous de Março se aruorou no forte hũa bandeira branca, & a partido se renderam todos. Rendido este forte da terra, menos difficuldade ouue em se render o do mar, com grande sentimento do General, & desses poucos, que com elle estauam. Em tamanha desauentura não ficaua já outro remedio mais que retirarse de todo, & tratar de ajuntar a gente, que estaua metida pellos matos, & assentar Arrayal em algum lugar accommodado, & nam muy distante da Villa, donde podessem defender aos inimigos a entrada pella terra dentro, & fazer algumas saidas, com que lhe fizessem todo o mal que podessem. Assi o fez Mathias de Albuquerque com parecer dos que na materia podiam ter algum voto; & assentaram seu Arrayal tres quartos de legoa em hum sitio eminente à vista da Villa.

Estando as cousas neste estado chegaram de socorro ao inimigo dez, ou onze naos com perto de mil homens de peleja, destes quiseram vir algumas companhias prouar a mam com os nossos, que já estauam entrincheirados, & com seu Arrayal assentado; & posto que nas costas destes vieram outros a socorrelos, huns, & outros, que faziam numero de mil & quinhentos, se recolheram com morte de cento & trinta, & muytos feridos, como depois constou. Neste bom successo tiueram boa parte os Indios da terra, a que os inimigos tem cobrado notauel medo, porque andam tam encarniçados nelles, que sem

fazerem caso de seus mosquetes, & pistolas arremetem como huns Leoens desatados, & os matam; & pera testemunho de seu valor trazem as armas que tomaram aos inimigos ao Padre Manoel de Moraes religioso da Companhia de IESV, ao qual obedecem como a seu Capitam, com grande pontualidade em tudo quanto lhes manda. Tal graça deo Deos a este bom Padre, & tanto animo tem metido nos coraçoens daquelles Indios.

Nestas emboscadas, & assaltos, que os Indios com os nossos de mistura fazem, consiste gram parte do remedio de aquelle estado; acrescentase a isto, que da parte do Rio Capibaribe, por onde elles podiam nauegar, & meterse polla terra a buscar mantimento, està Antonio Ribeiro de Lacerda com sua gente pera lhe defender a passagem; per outra parte da terra, por onde tambem podiam cometer fazer alguma entrada, està Lourenço Caualcanti com gente resoluta: da parte do Collegio da Companhia, està Mathias de Albuquerque Maranham irmam do Capitam da Paraiba, que com alguma gente, & Indios veyo de socorro daquella Capitania, ao qual se agregou o ditto Padre Manoel de Moraes com os seus deliberados, & valentes Indios esperando sò o seu aceno.

Alguns dos nossos que os Olandezes catiuaram na tomada da terra, & depois largaram, dos quais foram quatro Religiosos, contaram, que os inimigos estauam descontentes, porque o saco lhes nam recompensara o gasto de dous Galeoens, tendo elles gastado nesta armada tres milhoens; & assim que estam muy desejosos de se amigarem com os nossos, pera contratarem & comercearem com elles, & ja pera esse effeito largaram os que tinham catiuos, & fizeram outras demonstraçoens.

Mas a vigilancia do Capitam gèral Mathias de Albuquerque a tudo tem atalhado, & experimenta ja outro animo muy differente nos homens da terra. A verdade he que gente que nam è exercitada na milicia, nem paga, como naquella Capitania a nam auia, & a que nam zoniram ainda os pelouros pellas orelhas, de ordinario perde o passo no primeiro encontro; particularmente quando elle he nascido de grande força, como este foy. A armada do inimigo Olandez era qual dissemos ao principio, & ainda mayor, porque depois se lhe foram ajuntando mais naos, & assi fazia numero de setenta & tantas vellas, com muyta artelharia, que tiraua ballas de vinte pera trinta libras: nella, fòra a gente do mar, que tambem era muy luzida, vinham mais de seis mil infantes, toda gente muy exercitada, interessada, & bem paga. Pera lhe resistir nem auia Cidade murada, nem gente disciplinada, nem fortes reais, aonde podessem aturar o cerco, & aguardar bataria dos canhões inimigos: & assi nam ha que por tamanha culpa aos moradores de Pernambuco: & a que ouue, elles estam apostados a purgala com o fauor do Ceo, & ja o começam afazer com varios assaltos, que dam aos inimigos, que se atreuem a desmandarse, & todos atè agora com feliz successo a Deos graças; os demais consideraçam foram os dous seguintes.

Aos vinte & seis de Março teue o nosso Capitam Geral auiso em como o dos Olandezes com o seu Sargento Mor auia de vir do Recife pera a Villa, logo auisou ao Capitam Lourenço Caualcanti, que posesse em ordem a sua gente, pera que com a mais, que lhe pareceo conueniente, dar hum assalto ao inimigo. Feita a emboscada, & posto tudo em boa forma, eis que vindo o ditto General ou Coronel com o seu Sargento mór, & com oitenta homens de guarda escolhidos, & muyto bem armados, arrebentam os nossos, & dam nelles com tanto valor, que logo ali ficaram no campo mortos 49. & outros se afogaram no mar, aonde se lançaram apertados dos nossos, & mal feridos: & assi se affirma, que o foy o Coronel, ao qual valeo o caualo em que vinha pera voltar fogindo pera donde viera, & com alguma pressa mais do que trouxera. Tambem se affirma que o Sargento Mòr sahio ferido. O certo he que os Olandezes, que escaparam com vida fogiram a mais correr, & os nossos voltaram muy victoriosos, & carregados de muytos & bons mosquetes, pistolas, & outras armas. As circunstancias deste successo se souberam de hum Olandes, que tomaram viuo. Delles a este tempo eram ja mortos seiscentos, & muytos feridos, & dos nossos trezentos, & tambem muytos feridos. E nas saidas, que tè agora tem feito, ficaram sempre os nossos com a victoria, matandolhe em todas ellas muyta gente, com ajuda dos Indios da terra que com estes bons successos, que Deos lhes dà tem cobrado notauel animo; o mesmo Senhor lho acrescente, & o tire aos inimigos, pois o sam de sua Fè Catholica.

Depois deste tam bom successo foy elle seruido de dar aos nossos ainda outro auantejado aos 18. do mes seguinte. Foy o caso, que sabendo Mathias de Albuquerque por suas espias, que em toda a parte tem postas, como no sitio em que està fundado o mosteiro de S. Antonio, que fica da outra parte do lugar do Recife, os Olandezes começauam de se fortificar fazendo pera isso grandes trincheiras em forma de duas meyas Luas; determinou de os ir desenquietar, & impedirlhe a fortificaçam, que era cousa bem arriscada, porque estaua ja em grande altura, & prouida de muyta & escolhida gente. Com tudo os nossos confiados no fauor do Ceo, & animados com o successo, que auiam tido em todos os assaltos, & saidas que tinham feito, se foram na madrugada do dia, que tenho dito, que foy 18. de Abril, & deram com tal coragem nos inimigos, que os desalojaram, & arrancaram do sitio com morte dos que quiseram resistir, que passaram muyto de cento, que logo ali ficaram no campo, & muytos mais mal feridos, que deixando as armas se acolheram aos fortes, & os nossos, que eram tres Companhias de Soldados Portuguezes com alguns Indios em companhia do seu Capitam o Padre Manoel de Moraes se recolheram com toda a ordem muy victoriosos, & carregados das armas dos Olandezes depois de desfazerem muyto a seu saluo a fortificaçam, que elles tinham fabricado.

A gloria de tudo seja dada a Deos Nosso Senhor que assi como foy seruido dar tanto animo aos seus, & nossos inimigos, pera castigo daquella

terra; agora mouido a compaixam por oraçoens de alguns justos tem por bem dar aos nossos, & àquelles pobres Indios tal brio cõtra inimigos tam poderosos, & tão victoriosos.

EM LISBOA. Com todas as licenças necessarias. Por Mathias | Rodrigues Anno 1630. | Taixão esta Relação em réis. |

NOTA

E' reimpressão do opusculo recolhido por Barbosa Machado, no volume de sua collecção intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado, Abbade da Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico da Academia Real. Comprehende do anno de 1576, até 1757 », sob n.º 6.

Vem mencionado por Figaniere, na sua excellente *Bibliographia Historica Portugueza;* não no corpo da obra, entre as Memorias e Escriptos relativos á America, porém no *Additamento* do fim, muito succintamente, com titulo incompleto, sem o numero das folhas, arrolada entre as obras cujos titulos elle extrahiu de varias fontes, sem poder comtudo afiançar a existencia de todas, por lhe terem sahido baldadas as diligencias para haver os exemplares, que procurava (V. o n.º 1.654, pp. 316). — Figaniere encontrou-a descripta na *Bibliographia Historico-Lusitana Fontesiana*, msc. in-4.º, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, com a numeração B $\frac{4}{46}$ (a ff. 99), — e ainda a ff. 151 v. do *Catalogo das Obras e Monumentos da Historia de Portugal e Castella, do anno de 1580 a 1668*, msc. in-4.º de sua propriedade.

Esta *Relaçam* acha-se rigorosamente descripta sob o n.º 1.568 do primoroso Catalogo da collecção Barbosa Machado, feito pelo illustrado e inolvidavel ex-Bibliothecario d'esta Bibliotheca Snr. Dr. Ramiz Galvão (V. *Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 273), — e ainda no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, por elle organisado, sob o n.º 10.651 (pp. 930-931). — Não é, porém, citada no *Diccionario bibliogr. port.* de Innocencio, nem ainda na *Bibliothèque Américaine* de Ternaux. — O Snr. Dr. Ramiz Galvão, certamente por inadvertencia, declara que a obra não vem indicada na *Bibl. Hist. Port.*

D'esta *Relaçam* possuimos 2.º exemplar, na mesma collecção Barbosa Machado, no volume que tem por titulo — « Noticia dos cercos heroicamente sustentados pelos Portuguezes Nas quatro partes do Mundo, collegida por Diogo Barbosa Machado.... Tomo V. Que comprehende o anno de 1625 athe 1735 », sob n.º 6. — Este 2.º exemplar vem resumidamente descripto no citado *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, sob. n.º 1.697 (*loco cit.*, pp. 400).

O opusculo é in-fol., de 3 ff. inn., sem fl. de rosto. — O tit. occorre no alto da 1.ª fl. — (J. P.)

(*)

RELACION | DE LA VITORIA QVE | ALCANZARON LAS ARMAS catolicas en la Baía de Todos Santos con- | tra Olandeses, que fueron a sitiar aquella Pla- | ça, en 14. de Iunio (1) de 1638. Siendo Go- | uernador del Estado del Brasil | Pedro de Silua. | Impressa con licencia del Real Consejo de | Castilla; y conferida y ajustada en el Su- | premo de Estado de Portugal. |

QVANDO confederados Franceses, y Olandeses, juntan todo su poder, vnem sus fuerças, concilian alianças de Hereges, de Turcos, de Moros; ciegos con su embidia, obstinados en su rebelion para oponerse a la grandeça incontrastable de España, para a vn tiempo mismo, y en distantes partes intentar proteruas inuasiones, prometiendo en multitud numerosa, en preuenciones anticipadas en negociaciones secretas, glorioso fin a sus designios, el VALOR ESPAÑOL SOLO *rinde, postra, sugeta, vence y triunfa del vanamente Emulo, del perfidamente Rebelde, tributando grato al Rey de los Reyes, al Señor de los Exercitos, votiuas preces, debidas alabanças, y inmortalizando reconocimiento grato, rinde humilde, postra tributario, consagra gustoso, corona Catolicos Templos con despojos de seis vitorias, quatro del Frances en Brem, Verceli, Sant Homer, y Fuente-Rabia, dos del Olandes en el Dique de Caloò, y en la Baia de Todos Santos en el Estado del Brasil. De quatro ha salido relacion, mas llena de verdad, que de arrogancia, la de Fuente-Rabia saldra presto, de la Baia la ofrece mi afecto.*

En siete de Março de 1638. llegó auiso al Gouernador Pedro de Silua, como el Olandes estaua en el rio de San Francisco haziendo carnes, harinas, y otros refrescos. El Gouernador como persona de auentajado valor, y de singular prudencia militar, infirio seria (como enefeto fue) con designios de querer ir sobre la Bahia de Todos-Sãtos (ciudad en que residẽ los Gouernadores de aquel riquissimo Estado) distante del dicho rio de San Francisco quarenta y vna leguas.

(*) Acham-se neste logar as armas de Castella, gravadas em madeira.

(1) A' margem, em msc., lê-se—*Abril.*

Auisò a toda diligencia al Cõde de Vañolo, que estaua alojado en la torre de Gracia de Auila, catorze leguas a la parte del Norte de la Ciudad, como el Enemigo estaua tan cerca, y que conuenia, que con toda su gente viniesse para tratar de la defensa de aquella Plaça; visitò los Almacenes, reconociendo las armas, municiones y pertrechos que en ellos auia, y no pareciendo bastantes, mandò fabricar otros de nueuo. Assimismo visitò los almacenes de los bastimentos, y pareciendo pocos, mandò conducir y comprar muchos, ayudando a la expensa con su hazienda, a cuya imitacion el Obispo don Pedro de Silua y Sampayo acudio con dos mil ducados, Lorenço de Brito Correa con seiscientos mil marauedis, mucho ganado, harinas, vino, azeyte y otros generos; y el Proueedor Constantino Cadena de Villasanti con dos mil ducados, con que de todo se fue haziendo preucucion necessaria para resistir a vn largo sitio, por si sucediesse. Examinò las fortificaciones hechas, mandò hazer otras de nueuo, repartiò la guardia, obras y puestos a las personas de mayor satisfacion que tenia en su compañia.

Dispuesto todo lo necessario (por entõces) llegò el Cõde d' Vañolo Capitã General de la artilleria, y caualleria del exercito de Pernambuco, y Maestre de Campo general del con 800. hombres a 15. (¹) del dicho mes e Villavieja, media legua de la Baía: Teniendo auiso el Gouernador, partio a ver se cõ el Conde, y conferir todo lo dispuesto, y assentar la forma q̃ se auia de tener en alojar la gente. Hizo se consejo, eligierõse los medios que parecieron mas a proposito para la disposicion, preuencion, y execucion de todo.

A 14. (²) en la noche tuuo auiso el Gouernador pareciã muchas velas sobre Atapoan, vn isleo en la entrada de la Barra de la Baía, en la punta del Norte, distante de la Ciudad vn quarto de legua; con mucha atencion se puso el exercito en arma; embiò el Gouernador diuersas tropas de cauallos, y cõpañias de Infanteria a impedir el q̃ no desembarcasse el Enemigo, y ocupar puestos mas importantes para entretenerle, si consiguiesse echar gente en tierra.

Con los vientos cõtrarios se detuuo el Enemigo dos dias, hasta q̃ a 16. por la tarde entrò en la Baía cõ vna Armada de 45. velas, 25. galeones de porte, el resto pataches, lanchas, barcaças, y en ellas seis mil hombres de guerra a cargo del Conde Mauricio de Nasao. Fue caminando por la punta de Monserrate, q̃ doblada se abançò vn poco adelante para al anochecer echar gente en tierra, passado la barra de Piraja media legua, por que no fuesse ofendido de las plataformas de dicha barra, y del fuerte de San Bartolome.

Assi como el Enemigo iba doblãdo la punta de S. Antonio, y entrando por la Baía, los nuestros tercios fueron siguiendo aquella misma buelta hasta la barra de Piraja, donde atajados por no tener en que passar, enquanto se preparò, el Enemigo saltò en tierra, sin auer quien se lo impidiesse, y por la playa

---

(¹) A' margem, em msc., lê-se—*14*.

(²) A' margem, em msc., lê-se—*de Abril*.

ser mala, llena de abrojos, y piedras, se assentò entre los nuestros no conuenia passar adelante, mas q̃ solo se guarneciesse el fuerte de San Bartolome, como se hizo, y desde San Bartolome a Agua de Meninos marchò la demas gente, y la que iba llegando al Ingenio del Capitan Diego Monisteiles, distante dos leguas de la Ciudad, fue marchando para oponerse al Enemigo.

A 17. por la mañana marcharon el Gouernador y el Cõde con alguna caualleria, y infanteria al Ingenio, dexãdo la plaça, y mas puestos con gente necessaria. El enemigo aquella noche ocupò el alto del Ingenio, lugar fuerte por naturaleza, y en el se fortificò: Quando llegaron los nuestros, y vieron ocupado y fortificado aquel lugar, el Gouernador intẽtò desalojar al Enemigo: hizose consejo, huuo diferentes pareceres, y fue resuelto, ser mas acertado defender los puestos esteriores de la plaça, cortar los caminos, y impedir que no se aprouechasse de cosa ninguma de la campaña: pusose todo en execucion, y conseguiose parte de lo resuelto. Recogiose el Gouernador para la Ciudad con deseos de tomar vn prisionero; no se consiguio por entonces, propuso premios, fueron tantos los que se traxeron, y de dentro de la misma fortificaciõ del Enemigo, que era admiracion, y principalmente el Capitan Sebastian de Soto solo de vna vez truxo 40.

En 18. tuuo auiso el Gouernador, que el Enemigo venia por las campiñas, camino del Arrayal viejo; pusose a cauallo èl, y el Conde, y salieron de la Ciudad marchãdo los tercios, y en el barrio de San Antonio acordaron, que el Gouernador boluiesse para la ciudad, por ser en ella necessaria su persona, y poder acudir donde conuiniesse: y el Conde con la gente mas escogida marchò al Arrayal viejo, y reconocindole, hallò no auer llegado a èl el Enemigo, y dexando la gẽte que pareciò bastante en aquellos caminos, con la demas marchò al barrio de San Antonio. Esta misma noche huuo consejo, tratose de lo que se auia de hazer.

Salio el Enemigo de sus fortificaciones en 19. por la mañana marchando para la Ciudad con mucha orden, por el camino del Arrayal viejo, que era solo por donde podia hazer daño, euitãdo el que podia recibir de las trincheras del Azude. Parecio al Gouernador embiar luego a tomar y ocupar el puesto de San Antonio al Maesse de Campo don Fernando de Ludeña con su tercio, y otra Infanteria Portuguesa executolo assi, y visto quan importante era este puesto: quan cerca estaua de la Ciudad, y que si el Enemigo le ganaua el daño que del se le podria hazer, se fortificò con toda diligencia, vigilancia y cuidado, ayudando al trabajo las compañias de los otros tercios.

Viendo el Enemigo como el puesto de San Antonio estaua ocupado, y la prisa con que en el se trabajaua, caminò para la marina, y pusose en la colina del Padre Ribero, distante de San Antonio tiro de artilleria, que no se pudieron en vn mismo tiempo ocupar entrambos puestos, y se acudio al mas importante, por juzgarse que los fuertes que auia en aquel parage podrian resistir, ò entretener al Enemigo, hasta que llegado mayor poder fuesse cortado;

mas sucedió al cõtrario, que con poca resistencia se rindieron a partido, que el Enemigo no cumplio, los fuertes de Agua de Meninos, Taparippe, y San Bartolome. El Gouernador teniendo noticia mandò prender a los Capitanes que en ellos estauan. A vno estrangero, cuyo nombre callo, sucedio, que yendose a recoger a su casa, hallò la puerta cerrada, llamò, assomose a vna ventana su muger (que era Portuguesa, y natural del Brasil) diziendo que no abria puerta a hombre que tan baxamente auia entregado el puesto, que le estaua entregado, y que quãdo viniera hecho pedaços, alegre y gustosa, por auer sido en defensa de la Religion Catolica, y de su Rey, le recibiera en sus braços; continuando en otras semejantes razones, corrido y afrentado sin hablar palabra, se fuer retirando para los campos, donde siendo hallado fue preso; y porque no coriesse igual fortuna el fuerte del Rosario, el Gouernador le mandò deshazer, retirando la gente y artilleria a la fortificacion de San Antonio, adonde el Teniente della Francisco Perez de Soto lleuò, y puso dos pieças con grande trabajo y riesgo, que todo vencio con su valor y buena diligencia: porque es vna de las personas que tiene Su Magestad de consideracion para el manejo de la artilleria, y lo tiene bien mostrado en los seruicios mui particulares que tiene hechos en la guerra del Brasil; con otras dos pieças que se plantaron en San Antonio se empeçò a hazer grande daño al Enemigo, y a impedir que no continuasse en sus fortificaciones con tanta seguridad, como no continuò.

Procurò el Enemigo impedir el daño que recibia deste puesto, y viendo juntamente las grandes consequencias que se le seguian para la expugnacion de la Ciudad, si le ganaua. En 21. a las ocho de la noche caminò derecho a el con mil hombres, la gente mas lucida de su exercito, quinientos de vanguardia, y los otros de socorro; dio con vnas compañias que estauan de emboscada, que siendo de mui inferior numero de gente, pelearon con tanto valor y esfuerço, que solos ellos (*) hizieron retirar al Enemigo con mucha prisa, con perdida de 200. muertos, 30. prisioneros, y 300. heridos.

En toda parte trabajaua nuestra gente, en las fortificaciones, porque era grande la atencion y cuidado del Gouernador y Conde. Las trincheras de la Ciudad se hizieron en menos de quinze dias, acudiendo a la obra los Religiosos, los Clerigos, Estudiãtes, mugeres, y muchachos. El reducto y trincheras que fueron encargadas al Maesse de Cãpo Luis Barballo de la otra parte del Dique, y el fuerte de las Palmas, en que assistia el Maesse de Campo Hector de la Calce, se continuaron siempre con gran cuidado, y no menos en las fortificaciones que se encargaron al Capitan mayor Felipe Camaron. De todos estos puestos se hazia grande y cõtinuo daño al Enemigo, y principalmente de vn reducto que estaua a cargo del Capitan mayor Camaron, y su gente.

(*) Nesta folha (3 v) ha esta nota impressa: « Al principio de la Relacion donde dize 14. de Iunio, ha de dezir 16. de *Março*. » (E em manuscripto occorre a seguinte emenda: — *Abril*.)

El Conde Mauricio de Nasao viendo lo poco que auia ganado en tanto tiempo, lo mucho que perdia con los Españoles de aquella Plaça, no pudiendo contrastar su inuencible valor, y quan diferente oposicion auia hallado de la que imaginaua, que tanto haze la poca preuencion, que tal vez desmiente el valor, y parece muda el natural: porque como las plaças que el Rebelde ha ocupado en aquel Estado, fue solo por necessidad, y por falta de lo necessario para su defensa, ocasionado de que los socorros que del Reyno se embiauan en grande abundancia (como era en carauelas) por mas prisa, ò no llegauan por cogerlas los Enemigos, ò llegauan tarde, juzgò sucederia lo mismo en esta de la Baîa, si con todo el poder que tenia diesse vn fuerte assalto, gozando de la comodidad de la noche. Hizo vn parlamento al exercito, representando como en ganar aquel puesto de San Antonio consistia la facilidad de la expugnacion de la Baîa, y que ganada, quedauan consiguiendo la permanencia en aquel Estado; encarecio la grandeça del seruicio, asegurò los premios, y fueron tan eficaces las razones, que nouecientos de los bizarros juraron en su mano de morir, ò ganar el puesto. Alentado con esto, escogio 1600. de toda su gente, y entre ellos los 900. juramentados, encargoles el assalto de las trincheras de San Antonio, el resto del exercito mandò ocupar vna colina cerca de la Casa quemada.

En el mismo tiempo el Gouernador Pedro da Silua, y el Conde de Vañolo, como tan cuidadosos de la defensa de aquella Plaça, viendo que con las guerras que tiene Su Magestad, que Dios guarde, podia dilatarse el socorro que tenia pedido, por diferentes auisos que auia embiado, pusieron su defensa en la gente con que se hallauan, que no serian dos mil y quinientos soldados, fuera de la gente de la tierra, y Ciudadanos, que ni todos tenian armas; resueltos a la defensa, libraron el acierto en el cuidado, y buena disposicion, que esta ordinariamente vence a la multitud confiada. Acudian a toda parte con tanta promptitud, que en ninguna se hallauan menos sus personas. Con esto animados los soldados, deseauan llegar a manos cō el Enemigo, lo q̃ tuuo efeto en breue: porq̃ en 18. de Mayo a las ocho de la noche començò a marchar el Enemigo con los 1600. hombres para el puesto de San Antonio, hallaron en el camino algunas compañias que estauan de emboscada, pelearon brauamente, y detuuieron al Enemigo algun tiempo; mas como era superior en gente, fue cortando la nuestra, y por medio de multitud de valas, que tan diestramente, e tan a tiempo se jugauan de las trincheras, donde assistia el Maesse de Campo don Fernando de Ludeña, el Sargento mayor Pedro Martinez con su tercio, y algunas compañias del que fue de dō Vasco Mascareñas, se arrojò el Enemigo en el foso, cuyo arrojamiento fue tan ciego, y se empeñò tanto, pensando ganar las trincheras, que muchos de botes de picas quedaron muertos. Acudio de socorro a toda prisa el Gouernador, el Cōde, Duarte de Alburquerque, Luis Barballo, Lorenço de Brito Correa, el Teniente de Artilleria Francisco Perez de Soto, y el de Maesse de Campo

General Alonso Ximenez (aunque enfermo) Martin Ferrera, y otros Capitanes y soldados de valor.

El Gouernador Pedro de Silua fue el primero que exhortò y animò a la pelea, sin perdonar a industria alguna en la disposicion, a prouidencia enel consejo, a presteza en la execucion, a liberalidad en el premio, para animar a los soldados, y alentarlos en tan gloriosa empresa: semejante se mostrò el Conde de Vañolo, prompto para el trabajo en edad tanta, y achaques muchos, prudente para el consejo, agil para todo; ya en disponer la gente, ya en atender a los socorros, ya en acudir a los reparos, ya en cumplir cō todas las obligaciones de vn excelente y auentajado Capitan; el valor destos Generales puesto a la vista de todos en aquel teatro de Belona, de tal suerte alentò a los soldados, que desde luego se tuuo por feliz pronostico de la vitoria que consiguieron, que facilitò mucho la gente que quedò al oposito de la colina de la casa quemada (donde el Enemigo auia ocupado puesto para assegurar las espaldas, y ir embiando gente de refresco) donde estaua el Maesse de Campo Iuan Ortiz con su tercio, su Sargēto mayor don Iuan de Estrada en la vanguardia de las emboscadas, en que tambien se hallauan algunas compañias del tercio de Portugal de Pernambuco, todo a cargo de Luis Barballo, por quedar allí cerca el reducto que estaua haziendo, distante de las fortificaciones de San Antonio tiro de mosquete. Luego empeçò el Enemigo a marchar, dando cōtinuadas cargas, resistieron los nuestros valerosamente, mas con el esfuerço de sus animos intrepidos, que con trincheras ò muros, que no auia otras de pormedio, que solo los propios pechos. Estuuieron tan lexos de flaquear, ni perder los alientos con los peligros, y con las muertes, que antes rompiendo el exercito contrario le pusieron en huida, ya matando, ya rindiendo muchos. En esta ocasion se portò el Capitan don Gregorio Cadena Bandeira de Melo con grande valor, teniendo el encuentro al enemigo a que no socorriesse los suyos que estauan peleando en las trincheras de San Antonio, y le dieron cinco valaços venturosos, matandole el Enemigo mucha gente, y al Capitan don Pedro de Rojas, quedando mui mal herido el Capitan Antonio Rodriguez: cō esto quedò impossibilitado el socorro al Rebelde, que aunque tenia ganado el foso, y leuātado en el borde trincheras, arrojando dentro de las nuestras infinidad de granadas, de bombas de fuego de estraña grandeça, no perdonando a artificio ninguno de quantos el fiero Marte pudo inuentar, con la codicia de ganar este puerto, que fue assaltado nueue vezes, y otras tantas rechaçados con inuencible valor.

En medio de tanta pelea, de tanto conflito, trabajo y afan tocaron al arma en los fuertes de San Diego, y San Antonio, donde el Enemigo con doze barcazas hizo demonstracion de acometer. El Proueedor mayor del Estado del Brasil, Pedro Cadena de Villasanti, que estaua en la Plaça de Armas, y Pedro Correa de Gama, y enfermo con otros Capitanes, Caualleros, y Soldados, embiaron recado a los Generales, que no tuuiessen ningun cuidado: porque

ellos socorrian dichos fuertes, como socorrieron, con las compañias que estauan de la parte de San Bento, que con diligencia grande fueron a ocupar la playa, para impedir al Enemigo echar gente en tierra.

Y porque se iba dilatando la pelea, resoluió el Gouernador y Conde, que el Maesse de Campo Luis Barballo saliese fuera de las trincheras a pelear cõ el Enemigo, y desalojarle del fosso; salio incontinente por el Dique de la Casaquemada, con los Sargentos mayores Antonio de Freytas de Silua, Francisco Duarte, y otros Capitanes. Dieron al Enemigo de traues, y de frente los de las trincheras, donde se peleò algũ tiempo tan esforçadamente de ambas partes, que apenas se pudo dicernir adõde se inclinaua la vitoria, hasta que el Enemigo (cediendo al valor de los nuestros) se puso en huida, y se siguiò vna cruel matança, auiendo estado en el fosso tres horas; y en este tiempo acudio cõ su tercio del sitio de las Palmas el Maesse de Campo Hector de la Calce, que aun dio dos cargas al Enemigo.

Acabada la pelea, retirado el Enemigo y los nuestros los muertos, acudio el Gouernador y Conde a los fuertes de S. Diego con el tercio de Hector de la Calce, llegaron a tiẽpo que el Enemigo se iba retirando, sin auer hecho otra cosa, mas que tocar al arma.

Toda la noche se estuuo en nuestros quarteles con las armas en las manos: luego que amanecio, llegò vn trompeta del Conde de Nasao, a pedir suspension de armas para retirar y enterrar los muertos. Concediosele; fue en rehenes de nuestra parte el Capitan Pedro de Areuas, quedando de la suya otro Capitan. Entregaronse 327. muertos, que mandò el Gouernador lleuar en carros, demas de otros muchos que no quisieron recebir. Esta noche sola matarõ los nuestro 700. en ellos ocho Capitanes, y mas de 500. heridos. De os nuestros murieron sesenta y dos, y salieron heridos ciẽto y nueue, entre ellos Sebastian de Soto, Veriato de nuestra edad, terror del Olandes, lustre del Lusitano nombre, que muriò dentro de pocos dias, sin tener tiempo de gozar las grandes mercedes con que Su Magestad auia premiado sus señalados seruicios: y los Capitanes Antonio Rodriguez, Antonio Montero Bezerra, don Iuan de Touar, Iuã Paez de Melo, el Sargento mayor Antonio de Freytas de Silua, y otros Capitanes, Alferez e Sargentos reformados. Metiò el Enemigo en las trincheras y Ciudad 2449. valas, y ninguna de las que cayeron en la Ciudad matò ni hiriò persona, dando muchas en las casas, Monasterios, y haziendo grãdes ruinas, que fue milagro conocido.

Acabada la entrega de los muertos, sin cessar sefue continuando de nuestros puestos con baterias al que ocupaua el Enemigo, y del reducto del Capitan mayor Camaron hazià tan notable daño al Enemigo, que para assegurarse se hizo cueuas en la tierra, que no bastaron estas y otras diligencias, para que muchos no muriessen hechos pedaços.

Tratò el Gouernador, y el Conde de Vañolo hazer esta faccion mas gloriosa, con que se diesse vn assalto Real a las fortificaciones enemigas: En

la noche siguiente tomò el Rebelde dos prisioneros, de que alcançò estas noticias, amedrentado, y reconociendose incapaz a la defensa, leuantò vn trincheron alto, para que de ninguna parte pudiessen ser vistos sus mouimientos. Siendo la noche de 26. mui tormẽtosa dispararon dos pieças, y el Conde de Nasao se resoluio a no detenerse vn punto. Pusose a cauallo, y vergonçosamẽte se fue a embarcar, y toda su gente con tanta prisa, que dexaron en el quartel el pan en el horno coziendo, y las ollas en el fuego hiruiendo: y assi tambien desampararon los fuertes de Agua de Meninos, el de Monserrate, y el de San Bartolome, con toda artilleria, municiones, bastimentos, y armas que en ellos auia.

Auiendo el Gouernador dormido aquella noche en las fortificaciones de San Antonio, y viendo como en toda ella no se auia sentido rumor en el quartel del Enemigo, embiò a reconocerle, y juzgando seria retirado, marchò luego para dichos fuertes y playas, y llegò a tiempo que el Enemigo embarcaua la postrera barcada de gente, lleuando consigo todos quantos moradores pudo coger, de los que habitauan en aquel distrito, en los quales a sangre fria executò notables crueldades; no menos auia hecho en las salidas y entradas, sin perdonar a muger, a viejos, ni a niños, passaua todos a cuchillo. Apoderose nuestra gente de todas las fortificaciones q̃ tenia ocupado y hecho. Hallamos en el fuerte de Agua de Meninos vna pieça de artilleria de brõce, y otra de hierro, en el de Monserrate cinco pieças de hierro; en el de S. Bartolome quinze de hierro: en el quartel donde se fortificò seis de bronce, enclauadas, cõ todos los pertrechos de guerra que tenian, mantenimiẽtos, fabricas del exercito, y instrumentos de campaña.

En 27. estuuo el Enemigo embarcado, sin hazer ningun mouimiento, a la tarde embiò a vn trõpeta con vn Ayudãte nuestro q̃ tenia detenido, cõ doze de los prisioneros q̃ lleuaua, pidiendo los suyos; el Gouernador no los embiò, por auer hecho el Conde de Nasao mala guerra, faltando cõ la palabra en no tener entregado los soldados del Capitã Bedoya, q̃ tomò en el fuerte de S. Bartolome, y auer tirado cõ valas venenosas.

En 28. por la mañana se hizo a vela, sin esperar q̃ llegasse el trompeta, con perdida de dos mil hõbres, mil que matarõ los nuestros en el discurso del sitio, y mil prisioneros y heridos. De nuestra parte perdimos ochẽta q̃ matò el Enemigo, y ciento y diez y seis quedaron heridos. Yendo saliendo la Armada del Rebelde al amanecer, llegaua vn nauio nuestro cerca del fuerte de S. Antonio, que iba de la ciudad de Oporto, embiò el Gouernador doze lanchas con cincuenta mosqueteros que lhe traxeron y metieron en el puerto de la ciudad a la vista del enemigo.

De tan señalada vitoria se deue el efeto al valor, diligẽcia, y atencion de los Generales, no menos al esfuerço de los Maestres de Cãpo, y a la valentia de los Oficiales y Soldados. No especifico otras particularidades: porque piden mayor campo, que el de vna breue relacion. Lo cierto es, q̃ todos adqui-

rieron inmortal renombre en la fineça verdaderamente Española, con que procedieron, quedando superflua toda alabança, quanto eterna la memoria en el templo de la Fama de tan insigne vitoria.

Despachó el Gouernador y Conde auisos con las norabuenas a su Magestad, llegó el primero con los Capitanes Francisco Perez de Soto, y Pedro de la Carrera y Arenas. En veinte y siete de Agosto entregò los despachos a Diego Soarez del Consejo de su Magestad, y su Secretariò de Estado en el de Portugal; Ministro en quien la experiencia tiene mostrado, y va mostrãdo mas cada dia, lo mucho que en el resplandece el zelo, la fidelidad, y la grande atencion, con que oluidado de todo lo propio, solo cuida de aquello que se encamina al seruicio de su Magestad. Saliò luego a Palacio con los Capitanes a dar la nueua al Grande Atlante del Orbe Hispano, al Fido Acates, a cuyo valor, consejo y preuencion se deuen estas glorias, estas vitorias, estos triunfos, el felicissimo estado de las cosas de Italia, y Flandes, la defensa valerosa, y vitoria rara de Fuente-Rabia, y la seguridad en q̃ quedò la Baña, y todas las demas ilustres facciones que han tenido las armas de nuestro inuicto Monarca, que Dios guarde felicissimos siglos, como a Primogenito de la Iglesia, y a sua vnico Defensor.

Fue el señor Cõde-Duque a dar la norabuena a su Magestad de tã alegres nueuas, y su Magestad dio luego Audiẽcia particular a los Capitanes, hõrolos cõ mercedes por principio de los grandes premios con q̃ con liberalidad y magnificencia verdadera de Rey, remunera los seruicios de sus vassallos, como si fuerã obras hechas sin ninguna obligaciõ.

Las mercedes que su Magestad tiene hechas al Gouernador, Conde, Maestros de Campo, Capitanes, y mas soldados que se señalaron en esta faccion, no se especifican, porq̃ aun no se han publicado, dizese son 120. dos Titulos, Hidalguias de la Casa de Portugal, Habitos, Encomiendas, Officios, rentas, y acrecentamientos de puestos.

En Siete de Setiembre vispera de la Natiuidad de nuestra Señora salio de Lisboa con Armada poderosa el Conde de la Torre don Fernando Mascareñas, General de la Armada Real del mar Oceano, a ser excidio, sino assombro del Rebelde del Norte en el Brasil, de la manera que fue terror del Moro en Africa; de cuyos gallardos efetos se puede ya gloriar España, pues annunciando vitorias, sale en el dia en que se consigue la de Funte-Rabia, con 23. bageles de la Corona de Portugal, de que va por General Francisco de Melo de Castro, y en su seguimiento salio la Armada de Castilla con 18. bageles a cargo del General don Iuan de Vega Baçan.

En Madrid, Por Francisco Martinez, año 1638.

NOTA

Reimpressão de opusculo recolhido por Barbosa Machado no vol. — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob n.º 7.

E' o n.º 1.569 do Catalogo do Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 373-374), de onde transcrevemos a seguinte nota: « E' para notar-se o engano do titulo em que se diz, que a 14 de Junho chegaram as forças hollandezas á Bahia, quando se sabe, e consta da propria *Relacion*, que Nassau alli chegou com sua frota a 16 de Abril; todavia o mais singular é que em uma *corrigenda* posta em baixo da fl. 3, se lê: « Al principio de la Relacion donde dize 14. de Iunio, ha de dezir 16. de Março. » — novo engano. »

E' o n.º 10.397 do *Cat. da Exposição de Hist. do Brasil*, onde vem reproduzida a referida nota (pp. 934). — Deve ser o n.º 588 da *Bibl. Amér.* do Ternaux, (pp. 106); mas na transcripção do titulo, que é muito infiel, commetteu-se novo erro de data. Eis a classificação de Ternaux: = Relacion de la victoria de las armas catholicas en la bahia de todos Santos en el Brasil contra Olandeses, a 14 de Julio de 1638... =

D'esta *Relacion* possuimos 2.º exemplar, na mesma collecção Barbosa Machado, sob n.º 7 do volume intitulado — « Noticia dos cercos heroicamente sustentados pelos Portuguezes Nas quatro partes do Mundo, collegida por Diogo Barbosa Machado... Tomo V... ». — Este 2.º exemplar vem mais resumidamente descripto no referido *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, sob n.º 1.698 (*loco cit.*, pp. 400). — Elle não tem as emendas mss. que se encontram no primeiro e vão assignaladas em notas ao texto.

O opusculo é in-fol., de 6 ff. num. pelo anverso, sem fl. de rosto. — O tit. occorre na parte superior da 1.ª fl. — (J. P.)

SVCCESSO DELLA | *GVERRA DE PORTVGVESES* | *Leuantados em Pernambuco Contra | Olandeses, como por Carta del' Ma- | stro a Campo Martino Soarez, | Et Andrea Vidal de Negreiros, | por Antonio Telles de Silua. | El Anno 1646.* |

Com esta vltima ordem de V. S. duplicada tantas vezes para nos retirarmos a essa Bahia com a gente que a inda temos da que della trouxemos que he bem pouca, tratamos de pornos em marcha sem admitirmos os requerimentos do Pouo, nem repararmos em deficuldade de caminhos, falta de mantenimentos, embarcaçoes em que o fazermos; e posto que Ioaon Francisco Vieira com a gente do seu Terço non admite essa proposiçaon, dizendo que os seus Soldados saon leuantados, e pagos pello pouo, e que este com elles se quer sustentar, e crecer a mayor numero com que se conseruar, e deffender; nos deliberamos a sahir daqui com a gente dos nossos Terços, para essa Bahia, para cuyo effeito mandamos preuenir algunos mantenmientos en serinhaem porto saluo a Lagoas, e Ria de San Francesco com que poder hir passando a tè Sorgipe, onde V. S. nos mandasse algunos barcos, com mantenimentos em que poder dezembarcar os doëtes e cansados do caminho; E tendoo assy disposto succedeo chegar hum grande socorro a os Framengos a o Recife com Sigismundo por General. E acomeçarem a fazer entradas contra os Moradores, os quais vendesse neste aperto e sem soccorro algum de V. S. nem remedio os da Paraiba e Guayana da Itaníaraçá que oue entre elles vn nouo motim e seresolueraon a largar os domicilios, casas, e engenhos, e fazendas. E dezesperadamente a pagarlhe fogo, la queimar e abrazar a tudo quanto posuiuaon, e ainda os mantimentos, e aruores de frutos com tal obstinaçaon, e prayua, que naon pode ser explicada: e assy deixaraon tudo, dizendo, que como todos estauaon deliberados a morrer, que se algum delles visse Framengo em suas casas fazendas, e terras naon queriaon que elles nunca jamais pudessem lograr cousa algua que lhes pertenesse: & tēdo nos esta noticia lhe esereuemos, e ordenemos que por nenhum cazo chegasen a fazer tal excesso, antes que pello menos suspendesem esta sua deliberaçaon a tè que podesemos dar conta a V. S. a oque responderaon desatinadamēte que naon Conociaon mais que a Deos, & hao primero Princepe Cathoico Romano que les acodisse, & que pueriaon antes comer seus filhos, e morrer todos nesta demanda que vir a perecer as maos da crueldade, e tirania dos Olandeses,

que tinhaon por mais suaue a morte procurãdo remedio e saluaçaon sem desonrras, que exporse a recebella como tinhan visto das inhummanidades, feras, & barbaras, que os Framengos vsaraon no Ryo grande, & nas Capitanias com molheres e mininos. E vendo nos esta resposta e considerando que o mesmo com este exemplo se farra aqui nesta Praça de Pernambuco, suspendemos o marchar, affirmando a V. S. que se naon ha visto no mundo semelhante exemplo, digo espetacolo, tudo causado de V. S. naõ hauer querido socorrer aquellas Capitanias do Norte, e por a mesma causa estar esta ariscada a ppria roina ocasionãdo os Olandeses eua e reparauel destruiçaon, com tornarẽ de nouo a querer por força de armas entrar a terra, o que sẽdo impossiuel, respeito da pertinacia, deliberaçaõ dos Moradores da grãde quãtidade que hoye està junta semterom otra algua ocupaçaon mais que a das armas, pellas quais dizem que haon de conseruarse contra toda Olanda ou morrer, e com elles suas fazendas para sempre. E paraque jamais possa hauer memoria de Olandeses nestas Praças, e que se daon por contentes de serem hum Saonsaon que acabando elles caya o tẽplo sobre os Framengos, e pereceaon com elles; E andaon taon soltos e demasiados no falar, que ninguem se atreuẽ a reprouarlhe estas suas acçoes, affirmando a V. S. que nos vemos em grandissima confusaon; porque posto que se naon recca a qui os soccorros de Olanda pella muita gente que ha, & pella vniaon, para com que deffenderse estaon estos Moradores, com tudo como naon admitem conselho em contrario de sua profia, nem val a razaon que le manifestamos, mais ficamos hoje sendo seu subditos, que seus companheiros porque elles so obedecem a Ioam Fernandez Vieira, e a nos solmente sos poucos Soldados que da hy trouxemos. E como isto tem chegado a o que representamos a V. S. he muito para considerar que desta gente naò ha que esperar o reduzir a Olanda, nem deixar de o fazer a Castella, ou França qual primeiro lhe quizer acudir; & que se isto lhe faltar temos por indubitauel que façaon o mesmo que os da Paraiba, Eguayana, e que para sempre fiquẽ perdidas de todo estas praças, guarde Deos a V. S. muitos annos. Arraial do Bom Iesus em Pernambuco, 3. de Setembro, de 1646. Martin Soares, e Andre Vidal de Negreiros.

Carta de Ioaon Fernandez Vieira Capitano de | Portugueses de Pernambuco Leuantados | Contra Olandeses entaonces duenhos | de Pernambuco, scritta A Anto- | nio Telles da Silua Gouer' nador | do Brasil por el Rey Dom | Ioaon o IV. de Portugal. |

Senhor posto que a minha tençaon foi sempre, e he sommamente de conceruar a liberdade, e tirar a sustentar este Pouo sem a tirania dos Olandeses, e que a este respeito esperey tè gora que V. S. nos socorresse, e que sua Magestade el Rey Dom Ioaon o IV. de Portugal! nos acudisse, e agora vendo pasado quaze anno e meyo sem recurso algum, e que em lugar de socorro

nos manda V. S. tirar esta pouca gente com que aqui asistem os Maestres de Campo Martim Soarez, & Andre Vidal. E em tempo que tem chegado grande socorro de Olanda a o Recife, e que come saraon logo a fazer actos de hostilidade com a mayor puyança, e que o temor de estes, todos os Moradores da Paraiba Guayana sen outra algua cōsideraçaon pegaraon logo fogo a seus a sucares emgenhos, e facendas, e seuem vnir com estes, o que acrecēdonos tanta gente assi para as armas e guerra como a inutil que se ha de sustentar, resoluemos os Moradores e eu leuantasemos mais gente de guerra, e pagala pontualmēte e a naõ deixarmos recolher a deça praça como por outras vezes o pertendeo, pedindo a V. S. o queira auer assy por bem, porquerello que os Moradores se oponham com algum excesso a esta sua marcha, e tambem torno a pedir a V. S. eficasmente acudir a estos Moradores, porque todos me fazem viuas instancias para correrem a diferentes Princepes Catholicos, e se tardare o auxilio de V. S. tenho por certo, que o faraon, mouidos da vltima necessidade, e porque em nenhum tempo se me posa imputar algua culpa desta intençaon a manifesto a V. S. cuya Ilustre pessoa guarde Deos muitos annos. Pernambuco 2 de Decembro. de 1646. Ioaon fernandez Vieira.

Copia da Carta que os Ministros da Companhia | Gouernadores no Recife de Pernambuco | Escriueraon a os Mestres de Campo, | Gouernadores de quela Capitania de | pois de ser chegado o Sigismondo. |

Çegados a este Pays de parte dos muy Altos, e Poderosos Senhores das Prouincias vnidas, sua Alteza o Senhor Princepe de Orange, e a Ilustre Companhia Occidental com poder de gente, e preuençaon necessaria para reduzirmos os rebelhes deste Estado a deuida obediencia, e todo o mais, e quietaçaon, e socego, que de antes hauia, nos pareceo logo acertado experimentalo primeiro por via de clemencia, perdoando, e remetēdo as faltas passadas, antes que chegassem a vsar das armas, para que se euitasse hua infinidade de males, e calamitosos inconuenientes, a guerra de ordinario traze consigo, o que tiuemos por muy aparente; Visto que estando presente a os Moradores leuantados a declaraçaon, que sua Magestade mandou fazer na junta dos Senhores Estados geraes por Seu Embaixador Francisco de Souza Coutinho, manifestando a suas Altezas poderosas em muy apertada maneira, que a missaon da infanteria mandada da Bahia em seu socorro, fora, è era sem conhocimēto, e ordem sua, e que para satisfaçaon, que pretendia dar a suas Altezas poderosas, tinha enuiado duas cartas a seu Gouernador na Bahia, ordenando, & mandando o muy encarecida, e apertadamente, que reuocasse, e fizesse logo retirar toda sua gente desta Campanha: Prezumiamos que achandosse faltos da opitulaçaon de Portugal egurança, e vnico fundamēto que ha sido (como parece) de seu se vantamēto,

viessem a conhecer sua fraqueza, e a naon dezeyar outra cousa, que tornarse com bom partido a antecedẽte sugeiçaon das suas Altezas Poderosas para ficarem logrando a quieta posse de suas cazas, e fazẽdas, e estandonos pois com todo o cuidado neste Saudauel remedio, nos veo a noticia, bem naon esperado, que os moradores das Capitanias da Parayba, e Goyana, (sem hauer tido tempo de serem aduertidos desta nossa boa inclinaçaon, e clemencia, e perdaon pello pouco que há que somos chegados a esta terra) por ordem e mandado de V. S. como se nos hà informado leuando consigo molheres, filhos, e escrauos, gado, e todo o mais que se podia leuar, largaraon as sobreditas duas Capitanias, queimando primeiro, e pondo em cinsa seus engenhos, e cazas, e asolando toda a fabrica, e materiaes necessarios de tal sorte, que sò as terras ficaraon. Pello que nos vendo os danos que em taon grande excesso padecem os Vassallos de suas Altezas poderosas, e naon sabendo como igualarmos estas façções de V. S. com a dita declaração de sua Magestade, naon podemos, nem quizemos deixar de escreuer, e dar a entender a V. S. como somos liures, e innocentes da destruiçaon, e ruina das ditas duas Capitanias, visto que estiuemos preste, e resolutos a conseruar o pouo dellas de baxo de boas condiçoes, se no las quizeraon pedir, e naon anticipar sua ruina a nossa clemencia.

E por quanto este modo de proceder parece puramente intentado a imitar, e exasperar suas Altezas poderosas contra a Magestade de el Rey de Portugal (pois naon deixaraon de recentir sũmamente a desolaçaon, e perdiçaon desta sua conquista, por donde poderaon vir a padecer reciprocamente Reynos, e prouincias; pareceonos, ainda para euitar mais ruinas, e prouar em tudo como em nada somos culpados, quanto a estes excessos, enuiar a V. S. a inclusa copia de perdaon que demos a os Portuguezes leuantados para se tornar em obediẽcia deuida a suas Altezas poderosas, e assi se excuisarẽ mais destruiçoes.

E visto V. S. com a Infanteria que consigo tem contra a expressa ordem de sua Magestade, pois assi fue seruido mandalo significar a suas Altezas poderosas, ainda se achaon nestes nossos destrictos por donde os Moradores rebelados saon impedidos de abraçar, e receber esta nossa graça perdon, e clemençia.

Queremos que V. S. com sua gente de guerra immediatemente, e sem dilaçaon nenhua os despeyem, para o que lhe offerecemos por esta toda a liure passagem; e em caso que V. S. naon seyaon seruidos de o fazer em assy, mas antes com sua permanecencia obrigarem os rebeldes a cõtinuar em sua pertinacia, protestamos diãte de Deos, e de todo o mundo, naon queremos ser parte, causa, nem occasiaon das calamidades miserias, perdas, & danos, que disto se resultarẽ, pois suas Altezas poderosas para a conseruaçaon de seu credito, reputaçaon, e authoridade, de força han de tratar de vingarse das graues injurias, e danos inferidos a seus Vassallos contra a palaura, o promessa Real de sua Magestade; para que tambem em tal caso somos aqui enuiados com o poder que temos ya em terra, e ainda esperamos: a reposta a esta aguardamos nos mandem V. S. pello tambor portador. Nosso Senhor guarde a V. S.

Resposta que os Mestres de Campo Gouerna- | dores em Pernambuco deraon a sobre dita | Carta dos Ministros da Companhia. |

A Real de bom Iesus em Pernambuco onze de Setembro de 1646. annos Pellas cartas de V. S. vemos as incertas informaçoes, que V. S. tem do estado desta guerra, presuponendo hauer em nesso alguâ minima culpa, a o que será necessario responder com toda a deuida satisfaçaon da verdade.

Quando chegamos a esta Capitania enuiados pello Sig. Gouernador Antonio Telles da Silua foi somente para aquietar as alteraçoes que entre os moradores Portugueses hauia a pedimento dos Senhores que gouernaon o Reciffe, e vindonos de baxo de quieta paz em companhia de hua frota de Galeoes naon menos poderosa se de effeitiuo effeito quizera vsar em Senhorear todas as naos que achou nesse Reciffe, e a mesma praça, e forças della, e pos o General da mesma frota de tudo fazer certo a o mesmo gouerno, e non ser tal o intento antes pretenderem pacifica tranquilidade, fez a Frota sua derrota para a Cidade de Lisboa, com que fica indigno, naon de se falar, quanto mais de soescreuir, que sua Real Magestade pudesse ser em conhecimento de tal motiuo de alteraçaon, nem o Senhor Gouernador Geral o Senhor Antonio Telles da Silua, sendo feitura sua, deuya minima presunçaon, seraon V. S. estranhados considerando bem o quanto de valor tem a palaura Real sendo de vn Rey Portuguez, e Catholico.

Chegando a barra de Tamandari achamos os moradores clamando sobre os Minisfros de V. S. das crueldades que com elles tinhaon vsado pedindonos que os ayudassemos a tomar vingança na qual todos queriaon morrer; E chegando tambem a Serinhaem achamos outros mayores clamores, & dos insultos que ditos Ministros vsauaon em todas as partes deon matarem, e roubarem. E neste posto achamos poco menos de setenta Flamengos os quais mãdamos com toda a deuida cortesia a esse Reciffe com cartas a seus mayores, e o respeito porq: os mandauamos, e que vinhamos adiante aquietar o pouo, e prender a quem o gouernaua, para se lhe dar el castigo merecido. E chegando a villa de Sant Antonio do Cabo achamos a dous mil moradores, e por seu gouernador Ioaon Fernãdez Veira o qual logo prendemos para traher a esta varse adonde determinauamos fazer a paz entre todos. E marchando para ella mandamos fazer frente a força de Nazarette pello mal que os Olandeses podiaon fazer a os ditos moradores, e chegando a pouo acaz da Muribeca achamos noticia que Ioaon Belar, e o Gouernador das armas, com outros Ministros de V. S. traziaon em sua companhia os tiranos indios, com os quais andauaon roubando, e matando os Moradores, e prisionando todas a Senhoras de qualidade, como fizeraon a muitas, estrupando muitas Donzellas, & fazendo as mores insolencias

que yamais fizeraon barbaros no mundo. E vendo os maridos das aprisionadas molheres semelhante desacatos, e afrontas, se leuantaraon contra nos, e com elles todo o pouo em geral acclamãdo seu gouernador, e se foraõ em demanda de quem lhes andaua fazendo tãto dano, e deshonrra, partindo per la meya-noite a buscar a vingança de tantos agrauios, e encontrando a causa delles começaraon a batalhar. E vindonos em seus alcances achamos que estauon resolutos a queimar a casa forte em que estaua toda a gente de V. S. e mandandolhes nos a hua bandeira branca, cometer a paz a que eramos inuiados; a reposta que nos deraon foi matar o Embaixador, e a muitos Soldados, e ao Mestre de Campo Andre Vidal o seu Caualo, e vendosse em grande aperto pela força que os Moradores lhe fariaon, apelidaraon quartel, que logo lhe concedemos contra vontade de todos os ditos Moradores por estar entaon agrauados, e com determinaçaon de marcharẽm a o Recife, o que lhes impedimos.

Neste camino nos veo a noticia, que os nauios em que hauiamos vindo da Bahia, os fora queimar (como fez) o Amaral do Mar por ordem de V. S. metendo a gente delles, e Soldados debaixo das cubertas, e queimandoos como judeos, e ammarrando hunos a os outros, com pedras nos pees botandoos a o mar, e executando outras crueldades todas sem fundamẽtos; com que impossibilitaraon nossa tornada, & se o intẽto fora o vero, diuersos foraõ os effeitos.

Naon se tinha acabado da sentir este successo quando nos chego do Rio grande nouas de que andaua hum Iacob em companhia dos Tapuyas matando cento, & trinta homes molheres, & meninos, e o Padre Vigario, e outras muitas deshonrras como foi a execuçaõ das crueldades que vson o Flores na Paraiba com a tropa de Flamengos, e Indios matando doze homens, deshonrrandolhes suas molheres, strupando hua moça Donzela sua filha, a qual morreo, de que he testemunha verdadeira. E se nomea o Resira Flamengo assistente nesse Recife, Senhor que foy de engenho estando todos viuendo de baixo da fidelidade de lhe dar em segurança a suas pessoas, sem hauer entre elles mouimento nem alteraçaon, cousa que em as historias memorandas senaon bachara, a o que o pouo todo se incorporou, a fazer nos justos requerimentos, e vendonos este estado, e conhecendo a muita razon que tinhao por sy, determinamos hauizar a Bahia a Senhor Gouernador Antonio Telles da Silua para nos ordenar o que deuiamos fazer, e tiuemos por reposta, que tratassemos sómente da paz, e socego a que nos hauia mandado.

Estandonos com esta resoluçaon se leuantaraon todos os moradores em geral clamando que elles naon queriaon estar debaxo da obediencia dos Senhores Flamengos, e que todos queriaon morrer antes porque tudo quanto lhe prometheraon em todos os tempos, assi de passaportes, como de capitulaçoes, e palauras lhes hauiaon quebrado, antes debaixo de engano lhe hauriaon tirado a vida e fazenda muitas vezes tomandolhes suas filhas, e parentas, e que naon se queriaon fiar mais delhes, e que juntandosse todos eraon quatorze mil homens, que hauia neste estado, e que naon temiaon a toda a Olanda.

Vendo nos a resoluçaon destes moradores, e a muita justiça que tinhaon determinamos, retirarnos para donde viemos, o que nos foy logo impedido por nos faltar as Embarcaçoes, que nos hauiaon queimado, e a força que os Moradores fizeraon com as armas, e por vermos o muto poder que tem para o pouco que trouxemos, nos foy forçado fiarmos em sua companhia para os ajudaremos adeffender, e naon offender, que bem cõsta esta verdade que se nos o naon impediramos, estiuera o Recife por los ditos moradores; e logo fizemos auiso a o Senhor Gouernador Antonio Tellez da Silua de tudo, o que hauia sucedido, paraque auizasse a sua Magestade.

Veo por resposta que nos retirassemos logo a praça da Bahia com pena de nos hauer por tredores, e que assi o ordenaua sua Magestade el Rey Dom. Ioaon que Deos Guarde, o que logo puzemos por obra para seguirmos dita ordem, & com esta rezoluçaon se pos a cousa de tal sorte, que todos estiuemos mui ariscados dando os Moradores muyta razoes por sy, e que antes se queriaon retirar todos, e perder suas fazendas, a o que nos acudimos com muita preça naon quizessem perder tantos mil cruzados de fazendas podendosse conseruar, a oque nos responderaon, que todo estimauaon em pouco por se verem liures de jugo tam pesado, eque para mais facil se deffenderem da guerra que se lhes podia por, queriaon largar as Capitanias do Norte, o que tambem lhe impedimos, e elles nos concederaon com esto suposto deque vendo socorro a V.S. as largarem para juntar em seu grande poder, como fizeraon, queimando tudo, e pondoo por terra, e se retiraraon a estar todos incorporados cõ tanta resoluciaon, que dizem, que ou han de morrer, ou se han de ver liures de todo, & que hagora mostrauaon em como elles senaon leuantauaon por diuidas, pois largauaon muito mais do que deuiaon se naon perlos muitos agrauios, e tiranias que les hauiaon feito, eque quando Deos os naon ayudasse, como confiauaon, hauiaon fazer o mesmo a todas as mais Capitanias.

Vendo nos semelhante resoluçaon como a sua liberdade de hum Pouo, lhe propusemos parassem com as queimas, e destruiçoes nas mais partes a te auizarmos a Magestade por via do Senhor Gouernador Antonio Telles da Silua, para que acomodasse tam grande dano, o que concedeo o dito pouo, dizendo todos, que elles queriaon pagar a os Senhores Olandeses tudo o que deuessem por justas contas feitas, se lhe largassem sua terra, de que logo se fez auiso a o S. Gouernador para ofazer a sua Magestade, paraq; fizesse a cõueniencia entre os ditos Moradores, ea Ilustre Companhia, e por momentos esperamos reposta, antes teuemos auiso, que estauaon feitas conueniencias entre Olanda, e Portugal sobre esta terra, & com certeza do caso, faremos o que Sua. Magestade nos mandare.

Examinando V. S. bem estas razoes taon verdadeiras, eo muito poder que os moradores tem hoye, como ha quatorze mil homes donde mal se podia considerar poderem ter fraqueza, se, sendo menos em numero tinhaon

rebatido o poder de V. S. como foy no lugar das Tabocas, tudo feito sem ayuda de nossa infanteria, porque nem elles de nos, nem nos delles sabiamos. E dous Terços mais do Camaraon, e Henrique Dias que hora tem mais de mil mosqueteiros que antes desta vieraon fogidos, e todos os mais gente os que hoye tem o Camaraon, que tudo se lheuen render, os quais chamandoos nos, para com elles nos retirarmos para a Bahia nos responderaon que nos non deuiaon sogeiçaon, que querriaon morrer com os moradores, e deffendelos como terra sua, por lo que nos parecia acertado a tal resoluçaon aguardar a tè o segunda ordem, que de sua Magestade deue vir, e dos Senhores Poderosissimos Estados para com paz, e quietaçaon se aueriguar o qué mais conuien para este successo, por euitar eu tam grande danno, como se está promettendo, que nas fazendas, ohe certo, e nas vidas correm risco as de todos.

Nesse Recife tem V. S. muitos mercaderes da mesma naçaon e Iudeos que desentereçados podem dizer a verdade de quem tem a culpa de tantas ruinas, e destruçoes por cuya causa naon querem os moradores, e seu Gouernador virem a estar mais debaxo da protecçaon de V. S. e tanto que nos mandamos retirar a nossa Infanteria da Capitania da Paraiba, mandou logo o Gouernador dos moradores retirar toda a gente de sua jurisdiçaon, e queimar, e abrazar tudo o que nos naon podemos remediar, que nossa tençaon sempre foy contraria non se queimar; E assi omanifestamos aV. S. para q; seyaõ seruidos auisar aos Illustriss. é Poderosissimos Estados, e senhor Princepe de Orange do estado destas Capitanias parq; tudo se venha a cōcordar em bem; em falta do que V. S. o naon façaõ assi, nos izentamos de todas as culpas, que se nos podē impor por causa dos danos, e ruinas que na guerra podē succeder: E a mesmo izentaçaon fazemos nas ruinas, que succederaon nas duas Capitanias, em que V. S. saon mais culpados, que hauēdo mais de vn mes que saon chegados, nos presēteraon guerra por cinco vezes, duas para parte da villa, e tres para a barreta, e Cararapas, em que ouue mortos, e feridos, sem em todo este tēpo offerecerē a Clemēcia, e perdaon, que agora manifestaon, tendo vsado sò mēte do rigor das armas com que protestamos diãte de Deos Nosso Senhor, dos Reys Cattolicos, dos muitos Altos, e poderosos Estados, & de sua Alteza o Senhor Principe de Orange, paraq; em todos os tempos conste esta verdade, e de tudo hamos por dado reposta, e a esperamos da V. S. estimãdo serē chegados a esta terra, para que com a verdade, e dezengano hanizemos a os Senhores muito Altos, e Poderosos, Estados, & de S. Alt. o Senhor Principe de Orange, e a V. S. guarde Deos.

E fazemos que assy a copia da que nos enuiaraon como desta nos fica autēticada, por hū tabaliaon, para a remetermos a o Senhor Gouernador geral, e elle a sua Magestade, e sua Magestade a os Altos, e Poderosissimos estados, e sua Alteza a o Senhor Principe de Orange paraque em tudo veyaon nossos procedimentos.

O qual traslado de carta acima, eatras escrita Eu Ioaon Borges de escouar escriuaon da ouuidoria geral desto estado por sua Magestade fy trasladar la propria, que tem em seu poder o Capitan Bernardo Vieira Rauasco Secretario de Sua Senhoria, e com ellas, co official abaxo assinado o cõcertey, a que me reporto, sobescriuy, e assiney. Na Bahia em sete dias do mes de Octubro de seicentos, & quarẽto, e seis annos. Ioaon Borges de Scobar Concertado por my escriuaõ Ioaon Borges de Scouar, e homigo tabaliaon Miguel Pereira da Silua.

NOTA

Reimpressão de opusculo existente no vol. intitulado — «Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob n.º 10.

Innocencio menciona este opusculo (V. *Dicc.*, Tomo I, pp. 280, n.º 1.571 da lettra A, e *Suppl.*, Tomo X, pp. 317, n.º 1), sem tel-o visto, fiado apenas na autoridade dos *Apontamentos bibliographicos da Historia de Portugal e Hespanha*, feitos por Monsenhor Ferreira Gordo, existentes em autographo na Livraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Esses *Apontamentos* levaram o erudito bibliographo portuguez a commetter dois erros: — 1.º, transcrevendo o titulo sem fidelidade; — 2.º, attribuindo a autoria da obra ao Governador Geral do Brasil Antonio Telles da Silva. — Convém notar que a incorrecção do titulo do opusculo, onde se lê — *por Antonio Telles da Silua* — em vez de — *para Antonio Telles da Silua* — poderia induzir no mesmo erro a qualquer pessoa menos avisada, que não examinasse o texto.

Figaniere menciona-o na sua *Bibliographia Historica Portugueza* (pp. 158, n.º 887), *entre as obras anonymas*, o que é contrario á verdade, pois nenhuma das quatro cartas, que formam o opusculo, ahi figura como anonyma. Além d'isso não é fiel na transcripção do titulo, que é exactamente o mesmo que Innocencio reproduziu de Monsenhor Gordo.

Este rarissimo opusculo mereceu um artigo especial do fallecido Valle Cabral, de saudosa memoria, onde são minuciosamente criticados todos estes pontos. (V. *Annaes da Bibl. Nac.*, 1, 1876, pp. 344-350, estudo intitulado *Bibliographia Brasilica.*) — N'esse estudo vem reproduzida a carta de João Fernandes Vieira ao Governador Antonio Telles da Silva, a segunda do folheto.

Vide o n.º 1.572 do Catalogo do Dr. Ramiz Galvão (*Annaes*, VIII, 1880. pp. 375) e o n.º 10.714 do *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil* (pp. 936). — Ternaux não o conheceu.

O folheto é in-4.º de 20 pp. num., sem f. de rosto, sem logar de impressão e sem data, vindo o tit. no alto da 1.ª pagina. — Sendo escripto em estylo mesclado de portuguez, hespanhol e italiano, parece-nos bem fundada a opinião de Figaniere (seguida pelo Dr. Ramiz Galvão), attribuindo esta impressão aos prélos de Roma. — D'elle se conhecem apenas mais dois exemplares accusados por Figaniere, um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Papeis Varios*, $\frac{3}{32}$, e outro na Livraria do Archivo Nacional, *Relações do Brasil, Angola, &c.* vol. I, n.º 6.

***

No mesmo vol. da collecção Barbosa Machado, em seguida a este, sob n.º 11, occorre outro opusculo, que é a traducção italiana do primeiro.

Eis a sua descripção:

SVCESSO / *DELLA GVERRA DE' PORTOGHESI solevati in Pernambuco contra Olandesi, come appare per / lettera del Maestro di Campo Martin Soarez, & d'Andrea / Vidal de Negreiros, indrizzata à Antonio Telles / de Silva l'Anno* 1646. |

S. l., s. *d.*, in-4.º de 15 pp. num., sem f. de rosto, vindo o tit. no alto da 1.ª pag.

Parece ter sido impresso em Roma, como o original.

Esta traducção, cheia de erros typographicos, era desconhecida dos bibliographos e foi pela primeira vez descripta pelo referido Valle Cabral, no *Estudo* citado (pp. 346-350). — Vem ainda mencionada no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, sob o n.º 1.573, e no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*, sob o n.º 10.715 (pp. 936).

Convém consignar as seguintes observações já feitas por Valle Cabral:

1.ª — O vocabulo *indrizzata* do tit. da traducção da primeira carta corrige o erro, que se dera no tit. do original.

2.ª — A carta de João Fernandes Vieira, que no original é datada de = *2 de Decembro de 1646* =, na traducção o é de = *2 di Settembre 1646* =.

3.ª — A traducção termina com o seguinte trecho, que não existe no original.

« Per quèsta relatione si vede chiaramente che non potranno mai gl'Olandesi cauar vtile dal Brasil; perche non trouando più che la marina, & non potendo assiu prouisti da Olanda delli bisogni, per il viuere, sendo necessario siano caricati dalli paesani, e Indiani li quali stando cosi solleuati non solo non li agiuterãno, ma anco vscendo dalle fortezze subito saranno amazzati, principalmente che per li boschi, & anco nelle acque si nascondano con arco, & sacto li Indiani, & senza potersi diffendere ne prouedero al suo danno sono repentinamente colti, feriti, & amazzati: oltre che le canne abbrugiate non danno frutto se non doppo cinque anni. E li paesani sanno benissimo quando possano, & debbano abbruciarle: e cosi è impossibile che ne Olandesi ne Portoghesi senza l'Indiani, e paesani natiui del Brasile possino conseruarsi nel Brasile tanto per mancamento de' viueri, come di sicurezza. E finalmente perche sendo eccessiue le spese non se ne caua vtilità come hà esperimentato la Compagnia Olandese della India Occidentale. »

Este trecho occupa a pagina 15 da traducção.

Ha mais de vinte e dois annos, que foi revelada a existencia d'esta traducção italiana do opusculo agora reimpresso, e em tão longo periodo não nos consta que houvesse sido accusada a existencia de outro exemplar; por isso não será exaggero classificarmos o nosso como *rarissimo e unico até hoje conhecido*. - (J. P.)

RELACION | DE LA | **VICTORIA** | QVE LOS | PORTVGVESES | DE PERNAMBUCO | **Alcançaron de los de la Compañia del Brasil** | EN LOS GARERAPES | **a 19. de Febrero de 1649.** | *TRADVCIDA DEL* | *ALEMAN,* | *Publicada* | EN VIENA DE AVSTRIA | **Año 1649.** |

Las acciones grandes son más para admiradas, que para repetidas; porque aquello que tienen de mayores, haze que no puedan referirse como ellas son. Es dificil escrivir el ingenio con la pluma, lo que el valor obra con las armas: vna forma sus caracteres con la tinta, y otras los imprime con la sangre. Pero esta dificultad, no es poderosa, para que la verdad, como alma de los sucessos, dexe de publicar lo obrado, ya para el exemplo, ya para el aplauso, pues tāto, y aun más, nos incitan las historias presentes, que las passadas. Tienen estas de vividoras, lo que aquellas de espantosas: y seria offender la memoria de tan gloriosos hechos, si el recelo de no ser igual lo escrito a lo obrado, los dexasse sepultados en eterno olvido.

La victoria que los Portugueses alcançaron vltimamēte de los de la Compañia de Olanda en Pernambuco, es de las que merecen eternizarse; pues por grande la juzgaron milagrosa. Y en effeto lo parece, si consideramos, que tan inferior numero de gente, desnuda, desprovcida, y desemparada, venciesse, y desbaratasse a vn poderoso exercito, governado por muchos, y expertos Cabos, cuyas esperanças no eran menores, que la entera conquista de toda aquella campaña.

Y porque las relaciones, que della publicáron los proprios enemigos, se hallan diminutas, y sin aquellas circunstancias que la pueden hazer vtil, y gloriosa, repitiré con senzillez, y sin affecto, la verdad de lo sucedido, para que se conozca no solo el valor, y resolucion de aquellos Portugueses, pero los repetidos fabores, con que el Cielo acōpaña de continuo sus armas, y sus victorias.

Aviendo los navios, que la Compañia de Olāda trae en el Brazil, quemado algunos molinos de Assucar, en la Bahia, desengañado su General de lo poco que podia obrar contra aquella plaça, y costas, se retiraron al Recife. Y deseoso el Coronel Brinch, que goverñaua las tropas, que alli se hallavan, de obrar alguna accion digna de su valor, se resolviò a salir en campaña, y acabar de vna vez con los Portugueses, que la señorean. Ayudôle este pensamiento la informacion que le dieron diez Italianos, huydos del arrayal Portugues al Recife,

affirmandole, que los Portugueses eran poco más de dos mil hombres, y essos sin municiones, ni bastimentos. Pero el General Sigismundo, hombre de gran valor, y experiencia, y que se avia hallado en las mayores emprezas de aquel Estado, le procuró dissuadir el intento, assigurandole que seria desbaratado, y roto, si quiziesse pelear con los Portugueses en la campaña; porque conocia su resolucion, como él avia experimentado en la ròta que le dieron a 19. de Abril del año passado, a donde fuera tan mal herido, que aun estava incapaz de poder tomar las armas. Representóle como la gente que tenia en su exercito era la mayor parte inexperta, y de varias naciones, y que los Portugueses peleavan como desesperados: que si en los principios de aquella guerra, bastava solo el nombre de Olandes, para intimidarlos, tenia conocido, que solo la vista de los Portugueses le desbaratatia: que su parecer era, dexar perecer aquella gente de hábre, pues carecia de todo, ó aguardasse mayor socorro de Olanda, para hazer más figura la victoria. Mas el Coronel Brinch, obstinado en su resolucion, sin atender a lo acertado de aquel consejo, se dispuso a la empresa, y para mostrar la seguridad que tenia de su buen sucesso, apostó vna summa de dinero con el General Sigismũdo, que avia de salir vencedor, aunque le mostró la experiencia, que no solo fue vencido, mas perdió la apuesta con la vida.

Salió pues del Recife jueves por la mañana a 18 de Febrero, con más de quatro mil hombres, a saber 3500. soldados de los sinco Tercios, de que eran Maesses de Cãpo, el mismo Coronel Brinch, que los gobernava, Vandebrand, Auten, Oltz, y Greveer; 200. Indios, y por su Regidor Pedro Poty, dos compañías de Negros, y 300. Marineros, cõ seis piecas de campaña, y el bagage necessario. Dividió todo el exercito en nueve batallones, y marchando hasta los oteros de los Garerapes, adonde avia sido la batalla, que perdiera Sigismundo, a dos leguas de sus fortalezas, se hizieron señores de aquellos puestos, como eminentes, y avantajosos; en frente de vna trinchera, que los Portugueses tenian levantado, en el camino que va hazia la Parrochia de Moribeca.

Advertido el Maesse de Campo General Francisco Barreto, que el enemigo era salido del Recife, y tenia ocupado aquel sitio, vino el mismo dia con dos mil Portugueses de los Tercios de los Maesses de Campo Andres Vidal de Negreros, Iuan Fernandes Vieira, y Francisco de Figueroa, seiscientos Indios, y Negros de las tropas del Capitan mayor Camaron, y del Governador Henrique Dias, con más dos compañias de Cavallos, de que eran Capitanes Antonio de Silva, y Manuel de Arahujo de Miranda. Fue tan grande su diligencia que llegó con su gente a la trinchera, por las ocho de la noche; y despues de alojado, inquietò el resto della al enemigo con alarmas, y rebatos. Al dia siguiente viernes le fue a reconocer en persona, acompañado de los tres Maesses de Campo, contra los quales tiraron algunos cañonaços sin effeto, y como hallasse difficultoso, y aun arriesgado poder pelear con el enemigo, sin hazer vna deshilada grande, por causa de vnos Pantanos entre la trinchera, y los Garerapes, dió orden al Capitan Antonio Rodrigues Franca estuviesse con

su compañía, a vista del Olandes, para que le advertiesse de sus designios, con atalayas, y corredores por toda parte: y escogiendo algunas tropas de los mejores soldados, los embiò a la retaguarda del enemigo, que fue mucha parte de la victoria.

Dispuesto lo necessario, por las dòs de la tarde: del mismo viernes 19. de Febrero, diò aviso el Capitan Franca al Maesso de Campo General, q'el enemigo auia dexado los Garerapes, y se iua la buelta del Recife, y como el no aguardava otra cosa para embestirle, que verle fuera de aquellas eminencias, embió al mismo instante las dos cõpañias de cavallos, y quatro de infanteria, para q' entretuviessen al Olandes, en quanto el se avansava con el resto del exercito, lo que hizieron con admirable valor; y por algunos prisioneros que se tomaron supo, que avian desemparado aquel puesto, para obligar a los Portugueses al combate, aunque otros dixeron, se bolvian al Recife, para otra empresa. Pero conociose ser lo primero, de la resolucion con que el Olandes bolvió a querer hazerse señor de las mismas eminencias. Lo que no pudieron conseguir por la diligencia grande que el Maesse de Campo General tuvo en avansar su exercito, no con pequeña dificultad, pues no podia marchar formado. El Maesso de Cãpo Andres Vidal de Negreros se apoderó de vna eminencia a la parte derecha, y Iuan Fernandes Vieira con vn troço de su Tercio, de la siniestra, a donde socorrió los que estavan peleando en el Boqueron, cuya resistencia, y oposicion era tan grande, que ya la avanguardia Portuguesa se retirava. Y porque el General entendió, que algunos de los batallones, que estavan a lo largo, pretendian cortarle, dio orden a Andres Vidal para que se avançasse con su gente, y peleando con ellos, fue rechaçado con muerte del Sargento mayor Paulo de Acuña Sotomayor, y del cavallo del mismo Vidal; que subido en otro, y socorrido del Maesse de Campo Francisco de Figueroa, bolvió de nuevo a la pelea. Ya por todas partes estava encendida la batalla, acudiendo a todo el General, y los demàs Cabos con aquel valor que avian mostrado em tãtas, y tã gloriosas ocasiones. No se descuidava Iuan Fernandes Vieira, q' assistido de su Sargẽto Mayor, del Camaran, y de Hẽrique Dias, hizieron acciones dignas de toda alabança. Por esta parte fue la primera que los enemigos no pudieron sufrir el valor Portugues, empeçando a huir con tal desorden, y miedo, que luego hizieron lo mismo los demàs. Fue la rota cruel, y sangrienta, y los Portugueses matando a todos los que encontravan; continuaron la victoria distancia de dos leguas, hasta la Barreta, a dõde el General dexó algunas compañias para impedir el passo a los fugitivos. Cansados todos, vnos de huir, y otros de matar, y vencer. Y por espacio de tres dias andaron los Portugueses dãdo muerte, y cautivando a los que se avian retirado, y escondido en aquellos bosques, y montañas.

En esta admirable victoria perdieron los Olãdeses màs de 2500. hombres, entre muertos, y presos, con casi todos los Cabos, y officiales de su exercito; escapando solo dos Maesses de Campo, vno dellos herido en la gar-

ganta, vn Sargento mayor, y quatro capitanes, mil soldados, y cerca de 500. heridos.

Murieron el Coronel Brinch, que los governava, dos Maesses de Campo, el Almirante de la Armada, que se avia querido hallar en la batalla, con otros muchos capitanes de navios, y officiales de la artilleria. Prisioneros 110. en que entran algunos Cabos, y entre ellos el Regidor Pedro Poty, que hizo la victoria màs gustosa, por ser aquel Indio el que màs daño hazia a los Portugueses en la campaña; y se escapò vno de los del Supremo Consejo de la Compañia del Brasil llamado Vangot.

Tomaron los Portugueses las seis pieças de capaña de bronze, todo el bagaje, municiones, y armas, porque los fugitivos las dexavan, para correr con menos embaraço; y de doze banderas que trahian, solo dos bolvieron al Recife.

La Relacion impressa en Olanda, dize perdieron 151. officiales, y màs de mil soldados entre muertos, y presos, pero las cartas escritas del Recife a estos Paizes, repiten lo referido; y aũque digan, para diminuir en parte, la gloria que los Portugueses consiguieron, fue en vna emboscada, y no en batalla reñida, no dexan todos de confessar, que daron desbaratados, con tan señalada perdida.

De los Portugueses murieron el Sargento mayor Paulo de Acuña Sotomayor, el capitan de cavallos Manuel de Arahujo de Miranda, personas de conocido valor, quarenta e sinco soldados, y cerca de 200. heridos, vno dellos el Governador Henrique Dias, y diez officiales menores. Como tambien los Maesses de Campo Andres Vidal de Negreros, y Iuan Fernandes Vieira, salieron cõ las señales de dos balas, no sin particular fabor del sielo, pues parece respetaron el zelo con que se emplean a tantos años en la defensa de aquellos miserables moradores, contra las tiranias, que los de la Conpañia vsavan con ellos.

Del Maesse de Campo General Francisco Barreto, basta dezirse que se le deve la mayor parte desta victoria, pues de su acertada disposicion, valor, y diligencia, resultò el alcaçarse tan gloriosamente; sin querer empeñarse con el enemigo, hasta que dexó aquel eminente puesto q' tenia ocupado. No siendo menor el valor, y cuidado de su Teniente General Felipe Bandera de Melo, pues aviendo distribuido las ordenes necessarias para el combate, se mezclò con los enemigos, hizo sentir a muchos con su espada, lo que en otras ocasiones avian experimentado.

Los Sargentos mayores Antonio Dias Cardoso, y Hieronimo de Hinojosa, y los demàs Capitanes, y soldados, obraron con tanta resolucion, y orden, que sobra para su gloria el aver salido victoriosos, dando mucho que embidiar a todos.

Pero no deve dexar de publicarse el zelo, y fervor con q' los Reverendos Padres Fr. Matheus de S. Francisco Administrador general de aquel

exercito, y Francisco de Avelar de la Compañia de Iesus, acudieron a todos los exercicios Christianos, alentando a los soldados con su dotrina, confessando a los que en ella murieron, y curando a los heridos con raro exemplo de piedad, y devocion. Lo mismo hizo el Licenciado Domingos Vieira de Lima Vicario general de aquella Capitania, por su persona, y por la de algunos Sacerdotes que embiò en esta ocasion, exponiendo el Sanctissimo Sacramento, sinco dias antes de la batalla, y tres dias continuos, despues della, todo a su costa, y del Clero, para implorar el favor divino, y en hazimiento de gracias por tan felice successo.

Daré fin a esta Relacion, considerando lo poco que pueden esperar los de la Compañia del Brasil, de aquella guerra tan arriesgada, y costosa, pues en diez mezes de tiempo perdieron dos tan celebres batallas, y en ellas màs de sinco mil hôbres, con todos los mejores, y màs expertos Cabos que tenian.

FIN.

NOTA

Reimpressão de opusculo existente no volume intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob n. 12.

E' o n.º 1.571 do Catalogo do Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 376). — E' o n.º 10.781 do *Cat. da Exposição de Hist. da Brazil* (pp. 988). — Não vem mencionado na *Bibl. Amér.* de Ternaux. — Já foi reimpresso no Tom XXII (anno de 1859) da *Rev. Trim. do Inst. Hist. Bras.*, de pp. 331—337. — A nossa ed. é pois a terceira.

O opusculo é in-4.º, de 6 ff. inn., sendo a primeira de tit., e não traz ind. de officina. — (J. P.)

RELAÇAM DOS SVCESSOS|da Armada, que a Companhia ge-|ral do Comercio expedio ao Esta-|do do Brasil o anno passado de|1649. de que foi Capitão General o|Conde de Castelmelhor.

Hvm dos frutos que mais em breue se recolhe nas boas eleições dos publicos magistrados, he o aplauso cõ que saõ recebidas; o qual não tarda muito em ser seguido de outro mayor bem; sucedendo de ordinario a cõmum esperança, quando se funda em razão, o fellicissimo effeito d'aquelles negocios, que por ella, & com ella se derigem. Tudo vemos na proxima escolha que entre tantos dignos sogeitos fez S. Magestade (que Deos guarde) da pessoa do Conde de Castelmelhor, para Gouernador, & Capitão General do Estado do Brasil, em tempos que aquelle Estado, parece que lutando com a ruim fortuna passada, para entrar em outra prospera, estaua ameaçado dos vltimos perigos. Como sucede ao enfermo, cujo mal por dar lugar à saude, faz termo em violentissimos accidentes Da aprouação com que neste Reyno, & no Brasil foi recebida a eleição do Conde, não he necessario que informemos, hauendoo por nòs feito a voz publica. Tudo assaz confirmado cõ a demonstração da espectauel Companhia géral dos Comercios; porque querendo ella participar do proprio acerto (como delles ambiciosa) com S. Magestade para o gouerno d'aquellas armas, & Prouincia, distinàra a pessoa do Conde, procurou tambem entregarlhe a direcção das suas, elegendoo por Capitão General de sua primeira Armada, para que com este fausto principio abrisse os alicerces da noua gloria que espera lhe resulte, offerecendo seu sangue, & cabedal, forças, & industria por instrumentos da conseruação, & dilatação da patria, & Imperio. Forãose assi encadeando hũs de outros os bons sucessos, que passaraõ tanto adiante, como se verá na relação desta jornada: a qual pontualissimamente escreuemos pelas cartas dos Cabos da Armada, que conferidas com as dos particulares, ficaõ izentas de algũa sospeita. Quãto mais que nosso animo não se dedica ao louuor, ou vituperio; & sò pretende fazer ao mundo hum conuite da verdade, igualmente distante d'aquelles dous estremos, Amor, & Odio, corrompedores de toda a igualdade, quer fallada, quer escrita.

Hauendose com incriuel diligencia aprestado a primeira Armada da Companhia géral tão idonea de forças, quanto conuinha a grandeza do negocio que começaua. Saio com prospero vento do porto de Lisboa, quinta feira

quatro de Nouembro do anno passado de 1649. O qual dia gastou a Capitana entre os cabos estinguando as veilas, por esperar se vnisse o corpo da frota, q' por cõstar de quasi sessenta nauios, senão pode reduzir a boa forma de naueg ação antes da noite. Mas então velejando de conserua, se foraõ apartando da Costa pelo rumo do Sudueste em demanda da Ilha da Madeira, dõde se hauia feito preuenir grande cantidade de vinhos q' na Armada se hauião de carregar, para os prouimentos do Brasil. Mas como Deos desde longe, ia preparãdo ditosos, & vtilissimos fins a esta jornada, ordenou que contra o costume dos tẽpos, se estendesse hũa noua calmaria, pelo golfo que jaz entre Portugal, & a Ilha, & fosse esta a causa de que a Armada se detiuesse nas 170. leguas deste caminho o espaço de doze dias, no fim dos quaes, ferrou o porto do Funchal na Madeira; donde os moradores admirados de ver a boa estrea do tempo, que nem seus paes, & auós em taes mezes jà mais hauião visto, não, cessauão de annunciar hum bom successo àquella frota. A qual o Conde com todo o cuidado, & presteza por seus officiaes, fez carregar, vencendo não poucas difficuldades, causadas da falta de embarcaçoens para aquelle seruiço. Mas porque o zelo, ministra todos os meios para sair dos apertos, muito melhor que o mesmo furor ministra as armas, sendo tal o do Conde como se conhece, a frota se vio prestes em noue dias, para poder nauegar, não obstante que todos entendião ser necessaria maior demóra para seu aparelho. Mas amanhecendo o dia vinte & sinco de Nouembro, que o he de Santa Caterina, desferio a Capitana, & mais nauios o pano, & as esperanças a outra mais dilatada nauegação, que se começou prosperamente, & continuou atè o segundo de Dezembro, em cuja manhaã descarregando hum rijo aguaceiro, fez como desaruorasse do mastro do traquete a fragata Santa Luzia, de que he Capitão Bernardo Ramires Esquiuel; & como se entendesse por ditto dos officiaes da mestrança, que ainda quando no már pudesse ter concerto, & fazer bandola, não podería acompanhar a Armada; pareceo ao Conde era menor inconueniente que irse detendo por todo o caminho, & arriscar a perder tao bom companheiro, o tomar o Cabo Verde, como logo se poz em effeito, atè q' aos 14. de Dezembro, surgio toda a frota no porto da villa da Praya, que he na Ilha de Santiago, cabeça de todas as de aquelle golfo. A obra do concerto se começou, & outra não menos necessaria, qual foi a aguada, cõ que os nauios, & gente se refrescárão, & que despois nas proluxas calmarias de Guinè, se viu bem quanta vtilidade a todos procedera d'aquella resolução. A terra a este tempo como milagrosamente chea de saude (por não hauer ainda chouido) & de abundancia de mantimentos em que sempre he opulenta, se deixou gozar dos soldados sem algum risco. Elles lembrados das tragedias, dos outros que em nossas armadas hauião annos antes, vizitado aquella Ilha, possuião agora com nouo contentamento as comodidades della. Porem hauendose jà conseguido os effeitos para que se fora demandar, a Capitana leuou ferro em 23. de Dezembro, & continnou sua

viagem atè 30. do mesmo mes, que em altura de 6. graos da banda do Norte (ou de tres & quatro segundo o ponto de outros pilotos) entràrão as calmarias com tanto excesso, que duràraõ trinta & seis dias, mostrando assim de nouo o màr aos nauegantes a molesta condição com que os recebe porque dos dous extremos de calma, & tempestade nelle continuos, ainda os homẽs, não sabem, qual lhes he mais penoso, tendo sempre por mayor aquelle que padecem. Foi todauia menos o dano que a ocasiaõ, porque senão cõtarmos o excessiuo dispendio, pela demòra da frota, ella não recebeo algum consideravel inconueniente; & só se apartou a nao de q' he Capitão Vitorio Zagallo Preto, Caualleiro do habito de Christo, & hũa carauela q' não pode aguantar, cõ o mais corpo da frota; que em differentes bordos esperando melhorarse, o não conseguio antes do dia 6. de Feuereiro, em o qual tomandose o Sol, se achou estar vinte menutos da banda do Sul. Mas segundo a viagem que imaginauão hauer feito os pilotos quando cuidaraõ passar muito a Leste do Cabo de Santo Agostinho, os desenganou de seu erro a terra que se descobrio em 15. de Feuereiro ás 4. horas da tarde; que logo foi reconhecida ser a Praiba, & Cabo Branco, como se confirmou pelo Sol tomado aquelle dia em altura de 7. graos. Donde verdadeiramente se considerarmos este cõmum desacerto de tantos praticos nauegantes, & os frutos que delle se tiràraõ, certo poderemos dizer, que a Prouidencia guiaua por outros mais altos rumos aquella Armada, com que tinha decretado socorrer os afligidos pouos de Pernambuco, que em demanda da Religião, & liberdade tantos annos ha, que por si mesmos pugnão contra a violencia de seus opressores. Cujas acçoens em hũs, & outros, saõ de Deos tão diuersamente recebidas, como tem mostrado os raros acontecimentos, que sobre estas, & aquellas armas estauão dando de continuo. Reconhecida emfim a terra, a Armada se foi toda aquella noite na volta do Arrecife, até se afrontar com a Ilha de Itamaracà; com a qual amanhecendo o dia 16. de Feuereiro, rendeo logo a bordo na volta do már, sempre à vista de grandes fumaças do inimigo, quiçà prometedoras de que o fogo de sua soberba, se desfazia em fumo, como he antigo costume da vaidade. Com tudo se conheceo, era seu animo auizar d'aquella maneira a esquadra de seus nauios que trazião mais proxima áquella paragem para deffensa della. Costeando a terra de Pernambuco se reconheceo hũa nao na boca do rio com que se euita a entrada por ella aos nossos, que incansauelmente por todos os caminhos os molestão. E porque o conselho he o remedio das cousas arduas; mestre, & fiador de seus acertos, mandou o Conde se juntassem todos os Capitaẽs, & pessoas que nesta ocasiaõ podião darlhe seu parecer; porque a algũs foi tida por auẽturada resolução o discorrer aquelles máres, & assombrar seus portos, sem que de todo se soubesse qual era o poder maritimo com que se achauão os Olandeses; dependendo totalmente da saude d'aquella Armada, grande parte dos interesses publicos, tanto de Portugal, como daquelle Estado. Propoz, & disputouse a materia presente, o Almirante, Capitaẽs, & Pilotos da

frota, se conuinha fazeremse os bordos pequenos, ou grandes, nas voltas do mar, ou da terra, & q' forma se haueria de ter na peleja, em caso q' os nauios infestadores das costas do Brasil, se opuzessẽ à nossa Armada, em forma de batalha. Então por todos os que estauão presentes foi assentado, què visto que o error se hauia por todos repartido na incerta derrota, com o que a cada hum ficaua mais leue a culpa de seu descuido, tratassem logo todos do remedio delle. Que o que por então parecia mais conueniente era ir na volta do mar atè que o vento se alargasse, para que melhorados o necessario, se fizessem na volta de terra, em demanda do cabo de Santo Agostinho. E que acontecendo que os Piratas que dizião ser Zelandezes hospedados no Arrecife, ou vagantes por seus mares, viessem em modo de offerecer combate àquella Armada; o que delles, & de seus desinios não podia ser esperado; se lhes desse logo batalha, & os derrotassem daquella costa, no qual feito bem se deixaua ver que não receberia menos autoridade a fé publica dos Estados géraes, que o proprio Reyno de Portugal; porq' as acçoẽs de hostilidade ministradas por aquelles nauios soltos, & atreuidos, punhão sem duuida grande nota na inteireza com que os Estados gèrais deuião corresponder à sincera amizade dos Portuguezes. Tendose por certo que tirado aquelle escandalo de por meyo destas duas potencias, a paz entre ellas celebrada poderia proceder por termos liures, & ser então mais facil de achar o modo de satisfazer a ambos os partidos. Executouse a ordem acordada no Conselho; & bordeando toda a Armada, em hũa, & outra volta os dias 17. & 18. de Feuereiro, nada se melhorou, por correrem sempre ventos Suestes contrarios a seus desinios. Mas aos 19. começàrão todos a ver algũa parte do premio de seus trabalhos, recebendose de terra um auizo do Mestre de Campo General Francisco Barreto em que dizia: como o Almirante principal Witen Witicen com as naos grandes de seu cargo se hauia feito na volta de Olanda, entendendo verdadeiramente o pouco seruiço que naqueles mares podia fazer à sua Republica. Dizia mais como os nauios que ficàrão na costa do Brasil, serião atè numero de vinte & quatro, algũs de pequeno porte, & todos faltos da primeira ouzadia com que pretendèrão dominar os vastissimos màres da America occidental. Que ainda assi nauegauão repartidos em tres esquadras, das quaes, duas corrião do Cabo atè a Bahia, & outra se cõseruaua sempre sobre a entrada do Arrecife, cuja Capitana se tinha por certo ser o nauio Sacramento, que deste Reyno partira em socorro de Angola, donde com outro de sua conserua, tão mal deffendido hum como o outro, fora interprezo de algũs piratas. Poderá ser que cõ mayor desgraça que culpa, mas com commum escandalo do pouo, cuja razão de queixa nos não toca. Cõfestou bẽ cõ o auizo recebido, à vista da esquadra Olandesa da guarda do Arrecife; a qual no mesmo dia deu mostra, & a veio tomar de nosso poder, que confiadamente discorria defronte de Pernambuco aquelle proprio dia, em que se prefazião vinte annos quealle fora ocupado pelos Olandeses; circunstancia que

se bem se considera, parece não pouco misteriosa; & donde se póde inferir que a Prouidencia não dando ainda por satisfeito o castigo d'aquella Prouincia, todauia a quer já vizitar com huma viua esperança de remedio. Mas a este tempo os nauios amigos, & inimigos não descansauão de obrar, segundo suas ordens, & desinios; pelo que hauendo as naos Ingrezas de nossa frota, dobrado a ponta da Mauricia, & villa de Holinda, donde o inimigo se achaua; huns, & outros se atacàrão por algũas horas com trauada escaramuça; resultando della tão pequeno dano aos nossos, que outro se não aduertio fóra da morte do Piloto do Capitão Morès; não lhes custando aos contrarios tão barata; segundo o deu a entender o desaparelho de seus nauios, voltas confusas, & froxo combate. Foi por nossa parte cheo de fermosura o sucesso, por ser à vista de ambos os exercitos, Portuguez, & Olandez, que desde terra vião, & esperauão o fim delle. Porem os Portuguezes de nosso campo, leuados igualmente do aluoroço, que da necessidade, dobràrão os auizos, & rogatiuas ao Conde, a quem veio aquella noite o Alferez Ioão de Azeuedo da Veiga, com cartas de seu Mestre de Campo General, pelas quaes representaua a commum, & extrema necessidade d'aquelles moradores, & soldados; & da parte del Rey, de Deos, & da Natureza, instantemente, em nome de todos, pedia ao Conde dispuzesse de sorte, que aquelle pouo, hauendo escapado do furor do odio de seus inimigos, não viesse a perecer ás fracas mãos de sua propria miseria. Porque por sem duuida tinhão, que a este sò fim dispuzera o Ceo o enleyo de sua nauegação. Era jà amanhecido o dia vinte de Feuereiro, quando se descobrio a profioza, mais que constante esquadra inimiga; a quem com ouzada diliberação foi encontrar o Capitão Antão Temudo de Oliueira, Caualleiro do habito de Santiago. Porem nem pelo enuite da volta, que sobre ella hauia feito, nem por lhe disparar hũa pessa com baila em som de desafio, se derão por entendidos os contrarios do que lhes requeria, do qual o Capitão desenganado se recolheo outra vez ao corpo da frota. Mas como nelles ouuesse mais desejo de conhecer nossas forças, que de exprimentalas, não deixando jà mais o barlauento, foi de todo impossiuel darlhes a conhecer por experiencia as mostras do valor Portuguez, que elles tanto tinhão irritado. Não perdia entretanto a Armada o tempo, porque com differentes bordos franqueaua aquella altura, em a qual durou até os 22. do mes, sem algũa ventajem. Mas ao dia seguinte entrandolhe o vento largo, se mareàrão todos os nauios até montarem a pōta de Mauricia, & se apresentar todo o corpo da frota às dez oras do dia diante do porto do Arrecife. Porem as ordens procedidas do igualissimo animo de S. Magestade, não dauão lugar a que se aceitasse hum tão bom aceno da fortuna. O Conde voltou ao màr por razão de vir atrazada sua Almiranta, a respeito de recolher (com tanto cuidado, quanto naquella paragē se deuia) algũs nauios mancos, que não guardauão, nem podião guardar conserua com o resto da Armada. De que conuidado o inimigo aparecia já com suas velas (a maneira de astutissimo Lobo, por prear as ouelhas descuidadas, do rebanho a

que segue ;) a cuja oposição rendeo diligentemente o bordo o Almirante Pedro Iaquez de Magalhaẽs, com mais tres nauios de guerra, com que foi demandar o inimigo; o que elle vendo, voltou com mais diligencia a seu porto, do que delle hauia saido cõ ambição. Então a Capitana parecendolhe que a poderia encontrar antes de recolhido, voltou sobre elle fazendo força de vella; porem o inimigo ajudado de sua ligeireza, mostrou procurar antes o interesse das prezas, que a honra das batalhas. Comtudo a fragata S. Francisco, de que he Capitão Antonio de Abreu de Freitas, vendo que a Almiranta Olandesa se apartaua de seus nauios, vindo costeando a terra, por tomar o Arrecife, se melhorou de sorte, que dando nella toda a carga de artilheria, & mosqueteria, fez como com muito dano, ou com pouca opinião se recolhesse. Com semelhante sucesso veo naquelle porto a incorporarse com a Armada o Capitão Vitorio Zagallo Preto, que hauendo mes & meio se apartára na linha (como atraz dissemos) despois de pelejar com os elementos, veio a pelejar tambien cõ os inimigos; porque vendo terra d'aquella costa como a dez leguas della amanheceo à vista de hum nauio, & de hũa sumaca, que reconhecendoa por mais ligeira, se voltou ao Arrecife, donde tornando ao outro dia 24. de Feuereiro com quatro naos de sua conserua, se começou entre ellas, & a nossa, um profiozo combate, que nem por ser entre tão desigual partido, parecia desigual; porque o valor dos Portuguezes supria bem a falta do numero, & os igualaua assi com seus inimigos. Porem quãdo a peleja andaua mais azeda, & a nossa nao com as contrarias se encaminhauão ao cabo de Santo Agostinho, sucedeo descubrir-se a Almiranta de Portugal, & a fragata S. Theodosio, de que sobre saltado o inimigo, não quiz prouar com muitos aquella fortuna, que com hum só não se lhe mostrára auantajada. Antes vzando de sua ligeireza se reduzio ao porto. Nada teue que enuejar a este acontecimento o Capitão Bernardo Ramires Esquiuel, q' aquelle dia não desmereceo o nome de Bernardo, tão celebre por venturoso, entre as memorias de Hespanha. Acharase em 21. de Feuereiro defronte da Candelaria entre o Cabo, & o Arrecife, donde visto de noue nauios inimigos (que era como parece toda aquella esquadra) o enuestirão sem que elle pudesse ser socorrido de algum dos nossos, por andar neste dia apartado da frota. Procedeo a batalha, dando, & recebendo cargas, com que se acabou o dia; mas no segũdo ainda q' cõ menos dous nauios, que do primeiro combate se recolhèrão maltratados, foy mayor o aperto tocando os cõtrarios, varias vezes a abalroar. O que vendo o Mestre de Campo General Francisco Barreto fez auizo ao Capitão de que se saluasse em terra, donde esperaua defendello. Porem elle sem perder parte do brio, nem da esperança, lhe respondeo: Era no már mais contingente a perdição; & que na terra temia se arriscasse o credito, por escapar a vida. Fez mais digno de estimar este procedimento, a falta de outro semelhante, em os nauios estrangeiros que se achauão surtos no Cabo, & aponto de dar a vella para este Reyno; os quaes nem persuadidos do perigo em que vião a seus amigos, nem obrigados da

obediencia deuida ao Mestre de Campo General, que os mandaua ao socorro, quizerão executallo. Antes com feo exemplo procurárão desuiarse, pagando mal a liberdade, de hũ anno perdida, que deuião aquella Armada, cuja potencia lhe franqueou o mar, & o porto, a saída, & o interesse, cujo sucesso escreuemos não para infamar feitos indignos, mas para que á vista delles fiquem mais realçadas as acções valerosas. Como he certo que a luz resplãdece melhor nas treuas, & o ouro brilha mais, jũto da cor escura. Mas quãdo em defeito do socorro que lhe não derão os amigos, parecia euidẽtissimo o risco q' o ameaçaua, Deos o liurou delle, tomando por meyos a constancia, & industria do Capitão, & soldados, porque com só morte de sete, & algum sangue que oito derramàrão, o nauio se saluou, tão ornado de gloria como vencera de perigo. Forão tambem testimunhas deste sucesso, amigos, & inimigos, na terra, & no mar, q' todos se conformárão igualmente na informação, & inueja delle, a cuja fama, não querendo nós ser deuedores, o escreuemos a todos, como para nós o hauemos lido, & examinado. Semelhante no valor, & pouco diuerso na fortuna, o Frances Capitão Iaquez Aguel, que o he da fragata Nossa Senhora da Graça, pelejou com seis dos proprios nauios do contrario, de que tambem offendidos, em sua defensa, sem algũa esperança de vitoria se retirárão, como dos mais o hauião feito; mostrando assi cõ repetidos exemplos ás naçoẽs de Europa, que aquella tão respeitauel fortuna Olandesa, a quem o már fora tãtas vezes teatro de venturosos progressos, mudaua já para elles de sembrante, sometendoos debaixo do jugo de sua variadade. Erão já os 24. do mes quando a Capitana do Conde surgio, & com ella toda a frota na testa do Cabo, sendo esta a primeira Armada, que em gloria de seus directores discorréra victoriosa por aquella Costa. Por ventura como restituindose a antigua, & justa posse della, com particular assistencia do Ceo, que ordenou fosse hum poder instituido pelas expensas da Republica, aquelle que se desagrauasse das offensas feitas à mesma Republica. Mas vendo então de mais perto os moradores de Pernambuco, & seu exercito, qual era a merce que Deos lhe fazia, trazendolhe a casa o remedio de suas miserias, que por falta dos mantimentos que do Reyno se transferem àquellas partes, estauão já nos vltimos apertos, ordenàraõ como em nome do cõmum fosse representar seu estado ao Conde o Tenente de Mestre de Campo General Felipe Bandeira de Mello. O qual com toda a efficacia que soe dictar a necessidade, inteirou bem o Conde da publica aflição em que se vião; representandolhe de mais, quanto seria prouauel entrarem os moradores, & soldados em hũa desesperação, se acaso vissemlhes passaua pela porta o remedio, deixandoos necessitados. Porem o Conde, com animo verdadeiramente Christão, & prudentissimo, suposto que não leuasse ordem de Sua Magestade, ou da Companhia gèral, para lhes dar socorro, quiz tomar sobre si o risco da reprensaõ, & o dano a que expunha sua fazenda, destribuindo grande cantidade de generos de que consta o cabedal da Companhia quando ella desaprouasse aquella acção, antes que deixar perecer aquelle pouo Portuguez, posto

que quasi segregado do mais corpo da Lusitana Monarquia. De cuja resolução auizada a terra, saõ indiziueis as demonstraçoens que por toda ella se fizerão de contentamento, louuando a Deos, a Sua Magestade, a Companhia, & ao Conde, pela merce que o Senhor lhe fizera socorrendoos com os meios de sua vida, & *redenção*. Entre as noticias que dos naturaes se alcançàraõ foi hauer entendido que o estado dos Olandeses no Arrecife em nada se auentajaua ao dos Portuguezes em Pernambuco. Mas se tinha por certo que suposto de presente comião de nossas migalhas esperdiçadas nas prezas que indignamente hauião ás mãos, todauia vinha a ser taõ pouco, que naõ bastaua a conualecellos da fome, & da necessidade em que estauão. O que tudo nos promete está Deos inclinado a dispor a concordia, pois com tanto cuidado quer humilhar a arrogancia da Companhia Occidental de Olanda, & alentar esta de Portugal; para que assi aquella enfraquecida, & esta vigorosa, haja lugar o bom comodo que pretendem os benemeritos de huma, & de outra nação. Surto o Conde, & sua frota, menos algum nauio por malicia, ou fatalidade apartado. Refrescando sua gente, afugentando inimigos, remediando amigos, o deixamos de caminho para a Bahia, sem algum receo de que nelle topasse juntas as tres esquadras, que se entẽde procurarião vnirse para lhe fazer oposição, sem embargo da qual, esperamos seja felicissimamente chegado àquelle emporio do Occidẽte; cujos progressos, com o fauor diuino, & os da Armada da Companhia geral, prometemos escreuer, assi como elles nos chegarem á noticia, para que por esse modo veja o mundo, conferindo os passados, & prezentes acontecimentos, quanto importa a presença de hum Rey natural, & a vnião da sustancia da Republica, tudo assaz expresso nas acções de Sua Magestade, & da Companhia géral, prometedoras (por meyo dos premios que se preparão aos que neste primeiro seruiço se assinalàraõ) não só de tornar a dourar a coroa Portugueza de sua antiga gloria, mas de esmaltalla com nouos triunfos.

Finis Laus Deo

Com todas as licenças.

NA OFFICINA CRAESBEECKIANA.

Anno 1650

TAxão esta Relação em 10. reis. Lisboa 10 de Mayo de 650.

D. Pedro P. *Pinheiro.* *Meneses.*

NOTA

Reimpressão de opusculo raro, existente no volume intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob n.º 13.

Não traz o nome do A., mas é de D. Francisco Manuel de Mello, segundo a opinião geral dos bibliographos.— Veja-se a sua descripção na *Bibl. Lusit.* de Barbosa Ma-

chado, II, pp. 185; — na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n.º 819, pp. 146; — no *Dicc. Bibl. Port.* de Innocencio, II, pp. 440, n.º 1.264 da letra F.; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n.º 1.575 (*Annaes da Bibl. Nac.* VIII, 1880, pp. 375); no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*, n.º 10.785 (pp. 938), — e na *Bibl. Amér.* de Ternaux, n.º 601 (pp. 122). — Este ultimo autor é menos correcto na transcripção do titulo, chegando até a accrescentar-lhe o nome de D. Francisco Manuel de Mello, quando a obra sahiu anonyma.

O opusculo é in-4.º, de 8 folhas inn., sem fl. de rosto. — O tit. occorre no alto da 1ª folha. — Quanto ao seu grão de raridade, Figaniere accusa a existencia de dois exemplares apenas: — um da Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Papeis Varios* $\frac{3}{12}$, — e outro de sua propriedade, em um dos 18 vols. in-4.º da sua collecção de *Miscellaneas Portuguezas*. — Innocencio possuia um exemplar, que foi vendido depois de sua morte. Vide o n.º 1.460 — 2.º, pp. 87 da 1.ª parte do Catalogo do Leilão (Catalogo da copiosa bibliotheca do fallecido Innocencio Francisco da Silva... *Lisboa, Typ. Univ. de Thomaz Quintino Antunes*, 1877, in-8.º), onde o titulo vem bastante modificado. — (J. P.)

BREVE | **RELAÇAM** | DOS VLTIMOS | SVCESSOS DA GVERRA | **do Brasil, restituiçaõ da cidade Mau-|ricia, Fortalezas do Recife de Per-|nambuco, & mais praças que os|Olandeses occupauaõ na-|quelle Estado.|**

Em Sabbado, vespora de Sam Thome, vinte de Dezembro do anno de mil seiscentos cincoenta & tres, pareceo á vista do Recife a Armada da Companhia, que constaua de sessenta & quatro nauios mercantes, & treze de guerra; vio a Francisco Barretto Mestre de cāpo General, & Gouernador das quatro Capitanias, ou Prouincias do Norte, Pernambuco, Itamaracá, Paraiba, & Riogrande, que ao tal tempo estaua na praça de Nazareth, & logo lhe despedio dous auisos, hum do porto da Candelaria, & outro da villa de Olinda, em que pedia ao General da Armada Pedro Iaques de Magalhaēs se quisesse deter, & sahir a terra, pera tratarem da restauraçam, & liberdade daquellas Capitanias, pois Deos offerecia tam boa occasiaõ pera se conseguir. E logo apos os auisos se partio o dito Francisco Barreto em companhia dos tres Mestres de campo Ioaõ Fernandez Vieira, Andre Vidal de Negreiros, & Francisco de Figueiroa pera a villa de Olinda, pera ficar mais perto do dito General, se elle tomasse terra como lhe pedia: & vendo que o dito General vinha a terra com Francisco de Brito Freire seu Almirante, os foi receber com os ditos Mestres de campo, duas companhias de caualos, & alguns officiaes do Exercito, ao Riotapado, meya legoa da dita villa de Olinda, onde o dito General desembarcou. Vieraõse agasalhar á villa, & com pouca detença chamou o dito Francisco Barreto a Conselho os ditos General, & Almirante, os Mestres de campo, & officiaes que leuaua consigo, & lhes propos.

Que ainda que os Olandeses se achauaõ com mantimōtos nas suas praças pera mais de hum anno, & com muniçoēs, & gente bastante pera as defender, estauaõ reduzidos aos limites de suas fortificaçoēs, sem possuirem na campanha, nem tirarem della vtilidade algũa, com que tinhaõ de todo cessado os interesses que nos tempos passados tirauaõ daquellas Conquistas as pessoas de conta que hiaõ seruir a ellas; & que os soldados por mal assistidos, & por acossados da guerra, se achauaõ descontentes, & huns, & outros desenganados de terem soccorros bastantes para poderē alargar as suas estancias, & cobrarem alguma ventagem sobre a nossa gente, de que em todas as occasioens foraõ

afrontosamente mortos, & vencidos; & que estas razoens tinhaõ dado tanto animo à gente de guerra do nosso Exercito, que nenhũa cousa desejaua tanto, como acabar de hũa vez com estes inimigos, & deixaremna cometer suas fortificaçoens a todo o risco, principalmẽte conhecendo q' a gente da terra, cãsada , diminuida, & cõsumida cõ guerra de tãtos ãnos, começada, & sustentada à sua propria custa, sem soccorros do Reyno, que se lhe negauaõ por namdar aos Olandeses occasiaõ de mayores quebras, nampodia soportar os tributos que pagaua, nem sustentar a guerra por mais tempo, sendo a necessidade dos inimigos, & a necessidade dos nossos o mayor motiuo pera namperder essa occasiaõ. Que o tempo com qualquer alteraçaõ de hũa, & de outra parte, podia mudar facilmente. Que com a Armada se podia defender o mar, & impedir os soccorros que por elle viessem, & a communicaçaõ de alguns nauios que os Olandeses traziaõ cruzando aquellas paragẽs; & com o Exercito por terra offender, & apertar o inimigo, de maneira que se acabasse de lançar de todo o Estado do Brasil.

Todos os votos se conformàraõ com a proposta do Mestre de campo general, & leuantando o Conselho, se voltàraõ o General, & Almirante a sua Armada, & em execuçaõ do assentado lançàraõ ferro, tomãdo posto desde a villa de Olinda té a barreta, distancia de hũa legoa, deixando á vella quatro nauios ligeiros para vigiarem o mar, & darem comboi aos nauios mercantes que auiaõ de entrar no porto de Nazareth, sete legoas do Recife, & pera se poderem fazer melhor as vigias de noite, enuiou o Mestre de campo general á Armada quatro barcos dos mais praticos daquella costa.

Tratou logo o dito Mestre de campo general de executar o que lhe tocaua, & fazendo mostra da gente que auia no Exercito, achou que constaua de tres mil & duzentos soldados; mandou logo aos Mestres de campo Ioaõ Fernandes Vieira, & Andre Vidal de Negreiros, que com a gente dos seus Terços fossem dispor o necessario pera fazer as batarias, & plantar a artelharia nos postos que se tinhaõ escolhido no Conselho; & gastàraõ nisto tè quatorze de Ianeiro. Na noite deste dia marchàraõ com hum Terço de dous mil infantes a occupar os postos defronte da Força da Casa do rego; & se deraõ os soldados tal pressa nesta obra, que ao dia seguinte, que foi de Sancto Amaro, quinze de Ianeiro, amanheceo a bataria posta; constaua de cinco meyos canhoens, & instrumentos menores de guerra; & por tocar a vanguarda neste dia ao Mestre de Campo Ioaõ Fernandes Vieira, primeiro motor desta guerra, antes de começar a bataria, fez huma breve fala aos soldados, dizendo.

Companheiros, bem sabeis que o intento com que começamos esta guerra nam foi liurar de estranha sogeiçam a terra em que nacemos, nem a nós do catiueiro em que nos puseram nossos peccados, mas foi o nam nos deixarem viuer nelle, com liberdade, & segurança em nossa Religiaõ, extendendo estes tyranos a jurisdiçam, & vassallagem das pessoas ao senhorio das almas, procurando persuadir a nossos filhos sua falsa doutrina, tirandonos o

vso dos Ministros, & Sacramentos da Igreja, que nos encaminhauaõ, & consolauaõ. Nam nos moueo a hũa empreza taõ ardua a injuria que recebeo a nossa Naçam, vendose em nossas pessoas escraua, criandoa Deos pera ser senhora das gentes; mouconos a injuria que â nossa vista padeciaõ, & padecem os Altares sagrados, as Imagens sanctas, & os Templos que nossos mayores dedicáram á assistencia, & seruiço de Deos, reduzidos à estancia de brutos, profanados com tantas afrontas, que humas vezes fechaueis os olhos pellas nam ver; & outras se vos fechauaõ elles com lagrimas, tudo feito em opposiçam, & escarneo da sancta Doutrina dos Pontifices de Roma: chegou amigos o tempo de consumarmos esta obra, acabemos por huma vez, offereçamos as vidas a quem no las deu; ditosos os que escaparem, mais ditosos os que morrerem: a elles IESVS, que he o nome que demos ao nosso Exercito quando o leuantamos, & he o que nos ha de liurar de seus, & de nossos inimigos; comecemos em seu nome.

Acabadas estas palauras, se começou a bataria com tal resoluçaõ, que se meteraõ naquelle dia na praça do inimigo cento & quarenta & seis balas todas de vintequatro libras, fóra o que se obrou com a mosquetaria, & mais instrumentos de guerra. Intentou o inimigo soccorrer esta Fortaleza, & nam podendo soportar o valor dos nossos, com que foi rebatido, se recolheo; & tornando a instar com segundo soccorro, enfadados de sua ousadia os Capitaens do Terço do Mestre de Campo Ioaõ Fernandez Vieira, & o seu Sargento mór Antonio Dias Cardoso, sahiraõ a auançalo, & ferindo, & matando nelle, o obrigàraõ a se retirar, largando parte dos refrescos que leuaua. Deste encontro, que foi muito rijo, sahiraõ feridos o Capitam Sebastiaõ Ferreira, & o seu Alferes, & alguns soldados, & pareceo milagre nam ser mayor o dano, porque foraõ varejados os nossos da artilharia de noue Forças, que pella praya até o Recife, & pella outra banda cruzaõ toda aquella campanha em defensa humas das outras; & nam bastou isto pera o inimigo deixar de procurar terceira vez meter soccorro na força, mas succedeolhe o mesmo que das primeiras.

Tanto que anoiteceo se mudou a artilheria pera outro lugar, em que pareceo faria mais dano ao inimigo; & dandoselhe fogo no quarto da prima, deuia ser com grande effeito, porque pella madrugada, desconfiado já o inimigo de soccorro, & escarmentado do valor, & resoluçam comque era combatido, espantado de ver, que ainda que as suas balas chouiaõ sobre a nossa gente de todos aquelles Fortes a nam diuertiaõ nada da obra, se resolueo de todo a chamar pellos nossos soldados, pedindo quartel; & acudindo o Sargento mayor do Terço de Andre Vidal de Negreiros Antonio Iacome Bezerra, que se achou mais perto, deu parte ao seu Mestre de campo, & elle ao Mestre de campo general; & logo o Mestre de campo general ordenou o deixassem sahir com sua roupa, armas liures, & bandeira tendida, mandando que o dito Sargento mayor tomasse posse da Força, & assegurasse, com as

companhias, que lhe parecessem necessarias; assim se executou, & os rendidos marchàraõ ao quartel da Corte, onde o Mestre de campo General lhe mandou pagar as armas, mais pellos contentar, que por necessidade que dellas ouuesse no exercito; & logo no segundo dia os mandou pera a Armada. Consta esta Força de tres plataformas em forma triangular; defendiaõna quatro peças de artilharia com oitenta soldados, & ficàraõ nella de guarniçaõ os Capitaens Francisco Pereira Guimaraens, Luis Lopes, & Ioaõ Ramos.

Feito isto chamou o Mestre de campo General a conselho o Mestre de Campo Andre Vidal, & Ioão Fernandez Vieira, & ao Tenente general Ieronymo de Hinojosa; & propondo a parte que se auia de cometer, se assentou fosse o Forte a que os Olandeses chamaõ Alternati, & antiguamente se chamaua a Casa da Seca: está á borda da agoa da outra parte do Rio, fronteiro à Força de Sancto Antonio por hum lado, & pellas costas a todo o Recife, & marchando os ditos Mestres de campo com os tres Terços a esta parte em desasete do dito mes amanheceo a nossa gente com suas cauas, & aproxes junto ao dito Forte, cabendo a guarda ao Terço do Mestre de campo Francisco de Figueiroa: & na noite seguinte se leuantou a plataforma, & assentou a bataria com cinco meyos canhoens de vinte & quatro, trabalhandose com euidente risco da nossa gente, pellas muitas balas, que entre ella estauão caindo continuamente, de que alguns soldados foraõ feridos. Começouse, & continuouse a bataria os dous dias seguintes, & sem embargo de a Fortaleza ser soccorrida, sem os nossos o poderem impedir, por estar à borda da agoa, & chegarem a ella os seus bateis, se entregou ao por do sol do segundo dia, porque os soldados vendo a nossa resoluçam, & que por estarem os nossos aproxes ja junto á sua muralha, & as nossas palanquetas lhe desfazerem a estacada, & parapeitos, lhes podiamos dar o assalto o dia seguinte, nam quiseraõ acabar ali todos com os mais que ja eraõ mortos; & pedindo falla, & hum Capitaõ em refens, para elles mandarem outro a tratar dos partidos da sua entrega, lhes mandou o Mestre de campo General o Capitaõ Alexandre de Moura, & o Olandes hum Flamengo por nome Vanquera; & vindo o Mestre de campo General à bataria falou com o Capitam Olandes, & lhe prometeo por hum escrito que o deixaria sahir com toda sua roupa, & armas, com mechas acesas, bala em boca, bandeiras largas: & voltando o Capitam com o escrito ao seu Forte, abrio as portas, & saindo com toda a sua gente por meyo da nossa Infanteria, que estaua em ala, foi acompanhando o Mestre de campo General tè o seu quartel, áonde vendeo suas armas, & se foi logo pera a Armada, menos trinta Indios, que vendo que os Olandeses se queriaõ entregar; se lançàram a nado ao Rio, & do Recife os vieraõ recolher em bateis.

Foram rendidos nesta Força cento & oitenta soldados, dezanoue mortos, & muitos feridos, que foraõ para o Recife. He de forma quadrangular com quatro baluartes nos quatro angulos, & nelles dez peças de artilheria, sete de bronze, & tres de ferro, com bastantes municoens; he cercada de muy boa

estacada com seu fosso de mais de vinte palmos de boca: ordenou o Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros ao seu Sargento mayor Antonio Iacome Bezerra, fosse tomar posse da dita Força, & deixasse nella de guarniçaõ aos Capitaens Antonio Curado Vidal, & Dom Pedro de Sousa.

Vendo o inimigo a resoluçam com que se bateo este Forte nos ditos dous dias, largou os que lhe ficauam mais afastados, por se vnir ao Recife para melhor defensa sua; & os que largou foraõ tres fortes Reaes, hum na praya do Recife pera a villa, que chamão Buraco de Sãctiago, outro na campina dos Afogados junto ao Rio do mesmo nome, outro no paço da Baricta, dando fogo ás casas dos Gasalhados, & ao mais que não puderaõ recolher; & largáraõ outrosi, & puseraõ fogo a quatro casas fortes q̃ tinhaõ em diuersos postos á sombra destas fortalezas, prouidas de artilheria, armas, & muniçoens, & retirando de duas destas casas oito peças de artilharia, das outras duas nam pode tirar outras tantas. Este dia chegou ao Exercito conualecido de huma doença, em que cahio o dia do primeiro Conselho na villa de Olinda, o Mestre de campo Francisco de Figueiroa, com tanto gosto de vir ajudar a seus cõpanheiros, como auia tido de sentimento de lhes faltar nos dias antecedentes.

Chamou o Mestre de campo General a Conselho os tres Mestres de campo, & o Tenente géral, & assentou que se fosse occupar huma Eminencia, que fazia hum reducto velho, que de alguns annos atras tinhaõ desemparados os Olandeses, & fica quasi contiguo ao Forte das cinco pontas, em que se fecha a fortificaçam do inimigo: & querendose pôr em execuçam este intento, veyo auizo pellas sentinellas do Sargento mór Antonio Dias Cardoso, que o inimigo tinha occupado o dito posto, & o estaua fortificando cõ grosso de gente; & logo o Mestre de cãpo general cõ os Mestres de cãpo Ioão Fernandes Vieira, & Andre Vidal de Negreiros foraõ reconhecer o estado ẽ q' o inimigo tinha a fortificaçaõ, que ali fazia, & viraõ que hia acabando a toda pressa hũa casa forte q̃ ficaua cercada com o muro antigo do reducto; & tornando o dito Mestre de campo general a chamar o Conselho, os tres Mestres de campo, & o Tenente general, se resolueo que na propria noite, que era a de vinte hũ de Ianeiro, fosse hum dos Mestres de campo com mil infantes a desalojar o inimigo, & tomar aquelle posto. Coube a execução ao Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, por auer sahido o seu Terço de guarda o dia de antes, & lhe tocar a vanguarda do seguinte. Partio cõ mil & cem soldados, entrando nelles trezentos de Ioão Fernandes Vieira, & o seu Sargento mayor Antonio Dias Cardoso, algũs soldados presos da tropa do Gouernador Henrique Dias, & o Capitaõ mór Camaraõ cõ algũs dos seus Indios, q̃ todos faziaõ o dito numero; & tanto q' foi noite passou o Rio, & chegando à caua do reducto, em q̃ entra a marè, achoua chea, & foi forçado fazer alto, & esperar q̃ ouuesse lugar para poder vadear o fossò, & q' a Lua se puzesse para poder fazer o assalto sẽ ser visto; estando naquella parage͂ cõ euidente risco, se fosse sentido da Força das cinco pontas, S. Antonio, ou qualquer dos reductos q̃

estaõ a tiro de arcabuz ẽ cāpanha raza. Logo q̃ a maré, & a Lua deraõ lugar, repartio o Mestre de cāpo os troços, & auançando à caua topou cõ as cẽtinelas do inimigo q̃ estauaõ de guarda, & cõ a primeira carga se puseraõ em fogida; a Casa forte foi cometida cõ tal resoluçaõ, q' por mais resistẽcia q fizeraõ cincoẽta soldados, q̃ à defendiaõ, rota cõ machados a porta, & aberto portilho por hũ lado, começàraõ os de dentro a pedir quartel, q̃ se lhe cõcedeo cõ morte de cinco sómẽte; & na mesma noite foraõ leuados à Força dos afogados, q̃ estaua ja por nós, & dahi no dia seguinte para o quartel do Mestre de campo general.

Neste assalto morreo o Capitaõ Ioão Barbosa Pinto do Terço do Mestre de cāpo Andre Vidal, q' hia de vāguarda, Capitão muito valente, & que em todo o discurso desta guerra procedeo com igual valor ao com que acabou a vida. Sahio ferido o Capitaõ Dom Pedro de Sousa do mesmo Terço, & o Capitaõ Gregorio de Caldas do Terço do Mestre de campo Ioão Fernandez Vieira ferido de hua bala que lhe leuou os queixos, & alguns soldados de hum, & outro Terço mortos, & feridos.

Occupado este posto, era euidente o perigo emq̃ ficaua a nossa infantaria exposta ás balas de todos aquelles fortes que ficauaõ sobre ella, & para o euitar o Mestre de campo, & amanhecer mais vizinho à força das cinco pontas, mandou abrir cauas por toda a infanteria, com que amanheceo cuberta, & foi continuando com aproxes pera a dita força tẽ amanhecer, assistindo a tudo nesta occasiaõ, & nas antecedentes o Engenheiro Pedro Garsin, que sem respeito ao perigo de sua vida fazia sua obrigação muito como deuia. Vendo o inimigo os nossos tam perto de sy, se resolueo o seu General Segismundo Schop a sahir acompanhado com nouecentos soldados com intento de desalojar do posto a nossa infanteria; & começando a escaramuça com hum grosso de mosqueteiros que mandou diante, foi rebatido com tam extraordinaria resoluçaõ, & valor, que se recolheo admirado da furia da nossa gente; & assi o foi referir aos do seu Conselho, como depois se soube, affirmando que os Portugueses nam pelejauaõ como homẽs mortaes, senaõ como quẽ nam estimaua, ou cuidaua que nam podia perder a vida; & que pelejar comnosco em campanha era perderemse todos, & com elles a reputaçaõ dos Estados de Olanda; & q' se tornasse à campanha, receaua nam só a morte dos que pudessem alcançar, mas que à volta dos que fugissem entrassem de tropa dentro em suas fortificaçoẽs: caso em que nem a soldado, nem a morador dariaõ a vida; & q̃ se isto lhes succedia só com a gẽte que estaua em terra, q' seria se a da Armada a viesse soccorrer? Que elles nam estauaõ em estado de soportar por mais tempo a guerra que lhe faziaõ os nossos cōtra os quaes naõ podiaõ ter esperanças de soccorro; que tinha por acertado se tratasse de concertos em tẽpo q̃ podiaõ melhorar os partidos, & naõ aguardar a que os Portugueses, rendida a força das cinco pontas, sobre que já estauaõ, que nam tardaria muito, pela resoluçaõ com q' os nossos cometiaõ, não podiaõ esperar mais partido que sair com as vidas.

Continuauão no nosso exercito com os aproxes pera a força, com intento de na noite seguinte se assentar a bateria: o que notando o inimigo, nam querendo meter outro dia em meyo, naquelle mesmo, que foi o segundo da chegada da nossa infantaria a este posto, vinte e tres de Ianeiro, mandàraõ os do Conselho o Capitaõ Valo com hum tambor diante, & offereceo ao Mestre de campo Andre Vidal, que assistia ao ataque, hũa carta pera o Mestre de campo general Francisco Barreto, que continha mandasse tres pessoas àquelle lugar, pera que do Recife viessem outras tres tratar dos concertos.

Logo enuiou o Mestre de campo general ao Capitaõ reformado Affonso de Albuquerque, & ao Capitaõ Manoel Gonçalues Correa Secretario do Exercito, & do Auditor gêral Francisco Aluares Moreira, & do Recife vieraõ Ygilbelt Vite Presidente do politico, & Coronel dos Burgueses, o Capitaõ Valo, & o Comissário Brest; & no segundo dia mandàraõ os do Cõselho hum Tenẽte Coronel; & o Mestre de campo general ao Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, pera acabar de concluir as Capitulaçoens, que se fizeraõ em duas tendas, postas entre as nossas canas, & a sua fortaleza; & gastandose tres dias na conferencia, & ajustamento dos concertos, em que mandou de comer a todos com muita largueza o Mestre de campo general; no quarto de pela manhã se acabàrão de acordar, & assinadas por todos os oito Deputados da Iunta, forão a assinar pello Mestre de campo general; & depois de assinadas por elle forão leuadas ao Recife, donde vierão assinadas pello Presidente do gouerno Gualtero Escolombrot, & mais Conselheiros, & pello General Segismundo Schop, & com ellas vierão as ordens para os seus officiaes entregarem todas as praças, que os Olandeses occupauão no Estado do Brasil: & o teor das capitulaçoẽs he o que se segue.

Assento, e condiçoens com qve os senhores do Conselho supremo residentes no Recife entregaõ ao senhor Mestre de campo general Francisco Barreto Gouernador em Pernambuco, a cidade Mauricia, Recife, & mais forças, & fortes ao redor, & mais praças que tinha occupadas na banda do Norte a saber, a Ilha de Fernaõ de Noronha, Seará, Rio grande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá, acordado tudo pellos Comissarios de hũa & outra parte abaixo assinados.

I.

Qve o Senhor Mestre de campo general Francisco Barreto dà por esquecida toda a guerra que se tem cometido por parte dos vassallos dos senhores Estados gêraes das Prouincias vnidas, & da companhia Occidental contra a Nação Portuguesa, ou seja por mar, ou seja por terra, a qual será tida, & esquecida, como se nunca ouuera sido cometida.

2.

Que tambem seraõ comprehendidas neste acordo todas as naçoẽs de qualquer qualidade, ou religiaõ que sejaõ, que a todas perdoa, posto que hajão sido rebeldes à Coroa de Portugal; & o mesmo concede a todos os Indios que estaõ no Recife, & cidade Mauricia.

3.

Concede a todos os sobreditos vassallos que estaõ debaixo da obediencia dos senhores Estados gèraes, & a todas as pessoas subditas aos ditos senhores, tudo o que for de bẽs moueis, que actualmente estiuerem possuindo.

4.

Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados géraes, que lhes dará de todas as embarcaçoẽs, que estaõ dentro do porto do Recife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artelharia que ao senhor Mestre de campo general parecer bastante para sua defensa, & desta nam será nenhũa de bronze, excepto a que se concede ao senhor General Segismundo Schop nos Capitulos das condiçoẽs militares.

5.

Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados gèraes que forem casados com molheres Portuguesas, ou nacidas nesta terra, que sejaõ tratados como se fossem casados com Flamengas, & que possaõ leuar consigo as molheres Portuguesas por sua vontade.

6.

Concede a todos os vassallos acima referidos que quiserem ficar nesta terra debaixo da obediencia das Armas Portuguesas, que seràm gouernados, & estimados como os mais Portugueses; & no tocante à religiaõ viuiràm em a conformidade que viuem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

7.

Que os fortes situados ao redor do Recife, & villa Mauricia, a saber o forte das cinco pontas, a casa da Boa vista, o do Mosteiro de Sancto Antonio, o Kate da villa Mauricia, o das tres pontas, o Brum, com seu reducto, o Castello de Saõ Iorge, o Castello do mar, & as mais casas, fortes, & baterias, se entregaràm todas à ordem do senhor Mestre de campo general, logo que se acabar de firmar este acordo, & concerto, com a artilharia, & muniçoẽs que tem.

8.

Que os vassallos dos ditos senhores Estados géraes moradores no Recife, & cidade Mauricia, poderàm ficar nas ditas praças por tempo de tres meses, com tanto que entreguem logo as armas, & bandeiras, as quaes se meteràm em hum almazem à ordem do senhor Mestre de campo general, durante os tres meses; & que quando se quiserem embarcar, ainda que seja antes dos tres meses, lhas daraõ pera sua defensa; & logo juntamente com as ditas forças entregaràm o Recife, & cidade Mauricia; & lhes concede aos ditos moradores que possaõ comprar aos Portugueses nas ditas praças todos os mantimentos que lhes forem necessarios pera seu sustento, & viagem.

9.

As negociaçoẽs, & aliênaçoẽs que os ditos vassallos fizerem emquanto durarem os ditos tres meses, seràm feitas na conformidade acima referida.

10.

Que o senhor Mestre de campo general assistirá cõ o seu exercito aonde lhe melhor parecer; mas farà que os vassallos dos senhores Estados géraes nam sejaõ molestados, nem auexados de nenhũa pessoa Portuguesa, antes seràm tratados com muito respeito, & cortesia; & lhes concede que nos ditos tres meses què haõ de estar nesta terra, possaõ decidir os pleitos, & questoẽs que tiuerem hũs com outros diante de seus Ministros de Iustiça.

11.

Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados géraes que leuem todos os papeis que tiuerem de qualquer sorte que sejaõ, & leuem tambem todos os bens moueis que lhes tem outorgado o senhor Mestre de campo general no terceiro artigo.

12.

Que poderàm deixar os ditos bens moueis acima outorgados, que tiuerem por vender ao tempo de sua embarcaçaõ, aos procuradores que nomearem de qualquer naçaõ que seja, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguesas.

13.

Que lhes concede todos os mantimentos, assi secos, como molhados, que tiuerem nos almazens do Recife, & fortalezas, pera se seruirem delles, & fazerem suas viagens, largando aos soldados os de que elles necessitarem pera seu sustento, & viagem; mas nam lhes outorga o maçame pera os nauios, porque promete darlhos aprestados, pera quando partirem pera Olanda.

14.

Que sobre as pretensoens, & diuidas que os ditos vassalos dos senhores Estados gêraes pretendem da naçam Portuguesa, lhes concede o direito, que Sua Magestade o senhor Rey de Portugal decidir, ouuidas as partes.

15.

Que lhes concede, que as embarcaçoẽs pertencentes aos ditos vassallos que chegarem a este porto, ou fóra delle, por tempo dos primeiros quatro meses, sem terem noticia deste acordo, & concerto no lugar donde partirað, que possaðl iuremente voltar pera Olanda, sem se lhes fazer molestia algũa.

16.

Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados gêraes que possað mandar chamar seus nauios, que trazem nesta costa, pera que neste porto do Recife se possað tambẽ embarçar nelles, & leuar os bẽs moueis acima outorgados.

17.

E no que toca ao que os ditos vassallos, pedem sobre nam prejudicar este assento, & concerto ás conueniencias que puderem estar feitas entre o Senhor Rey de Portugal, & os senhores Estados gêraes, antes de lhe chegar à noticia este dito concerto, & assento: nam concede o senhor Mestre de campo general, porque se nam intromete nos taes acordos que os ditos senhores tiuerem feitos, por quanto de presente tem exercito, & poder pera conseguir quanto emprender em restituição tam justa.

Condiçoẽs sobre a Milicia, & cousas tocantes a ella.

1.

Que todas as offensas, & hostilidades que da parte dos senhores Estados gêraes, & seus vassallos se tem cometido, se esquecem da nossa, na conformidade acima referida.

2.

Que o senhor Mestre de campo general cõcede que os soldados assistentes no Recife, cidade Mauricia, & suas forças, sayað com suas armas, mecha acesa, balas em boca, & bandeiras largas: com condiçað que passando pelo exercito Portugues apagarám logo os murroẽs, & tirarám as pedras das espingardas, & carauinas, & meterâm as ditas armas na casa, ou almazem que o senhor Mestre de campo general lhes nomear; das quaes o dito senhor man-

darà ter cuidado para lhas entregarem quando se embarcarem, & só ficarám com ellas todos os officiaes de Sargentos pera cima; & que quando se embarcarem, seguiraõ direitamente a viagem q̃ pedem pera os portos de Nantes, ou a Rochela, ou outros das Prouincias vnidas, sem tomarem porto algum da Coroa de Portugal, para firmeza do que deixarám os vassallos dos ditos senhores Estados gèraes em refens tres pessoas, a saber hum official mayor de guerra, outra pessoa do Conselho supremo; & outra dos moradores vassallos dos senhores Estados géraes, & que os officiaes de guerra, & soldados desta praça do Recife, & mais forças juntas a elle, se embarcaràm todos juntos em companhia do senhor General Segismundo Schop; com condiçaõ que se entregaràm primeiro â ordem do senhor Mestre de campo general as praças, & forças do Rio grande, Paraiba, & Itamaracá, deixando as pessoas que se pedem nos refens, para comprimento de tudo o referido neste capitulo.

3.

Que concede ao senhor General Segismundo Schop, q̃ depois de entregues as ditas praças, & forças acima referidas, cõ a artilharia que tinhaõ antes, ou atè a hora da chegada da Armada, que hora està sobre o Recife, leue vinte peças de bronze sorteadas de quatro tè dezoito libras, alẽ das peças de ferro que forem necessarias pera defensa dos nauios que forem em sua companhia, as quaes peças lhe dará com suas carretas, & muniçoẽs necessarias; & toda à mais artilharia, muniçoẽs, & train, se entregarâm a ordem do senhor Mestre de campo general.

4.

Que o senhor Mestre de campo general lhe concede as embarcaçoens mais necessarias pera a dita viagem na cõformidade acima referida.

5.

Que o senhor Mestre de campo general lhe concede os mantimentos na cõformidade em que estaõ concedidos no Capitulo 13. acima; & dado caso que nam bastem os ditos mantimentos, o senhor Mestre de campo general promete dar os de que necessitarem os soldados.

6.

Que o senhor Mestre de campo general concede ao senhor General Segismundo Schop, que possa possuir, alienar, ou embarcar quaesquer bens moueis, ou de raiz que tiuer no Recife, & os escrauos que tiuer consigo, sendo seus; & que o mesmo fauor concede o senhor Mestre de campo general aos officiaes de guerra, sendo os taes bẽs legitimamente seus atè a hora da chegada da Armada a esta costa; & concede aos officiaes de guerra, que possaõ morar nas casas em que viuem atè a hora de sua partida.

7.

O senhor Mestre de campo general concede que os soldados doentes, & feridos, no hospital em q̃ estaõ, se possaõ curar té que tenhaõ saude pera se poderem embarcar.

8.

Que em quanto estiuerẽ os soldados do senhor General Segismundo em terra, nam serám molestados, nem offendidos de pessoa algũa Portuguesa; & em caso que o sejaõ, ou lhes façaõ algũa molestia, se dará logo conta ao senhor Mestre de campo general, para castigar a quem lha fizer.

9.

No tocante a irem juntos com os soldados que hoje estaõ no Recife, os que se rendêraõ, & aprisionáraõ antes deste acordo, & assento, nam concede o senhor Mestre de campo general, porque tem ja dado comprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

10.

O senhor Mestre de campo general concede perdaõ a todos os rebelados, especialmente a Antonio Mendez, & a todos os mais Indios assistentes nas praças, & forças do Recife; & da mesma maneira aos Mulatos, Mamolucos, & Negros; mas que lhes nam concede aos ditos rebelados a hóra de sahirem com as armas.

11.

Que tanto que forem assinadas as ditas capitulaçoẽs, se entregarám á ordẽ do senhor Mestre de campo general as praças do Recife, & cidade Mauricia, & todas as mais praças com sua artilharia, train, & muniçoẽs: & que o dito senhor Mestre de campo general se obriga a dar guarda necessaria pera q̃ no alojamento das ditas praças esteja com segurança a pessoa do senhor General Segismundo Schop, & mais officiaes, & ministros, durante o tempo concedido.

12.

E no que toca ao que o dito senhor Segismundo, & seus soldados pedem, sobre lhes nam prejudicar este concerto, & assento ás conueniencias que puderem estar feitas, entre o Senhor Rey de Portugal, & senhores Estados gèraes, antes de lhe chegar á noticia este dito concerto, & assento: nam cõcede o senhor Mestre de campo general, porque se nam intromete nas taes conueniencias, porquanto tem exercito, & poder para conseguir quanto emprender em restituiçaõ tam justa.

E sobrre todos estes Capitulos, & condiçoens acima contratados se obrigaõ os senhores do supremo Conselho residentes no Recife a entregar tambem logo, à ordem do senhor Mestre de campo general, as praças da Ilha de Fernando de Noronha, Seará, Riogrande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá, com todas as suas forças, & artilharia, que tem, & tinhaõ até a chegada da Armada Portuguesa, que de presente está sobre o Recife, & o train de artilharia, & mais muniçoens: com condiçaõ que os moradores, & soldados assistentes nas ditas praças, & forças, gozarám dos mesmos priuilegios, & condiçoens concedidas aos moradores, & soldados da praça do Recife; mas que o senhor Mestre de campo general será obrigado a mandar ao Seará hũa nao sufficiente pera se embarcar nella a gente, assi moradores, como soldados vassallos dos senhores Estados geraes, com os referidos bens, a qual nam (*sic*) leuará mantimentos pera sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Seará; & que todos os nauios, & embarcaçoẽs, que estiuerem naquelles portos do Rio grande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá capazes de poderem passar a linha, lhos concede o senhor Mestre de campo general para sua viagem, & trespasso de seus bens: mas que nam leuarám artilharia de bronze, & sò lhes dará o senhor Mestre de campo general a de ferro que bastar para sua defensa.

O que tudo atras referido se obrigaõ de hũa, & outra parte a cumprir, & guardar, sem duuida, nem embargo algum o senhor Mestre de campo general, & os senhores do supremo Conselho assistentes no Recife, & o senhor General Segismundo Schop, sendo assinados pellos Deputados dos ditos senhores remetidos a esta campanha do Taborda para as ditas condiçoẽs, sobre a entrega do Recife, & mais praças nellas nomeadas; & para mais firmeza assinàraõ aqui tambem os ditos senhores. Hoje vinte, & seis de Ianeiro de mil & seiscentos & cincoenta & quatro annos.

Andre Vidal de Negreiros. *Affonso de Albuquerque.*
Francisco Aluares Moreira. *Manoel Gonçalues Correa.*
Pchyo Nomboreti. *Rene Havexe.*
Dignum Dezon Distoye. *Noicuoande Woall.*
Gilbert de With. *Hinj biresa Brog.* *Wprallgo.*

Em vinte & sete de Ianeiro ao meyo dia começàraõ a marchar os terços do nosso exercito a tomar posse da praça do Recife, cidade Mauricia, & mais forças, & trincheiras, que tudo o inimigo tinha guarnecido da sua infantaria, esperando a nossa para lho irem entregando na forma costumada em occasioẽs semelhantes. Tocou a vanguarda deste dia ao Mestre de campo Ioaõ Fernandes Vieira, que com algũas companhias do seu Terço, entrou na força das cinco pontas, q̃ ficaua mais proxima à frente do exercito, & tomãdo posse della, aguarneceo; & a gẽte do inimigo foi largando o posto, & sahindo em ordem com bandeiras tendidas, mechas acesas, balas na boca, & marchou

tê hũa casa comprida a modo de tercena, que está entre as suas fortificaçoẽs, que o Mestre de campo general auia signalado pera nella irem encostando suas armas os soldados Olandeses; & encostadas ellas, as mandou recolher, & guardar o Mestre de campo general, pera lhas tornar a entregar quando se embarcassem, ficando sò os Capitaẽs, & officiaes com suas espadas.

Seguiose na marcha o Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, & leuando em boa ordem as companhias do seu Terço, foi entrando pella cidade Mauricia, guarnecendo com a sua infanteria todas as quartinas, batarias, & fortes de hũa, & outra banda, & todos os postos da cidade, entrando vltimamente na Força de Sancto Antonio, que o inimigo fabricou no Conuento dos Capuchos, ficando elle no meyo pera alojamento sacrilego dos soldados hereges, & na Capella mòr da Igreja hum Almazem de poluora, bastante motiuo pera obrigar a Iustiça diuina a mayor castigo. Logo o Mestre de campo meteo de posse do dito Mosteiro ao Padre Frey Daniel Prouincial da Ordem dos Capuchos da Prouincia do Brazil, que com seus Religiosos, outros de S. Bento, & da Companhia de IESVS, & muy particularmente os Capuchos Franceses barbados, trabalhàraõ desde o primeiro dia tê este da entrega, como verdadeiros seruos de Deos, acudindo a confessar, & aconsolar os mortos, & feridos, & trabalhando no tempo que lhe restaua em fazer os cestoẽs, & o mais que era necessario.

Auia feito alto o Mestre de campo Ioaõ Fernandez Vieira com o seu Terço na entrada da Força das cinco pótas, deixando só tres companhias guarnecendo a muralha della, — & ali esteue formado, té que a infanteria do inimigo acabou de sair, & de encostar as armas; & feito isto marchou com o seu Terço acompanhado do capellaõ mayor delle Frey Ioaõ da Resurreiçaõ Religioso da Ordem de Sam Bento, pella ponte ao Recife, cujas ruas, estacadas, plataformas, & batarias tinha o inimigo guarnecidas de sua infanteria, & companhias da Ordenança dos Portugueses, que na forma em que o auiaõ feito os da cidade, foraõ largando os postos que occupauaõ, & encostando as armas debaixo de hum arco, que está junto â praça dos Iudeos, ficando sô os Capitaẽs, & mais officiaes com suas espadas. Ao mesmo tempo foraõ as companhias do dito Mestre campo guarnecendo as ruas, & todos os postos que o inimigo hia desemparando; & logo ali foraõ entregues ao dito Mestre de campo Ioaõ Fernandez Vieira as chaues de todos os Almazẽs, & armas, muniçoẽs, & bastimentos que o inimigo tinha.

Ao Mestre de campo Francisco de Figueiroa com o seu Terço acompanhado do Padre Manoel Homem seu Capellaõ mayor, coube fazer entrada pella praya no mesmo dia a tomar posse dos fortes que nella estaõ, & se achauaõ ainda em poder do inimigo: foi o primeiro o forte dos Parachis; o segundo o forte do Brum; o terceiro a fortaleza velha de pedra, & cal, obra antiga dos Portugueses; o quarto o forte do mar, obra tambem dos Portugueses; & de todos estes fortes tê õ Recife foi tomando entrega, &

posse na forma sobredita, guarnecendoos da infanteria que leuaua; & as praças, & forças que nesta occasiaõ se entregáraõ, são as seguintes.

A praça do Recife, cercada de estacadas, & muitas plataformas, tudo cheo de artilharia.

A cidade Mauricia com sua muralha coroada de artilharia.

A força das cinco põtas da outra banda na dita cidade.

A força de Sancto Antonio.

Outra força no meyo destas duas.

Quatro plataformas no meyo das quartinas destas forças entre hũas, & outras.

A força das tres põtas, que está da outra banda do Rio.

O forte velho de pedra, & cal, defronte da barra do Recife.

O forte do Brum da praça do Recife defronte da mesma barra.

A força dos Parachis, que está na praya.

O forte do mar antigo, que defende a barra do Recife.

E demais destas os dous fortes, & casa forte, que se tomàraõ por força de armas, alem dos tres; & quatro casas fortes que o inimigo desemparou, & queimou, como já se referio. Entregouse mais a praça, & forte de Orange na Ilha de Itamaracá; & as fortificaçoens dos Marcos, & Tapecina, fronteiras â dita Ilha, que estauaõ já desemparadas.

Neste dia de vintesete de Ianeiro, tam glorioso pera a Sancta Igreja Romana, por se restituirem nelle a sua jurisdiçaõ, & doutrina innumerauel quantidade de Igrejas, se desterrar a heregia de tam consideravel parte do mundo, se liurar o rebanho de Christo das garras do inimigo: tam glorioso pera a Magestade del Rey DOM JOAM o IV. nosso Senhor, por ver em seu tempo restituidas a sua Coroa as ricas terras que lhe ganhàraõ seus Auôs, & lhe perdéraõ os Reys intrusos no tempo de seu injusto gouerno. Vio a naçaõ Portuguesa rendidos às Cruzes da Ordem de Christo, que ali trazem as nossas bandeiras, por ser aquella conquista patrimonio desta Ordem Militar, os leoens das bandeiras de Olanda, que os de Castella nam puderaõ contrastar em tantos annos de guerra, & em tantas partes do mundo.

Tomada posse do Recife, cidade Mauricia, & mais fortificaçoens, ficàraõ todas as ruas com a nossa infanteria toda aquella noite té o outro dia à tarde, sem nenhuma companhia, official, ou soldado mudar posto, assistindo sempre pellas ruas sem outro alojamento; de que se deixa ver quam habituada estaua ao trabalho, pois sobre o que padeceo nas noites antecedentes, nam tomou descanso emquanto nam chegou, & entrou na praça o seu Mestre de campo general.

Entrou em vinteoito de Ianeiro átarde acompanhado de muita gente de cauallo, & alguns officiaes do exercito. Nas portas da cidade achou ao Presidente do supremo Conselho Gualtero Escolombrot com os mais do seu Conselho, & ao General Segismundo Schop, & alguns moradores, que o estauaõ esperando a pé. Logo que o Mestre de campo general chegou a elles se apeou, & começou

a disparar a artilharia, & mosqueteria, repetindose as cargas, assi como hia passando: entrou por cortesia na casa do General Segismundo, que o vinha acompanhando, & viuia junto à ponte; & fazendo nella pouca detença, passou a ponte com o mesmo acompanhamento, & entrou no Recife, & foi direito à casa do Presidente do supremo, que o acompanhaua; & auendose tambem detido nella pouco, foi alojarse nas casas que seruiaõ ao Conselho supremo dos Olandeses, & os nossos soldados se foraõ alojando em algũas casas que os moradores lhe despejauaõ, sem fazerem a menor molestia aos rendidos, em comprimento do bando que o Mestre de campo general tinha mandado lançar.

No noite daquelle dia se festejou a restauraçaõ naquella praça com tres cargas de mosqueteria, & hũa de artilharia de todos os fortes, & plataformas; & pella terra dentro se deraõ graças publicas a Deos N. Senhor, que esteue exposto em todas as Igrejas desde o principio da peleja, & se nam fez o mesmo no Recife, nem Francisco Barreto se foi direito á Igreja, por estar ainda violada.

Em trinta de Ianeiro mandou o mestre de campo general os Olandeses rendidos alojar na villa de Olinda, que dista dali hũa legoa, por desembaraçar de todo a praça do Recife; & quando sahiraõ, mandou dar graciosamente a a cada hum hũa pataca de quatrocentos e oitenta reis. A companhia dos pretos que seruiaõ com os Olandeses, mandou o Mestre de campo general entregar ao Gouernador Henrique Dias, para seruirem com elle; & os soldados Indios da terra mandou tambem entregar para o mesmo effeito, ao Capitaõ mór Camaraõ; & o numero de hũs, & outros seriaõ cento & quarenta.

A assistẽcia do General do mar Pedro Iaques de Magalhaẽs na paragẽ q̃ tomou, foi de muita importancia, assi pelo temor q̃ causaua ao inimigo, como por impedir a entrada dos nauios que andauão por fóra. Rendeo hũa sumaca de mantimentos; & ainda q̃ lhe escapárão outras, foi por sua muita ligeireza, & não porq' ouuesse o menor descuido na guarda do mar. A quatorze de Ianeiro despedio pera a Bahia os nauios mercantes com duas naos de guerra por comboy, ficãdo sò com hum troço de dezanoue nauios, em que entrauaõ algũs mercãtes mais fortes, pera dar a entẽder ao inimigo o proposito com que estaua de permanecer naquella paragẽ em quanto se não rendesse.

Morrèraõ dos nossos em todo o discurso da peleja vintehum Portugueses, & forão vinteoito feridos: cousa marauilhosa, por o euidente perigo có que sempre andàrão, y pelejàrão na campanha por baixo das bocas de muita artilheria, que sem cessar disparauão de dia, & de noite, não auẽdo hum só soldado a que fizessem pauor, nem que procurasse desuiarse dellas.

Forão achados do Recife, & cidade Mauricia mil & duzentos soldados pagos com seus officiaes, em q̃ entrauão as duas companhias dos pretos, & Indios da terra; forão achados mais oitocẽtos moradores Olandeses, & Indios, que todos tomauão armas, & quantidade de molheres, & mininos de ambas estas naçoens. Acharaõse passante de quatrocentas peças de artilheria, as mais dellas de brõze, passante de cinco mil armas, & outros instrumentos de guerra,

muita quantidade de poluora, que nam ouue tempo pera se pesar, mantimentos pera mais de hum anno.

Logo que o Mestre de campo general foi aposentado no Recife, mandou, conforme ao capitulado, ao Mestre de campo Francisco de Figueiroa por terra, que partio ao primeiro de Feuereiro com oitocentos & cincoenta soldados a tomar posse, & presidiar as praças que os Olandeses auiaõ capitulado entregar; & despachou mais ao Capitaõ Manoel d'Azeuedo, a tomar posse, & presidiar a Ilha de Itamaracá, que logo se lhe largou; ficou gouernando o pontal de Nazareth, & as mais praças pera aquella parte o Tenente general Felippe Bandeira de Mello, que por causa de sua infirmidade não pode assistir no exercito nesta occasiaõ.

Despachou tambem logo o Mestre de campo general a S. Magestade com auiso do succedido, ao Mestre de campo André Vidal de Negreiros, que em dia do Patriarcha Sam Ioseph dezanoue de Março às noue da noite, depois de quarenta & cinco dias de viagem, chegou a esta Corte, & a achou de festa, com repiques, luminarias, & outros instrumentos de alegria, por ser o dia dos felicissimos annos del Rey nosso Senhor, que na manhã do seguinte baixou à Capella acompanhado de muitos grandes, & dos oito tribunaesmayores desta Corte, que sao Conselho de guerra, Fazenda, & Vltramar, Desembargo do Paço, Mesa de Consciencia, & Ordẽs, Mesa dos tres estados do Reyno, Casa de Supplicaçaõ, & Senado da Camara, cantar hum *Te Deum* em fazimento de graças: & na mesma manhã, & horas ordenou se fizesse o mesmo em todas as Igrejas desta populosa cidade.

Na tarde daquelle dia assistio no Conselho de Estado pera ouuir ler, & notar sobre as cartas que vieraõ de Pernambuco; & no mesmo Conselho mandou repartir pellas pessoas que trabalhàrão naquella guerra todas as terras, que pertenciaõ a sua fazenda nas quatro Capitanias referidas, que pella marinha tem distancia de cento & vinte legoas, & pello sertaõ confinaõ em larguissima distancia com as Indias de Castella. Mandou mais repartir pellas ditas pessoas todos os officios de guerra justiça, ou fazenda que nellas ha de auer; & que outrosi se repartissem pellas mesmas pessoas quinhentos escudos de ventagem sobre qualquer soldo, cometendo a repartiçaõ de hũa, & outra cousa ao Mestre de campo General Francisco Barreto, & aos tres Mestres de campo do Exercito; & concedeo mais aos mesmos (de que mandarà fazer memoria) & a seus successores, os priuilegios de Cidadaõs da cidade do Porto, que em commum saõ os mayores que ha no Reyno; & isto sem prejuizo da satisfaçaõ particular que cada hum requerer por seus seruiços, cujos papeis mandou offerecer, & decretar pera os despachar como merecerem.

E porque era necessario dar forma ao gouerno militar, & politico que haõ de ter daqui em diante aquellas quatro Capitanias, mandou ver a materia nos Tribunaes a que toca, pera melhor informado poder tomar a acertada resoluçaõ que costuma. Conheceoselhe neste Conselho particular desejo de

remediar o gouerno espiritual daquellas Capitanias, acudir à reedificaçaõ dos Conuentos, & Igrejas destruidas pellos hereges, a encaminhar os Catholicos, aduertindoos dos erros da heregia, que ha tantos annos viaõ praticar; & vltimamente darlhe o grande numero dos Sacerdotes, & ministros da Igreja que he necessario para tanta quantidade de terra, & de gente. E porque o sobredito não podia ser sem Prelado, & as cousas de Roma estaõ no estado que toda a Christandade sabe, & sente, se não offereceo outro meyo mais que o que se contem em hum decreto que mandou passar à Mesa da Consciẽcia & Ordẽs do theor seguinte.

O melhor agradecimento que posso dar a Deos pela grande merce que me fez na restituiçaõ das Capitanias do Norte que os Olandeses occupauaõ no Estado do Brasil, he mandar acudir às ruinas das Igrejas, restituirlhes sua immunidade, & jurisdição, & consolar espiritualmente aos Catholicos com a vista de algum Prelado que os gouerne, & emende as faltas em que poderiaõ cahir contra sua vontade, leuados da fragilidade humana, & da communicaçaõ, & companhia dos hereges em vinte & tres annos. E considerando q' me toca, & carrèga isto, como Rey & como Mestre da Ordẽ de Christo, cuja he aquella Conquista, & q' não vejo apparẽcia de os ministros de S. Sãctidade, se quererẽ lẽbrar desta obrigação, sẽdo mais sua q' minha. Encomẽdo muito à mesa da Cõsciẽcia, & Ordẽs, me diga como lhe parece posso, & deuo acudir a estes danos, & se será remedio pera elles pór hũ Administrador naq̃llas Capitanias cõ jurisdição quasi Episcopal, como ponho no Rio de Ianeiro, pessoa de tal authoridade, letras, & virtudes, q̃ possa merecer nesta occupação pera cõ Deos, & pera comigo fazerlho grãdes mercês. E me diga mais se os Breues, & faculdades de Mestre, me daõ jurisdição para o fazer, sem recurso a Roma; & quando o tiuer cõsiderarei se conuirà criar ali Sè Cathedral, & suplicar para isso a Sua Sanctidade.

Virão, & estudàrão os ministros daquelle Tribunal a materia deste Decreto; & porq̃ a faculdade q̃ os Reys como Mestres da Ordẽ de Christo tẽ para nomear Administrador ao Rio de Ianeiro, he especial pera aquella parte, & se não póde entẽder (*sic*) a estoutra, ficão nella aq̃lles pobres Catholicos tam benemeritos da S. Sede, sẽ remedio a tãtas, & taõ grandes necessidades spirituaes.

Ha quatorze annos que elRey nosso Senhor com tam particular misericordia, & prouidencia de Deos se restituhio à herança, & assento de seus passados; & sendo nossos inimigos tam poderosos, como se sabe, & fazendonos toda quanta guerra lhes foi possiuel, no discurso de todo este tempo, não puderão ganhar a S. Magestade nem hũa sò ameya em seus Reynos: lançou à força de armas os inimigos da Igreja do Estado do Maranhão, da Ilha de S. Thome, do Reyno de Angola, & do Estado do Brasil; reparou as ruinas com que os Castelhanos nossos inimigos por costume, & por inclinaçaõ tinhaõ quasi deformado esta mais rica, & mais fermosa parte

de Hespanha; gouerna seus Reynos com a insigne piedade, que herdou dos Serenissimos Duques de Bragança, & dos gloriosissimos Reys de Portugal seus Auôs, tam despido de vaidade, & com tanta igualdade, & zelo da justiça, que hà pessoas de credito, que lhe ouuirão dizer muitas vezes que nunca tiuera desejos de ser Rey, pera si, & que os que o fizeraõ deixar seu descanso, & sogeitarse a nossas miserias, foraõ acudir pella honra da Coroa, & da Naçaõ, & pella justiça que sentia apar da morte ver vltrajada debaixo dos pês dos q̃ sempre andàraõ debaixo dos nossos.

Todos conhecem esta verdade, todos crem, tê nossos mesmos inimigos; só Roma, que tem por officio, & por obrigação fazer crer aos outros, nos nega o que Christo concedeo, tê aos infieis se lho pedirem, *Proh dolor! Nascuntur iniuri vnde jura nasci debuerant.* —

No dia seguinte pella manhã foi S. Magestade à Sê a cauallo acompanhado dos Duques, Marqueses, Condes, & mais nobres do Reyno, todos de gala; nelles, no pouó, & na terra toda se não viaõ, nem ouuiaõ mais q̃ demonstraçoens de alegria; & indo postrarse á Capella do Sanctissimo Sacramento, o desencerrou o Cabido; & tomando S. Magestade hũa vara do Paleo, o forão expor no Altar mayor, que estaua riquissimamente ornado; & cantando a Capella Real hũa Missa muito solemne, tornou o Cabido, & S. Magestade com a mesma vara do Paleo, a leuar o Senhor à sua Capella.

Os Tribunaes nam acompanhàraõ esta manhãa a S. Magestade, porque cada hum delles foi por sua via formado com muita authoridade ao Conuento que escolheo, dar particularmente graças a Deos N. Senhor por tam grande merce.

Esta he a verdadeira Relaçaõ do vltimo, & mayor successo da guerra do Brasil, tam milagroso, como todos os com que Deos tem dado testimunho, de que he sua vontade conseruar esta Coroa na pessoa, & successaõ del Rey nosso Senhor. *Qui vidit testimonium perhibuit, & verum est testimonium eius, & vera dicit, vt & vos credatis.*

EM LISBOA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina Craesbeeckiana, Anno 1654.

NOTA

Reimpressão de opusculo raro, existente no volume intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob n.º 14.

Não traz o nome do A., mas é do Dr. João de Medeiros Corrêa, segundo a opinião geral dos bibliographos. — Veja-se a sua descripção na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n.º 831 — 2.º, pp. 147; — no *Dicc. Bibl. Port.* de Innocencio, III, pp. 418, n.º 1.018

da lettra J; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n.º 1.576 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 375), — e no *Catalogo da Exposição de Hist. do Brazil*, n.º 10.736 (pp. 938). — A *Bibl. Lusit.* de Barbosa Machado faz menção d'este opusculo; mas o titulo ahi vem de tal sorte adulterado que é impossivel reconhecer a obra. (Vide Vol. II, pag. 698.)

D'esta *Breve Relaçam* possuimos 2.º exemplar na mesma Collecção Barbosa Machado, sob n.º 12 do volume intitulado — « Noticia dos Cercos heroicamente sustentados pelos Portuguezes Nas quatro partes do Mundo collegida por Diogo Barbosa Machado... Tomo V... ». — Este 2.º exemplar, que traz algumas emendas mss. ao texto, vem succintamente descripto no referido *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, sob n.º 1.703 (*loco cit.*, pp. 401).

O opusculo é in-4.º, de 15 ff. inn., sem folha de rosto. — O tit. occorre no alto da 1.ª fl. — Quanto ao seu gráo de raridade, Figaniere accusa a existencia de um unico exemplar (que Innocencio parece não ter encontrado), na Livraria do Archivo Nacional, *Relações do Brasil, Angola, &c.*, vol. I, n. 9. — Convem accrescentar que Figaniere, entre outras pequenas incorrecções no titulo, escreve = occuparam = em vez de = occupanaõ =

***

Na mesma Collecção Barbosa Machado, sob n.º 9 do mesmo Tomo V da *Noticia dos Cercos*, encontra-se um opusculo hespanhol, que, segundo o Snr. Dr. Ramiz Galvão, parece tambem obra do Dr. João de Medeiros Corrêa e apresenta ainda grandes pontos de semelhança com esta *Breve Relaçam*, escripta por aquelle Autor, havendo até alguns passos em que uma é traducção da outra.

Eis a descripção feita pelo distincto bibliophilo e bibliographo brasileiro, sob n.º 1.700 do seu importantissimo *Catalogo*:

« RELACION / VERDADERA DE LA / recuperacion de Pernanbuco, sitio / de su Recife, entrega suya, i de las Ca- / pitanias de Itamaracá, Paraiba, Rio- / grande, Ciará, é Isla de Fernando de / Noronha, todo rendido a las armas / Portuguesas regidas por Francisco / Barreto Muesse de canpo general / del Estado del Brasil, i Gover- / nador de Pernanbuco. / (*Arm. port.*) LISBOA. *Con licēcia.* En la officina Craesbeeckiana. 1654. //

« In-4.º, de 1 fl. — 46 pp.

« Sem nome de auctor, mas parece obra do Dr. João de Medeiros Corrêa — que escreveu a *Breve Relaçam* citada neste Catalogo sob n.º 1.576. Ha entre as duas — grandes ponctos de similhança, e em varios passos uma é sem duvida traducção da outra. A razão de similhante versão hispanhola dá-a o auctor á pag. 33 do opusculo, dizendo: « Esta Relacion... escrive un Portugues en lengua Castellana, para que nuestros enemigos la entiendan, i para que tenga mucho de notoria, pues tiene todo de verdadera. »

Temos fortes fundamentos para impugnar a opinião de tão abalisado critico; — o que faremos *com a devida venia*, em a *Nota* final do opusculo immediato, cujo conhecimento é necessario para elucidar a questão. — (J. P.)

RELAC,AM | DIARIA | DO SITIO, E TOMADA | da forte praça do Recife, recupera- | ção das Capitanias de Itamaracà, Pa- | raiba, Rio grande, Ciará, & Ilha de | Fernaõ de Noronha, por Francisco | Barreto Mestre de campo gene- | ral do Estado do Brasil, & | Gouernador de Per- | nambuco.

(Armas portuguezas)

LISBOA. *Com licença*. Na Officina Craesbeeckiana. 1654.

Em os vinte dias do mes de Dezembro do anno de 1653. se ajuntaraõ na villa de Olinda o Mestre de campo general do Estado do Brasil Francisco Barreto, & o General da Armada da Iũta da Cõpanhia géral Pero Iaques de Magalhaẽs, os quaes cõmunicáraõ com os Mestres de campo Andre Vidal de Negreiros, Ioaõ Fernandez Vieira, Francisco de Figueiroa, o Almirãte da dita Armada Francisco de Brito Freire, & outros officiaes maiores o intento, que tinhão de sitiar por mar, & por terra a mui forte praça do Recife, afim de desalojar os Olãdeses da dita Capitania, para o q' lhe pedio seus pareceres sobre os meios, cõ q' se pudesse conseguir hũa empresa tam grãde, & tam arriscada como a referida. E sẽ embargo de q̃ a cõsideração da máquina das fortificaçoẽs da dita praça do Recife, as difficuldades de seu sitio, o numero, & reputação de seus defẽsores, as cousas sucedidas no tẽpo de Castella, a pouca gẽte da nossa parte, & finalmẽte a falta de dinheiro, de mantimẽtos, muniçoẽs, ferramẽtas, & outros petrechos, era bastãte pera desanimar os mais alentados; os ditos Mestres de cãpo, & mais cabos de guerra cõ grãde animo & fortaleza de coração abraçàraõ o intẽto, & sobre seus pareceres resoluèrão o Mestre de cãpo general Frãcisco Barreto, & o General Pero Iaques de Magalhaẽs, q̃ se começasse a obrar pelo Forte das Salinas, q̃ chamão a casa do Rego, por tres razoẽs. A primeira por se temer menos o inimigo daq̃lla parte. A segũda por ser aq̃lle forte mui importãte para passagẽ do Rio, q̃ lhe laua o pé de preamar d'aguas viuas, & delle se poder arruinar cõ a artilharia o Forte do Perrexil, q' seruia de vniaõ ao do Buraco de Sãctiago cõ o Brũ, para ter lugar de se alojar entre hũ & outro. A terceira, porq' suposto q̃ os soldados do exercito erão bẽ cultiuados em victorias; todauia nam erão exercitados ẽ sitio: & assi quis adestrallos, & animallos começãdo pelo ataque de algũa fortificação mais

facil de render: qual era esta por piq̃na, & descuidada. Em os 26. do dito mes se recolheo o General Pero Iaques á sua armada cõ resolução de tapar a barra do Recife de tal modo que não entrasse, nem saisse embarcação nenhũa, como fez por informação dos praticos, que de terra lhe enuiou o Mestre de campo general.

Gastouse o restãte do mes, & o principio do seguinte em chegar mãtimẽtos, e muniçoẽs, & ẽ aprestar a artilharia, esplanadas, cestoẽs, ferramẽtas, & outros petrechos aos postos q̃ se tinha determinado acometer. E não he pouco pera notar obrarse tanto em tam poucos dias, tomando o Mestre de campo general esta resolução tanto de repente, sem preuenção algũa para a facção. Mas he certo, q' tinha Deos nosso Senhor decretado este successo, & assi foi encaminhando os principios suauissimamẽte, obrãdo o animo, & a diligencia de todos ẽ breues dias, o q' necessitaua mais largo tẽpo. Em os 5. de Ianeiro deste presẽte ãno de 1654. cerramos o Recife de mais perto, alojãdose no posto das Salinas, cousa de 300. braças do forte do Rego, o Mestre de cãpo Andre Vidal de Negreiros cõ o seu Terço: & a mesma distãcia do forte de Altanar o Mestre de cãpo Ioaõ Fernãdes Vieira cõ o seu, & o de Hẽriq̃ Dias, & hũs, & outros fauorecidos do aruoredo, q̃ encobria os alojamẽtos da nossa gẽte ao inimigo. Em os 6. dias do dito, serião 10. horas da noite, topáraõ as embarcaçoẽs ligeiras da nossa Armada 2. sumacas do inimigo, q̃ vinhão de Itamaracá, & fizeraõ presa ẽ a mais piquena, q' trazia 12. Framẽgos, & algũ negros, & vinha carregada de pào Brasil. A outra, que leuaua 110. Indios, escapou por velejar melhor, mas nam tanto a seu sabor, que (*sic*) não leuasse alguns feridos da nossa mosquetaria.

Desde os 6. deste mes atè os 11. do dito se chegou para o posto das Salinas todos os petrechos de guerra, & artilharia, q' cõstaua de 9. peças, cinco de 24. liuras de bala, hũa de 20. duas de 18. & hũa de 14. sem em todo este trabalho sermos sẽtidos do idimigo (*sic*), por mais cuidadoso, & solicito q̃ andaua para alcãçar nossos intẽtos, até q' aprisionou dous soldados nossos, & hũ rapaz ẽ hũas emboscadas, dos quaes teue inteligencia (bẽ q̃ confusamente) q̃ nos aprestauamos para hum sitio o q' nam esperauão, porque só se temiaõ de algũ subito assalto, julgando, q̃ a nossa Armada nam podia dilatarse muitos dias nesta costa em razão das monçoẽs q' se hiaõ acabãdo, para passarem à Bahia, & Rio de Ianeiro; porem desenganou os desta imaginação o mandar o General Pedro Iaques de Magalhães todos os nauios mercantis para as ditas partes, & ficarse com 17. cercando a barra do Recife.

Em os onze do dito mes pelo meyo dia foi o Mestre de cãpo general Frãcisco Barreto acõpanhado dos tres Mestres de cãpo já nomeados, & do Capitaõ Engenheiro Pedro Garsin, & outros officiaes da milicia, a reconhecer o Forte do Rego para resoluer por q' parte o auiamos de bater, & aproxar.

Em os treze do dito mandou o Mestre de campo general a juntar o exercito sem estrondo de caxas ao posto das Salinas, & no dia seguinte marchou

da villa para elle com o resto do dito exercito, q̃ constaua de dous mil & quinhẽtos soldados, alem de perto de mil, cõ q̃ mandou guarnecer os postos do Pão amarello, villa de Olinda, Arrayal, Barreta, & Forte dos Afogados. Chegado o M. de cãpo general ao dito posto das Salinas, repartio as ordẽs necessarias para a execuçaõ dos intentos q̃ tinha, & do que queria se obrasse cõtra o Forte do Rego, assistindo toda esta noite pessoalmente em dar expediẽcia aos cestões, & sacaria de terra pera se encherẽ, ferramẽtas, & mais petrechos de guerra, fazẽdo chegar tudo cõ algũas pipas de agua para a infantaria mitigar a sede do trabalho, assi da noite, como do dia seguinte, ao posto q̃ estaua já assinalado para se assentar a bataria cõtra o dito Forte do Rego. Marchou de vãguarda nesta noite o Mestre de cãpo Ioão Fernãdes Vieira cõ o seu terço, o qual junto com o Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros cõ extraordinaria diligencia, & feruoso zelo executáraõ as ordẽs do Mestre de cãpo general. Plãtamos hũa bataria de cinco peças cuberta de tres partes cõ cestões de 10. pés de grosso distante do dito Forte até cousa de outocentos pés, em hum lugar mais baixo sete, ou outo, que o do dito Forte: asseguramos a dita bataria da parte mais exposta ás surtidas fazendolhe hũa trincheira á ilharga, na qual alojamos cẽ homẽs para sua guarda: sacamos hũa estrada encuberta da nossa bataria até hũa trincheira velha para alojar o corpo da nossa gẽte. Fizemos outra trincheira ao Noroeste do dito Forte, onde alojamos 200. homẽs para dali ẽ razão da proximidade atirar a nossa arcabuzaria, & mosquetaria, aos parapeitos inimigos: & principalmẽte para impedir o socorro q' lhe podia vir da parte do Forte do Buraco. Nesta mesma noite foi o Sargẽto mór Antonio Iacome Bezerra cõ dous Capitaẽs de infãtaria, & 300. homẽs brãcos, & pretos começar hũ aproxe, & alojarse a tiro de menos de espingarda do dito Forte do Rego pera a parte do Sul, dõde impedia o socorro do Recife, q̃ não podia entrar no dito Forte sẽ passar á merce das nossas armas de fogo, q̃ descobrião a porta. Este aproxe encarregou o M. de cãpo general Frãcisco Barreto ao Engenheiro Pedro Garsin cõ maior cuidado q̃ outra nenhũa obra, julgãdo (se bẽ parecia, por se ter começado debaixo dos mais breues tiros inimigos a 400. pés de seus parapeitos, & sẽ ter nenhũa cõmunicação cõ as mais obras nossas, senão cõ o fauor da noite, cõtra o estylo, & vso da guerra) q̃ delle depẽdia tomarse o dito Forte cõ presteza, como sucedeo. Despois q̃ o Mestre de cãpo general fez chegar ao dito posto da bataria tudo o q' era necessario, foi ver o q' se tinha obrado, & alli assistio algũa parte da noite até o rõper d'alua, que se recolheo a seu quartel, que tinha em hũa Campina, que distaua entre hum mato, & o Forte do inimigo, pouco mais de tiro de peça.

Amanheceo o dia de 15. de Ianeiro, em que se festeja S. Amaro, mui sombrio, &. o inimigo mais assõbrado por nos ver alojados tam perto, & com tanta obra feita em tam poucas horas, & medindo com ella o numero dos nossos soldados, acrecẽtou em os seus grãde temor. Demos a primeira salua

cõ as nossas peças, as quaes eraõ duas de 24. liuras de bala, hũa de 20. outra de 18. outra de 14. Respõdeonos o Forte batido cõ pouco effeito. Maltratamoslhe algũa gẽte cõas pedras, & estacas, q̃ as balas da nossa artilharia arrãcauã de hũa casa, que o dito Forte tinha dentro de si, & de hũa estacada q̃ tinha encostada ao parapeito da parte de dentro. Nam menos maltrataua ao inimigo a nossa mosquetaria, que dos aproxes estaua continuamente disparando contra os inimigos sem perturbaçaõ da muita artilheria, que sobre os nossos soldados disparauão os fortes do Brun, do mar, & do Forte velho de terra, & portas do Recife, & do Altanã. Nesta menhã vieraõ cinco homens do Recife para entrar no Forte (parece que com algum auiso) mas foraõ rechaçados dos nossos soldados, porq̃ com a espada na maõ lhes impediraõ a entrada, & sómente entrou hum Ajudante por ser bom corredor.

As tres horas da tarde intentou o inimigo (ostentando muita gente da outra parte do rio) meter socorro no dito Forte de gente, & muniçoẽs; & vindo tres lanchas cõ cousa de oitenta homens, saltàraõ em terra alguns vinte, parte delles carregados com barris de poluora, & outras muniçoẽs, pretendendo meter este socorro á sombra da muita artilharia, que de todos os postos atras referidos disparauaõ sobre a nossa gente. Porem nam lhes succedeo como cuidaraõ: porque os nossos soldados sahiraõ dos alojamẽtos, em que estauaõ nas cauas, & sem reparar no espesso chuueiro de balas de artilharia, & mosquetaria, que sobre elles descarregaua, com hum valor sem igual enuestiraõ cõ as espadas aos que traziaõ o dito socorro, & os fizèraõ largar as muniçoẽs, & recolherse com a agua pelo pescoço a suas lanchas, & os nossos soldados se tornàraõ a recolher a seus postos pelo mesmo caminho por onde foraõ ao pé do mesmo Forte do inimigo: acção, que admirou aos Olãdeses: porque depois de rendidos cõfessàraõ, que se tinhaõ achado em outras guerras, & em nenhũa viraõ tal resoluçam, & valor de soldados, como estes de Pernambuco. E na verdade, que sem encarecimento nenhum, elles pódem apostar ventagẽs ao maior esforço, & valentia do mundo, assi nas occasioẽs de peleja, como no sofrimento do trabalho. Nesta occasiaõ ficàraõ feridos da nossa parte o Capitaõ Sebastiaõ Ferreira, & o seu Alferes. Neste dia todo disparou o inimigo sobre a nossa bataria, & trincheira cousa de seiscentas balas de artilharia de oito fortificaçoens, que descarregauaõ sobre nós, fóra a sitiada.

A noite de quinze do dito entrou de guarda o Mestre de Campo Andre Vidal, & fomos chegando cõ nossos aproxes a tiro de pistóla do fosso, & seriaõ dez horas, quãdo o inimigo pedio capitulaçaõ para se render, a qual o Mestre de campo general lhe fez fauorauel, concedendolhe, que saissem com suas armas, & bagagem, & lhes prometeo passagem pera Portugal. E hora & meia antemenhã sahio do dito Forte o Capitaõ Comendor com setenta soldados, & oito officiaes, nos quaes entrauaõ hum Ajudante, & hum Alferes, & dous Sargentos; & depois de passarẽ pelo exercito, entregàraõ a bandeira, & armas, ficando com sua bagagem, & tudo o que puderaõ carregar, & assi

os remeteo o Mestre de campo general ao General da Armada, para os repartir por ella, com raçaõ para trinta dias.

Achamos neste Forte tres peças de ferro, & hũa maltratada na joya de hũa bala nossa. Ferimos ao inimigo dez pessoas. Tiuemos perda de cinco mortos com balas de artilharia, & quinze feridos. Era este Forte, bem que piqueno, mui importante por razaõ de seu sitio, & com elle ganhado ficou perigosa a conseruaçaõ do Forte do Buraco de Sanctiago: porque arrasando com artilharia o do Perrexil, & alojandose a nossa infantaria em meio delle, & o do Brum, ficaua aquelle perdido: & assi o tinha determinado fazer o Mestre de campo general depois de ter tomado o Forte de Altenar, por ir enfraquecendo ao inimigo da gente que tinha, que vnida era muita, & diuidida pouca para resistir. Alojamos dentro do dito Forte duas companhias. E porque a entrega se fez de noite, sem do Recife se saber della, mandou o Mestre de campo general (*sic*), que em rompendo o dia, se continuasse com as cargas de artilharia, & mosquetaria........ .... (*) armas, as quaes venderaõ a particulares, & ao Prouedor da fazenda Real, & se lhes pagàraõ logo a dinheiro de contado, prometendo tambem a todos passagem, & sustento para Portugal. E que entregariaõ o Forte ao Mestre de campo general com toda a artilharia, & muniçoens que tiuessem.

Seriaõ noue horas da noite quãdo sairaõ do Forte cẽto & oitenta & cinco homens, em que entraua o Sargento mayor Comendor delles, o Ajudante, ou Capitaõ, que veyo a tratar os concertos, o Engenheiro do Recife, dous Ajudantes, & dous Alferes: entregàraõ tres bãdeiras, hũa do terço do General Segismundo, & duas do Coronel Autin. O outro Alferes, & dez Indios antes da Capitulaçaõ fugiraõ a nado para o Recife. Estes, por lhes parecer, que nam tinhaõ quartel, & o Alferes por se querer mostrar mais fino no seruiço da Companhia. Porem logo, passados dous dias, o aprisionamos ferido no Reduto do Milhou: que nam hà fugida, que liure hum desgraciado.

Matamos aos sitiados neste Forte trinta homẽs, & lhe ferimos vinte. Perdemos na cõquista delle o Alferez Iacome Rodrigues do Capitão Manoel Lopes, & 4. soldados mais: & tiuemos 16. feridos. E he de notar, q' disparãdose da outra parte do rio em tres dias mais de trezentas balas de artilharia, nos nam matàraõ mais q' hum homem, de huma, que se atirou de S. Antonio, & passou por entre dous cestões, que estauaõ mal vnidos.

Achamos neste Forte de Altanar dez peças de artilharia, 9. de brõze, & huma de ferro, & era cõposto de quatro meyos baluartes, importante ao reparo do Recife pela parte da terra, & para conseruar o Forte das Tres pontas, o qual (bem que arruinado, & cõsumido quasi ametade da violencia

---

(*) Neste ponto faltam ao exemplar que estamos reproduzindo 2 folhas ou 4 paginas completas.— Houve erro na paginação, por isso que a lacuna deu-se *entre o recto e o verso da 4.ª folha*.— Vide a nota final.

das aguas, que o rodeaõ) estaua todauia ocupado, com hum Reduto, que auia muito tempo tinha o inimigo formado sobre suas ruinas, & se fortificaua neste posto cada dia mais, temendo lho ganhassem, por ser acomodado para arruinar o Recife com artilharia, & para delle passarmos a nos alojar nas casas do Principe, que estaõ defronte do Forte de S. Antonio.

Em os vinte à tarde abrimos torneiras no Forte rendido para bater o das Tres pontas se bem o intento do Mestre de campo general nam era caminhar por esta parte, & sò queria diuertir o inimigo de se fortificar no das Cinco pontas, por onde tinha destinado continuar a empresa. Vendo o inimigo que trabalhauamos na dita abertura das torneiras, disparou sobre nòs muita artilharia das plataformas do Recife; porem nam offendeo a ninguem.

Em o dito dia já bem tarde, & perto da noite, veyo recado ao Mestre de campo general, de que o inimigo despejaua o Forte dos Afogados, & duas Casas fortes, que tinhão em meyo delle, & das Cinco pontas. E logo mandou o Mestre de campo general ao Sargento mòr Antonio Dias Cardoso, que com trezentos soldados se fosse emboscar entre os ditos Fortes, & cortar o passo ao inimigo. E por maior pressa que se deu na execução, se nam pode cõseguir o intento; porque quando chegou o dito Sargento mòr, já o inimigo estaua posto em saluo no Recife aonde se recolheo por mar.

Em os 21. pelas outo horas da menhã chamou o Mestre de campo general a Conselho as pessoas dos tres Mestres de campo, e & Cabos, que estauão presentes, & o Engenheiro, para sobre seus pareceres resoluer por onde auia de caminhar contra o Recife. E estando no dito Conselho chegou auiso ao Mestre de campo general, de que o inimigo trabalhaua diante das Cinco pontas para a nossa parte: o que foi reconhecer pessoalmente acompanhado dos tres Mestres de campo, & do Engenheiro Pedro Garsin. E achando, que o inimigo se fortificaua nas ruinas de hum Forte velho, q̃ antigamẽte alli teue, chamado Milhou, distancia de 200. braças do das Cinco pontas, para a parte da Ilha de Cheiradinheiro, & passagem da barreta, posto em que o Mestre de campo general determinaua alojar o exercito para conquistar as Cinco pontas, tornou para o seu quartel, & com os Cabos, & Engenheiro continuou o Conselho, & resolueo, que se desalojasse o inimigo do posto, em que trabalhaua; & logo ordenou ao Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, que marchasse com mil homens a executar a facção, imaginando que o inimigo tinha naquelle posto o melhor de seu cabedal, por lhe ser de muita importancia, & deuia de fortificarse nelle.

Tinha o inimigo começado este Reduto pela menhã, como vio que não amanhecemos com a artilharia grossa plantada contra as Tres pontas; porem tardou com esta preuenção, porque deuia tratar della antes de largar a força dos Afogados, & casas fortes atras referidas: que se o fizera forão nossas felicidades mais d'espacio, & a sua ruina mais deuagar, se bem cuido que

he errada esta opiniaõ, porque tendo Deos nosso Senhor esta obra à sua conta, como as experiencias mostrárão, dispos as cousas de maneira, que conhecessem os homens, erão tudo marauilhas suas, & não disposiçoens humanas. Este forte velho do Milhou já arruinado era de quatro baluartes, & hum fosso quasi todo em roda cheio d'agoa de preamar, & hũa praça dentro capaz de alojar 800. homens, alem de 500. que cabião nas ladeiras dos rempartes caidos, q̃ estauão da parte da Ilha do Cheira. Delle se podia bater com muito effeito o Recife, & o porto onde estaõ os nauios, porque a arriiharia *(sic)* tomaua hum & outro ao comprido. Tambem o forte das Cinco pontas, ou baluartes tinha este nome, porque os teue; porem os Olandeses para o guardar com menos gente lhe cortárão tres delles, & ficaua por esta parte mui perigoso não tendo mais que hũa face, hum franco, & hũa cortina, que defendia obliquamente a dita face, & por obliqua não era capaz de estoruar com a artilharia a passagem do fosso com galeria ao direito da dita face, para vsar despois contra elle da sapa, ou da mina. Ficaua tambem este Forte destituido de obras exteriores; porque hũa obra cornea, que o cobria antigamente, por arruinada, auia de seruir, como seruio de alojamento à nossa gente. Por estas razoens considerãdo o inimigo, que deste posto perdido, ou conseruado dependia sua ruina, ou saluação, trabalhou aquelle dia todo em fazer nelle hum Reduto quadrado de 45. palmos por lado, com taboado dobre cheio de area a proua de mosquete, com seteiras pera atirarem cubertos os seus defensores. A boca da noite, não se atreuendo a ficar no dito posto, cõ grande corpo de gente, depois do dito Reduto acabado, & a estacada já ao pè pera o assentar no dia seguinte, deixárão nelle hũa cõpanhia de infantaria, & de guarda entre elle, & as Cinco pötas 10. Framẽgos, & 10. Indios em dous corpos.

Partio o mestre de campo Andre Vidal, & Antonio Dias Cardoso Sargento mòr do Mestre de cãpo Ioão Fernãdez Vieira com o troço, cõ que o dia d'ãtes auia ido a cortar o inimigo, q̃ largou a força dos Afogados, que cõ ella se inteirárão os mil homens q̃ leuaua o Mestre de cãpo Andre Vidal de Negreiros, já noite fechada, do forte dos Afogados, & marchãdo cõ as tropas em boa ordem, à claridade, que daua hũa Casa forte, que estaua ardendo na ilha do Cheira, q̃ o inimigo tinha despejado auia cousa de hũa hora, & largado fogo; entrou o dito Mestre de cãpo na Cãpina do Taborda, onde està o dito Reduto, na qual Cãpina esperou quasi hora & meia q̃ vazasse a marè pera ter passagẽ pera o dito Reduto, & serião noue horas da noite quado passou cõ toda a gente por debaixo das Cinco pontas pera cortar, & tomar pelas espaldas os que estiuessem no dito posto, & Reduto. Os dez Framengos, que estauão fòra de guarda, como fica dito, em sentindo a nossa gente, fugirão pera o forte das Cinco pötas: os dez Indios se recolhérão pera o Reduto. Foi o Mestre de cãpo Andre Vidal cõ as tropas direito a elle, & o inimigo de dentro se defendeo valerosamente fauorecido de duas peças de artilharia, que do forte das Cinco pontas disparauão sobre nòs carregadas de balas de mosquete, & pre-

garia; mas como cõtra o Ceo não valẽ mãos, & ao valor deste Caudilho, & soldados parece q' se humilhão as mais inexpugnaueis Fortalezas, em breue foi ganhado o dito Reduto: porq̃ ocupando os nossos soldados cõ as espadas as esteiras por onde atiraua o inimigo, lhe impossibilitàrão o curso das armas de fogo; & rõpendo o taboado do Reduto cõ machados, o entràraõ, dãdo as vidas a 37. Framẽgos, & sete Indios, q' achàraõ viuos dẽtro delle, por ser assi ordẽ do Mestre de cãpo general Frãcisco Barreto: porq' nesta empresa deitou sẽpre de vãguarda a clemencia, & piedade, & assi o ajudou Deos. Acharãose no Reduto cinco Framengos mortos, & tres Indios. O Capitaõ desta cõpanhia se chamaua Brinc filho do Coronel Brinc, q' perdeo a segunda batalha do Gararapes, moço mui brioso. Entre os mais prisioneiros ficou tambẽ hũ Ajudãte do dito Capitaõ, & o Alferes que fugio do forte de Altanar, como já fica dito.

Nesta valerosa enuestida dèraõ cõ hũa bala de mosquete em o Mestre de cãpo Andre Vidal de Negreiros por hũa perna, a qual lhe cahio aos pés sẽ o ferir; q' atè as balas o respeitaõ como a Marte do esforço, & assombro da valentia.

Perdemos nesta ocasiaõ, alẽ de dous soldados, o Capitaõ Ioaõ Barbosa Pinto, cuja morte foi muito sentida, por ser soldado de muito valor: & tiuemos 24. feridos, em q̃ entràraõ o Capitaõ Gregorio de Caldas, q' ficou atrauessado cõ hũa bala pelas queixadas: o Capitaõ D Pedro de Sousa ferido em hũa perna cõ hũ chuço: o Alferes reformado Antonio de Barros Rego atrauessado pelo corpo cõ hũa bala de crauina, & o Alferes da Guarda de Hẽrique Dias gouernador da gẽte preta. Gastámos o restãte desta noite em nos alojar naquelle posto, & cobrir da artilharia das Cinco põtas, q̃ no dia seguinte jugando com muita repetiçaõ nos matou dous soldados, que se descubriraõ demasiadamente mostrando pouco temor das balas.

No mesmo dia 22. do dito pelas 8. horas da menhã fez o inimigo hũa saida das Cinco põtas cõ 20. homẽs, de q̃ vinha por Cabo o Indio rebellado Antonio Mendez. Chegàrão quasi a tiro de pistóla dos nossos alojamentos, mas custoulhe esta ousadia cinco mortos, & feridos. E não quis o Mestre de cãpo Andre Vidal q̃ lhe saissẽ os nossos soldados à espada, porq' julgou, q' auançar o inimigo cõ tam pouca gente, tam junto às nossas cauas, era com intento de, se lhe saissemos, desbaratarnos com a artilharia.

Nesta propria menhã tratou o General Segismũdo Schop fazer hũa saida com todo o cabedal contra os nossos alojados no referido posto de Milhou. Porem chegando às Cinco pontas, & reconhecendo a mayoria do nosso poder, como soldado experimẽtado cõsiderando o risco euidente, a que se expunha em fazer esta cometida, desistio do intẽto, & como prudente se retirou para o Recife.

Em anoitecendo este mesmo dia, tendo primeiro assegurado os nossos trabalhadores com cento & cincoẽta espingardeiros, deitados de barriga muito

adiãte delles, fizemos duzentos passos de aproxes, & no cabo delles hũa trauessa cõ muitas torneiras de sacaria, na qual alojamos 100. mosqueteiros, que no dia seguinte atirando aos parapeitos do inimigo reprimirão os seus Artilheiros para não amiudarem tanto os tiros da artilharia, como no dia antecedente.

As tres horas da tarde de vintetres do dito, estando o Mestre de campo general tratando de passar a artilharia para o dito posto de Milhou, para assentar as batarias (que se tinhaõ retardado pelas incommodidades do sitio, & passagẽs do rio) & passando ordens, como se hauiaõ de continuar os aproxes, veyo o Capitaõ Vtre Vanloo Comendor das Cinco pontas enuiado pelos Gouernadores do Recife com hũa carta sua para o Mestre de campo general Franncisco Barreto, em a qual lhe pediaõ dèsse audiencia ao dito Capitam Vanloo sobre os pontos, que trazia a seu cargo tratar: o que o Mestre de campo general fez de pé no meio da Cãpina do Taborda.

Erã o os põtos, q' nomeasse o M. de cãpo general tres deputados, para com outros tres da sua parte virem â falla.

Que nomeasse o dia, & o sitio, em que se auiaõ de ajuntar. E que houuesse cessaçaõ de armas em quanto durassem as praticas.

Defirio o Mestre de campo general, que no dia seguinte de 24. mandaria as tres pessoas, que pedia, nomeandolhes o posto em que se auião de ajuntar. E condecendeo na suspensaõ de armas em terra, desde a villa de Olinda atè as Cinco pontas, em quanto durassem os parlamentos. Voltou o Vanloo com esta reposta, & o Mestre de campo general despachou no mesmo instante auiso ao General da Armada Pero Iaques de Magalhaẽs, do que tinha passado cõ (*sic*) os Olãdeses, & q' preseruaua a cessaçaõ das armas no mar, porque tinha noticia certa, que auiaõ mandado chamar o Coronel Autin cõ a gente da Paraiba, & do Rio grãde cõ ordem q' entrassem no Recife a todo risco; & que assi lhe encommendaua, que estiuesse aduertido com grãde cuidado, & vigilancia, & preuenido para impedir a entrada do dito Coronel Autin no Recife.

No dia seguinte vintequatro do dito mes chegáraõ os seus deputados ao posto assinalado, & nelle esperárão pelos da nossa parte, os quaes forão o Capitão de cauallos reformado Affonso d'Albuquerque, o Capitão Secretario do exercito Manoel Gonçalues Correa, & o Ouuidor, & Auditor géral Francisco Alures Moreira. Os da parte dos Olandeses forão Gisbert de With o primeiro Conselheiro do Politico do Recife, o Capitão Comendor das Cinco pontas Vouter Vanloo, & o Brest Presidente dos Escabinos, & Direitor das fragatas Pichilingas.

Estando todos juntos, interrogàrão os nossos Deputados aos dos Olandeses o que pedião? Respõdeo Gisbert de With, tomando licença de seus cõpanheiros, & por ser mais practico na lingua Portuguesa, & Iurista, que elles vinhão da parte dos senhores do supremo Conselho do Recife tratar de atalhar os descontos, & crueldades, que a guerra traz consigo.

Que elles tinhão por noticia certa, que os senhores Estados géraes

tinhão Enuiados na Corte do Senhor Rey de Portugal para effeituar conueniencias sobre Pernambuco, & q̃ parecéra justo esperar a resolução dellas; porẽ q' porq' o senhor Mestre de cãpo general Francisco Barreto estaua com seu exercito sobre o Recife cõ intento de o ganhar, queriaõ elles euitar efusoens de sangue, & os dãnos, que se seguiaõ da guerra, capitulando sobre a entrega do dito Recife com lhaneza, & sem cauilação algũa. Deferiraõ os Deputados da nossa parte, que estauão promptos, & com o coração nas mãos para tratarem das Capitulaçoẽs sobre a entrega do Recife, porque só para isso traziaõ permissaõ do Mestre de cãpo general, & não para admitir nenhũa outra prática: & que a da dita entrega se auia de aueriguar sem demora algũa. Era isto em hum Sabado, seriaõ dez horas do dia, & respondêrão os Olandeses, que aquella materia pedia muitas horas de cuidado, & que não poderião apresentar seus Capitulos menos que segũda feira 26. do dito. Ao que se lhe replicou da nossa parte, que ou auião de começar a prática logo, ou proseguiriaõ o curso das armas. Embaraçados ficárão os Olandeses com esta resolução, & pedírão, se lhes concedesse, que déssẽ parte della aos senhores do supremo Conselho; o que se lhes permitio. Foi o de With, & o Brest, & ficou o Capitão Vanloo com os Deputados da nossa parte.

Passada hũa hora, veyo recado dos Olandeses, que esperassemos em quanto escreuião os Capitulos, & condiçoẽs. E pelas tres da tarde chegárão com ellas em borrão com dous Notarios publicos práticos na lingua Portuguesa, para traduzir as Capitulaçoẽs de Framẽgo em Portugues, em que se gastou atè as dez horas da noite, & ficando as Capitulaçoẽs nas maõs dos Deputados da nossa parte, se recolhêraõ elles para o Recife.

Nesta mesma noite chamou o Mestre de campo general Francisco Barreto a Conselho as pessoas dos tres Mestres de campo, & Officiaes mayores do exercito para respõder às Capitulaçoẽs. E porque nellas hauia algũas, q̃ por negadas hũas, & outras por cõcedidas, pareciaõ trazer cõsigo escrupulos de cõciencia, chamou ao Reuerendo Padre Prouincial de S. Francisco, & ao Reuerendo Padre Francisco de Auelar da Cõpanhia de IESVS Prelado nesta Capitania, por serẽ sujeitos doutos; & na mesma noite respõdeo o Mestre de cãpo general a todas as Capitulaçoẽs, & cõdiçoẽs, q' os Olãdeses pediraõ: a qual reposta leuáraõ os nossos Deputados no seguinte dia de Domingo pela menhã, & a entregàraõ aos Olandeses q̃ neste dia trouxeraõ hũa carta do General Segismundo para o Mestre de cãpo general, em a qual pedia com muita submissaõ lhe concedesse licença para poder mandar hum Tenente Coronel, & que o Mestre de campo general deputasse outro para tratarem os partidos sobre a Milicia. Defiriolhe o Mestre de campo general cõ muita cortesia, mostrãdo q̃ estimaua tãto seus Officiaes da guerra, que queria igualar o Tenente Coronel cõ o Mestre de campo Andre Vidal, que deputaua para tratarem juntos das Capitulações militares. E logo foi o dito Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros, & do Recife veyo o Tenente Coronel

Valde Valdre, & juntamente cõ os seis Deputados acima referidos cõtinuáraõ a cõferencia começada. E despois de varias alteraçoẽs, & gastados tres dias cõ tres noites em colloquios, idas, & vindas para seus superiores, resoluèraõ a entrega de todas as Praças ocupadas pelos Olandeses no Brasil nas maõs do Mestre de cãpo general Francisco Barreto na conformidade das Capitulaçoẽs copiadas no fim desta Relaçaõ.

Fechados os cõcertos pelas 11. horas da noite no dia de 26. & assinadas as Capitulaçoẽs pelos Deputados de ambas as partes, & despois pelo Mestre de campo general Francisco Barreto, pelo Presidente, & Conselheiros do supremo Conselho do Recife, & pelo General Segismundo: em os 27. de Ianeiro mandou o Mestre de campo general o exercito a tomar posse do Recife, da cidade Mauricia, & de todas as Fortalezas de seus contornos: o que se executou pela maneira seguinte.

Marchou o Mestre de campo Ioão Fernandes Vieira, que lhe tocaua, com o seu terço, a pè diante delle com hũa pica. Entrando pela parte do Forte das Cinco pontas, meteo nelle de guarda duas companhias do seu terço, & hũa do Gouernador Henrique Dias, & marchando adiante entrou na praça do Recife, & logo guarneceo as portas, plataformas, & batarias, que nelle auia.

Marchou o Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros com o seu terço na forma referida pela parte da Boa vista, e não achando entrada por ella, tornou a buscar o caminho por onde foi o Mestre de campo Ioaõ Fernandes Vieira, que ficou guarnecendo a cidade Mauricia, & Fortes de S. Antonio.

Marchou o Mestre de campo Francisco de Figueiroa pelas Salinas, & foi guarnecer o Forte do Brun, & o Castello de terra, & o do mar.

Despois de desarmados os soldados, & moradores Olandeses, se misturáraõ cõ os nossos Portugueses cõ hũa familiaridade, como se nunca entre elles houuera auido guerra, pela boa ordem, q' sobre isso deu o Mestre de cãpo general debaixo de hũ bando cõ grauissima pena a quẽ fizesse qualquer agrauo a morador, ou soldado dos rendidos.

No dia seguinte 28. do dito entrou o Mestre do campo general na dita praça do Recife, festejado do exercito com grande mosquetaria, & dos Fortes rendidos com a artilharia, que publicauaõ com linguas de fogo o poder das nossas armas, & as mudanças da fortuna, que em menos de quinze dias restituio hum Estado tam dilatado a Portugal, tirando a Olanda o comercio da quarta parte do mundo, & dando o senhorio de hũa praça de tanta importancia como o Recife a quem nelle poucos annos antes auia estado prisioneiro, por não dizer catiuo.

Vinha o Mestre de campo general a cauallo acompanhado da caualaria, & ao entrar da cidade Mauricia sahio a recebello a pè o General Segismundo acompanhado de seus Officiaes de guerra. Desmontou o Mestre de campo

general, & desprezando os fauores da fortuna teue grandes cortesias com o dito General Segismundo, & a pè o trouxe á sua maõ direita.

Em o meyo da ponte, que vem da cidade Mauricia para o Recife, chegou o Presidente, & os do Conselho supremo a receber o Mestre de campo general, que lhes fez grandissimas cortesias, trazendo os por suas casas para os deixar nellas: mas o dito Presidente, nam condecendendo nisso, acompanhou ao Mestre de campo general atè a casa em que se veyo recolher.

Achou nesta praça 123 peças de artilharia de bronze por lista, que deraõ os Framengos (que ainda se não fez inuentario) & de ferro 170. muita poluora, & mais de seis mil balas de artilharia de todo calibre, muitas armas, & muita ferramenta de gastadores, ferro, & breu, & algum massame para nauios.

Tinhão os Olandeses mantimentos, com que largamēte se podiaõ sustentar perto de hum anno.

Despois de os soldados Olandeses arrimarem as armas na forma das Capitulaçoens, se acháraõ em dezanoue cōpanhias mil & duzētos, em que entrauão 85. Indios, & 32. negros, nam contando neste numero os rendidos antes da entrega do Recife, que foraõ alguns trezentos, nem os moradores, que tomauão armas, que tambem erão em numero, nem outros 852. Indios, que se retirárão ao Ciará.

O dia, em que se começárão a praticar as capitulaçoēs, de noite fugio da praça do Recife o Tenente Coronel Nielas em hūa jangada disfraçado em trage de marinheiro, & foi à ilha de Itamaracà publicar como tinhamos ganhado alguns Fortes do Recife, & vinhamos com grande pujança degollando molheres, & meninos, sem dar quartel a viua pessoa, & que assi os auisaua que tratassem de sua saluaçaõ; & conuocando alguns moradores se embarcou cō elles em duas fragatas, & leuando tudo o que pode se foi á Paraiba, onde publicou a mesma noua, que estimulou tanto aos officiaes, & soldados, que violentamente obrigàraõ ao Coronel Autin, que gouernaua aquella praça, a que se embarcasse, como fez, com todos os Olandeses, assi molheres, como soldados, em hūa nao grande da India Oriental, que tinha vindo arribada a este Estado, deixando o Forte entregue a 50. Portugueses, que ali se acháraõ prisioneiros de hua naueta nossa, que hia para a India, que poucos dias antes tinhaõ tomado: aos quaes Portugueses quiseraõ os Framengos matar, & o Coronel Autin o não consentio; antes lhes entregou a Fortaleza, & as chaues, & disse, que nam dessem entrada a nenhum dos Olandeses.

Antes da noticia desta noua, tinha partido do Recife o Mestre de campo Francisco de Figueiroa com 850. soldados, & ordens dos Conselheiros Olandeses para se entregarem as praças do Rio grande, Paraiba, & Itamaracà: para o que foi diante hum Tenente Coronel Framengo com as ditas ordens.

Entregou o Tenente Coronel Lubrech, que gouernaua a ilha de Itamaraçà, & Fortaleza d'Orange, & a do Alto ao dito Mestre de campo na con-

formidade das Capitulaçoens. Acharaõ-se nesta praça 330. soldados, & 204. moradores, em que entrauaõ molheres, & meninos.

Os Indios, que na dita praça estauaõ em seruiço dos Olandeses com a noua, que lhes deu o Nielas, fugiraõ para o interior do Sertaõ com quatrocentos negros escrauos.

Passando o dito Mestre de campo Francisco de Figueiroa à Capitania da Paraiba, não achou mais que os cincoẽta Portugueses prisioneiros da naueta da India, que derão noticia do sucesso referido.

E despois de presidiar os Fortes, mandou hũa tropa ao Rio grande, a qual chegando a aquella praça, naõ achou nella soldado nenhum, porque se auiaõ embarcado em hũa carauela da Companhia de Olanda, & em hũa barcaça, que alli foraõ com a noua, que deu o Nielas. Ficàraõ no dito Rio grande todos os moradores Framengos, molheres, & meninos, que ali auia, & os Portugueses, que estauaõ prisioneiros na dita Força, a qual ja fica guarnecida com Infantaria Portuguesa.

Temse mandado à Ilha de Fernaõ de Noronha; mas não veyo ainda recado do estado em que se achou. Ficase preparando embarcação para mandar ao Ciará, donde os Olandeses mandàraõ pedir, que lhes acodissem ás vidas, porque se lhe tardassem pereceriaõ todos à fome.

Esta he a Relação verdadeira da restituição de Pernambuco, escrita por quem se achou presente a ella, admirada de todos os estranhos, aplaudida de todos os confederados, enuejada de todos os emulos, gloriosa para toda a Christandade, & especialmente para os Portugueses, que alem de recuperarem esta conquista, que lhes estaua vsurpada, continuaõ nesta empresa aquella sua antigua profissaõ, que he o triunfar de inimigos poderosos, & seruir á Igreja Catholica a todo o risco da vida contra todos os infieis.

Falta sômente aos que tanto merecêrão nesta facção, para ser perfeito o gosto da victoria, ter noticia de que Sua Magestade, que Deos guarde, sem embargo de se obrar sem ordem sua, se manifeste bem seruido dos que lhe saõ tam benemeritos.

Assento, e condiçoens com qve os senhores do Conselho supremo residentes no Recife entregaõ ao senhor Mestre de campo general Francisco Barreto Gouernador em Pernambuco, a cidade Mauricia, Recife, & mais Forças, & Fortes ao redor, & mais Praças que tinha occupadas na banda do Norte a saber, a Ilha de Fernaõ de Noronha, Ciarà, Rio grande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá, acordado tudo pellos comissarios de hũa, & outra parte abaixo assinados.

1.

Qve o senhor Mestre de campo general Francisco Barreto dà por esquecida toda a guerra que se tem cometido por parte dos vassallos dos senhores Estados gêraes das Prouincias vnidas, & da companhia Occidental contra a Nação Portuguesa, ou seja por mar, ou seja por terra, a qual será tida, & esquecida, como se nunca ouuera sido cometida.

2.

Concede a todos os sobreditos vassallos que estão debaixo da obediencia dos senhores Estados gèraes, & a todas as pessoas subditas aos ditos senhores, tudo o que for de bẽs moueis que actualmente estiuerem possuindo.

3.

Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados géraes, que lhes dará de todas as embarcaçoẽs, que estão dentro do porto do Recife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilharia que ao senhor Mestre de campo general parecer bastante para sua defensa, & desta não será nenhũa de bronze, excepto a que se concede ao senhor General Segismundo Schop nos Capitulos das condiçoẽs militares.

4.

Concede a todos os vassallos acima referidos que quiserem ficar nesta terra debaixo da obediencia das Armas Portuguesas, que seràm gouernados, & estimados como os mais Portugueses; & no tocante à religiaõ viuiràm em a conformidade que viuem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

5.

Que os Fortes situados ao redor do Recife, & villa Mauricia, a saber o Forte das Cinco pontas, a Casa da Boa vista, o Mosteiro de Sancto Antonio, o Kate da villa Mauricia, o das Tres pontas, o Brun com seu Reduto, o Castello Sam Iorge, o Castello do mar, & as mais Casas, Fortes & batarias, se

entregarám todas á ordem do senhor Mestre de campo general, logo que se acabar de firmar este acordo, & concerto, com a artilharia e muniçoēs que tem.

6.

Que os vassallos dos ditos senhores Estados gèraes moradores no Recife, & cidade Mauricia, poderám ficar nas ditas praças por tempo de tres meses, com tanto que entreguem logo as armas, & bandeiras, as quaes se meterám em hum almazem á ordem do senhor Mestre de campo general, durante os tres meses; & que quando se quiserem embarcar, ainda que seja antes dos tres meses, lhas darám para sua defensa; & logo juntamente com as ditas Forças entregarám o Recife, & cidade de Mauricia; & lhes concede aos ditos moradores que possaō comprar aos Portugueses nas ditas praças todos os mantimentos que lhes forem necessarios para seu sustento, & viagem.

7.

As negociaçoēs, & alienaçoēs que os ditos vassallos fizerem em quanto durarem os ditos tres meses, serám feitas na conformidade acima referida.

8.

Que o senhor Mestre de campo general assistirá com o seu exercito aonde lhe melhor parecer; mas fará que os vassallos dos senhores Estados gèraes nam sejaō molestados, nem avexados de nenhũa pessoa Portuguesa, antes serám tratados com muito respeito, & cortesia; & lhes concede que nos ditos tres meses que haō de estar nesta terra, possaō decidir os pleitos, & questoēs que tiuerem hũs com outros diante de seus Ministros de Iustiça.

9.

Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados gèraes, que leuem todos os papeis que tiuerem de qualquer sorte que sejaō, & leuem tambem todos os bens moueis que lhes tem outorgado o senhor Mestre de campo general no terceiro artigo.

10.

Que poderàm deixar os ditos bens moueis acima outorgados, que tiuerem por vender ao tempo de sua embarção (*sic*), aos procuradores que nomearem de qualquer naçaō que seja, que fiquem debaixo da obediencia das armas Portuguesas.

11.

Que lhes concede todos os mantimentos, assi secos, como molhados, que tiuerem nos almazens do Recife, & Fortalezas, pera se seruirem delles, &

fazerem suas viagens, largando aos soldados os de que elles necessitarem para seu sustento, & viagem ; mas naõ lhes outorga o massame para os nauios, porque promete darlhos aprestados, para quando partirem para Olanda.

12.

Que sobre as pretensoens, & diuidas que os ditos vassallos dos senhores Estados gèraes pretendem da naçam Portuguesa, lhes concede o direito, que Sua Magestade o senhor Rey de Portugal decidir, ouuidas as partes.

13.

Que lhes concede, que as embarcaçoens pertencentes aos ditos vassallos, que chegarem a este porto, ou fóra delle, por tempo dos primeiros quatro meses, sem terem noticia deste acordo, & concerto no lugar donde partirão, que possaõ liuremente voltar pera Olanda, sem se lhes fazer molestia algũa.

14.

Que concede aos ditos vassallos dos senhores Estados gèraes que possaõ mandar chamar seus nauios, que trazem nesta costa, para que neste porto do Recife se possaõ tambẽ embarcar nelles, & leuar os bẽs moueis acima outorgados.

15.

E no que toca ao que os ditos vassallos pedem sobre não prejudicar este assento, & concerto às conueniencias que puderem estar feitas entre o Senhor Rey de Portugal, & os senhores Estados gèraes, antes de lhe chegar à noticia este dito concerto, & assento: não concede o senhor Mestre de campo general, porque se não intromete nos taes acordos que os ditos senhores tiuerem feitos, por quanto de presente tem exercito, & poder para conseguir quanto emprender em restituição tam justa.

Condiçoẽs sobre a Milicia, & cousas tocantes a ella.

1.

Que todas as offensas, & hostilidades que da parte dos senhores Estados gèraes, & seus vassallos se tem cometido, se esquecem da nossa, na conformidade acima referida.

2.

Que o senhor Mestre de campo general cõcede que os soldados assistentes no Recife, cidade Mauricia, & suas Forças, sayaõ com suas armas, mecha acesa, balas em boca, & bandeiras largas: com condição que passando pelo exercito Portugues apagarám logo os murroẽs, & tirarám as pedras das espingardas, & carauinas, & meterám as ditas armas na casa, ou Almazem que o

senhor Mestre de campo general lhes nomear; das quaes o dito senhor mandará ter cuidado para lhas entregarem quando se embarcarem, & só ficarám com ellas todos os Officiaes de Sargentos para cima; & que quando se embarcarem, seguirám direitamente a viagem q̃ pedem para os portos de Nantes, ou a Rochela, ou outros das Prouincias vnidas, sem tomarem porto algum da Coroa de Portugal, para firmeza do que deixarám os vassallos dos ditos senhores Estados gèraes em refens tres pessoas, a saber hum Official mayor de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, & outra dos moradores vassallos dos senhores Estados gèraes; & que os Officiaes de guerra, & soldados desta Praça do Recife, & mais Forças juntas a elle, se embarcarám todos juntos em companhia do senhor General Segismundo Schop; com condição que se entregarám primeiro á ordem do senhor Mestre de campo general as Praças, & Forças do Rio grande, Paraíba, & Itamaracá, deixando as pessoas que se pedem nos refens, para comprimento de tudo o referido neste capitulo.

3.

Que concede ao senhor General Segismundo Schop, q' despois de entregues as ditas Praças, & Forças acima referidas, cõ a artilharia que tinhaõ antes, ou atè a hora da chegada da Armada, que hora està sobre o Recife, leue vinte peças de bronze sorteadas de quatro tẽ dezoito libras, alẽ das peças de ferro que forem necessarias para defensa dos nauios que forem em sua companhia, as quaes peças lhe darà com suas carretas, & muniçoẽs necessarias; & toda a mais artilharia, muniçoẽs, & train, se entregarám à ordem do senhor Mestre de campo general.

4.

Que o senhor Mestre de campo general lhe concede as embarcaçoẽs mais necessarias para a dita viagem na conformidade acima referida.

5.

Que o senhor Mestre de campo general lhe concede os mantimentos na cõformidade em que estaõ çocedidos (*sic*) no Capitulo 11. acima; e dado caso que não bastem os ditos mantimentos, o senhor Mestre de campo general promete dar os de que necessitarem os soldados.

6.

Que o senhor Mestre de campo general concede ao senhor General Segismundo Schop, que possa possuir, alienar, ou embarcar quaesquer bens moueis, ou de raiz que tiuer no Recife, & os escrauos que tiuer consigo, sendo seus; & que o mesmo fauor conde (*sic*) o senhor Mestre de campo general aos officiaes de guerra, sendo os taes bẽs legitimamente seus atè a hora da chegada da Armada a esta costa; & concede aos officiaes de guerra, que possaõ morar nas casas em que viuem atè a hora de sua partida.

7.

O senhor Mestre de campo general concede que os soldados doentes, & feridos, no hospital em q̃ estaõ, se possaõ curar té que tenhão saude pera se poderem embarcar.

8.

Que em quanto estiuerẽ os soldados do senhor General Segismundo em terra, não serám molestados, nem offendidos de pessoa algũa Portuguesa; & em caso que o sejão, ou lhes façáo algũa molestia, se dará logo conta ao senhor Mestre de campo general, para castigar a quem lha fizer.

9.

No tocante a irem juntos com os soldados que hoje estão no Recife, os que se rendérão, & aprisionárão antes deste acordo, & assento, não concede o senhor Mestre de campo general, porque tem já dado comprimento ao que com elles capitulou sobre sua entrega.

10.

O senhor Mestre de campo general concede perdão a todos os rebelados, especialmente a Antonio Mendez, & a todos os mais Indios assistẽtes nas Praças, & Forças do Recife; & da mesma maneira aos Mulatos, Mamolucos, & Negros; mas que lhes não concede aos ditos rebelados a hóra de sahirem com as armas.

11.

Que tanto que forem assinadas as ditas capitulaçoẽs, se entregarám á orde do senhor Mestre de campo general as Praças do Recife, & cidade Mauricia, & todas as mais Praças com sua artilharia, train, & muniçoẽs: & que o dito senhor Mestre de cãpo general se obriga a dar a guarda necessaria para q̃ no alojamento das ditas Praças esteja com segurança a pessoa do senhor General Segismundo Schop, & mais officiaes, & ministros, durante o tempo concedido.

12.

E no que toca ao que o dito senhor Segismundo, & seus soldados pedem, sobre lhes não prejudicar este concerto, & assento ás conueniencias que puderem estar feitas, entre o Senhor Rey de Portugal, & senhores Estados géraes, antes de lhe chegar á noticia este dito concerto, & assento: não cõcede o senhor Mestre de campo general, porque se não intromete nas taes conueniencias, por quanto tem exercito, & poder para conseguir quanto emprender em restituição tam justa.

E sobre todos estes Capitulos, & condiçoens acima contratados se obrigão os senhores do supremo Conselho residentes no Recife a entregar tambem logo á ordem do senhor Mestre de campo general, as Praças da Ilha de Fernaõ de Noronha, Ciarà, Rio grande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá, com todas as suas Forças, & artilharia, que tem, & tinhão até a chegada da Armada Portuguesa, que de presente está sobre o Recife, & o train de artilharia, & mais muniçoens: com condição que os moradores, & soldados assistentes nas ditas Praças, & Forças, gozarám dos mesmos priuilegios, & condiçoens concedidas aos moradores, & soldados da Praça do Recife; mas que o senhor Mestre de campo general será obrigado a mandar ao Ciará hũa nao sufficiente para se embarcar nella a gente, assi moradores, como soldados vassallos dos senhores Estados géraes, com os referidos bens; a qual não leuará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ciarà; & que todos os nauios, & embarcaçoẽs, que estiuerem naquelles portos do Rio grande, Paraiba, & Ilha de Itamaracá capazes de poderem passar a linha, lhos concede o senhor Mestre de campo general para sua viagem, & trespasso de seus bens; mas que não leuarám artilharia de bronze, & só lhes dará o senhor Mestre de campo general a de ferro que bastar para sua defensa.

O que tudo atras referido se obrigão de hũa, & outra parte a cumprir, & guardar, sem duuida, nem embargo algum o senhor Mestre de campo general, & os senhores do supremo Conselho assistentes no Recife, & o senhor General Segismundo Schop, sendo assinados pelos Deputados dos ditos senhores remetidos a esta campanha do Taborda para as ditas condiçoẽs, sobre a entrega do Recife, & mais Praças nellas nomeadas; & para mais firmeza assinàrao aqui tambem os ditos senhores. Hoje vinte & seis de Ianeiro de mil & seiscentos & cincoenta & quatro annos.

Andre Vidal de Negreiros. *Affonso de Albuquerque.*
Francisco Aluares Moreira. *Manoel Gonçalues Correa.*
Pehyo Nomboreti. *Ilene Havexe.*
Dignum Dezon Distoye. *Noicuuande Voall.*
Gisbert de VVith. *Hyaj Iiresa Brog.* *VVpraligo.*

Taixaõ esta Relação em vinte reis em papel. Lisboa o primeiro de Iunho de 1654.

D. P. P. *Francisco de Carualho.* *Pacheco.*

NOTA

Reimpressão do opusculo da collecção Barbosa Machado, n.º 10 do volume intitulado — « Noticia dos Cercos heroicamente sustentados pelos Portuguezes Nas quatro partes do Mundo collegida por Diogo Barbosa Machado... Tomo V... ».

Não traz o nome do Autor, mas passa como obra do Dr. Antonio Barbosa Bacellar, na opinião geral dos bibliographos. — Veja-se a sua descripção — na *Bibl. Lusit.* do erudito

Barbosa, I, pp. 217; — na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n. 801, pp. 142; — no *Dicc. Bibl. Port.* de Innocencio, I, pp. 94, n.º 452 da lettra A; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, sob n. 1.701 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, a pp. 401), — e finalmente na *Bibl. Amér.* de Ternaux, n. 736, pp. 129. — Este não dá o nome do Autor. — Por inadvertencia deixou de figurar na Exposição de Historia do Brasil, pelo que não vem apontada no respectivo *Catalogo*.

Felner possuiu um exemplar d'este opusculo, em uma «Miscellanêa relativa aos primeiros tres reinados da Casa de Bragança». — Vide o n. 1.026, pp. 60 do «Catalogo da livraria do fallecido Rodrigo José de Lima Felner... que hade ser vendida em leilão nos primeiros dias de Junho de 1878 por intervenção de Francisco Arthur da Silva...», *Lisboa* (*Imprensa de J. G. de Sousa Neves*), 1878, in-8.º — Na transcripção do titulo neste Catalogo deu-se, porém, um erro muito singular, em virtude do qual a obra deixou de ser anonyma, para ser escripta — *por Francisco de Noronha*, — declaração extrahida do proprio titulo, ao que parece, e composta pelo autor com os nomes de — *Francisco* Barreto e — Ilha de Fernão *de Noronha*.

Innocencio possuiu outro exemplar, que vem descripto na pag. 26 da 1.ª parte do «Catalogo da copiosa Bibliotheca do fallecido Innocencio Francisco da Silva...», *Lisboa, Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes*, 1877, in-8.º (n. 448, 1.ª obra).

***

D'estes successos finaes da guerra hollandeza no Brasil a Collecção Barbosa Machado traz quatro *Relações* differentes, a saber:

1.ª — Esta *Relaçam diaria* acima reproduzida e attribuida ao Dr. Antonio Barbosa Bacellar. — (*Not. dos Cercos*, V, n.º 10; n. 801 de Figaniere — 1701 do Dr. Ramiz Galvão).

2.ª — A *Breve Relaçam* reproduzida antes d'esta (pp. 167 — 185) e attribuida ao Dr. João de Medeiros Corrêa. — In-4.º de 15 ff. inn. — (*Not. hist. e milit. da Amer.*, n. 14, — *Not. dos Cercos*, V, n. 12; — n.º 831 — 2.º de Figaniere — n.ºs 1.576 e 1.703 do Dr. Ramiz Galvão).

Ambas de *Lisboa*, da *Officina Craesbeeckiana* e do anno de 1654.

3.ª — Um opusculo em hespanhol — *Relacion verdadera*, cujo titulo já transcrevemos na precedente nota. — In-4.º de 1 ff. inn. de tit., 46 pp. num. — (*Not. dos Cercos*, V, n.º 9; — n.º 1.700 do Dr. Ramiz Galvão). — E' ainda da mesma Officina e do mesmo anno das anteriores.

4.ª — Um opusculo em italiano — *Breve Relatione*; de que ainda não nos occupámos. — Eis a sua descripção:

> BREVE | RELATIONE | Dell'insigne Vittoria, che i Portoghesi riportarono degli Olandesi nello Stato del Brasile, | impatronendosi della Fortezza Reale detta Re- | cife nella Capitania di Pernambuco, e di tutte | le Piazze, Fortezze, e Isole d'intorno. | A 27. di Genaro del 1654. |
>
> *S. l., s. offic.* e *s. d.*, in-4.º, de 8 ff. inn., trazendo a 1.ª o seguinte tit.: = RELATIONE | della restaurationa | DEL BRASILE. | =
>
> (*Not. dos Cercos*, V, n.º 11; — n.º 1.702 do Dr. Ramiz Galvão).

A identidade de assumpto por um lado, e por outro a circumstancia de terem sahido dos mesmos prélos as tres primeiras relações, e em um mesmo anno, justamente o da restauração de Pernambuco, despertaram a nossa natural curiosidade de investigador

da historia patria e levaram-nos a confrontar os quatro textos. — Eis os resultados d'esse confronto, sob o ponto de vista bibliographico:

Temos em conta de mais antiga a *Relaçam diaria* attribuida a Bacellar (a 1.ª); «escrita por quem se achou presente a ella».

No final d'esta *Relaçam* encontram-se os seguintes trechos, que provam cabalmente como foi ella escripta em epoca bem proxima dos acontecimentos narrados:

«Tem-se mandado á ilha de Fernaõ de Noronha; mas não veyo ainda recado do estado em que se achou. Ficase preparando embarcação para mandar ao Ciará, donde os Olandeses mandàraõ pedir, que lhes acodissem às vidas, porque se lhe tardassem perecerìaõ todos à fome.»

«Falta sòmente aos que tanto merecèrão nesta facção, para ser perfeito o gosto da victoria, ter noticia de que Sua Magestade, que Deos guarde, sem embargo de se obrar sem ordem sua, se manifeste bem servido dos que lhe saõ tam benemeritos».

Estes topicos parecem demonstrar que esse trabalho foi feito antes do Autor ter tido conhecimento da chegada a Lisboa de André Vidal de Negreiros, que fôra despachado de Pernambuco para El-Rei com a noticia dos successos (19 de Março de 1654); porque logo no dia seguinte D. João IV fez celebrar *Te Deum* na Capella Real e em todas as Igrejas da Cidade, em acção de graças pelos mesmos successos, ouviu ler as Cartas em Conselho d'Estado, e no mesmo Conselho mandou distribuir recompensas pelos libertadores.

Ainda mais: — elles parecem provar que a proximidade não foi só de tempo, mas ainda do logar; isto é, que a *Relaçam diaria* foi escripta *no Brasil*, antes de cá chegarem os echos das manifestações da metropole; — o que não deixa de estar de accordo com a declaração explicita *de ter sido escripta por quem esteve presente aos successos.*

Effectivamente, ella não podia ter sido feita *em Lisboa*, antes da chegada de Vidal de Negreiros, porque até então não havia noticia do occorrido; — e não é crivel que o tivesse sido posteriormente, porque logo no dia seguinte eram tambem conhecidas as manifestações do regosijo real.

Do exposto devemos concluir que, se o Dr. Antonio Barbosa Bacellar não esteve no Brasil nesta época (do que não ha a menor noticia), não póde ter sido o Autor d'esta *Relaçam diaria.*

A *Breve Relaçam* attribuida ao Dr. João de Medeiros Corrêa (a 2.ª), trazendo a noticia de todas estas manifestações feitas em Lisboa (ff. 13 v.-15 v.), é evidentemente posterior á referida data, e portanto mais moderna que a 1.ª, que as não refere.

Comparadas as duas *Relações* portuguezas, vê-se logo que a 1.ª, attribuida a Bacellar, trata de todos os successos com mais individuação, justificando o titulo de *Relaçam diaria* e a declaração de ter sido escripta *por quem se achou presente* a elles. — A 2.ª é uma *Breve Relaçam* dos mesmos acontecimentos, segundo o proprio titulo, e apenas contém a mais que a 1.ª os seguintes trechos:

a) — Summa do discurso attribuido ao Mestre de campo general Francisco Barreto, no conselho que celebrou na villa de Olinda, a 20 de Dezembro de 1653, com o General da Armada Pedro Jacques de Magalhães, com o Almirante da mesma Francisco de Brito Freire, com os tres Mestres de Campo João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa e mais officiaes de terra (de fl. 1 v., linha 1.ª, até fl. 2 r., linha 19.ª), incluindo um trecho anterior ao mesmo discurso e outro posterior.

b) — Discurso attribuido a João Fernandes Vieira e dirigido aos soldados na manhã de 15 de Janeiro de 1654, antes de começar o ataque á *Casa do Rego* (fl. 2 v., linhas 4.ª — 31.ª).

c) — Summa do que dizem ter ido referir aos do Conselho do Recife o General Segismundo Schop, no dia 22 de Janeiro, relativamente ao valor dos Portuguezes e estado desesperado dos Hollandezes, depois de ter desistido de intentar o ataque, que pretendêra dar, ao velho *Forte do Milhou*, já então em poder dos nossos, distante duzentas braças do *Forte das Cincò Pontas*, para a parte da Ilha do Cheira Dinheiro e passagem da Barreta (fl. 5 v., linha 23.ª — fl. 6 v., linha 9.ª).

d) — O seguinte trecho de apreciação geral da recuperação:

« Neste dia de vintesete de Ianeiro, tam glorioso pera a sancta Igreja Romana, por se restituirem nelle a sua jurisdiçaõ, e doutrina innumerauel quantidade de Igrejas, se desterrar a heregia de tam consideranel parte do mundo, se liurar o rebanho de Christo das garras do inimigo: tam glorioso para a Magestade delRey DOM IOAM o IV. nosso Senhor, por ver em seu tempo restituidas a sua Coroa as ricas terras que lhe ganhàraõ seus Auôs, & lhe perdêraõ os Reys intrusos no tempo do seu injusto gouerno. Vio a naçaõ Portuguesa rendidos às Cruzes da Ordem de Christo, que ali trazem as nossas bandeiras, por ser aquella Conquista patrimonio desta Ordem Militar, os leoens das bandeiras de Olanda, que os de Castella nam puderaõ contrastar em tantos annos de guerra, & em tantas partes do mundo. » (ff. 12 r., linhas 18.ª–32.ª).

e) — O seguinte trecho relativo aos mortos e feridos:

« Morrêraõ dos nossos em todo o discurso da peleja vintehum Portugueses, & forão vinteoito feridos: cousa marauilhosa, por o euidente perigo cõ que sempre andàrão, & peleiârão na campanha por baixo das bocas de muita artilheria, que sem cessar disparauão de dia, & de noite, não auêdo hum só soldado a que fizessem pauor, nem que procurasse desuiarse dellas. » (fl. 13 r., linhas 23.ª–29.ª).

f) — Todo o final da Relação, referente ás manifestações feitas em Lisboa, o qual começa (ff. 13 v., linha 18.ª): « Despachou tambem logo o Mestre de campo General a S. Magestade com auiso do succedido, ao Mestre de campo Andre Vidal de Negreiros... », e acaba (ff. 15 v.): « Esta he a verdadeira Relaçaõ do vltimo, & mayor successo da guerra do Brasil, tam milagroso, como todos os com que Deos tem dado testimunho, de que he sua vontade conseruar esta Coroa na pessoa, e sucsão *(sic)* delRey nosso Senhor. *Qui vidit testimonium perhibuit, & verum est testimonium eius, & vera dicit, vt & vos credatis.* »

Convem ainda assignalar as seguintes differenças:

1.ª) — As duas séries de Artigos das Capitulações assignadas em 26 de Janeiro occupam logares differentes nas duas *Relações*: — na 1.ª *(Relaçam diaria)* estão impressas no fim do opusculo, occupando as quatro ultimas folhas; — na 2.ª *(Breve Relaçam)* vem intercaladas no texto, de ff. 6 v., linha 11.ª, a ff. 10 v., linha 26.ª.

2.ª — As *Condições* com que os Conselheiros do Recife entregaram as praças occupadas pelos Hollandezes (1.ª serie) não combinam nas duas *Relações*: — na *Relaçam diaria* (1.ª) são em numero de 15, e na *Breve Relaçam* (2.ª) são 17. — As *Condições* d'esta não incluidas naquella são a 2.ª e a 5.ª, a saber:

2.ª — Que tambem seraõ comprehendidas neste acordo todas as nações de qualquer qualidade, ou religiaõ que sejaõ, que a todas perdoa, posto que hajão sido rebeldes à Coroa de Portugal; & o mesmo concede a todos os Iudeos que estaõ no Recife, & cidade Mauricia. =

5.ª — Concede aos vassallos dos ditos senhores Estados gèraes que forem casados com molheres Portuguesas, ou nacidas nesta terra, que sejaõ tratados como se fossem casados com Flamengas, & que possaõ leuar consigo as molheres Portuguesas por sua vontade. =

Em consequencia d'esta divergencia não combinam as numerações da 1.ª serie de *Condições* em uma e outra *Relações*. — As condições relativas á milicia (2.ª serie) estão porém accordes, sendo em numero de 12 em ambas as *Relações*.

3.ª differença. — A narrativa dos factos posteriores á capitulação (marchas dos Mestres do Campo para tomarem posse das praças, entrada de Francisco Barreto no Recife, etc.) tem mais desenvolvimento na 2.ª *Relaçam* do que na 1ª; — nesta (1ª) occupa apenas duas folhas (devem ser ff. 15-16); — naquella (2.ª) estende-se por 6 folhas, desde a fl. 10 v., linha 28.ª, até a fl. 15 v., fim, estando nellas incluidos os trechos *d*, *e* e *f*, a que acima nos referimos. — Convem ainda notar que a *Breve Relaçam* (2.ª) traz de ff. 11 v. - 12 r. uma relação das praças e forças *(fortes)* que então se entregaram, a qual não existe na outra.

Em todos os outros pontos, e mais especialmente nos successos occorridos de 6 a 26 de Janeiro, a *Relaçam Diaria* (1.ª) é muito mais desenvolvida e minuciosa que a *Breve Relaçam* (2ª).

Passemos agora á Relação hespanhola (a 3ª), que o Sr. Dr. Ramiz Galvão suppõe ser obra do Dr. João de Medeiros Corrêa, o mesmo Autor da 2ª, visto que «ha entre as duas grandes ponctos de similhança, e em varios passos uma é sem duvida traducção da outra.» — Pedindo venia para apresentar os resultados da nossa investigação, que certamente devem modificar a opinião do illustrado bibliographo, entremos em materia.

Comparámos rigorosamente a Relação hespanhola com as duas portuguezas precedentes e verificámos:

1.º — que ella é muito mais minuciosa que a *Breve Relaçam* attribuida ao Dr. João de Medeiros Corrêa (a 2ª), e que todas essas minucias estão escriptas na *Relaçam Diaria* attribuida ao Dr. Antonio Barbosa Bacellar (a 1ª).

2.º — que é uma traducção mais ou menos approximada ora da 1ª, ora da 2ª Relação portugueza.

3.º — que os pontos de semelhança com a *Relação diaria* (a 1.ª) são muito mais numerosos e muito mais extensos, sendo que nelles a imitação ou traducção é muito mais visivel ou litteral, por serem repetidos os mesmos factos, as mesmas phrases ou outras semelhantes, os mesmos conceitos e as mesmas apreciações, ora na mesma ordem, ora transpostos.

4.º — que os pontos de semelhança com a *Breve Relaçam* (a 2.ª), sendo em menor numero e muito menos extensos, são exactamente aquelles em que esta (2ª) differe da 1.ª *(Relaçam Diaria)*, e que já ficaram apontados como não existindo na mesma *Relaçam Diaria*. — (São os trechos que assignalámos com as lettras *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f*.) — Nesses pontos a traducção é algumas vezes bastante approximada.

5.º — que a *Relacion verdadera* traz as duas series de artigos das capitulações no fim do texto (pp. 39-46), exactamente como vem na *Relaçam diaria* (1ª); ao passo que na *Breve Relaçam* esses artigos vem intercalados no texto.

6.º — que os artigos ou *condições* da 1ª serie são em numero de 15 na *Relacion verdadera* e são os mesmos da *Relaçam diaria* (1.ª), — e não os 17 que se encontram na *Breve Relaçam* (2.ª).

7.º — que a narrativa dos factos posteriores á Capitulação só está de accordo com a *Breve Relaçam* (2ª) na reproducção dos trechos *d*, *e* e *f* já apontados; porque no mais segue a *Relaçam diaria* (1.ª), que é menos desenvolvida do que a outra.

8.º — que a relação das praças e fortes que então se entregaram, e que occorre na *Breve Relaçam* de ff. 11 v. - 12 r., falta na *Relacion verdadera*, como já faltava na *Relaçam diaria*.

3.º — que o tit. da *Relacion verdadera* está mais de accordo com o da *Relaçam diaria* que com o da *Breve Relaçam.*

Apresentados os resultados da dupla comparação, transcrevamos o final d'esta *Relacion verdadera* (pp. 38):

= Esta Relacion verdadera del ultimo, i mayor sucesso de la guerra del Brasil (tan maravilloso, como todos los otros, com que Dios ha testificado, que es voluntad suya establecer esta Corona de Portugal en la persona, i sucession del Rey D. IVAN el IV nuestro Señor) escrive un Portugues en lengua Castellana, para que nuestros enemigos la entiendan, i para que tenga mucho de notoria, pues tiene todo de verdadera.=

Do exposto podemos concluir que o Portuguez, que escreveu em lingua castelhana a *Relacion verdadera*, teve presentes as duas *Relações* portuguezas anteriores (1.ª e 2.ª), estudou-as detidamente, comparou-as com todo o cuidado *para escrever a sua* (?) e depois... serviu-se de ambas com toda a franqueza, traduzindo-as com mais ou menos liberdade. Reconhecendo que a *Relaçam diaria* era muito mais minuciosa, impoz-lhe mais larga contribuição, tomando-a como base do *seu* (?) trabalho; mas, querendo fazer obra mais completa e corrigir o original que seguia, accrescentou-lhe todos os trechos novos que encontrou na *Breve Relaçam.* Finalmente, como as duas Relações portuguezas tinham sahido anonymas, elle não teve a quem pedir *permesso,* e, por espirito de imitação e talvez por modestia, deixou tambem *anonymo o duplo plagio,* que com tanta convicção e patriotismo acabava de consummar. — Em nossos tempos é assim que se classificam essas producções enfeadas sobre trabalho alheio, ainda que seja anonymo. O autor, porém, chamou a isso escrever — *uma Relação verdadeira por patriotismo.*

Assim, em nossa opinião, a *Relacion verdadera* deve ser classificada como — versão castelhana anonyma de toda a *Relaçam diaria* attribuida ao Dr. Antonio Barbosa Bacellar, com accrescimo de alguns trechos novos extrahidos da *Breve Relaçam* attribuida ao Dr. João de Medeiros Corrêa.

Não fallando em uma ou outra apreciação insignificante intercalada na narração, pertence ao *traductor anonymo* uma pequena Introducção, que occupa a 1ª pagina e vai até a 5.ª linha da 2.ª — Pertence-lhe tambem exclusivamente o erro de data, com que começa a narração, dizendo que Pedro Jacques de Magalhães chegou á vista do Recife com a Armada da Companhia Geral a *20 de Janeiro de 1653 !*

Deixemos agora bem explicito que nenhum dos nossos conceitos póde referir-se ao Dr. João de Medeiros Corrêa, a quem o Sñr. Dr. Ramiz Galvão attribue *dubitativamente* a autoria da *Relacion verdadera* (a 3.ª). Fôra preciso não ter lido Barbosa e Innocencio para attribuir-lhe o *plagio* que acabamos de demonstrar.

Ficou igualmente demonstrado que a *Relacion verdadera* é posterior ás duas portuguezas, sendo portanto a 3.ª na escala das *Relações* até aqui analysadas.

***

Consideremos agora a *Breve Relatione,* isto é, o opusculo italiano *S. l., s. offic.* e *s. d.,* que deixamos indicado em 4.º logar.

Barbosa Machado menciona-a na sua *Bibl. Lusit.,* I, pp. 217, dando-a como traducção da *Relaçam diaria* attribuida a Bacellar (a 1.ª). — O erudito escriptor commetteu alguns erros na transcripção do titulo, entre os quaes devemos notar a suppressão da palavra — *Breve.* — Innocencio, em seguida á descripção da *Relaçam diaria* (*Dicc.,* I, pp. 94, n. 452 da letra A), accrescenta: «Consta que fora traduzida em italiano». — O Sr. Dr. Ramiz Galvão descreve a Relação italiana sob o n. 1.702 do seu *Catalogo* (*Annaes*

da Bibl. Nac., VIII, 1880, pp. 401) e termina: — «Foi provavelmente este opusculo, que alguem acreditou fosse traducção da *Relaçam diaria* de Bacellar; mas do cotejo de ambas se-conclue que não é isso exacto.» — Podemos por nossa vez accrescentar que esse *alguem* foi o erudito Barbosa, e que o opusculo é esse mesmo, porque o tit. vem citado na *Bibl. Lusit.*

Comparámos tambem esta Relação italiana com as duas portuguezas e concluimos que, se ella não tem ponto algum de semelhança com a *Breve Relaçam* (a 2.ª) attribuida a Medeiros Corrêa, tem-nos e muitos com a *Relaçam diaria* attribuida a Bacellar (a 1.ª). O cotejo com esta ultima demonstrou-nos que, se não é uma traducção italiana litteral e rigorosa, é comtudo um consciencioso e excellente resumo em italiano da obra attribuida ao Dr. Bacellar.

Nos artigos das capitulações collocados no fim do opusculo (ff. 6 r — 8 r) ha uma divergencia que merece ser consignada: os da 1.ª serie são os mesmos 15 da *Relaçam diaria*, e não os 17 da *Breve Relaçam*; mas os da 2.ª serie, referentes á Milicia, são apenas 9, e não 12, como existem nas duas Relações portuguezas e ainda na *Breve Relacion* hespanhola. — Os artigos eliminados na Relação italiana são o 4.º, o 5.º e o 12.º.

***

Voltemos agora á *Relaçam diaria*, porque ha ainda um ponto a liquidar, que escapou ao Sñr. Dr. Ramiz Galvão.

Figaniere dá-lhe 32 paginas de impressão; — Innocencio 32 pp. não numer.; — Ternaux 16 ff., e o Sñr. Dr. Ramiz 14 ff. inn. — Barbosa não refere o n.º das ff. — Compulsando o nosso exemplar, verificámos que elle é in-4º, de 14 ff. inn., com fl. de rosto, começando o texto no verso d'esta; mas tambem verificámos que na fl. 4.ª, subscripta A_4, ha uma grande lacuna na narração, correspondente a 4 pp. e algumas linhas da Relação hespanhola. Esta lacuna era difficil de ser percebida, porque dá-se exactamente entre o *recto* e o *verso* da mencionada folha; tanto assim que o reclamo da fl. 4 r. *(taria)* não está de accordo com a primeira palavra de fl. 4 v. *(armas)*. — Na impressão do referido opusculo houve, pois, um vicio de transposição de paginas, que nenhum dos bibliographos lembrou-se de referir.

Recorrendo ao registro do opusculo encontrámos a seguinte marcação: — fl. de tit. sem subscripção, A_2, A_3, A_4, 2 ff. sem subscripção; B, B_2, B_3, B_4, 4 ff. sem subscripção. — Portanto faltam ao nosso exemplar 2 ff. ou 4 pp. do registro A; o que está de accordo com a differença encontrada no cotejo com a *Relacion verdadera*; e essas 2 ff. ou 4 pp. completam o n.º das 16 ff. de Ternaux e o das 32 pp. de Figaniere e Innocencio.

O desapparecimento das 2 folhas do nosso exemplar é facil de ser explicado, considerando-se o modo pelo qual Barbosa formava os volumes da sua Collecção de opusculos, desmanchando-os *(em geral)* para separar todas as folhas, privando a estas das margens que tinham para dar-lhes outras artificiaes, de modo a reduzir todos os folhetos de um mesmo volume a um só formato. — Separadas as folhas d'este opusculo, o colleccionador não encontrou mais o logar das duas que nos faltam, por causa do vicio de paginação acima indicado; tanto mais quanto o *reclamo* de fl. 4 v. corresponde á 1.ª palavra da fl. immediata.

Fica assim justificada a lacuna do texto que fizemos reimprimir.

***

Tratemos agora do grão de raridade d'esses opusculos:

A *Relaçam diaria* é obra *muito rara*. Innocencio, que assim a classifica, não menciona exemplar conhecido, e talvez não tivesse compulsado nenhum quando a descreveu, pois ommittiu no titulo as palavras — *do Estado do Brasil* — em seguida a — *General*. — Figaniere accusa a existencia de dois, um na Livraria do Archivo Nacional da Torre do Tombo, *Relações do Brasil, Angola, &c.*, vol. I, n.º 11, e outro na Livraria das Necessidades, *Relações Varias*, $\frac{437}{31}$. — Assim, computados os dois que pertenceram a Innocencio e a Felner (cujo destino ulterior ignoramos), o nosso fica sendo o 5.º exemplar conhecido. Elle apresenta a singularidade de trazer na fl. de rosto o seguinte accrescimo msc., por letra do proprio Autor da *Bibl. Lusit.*, seu primitivo possuidor: — « *Escrita pello Doutor. Antonio Barbosa Bacellar.* »

Da *Breve Relaçam* do Dr. João de Medeiros Corrêa, opusculo *raro* no entender do Sñr. Dr. Ramiz Galvão, Figaniere cita apenas um exemplar, na Livraria do Archivo Nacional, *Relações do Brasil, Angola, &c.*, vol. I, n.º 9; mas não sabemos se ainda lá existe, á vista da nota de Innocencio: — « Ha *ou havia* um exemplar no Archivo Nacional da Torre do Tombo. » — D'esta possuimos os dois exemplares já indicados, que foram de Barbosa Machado. — Digamos de passagem que a descripção d'este opusculo pelo mesmo Barbosa (*Bibl. Lusit.*, II, pp. 698) é a mais deffeituosa possivel, pois difficilmente se reconhecerá nella a obra referida, tão adulterado está o titulo: — « *Relação da Tomada do Recife, Itamaracá, Paraiba, &c.* Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1654. 4. »

A *Relacion verdadera*, isto é, a versão castelhana de que tanto nos occupámos, só vem mencionada *pelo nosso exemplar* no Catalogo do Sñr. Dr. Ramiz Galvão. — Que classificação merecerá elle, quando a obra é desconhecida de todos os bibliographos?

Da Relação italiana (*Breve Relatione*) tambem só encontramos menção positiva feita *pelo nosso exemplar*, a principio por Barbosa, em cuja collecção elle se acha, e depois pelo Sñr. Dr. Ramiz Galvão, que foi o classificador da mesma Collecção.

Estes dois ultimos opusculos não figuram no nosso *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Vem aqui a pello deixar bem patente toda a admiração que nos merece o bem elaborado e rigorosissimo *Catalogo da Collecção Barbosa Machado*, em boa hora emprehendido pelo Sñr. Dr. Ramiz Galvão, e ao mesmo tempo consignar os nossos protestos, em nome da Bibliotheca Nacional, para que o illustrado bibliographo brasileiro não deixe incompleto o seu trabalho, depois de ter descripto com tanta competencia 1802 exemplares! — Seria um inestimavel serviço á bibliographia portugueza e brasileira, á historia nacional, ao douto Barbosa Machado, á sua extremecida Bibliotheca e á gloria do proprio nome! — (J. P.)

Parecer e tratado feito sobre os excessiuos impostos que cahirão sobre as lauouras do Brazil arruinando o comercio deste; feito Por Ioam Peixoto Viegas enuiado ao S.r Marquêz das Minas conceiheiro de S. Mag.de e entaõ g.or g.l da cid.e da B.a

Ex.mo S.nor Marquêz Das Minas

Mandou V. ex.ca diga eu o q̃ me parece sobre o q̃ Sua Mag.de foi seruido escreuer a V. ex.ca por carta de 21 de março deste anno de 87 acerca da diminuiçaõ em que está o comercio em toda a p.te; cuias cauzas, e queixas procedem denão terem gastoz os asucares, p.lo mal que nezte estado se obrão, eos excesiuoz preçoz porque se comprão nelle: as misturas que delle se fazem co engano das mayorias das taraz; eq̃ para Remedio foy S. Mag.de seruido mandar que todas as cx.as seiaõ marcadas de fogo com a marca dos eng.os em que saõ feitas; ecom adiuiza de tres letraz F que declara fino, R. redondo, e B. p.a os baxos; p.a assim se euitarem as misturas; e achandosse q̃ a ouue, o q̃ se verificará p.r certidam do uer do pezo, se procederá contra o dono do eng.o em q̃ se fabricou. Ordena mais sua Mag.de se imfforme V. ex.e do remedio q̃ se poderá dar p.a os asucares se fazerem finoz; p.a q̃ tenhão melhor saida, e se euite a introdução dos das barbadas em Italia, e se será meyo conueniente venderse p.r preco certo, e ordenarse q̃ os mercadorez naõ possaõ vender faz.da a pagarem em asucar sem contratar logo o preco.

Digo S.r que as cauzas da diminuiçaõ e total ruina em q̃ se axa o comercio doz frutoz do Brazil, naõ procede de se obrar mal, senaõ de ser m.to o q̃ delle, das barbadas, e da India vai a Europa; p.rq̃ não se pode obrar melhor, nemV. ex.ca achará remedio p.a q̃ seiaõ mais finoz, q̃ p.rq̃ o seiaõ trabalhaõ sempre oz q̃olauraõ comgrande estudo: nẽ oz olandezes no tempo de 24 annoz q̃ posuiraõ a cappitania de Pernambuco, acharaõ com toda a sua industria e arte, algũa com q̃ o conseguir, nem obrasse menoz custozo. Depende a bondade do asucar do tp.o p.a as canas, e este vario com as luas: o corte e colheita dellas continua oito mezes sucessiuoz sem perder dia, e continuara todo o anno senaõ impedira o Inuerno o carrear. He fruto q̃ leua anno e meyo no campo enr crearse, e na variedade de taõ largo tempo, a tomão tambem as cannas, ea obra q̃ se produz dellas: mas

não consiste tanto a differença com q̃ sae feita esta obra naquella variedade das cannas, senaõ questá toda na temperaje que os mestres lhe daõ; porq̃ seuê sempre que hunz̃ fazem de roimcana m.[to] bom asucar e outros de m.[to] boa máo, e pecimo. A Rezaõ he q̃ esta obra naõ tem medida nem compasso, nem he cozinhado q̃ seproue com a boca p[e] se temperar p[lo] gosto, he todo de ventura de acertar; e naõ sabem os Mestres o que fizerão, senaõ dous mezez despoiz quando acaba de purgarse nas formas e sequebra e seca no balcaõ. He propiam[te] como na obra da geracão que não sabe o autor se fez ou naõ fez obra e se he macho, ou femea, saõ ou alejado, senão quando o say a luz.

He taõ certo isto nos mestres de asucar que em hũa mesma safra lhez saý differentez calidades do asucar q̃ obraõ; e se algũs acertão toda a safra na seguinte a erraõ toda; e assim sucede ordinariam[te]. Anda esta arte em gente rustica de pouco discurso, q̃ se otiueraõ obseruaraõ as cauzas domar q̃ lhe sucede p[a] remedialaz e naõ destruirem assi sem tençaõ aos donoz dos eng[os], e lauradorez das cannas. Isto posto emq̃ naõ ha duuida; q̃ remedio se pode dar p[a] que seiaõ finoz os asucares? Sendo conuiniencia propia q̃ todoz a procurão?

Huã das cauzas de serem em Portugal os asucares quazý todoz redondos e baxos he, serem ia velhoz quando lá chegaõ auerse; porq̃ o tp.[o] q̃ corre cá em sahir e carregarse nas frotas, o da viagem, e lá a descarga; e sempre no inuerno as cx[as] ao ar delle na alfandega, que todo he tempo de quazý douz annoz lhepiora o ser e a fineza; porq̃ o maiz fino e seco com bom sol aoz seiz mezez tem quebrado m[ta] parte da sua bondade; que sera logo em douz annos? Antez da instituiçaõ de hirem do Brazil juntoz em frota q̃ se carregauaõ doz eng[os] epartiã cõ Nauío tanto q̃ se achaua carregado; erão finoz oz asucares e tinhão este cred[to]; e esta bondade. Perdeuce esta conuiniencia p[la] nouidade das frotas necessaria entaõ e vtil p[a] segurança de inimigos. Estes p.[la] miz.[a] de Deos tem ceçado na mayor parte. Se seachar contra oz turcos, indo do Brazil em esquadras oz Nauioz partindo delle a prim[ra] em Ianeiro, a segunda em março, avltima em Iunho chegaraõ oz asucarez nouoz, e finoz, e pode serlhez segurança douz ou tres nauioz digo fragataz de guerra q̃ oz esperem na terceira; poiz só dahý p[a] o Reino curção aquellez piratas: e Recolhida a primeira esquadra voltar p[a] a segunda, e terceira. Isto hẽ quanto p[a] o comercio ter asucarez finoz e bonz como teue em tempos paçadoz. Equanto a senaõ fazerem cá as misturaz do bom com omao naõ parece Remedio contra este engano, oq̃ se arbitrou, e S. Mag.[de] Rezolueo p[la] diuiza das 3 letraz F. R. B. nem concluente em dr.[to] procederce contra o dono do eng[o] p[la] certidaõ do verdo pezo; porq̃ tem por sý que sem ser ouuido o julgaõ Reo; tem maiz a Rezaõ de que quando aquelle asucar se entregou era bom, e otp.[o] que despoiz correu nelle lhe mudou o ser; e não hâ malicia do vendedor e será huma continua vniuerçal e mollesta lide

en todo o Brazil q̃ naõ hirá cx.a que naõ venha julgada do verdo pezo por falcificada. Maz so sepode ter lugar a certidaõ contra o engano de se achar asucar batido por branco macho; que se conhece facilm.te o batido p.lo cheiro do mel de q̃se faz ep.lo gosto de seu dosse q̃ naõ he tão efficaz como a do asucar macho, e na obra delle seuê melhor; e nem p.a segurança este engano de mistura de batido com o macho, nem p.a onaõ meter no m.o das cx.as asucar bx.o e p.lo tampo fino hê adecoado o Remedio da certidam: pr.q̃ oz mercadorez ao comprallo, e Recebello no Brazil deraõ a m.tos annoz em uez as cx.as p.r canas e furoz q̃ lhe dam p.lo m.o ep.lo baixo e poronde querem: e segunda acalidade que lhe achaõ fazem o preço e naõ p.la amostra do tampo, q̃ enfeitarennas p.r sima seo fazem he estillo en todo o genero de faz.da que o permite assi se faz nas peçaz de pano del.o e lãa vniuerçalmente eq.m compra o faz p.lo q̃ descobre na entranha da peça e da cx.a de asucar p.lo furo, e canna.

A falta de @ q̃ se acha nas cx.as isto he raraz vezes, e naõ procede doz fabricadorez della, senaõ de erro; porq̃ se enchem as cx.as lançandolhe â duas @ q̃ se diz Pilando e vnindo milhor o asucar; e riscando cada pezo nas Ilhargaz; e tal vez será â falta malicia do cax.ro do eng.o do qual o dono delle faz fiel e Iuiz naquella obra pagandolhe *50 crz.* por anno. Se neste se acha â falta de porem numero demaiz @ das q̃ botou na x.a, e furta p.a sy o q̃ seu amo naõ vê nem sabe, nem pode mandarlhe q̃ faça tal, porque lhe naõ obedecerá o criado, eo entregará logo, como hé sua condição: e logo despedido como he assi mesmo na mistura debatido com macho. Maz quando no Rn.o se acha, edescobre a falta do pezo, iâ he estillo asentado tirarse certidaõ do Iuiz delle, e da marca do eng.o q̃ ia hâ tempoz leua de fogo, q̃ mandou S. Mag.de, e mandarse lâ cobrar â falta; a qual se paga sem duuida, nem replica; e se descobre o furto do caxr.o que o paga, e he logo botado fóra do officio. Quanto ao q̃ se diz doz excessiuoz preçoz pq̃ no Brazil se uendem oz asucarez e Reprezentarem a S. Magestade q̃ parte da Ruina do comercio delles, e manda S. Mag.de se imfforme V ex.a se será meyo conueniente venderce por preço certo, e ordenarse q̃ os mercadorez naõ possaõ vender fazenda sem se contratar logo o preço: Neste ponto naõ deuem estar prezentez as peçoaz q̃ o propuzeraõ á S. Mag.e do que nelle tem precedido, e asentado doz tempoz pacadoz. No anno de 54 pediraõ oz do negocio a S. Magestade o sr Rey Dom Ioaõ se limitasse e desse preço no Brazil aos asucarez, assi o Rezolueo e mandou paçar prouizoez p.a todas as cameraz do estado; declarando o preço doz finoz portanto, o Redondo ptanto &.a Replicaraõ os pouos naõ era justo Rezoluer S. Mag.e hum negocio taõ grande sem ouuir primeiro os pouoz aq̃ prejudicaua grauissimamente aquella Rezoluçaõ de se almotassarem oz frutoz doz vassailoz do Brazil em beneficio dozde Portugal; q̃ deuiaõ huns, e outros gozar della p.a venderem a avença doz tempoz, como se pratica entodo o mundo. q̃ oz asucares auiaõ tido iâ differentez, e alternadoz preços entodoz os tp.os o mesmo o generos de Portugal; e nunca

se Requereo no Brazil contra o excesso q̃ ellez permetiaõ, como foyhuma vez q̃ se uendeu o breo p.ª as barcaz doz eng.ºˢ *a 40 crz.* o quintal, ainda saõ viuoz alguns q̃ o comprarão, e assim outros generez.

Ascitou aquella Magestade estaz Razoenz por iustas, e naõ se falou maiz neste negocio, eficou correndo como deantes comprandose oz asucarez ãavença, e conuença das p.ᵗᵉˢ A mesma Razaõ deue ser hoje e sempre. Máz sucedeu andando o tp.º q̃ p.ª Resquestarem oz donoz do asucar, naõ se comfformarem no preço delles com os compradorez. Retardauase p.ʳisto acarga doz Nauios da frota. Acodio o gouerno mandando q̃ em junta de hunz tantos homenz Mercadores, e outroz tantoz doz vendedores Rezoluessem a duuida na camera. Assi se concluio daquella vez e começou a carga. E pq̃ nos annoz seguintes avia o mesmo embaraço em preiuizo do desp.º da frota, edo negocio; se mandou outra vez se fizesse asento de preço, p.ª sempre concordaraõ nelle Mercadorez, e vendedores, que os pagamentos q̃ se deuecem de fazendaz, q̃ Receberão fiadaz, fossem *a 1160 rz.* a aRoba, eo q̃ valece menoz o julgace o homem do trapixe em q̃ na praya se Recolhecẽ as x.ᵃˢ todaz: e q̃ as compras a dr.º contado fosse avença daz p.ᵗᵉˢ esta compra a dr.º foy alêgora por *16 rz*ˢ, douz vinteiz maiz, e menos: fece noz l.ᵒˢ da camera asento deste acordo de conuença, entre oz homens de negocio, coz moradorez. Assi corre, e sepratica dezentaõ q̃ he ha maiz de 14 annoz sem prejuizo das cargaz daz frotas, nem alteraçaõ alguma sendo q̃ os pouoz do estado, saõ sempre os enganadoz; pq̃ oz mercadorez lhes vendem as suas faz.ᵈᵃˢ q̃ haõ de cobrar p.ˡᵒ preço de *1160 rz* o asucar com *40, e 50* p.ʳ *100* maiz do q̃ as vendẽ a dr.º decontado. Ao q̃ a necessidade subgeita os compradorez: e p.ʳ isso saõ todoz empenhados quanto a V ex.ᶜᵃ consta, e se vê nas continuas execussoez com q̃ saõ descompostos e destruhidos. porq̃ os custozoz gastos da fabrica do asucar enella consumidos os fornecim.ᵗᵒˢ añuais; mortes de escrauos, q̃ lhez vendem a *60* e *70* crz.ˢ os cobrez a 400 rz, quando baratos, e assỳ as maiz couzas; como seiaõ os maos annos, o cançado das terraz, q̃. iá p velhaz naõ produzem, como antiguam.ᵗᵉ

Todas estas cauzas temos homẽz do Brazil para se acharem sempre empenhados, e deuerem maiz do que possuem a q̃uaõ aiudaõ pouco as grandez impozicoez anuaiz que paguem p.ª seru.º de S. Magestade q̃. só p.ª o da pâz de Olanda; e dote da S.ʳᵃ Rainha de Ingalaterra se carregou a esta cappitania hum milhaõ, e 2806 cruzados, que se cobraõ com nome de donatiuo a 406 cr.ᵒˢ cada anno p.ʳ lançam.ᵗᵒ de finta; e por impoziçaõ noz vinhoz, e outroz vzuaiz 606 cr.ᵒˢ p.ª sustento da infantaria. q̃ prouincia Rica do Reino contribue cada anno com esta quantia de 1006 cr.ᵒˢ? eofas este pouo Rico somente de animo, e lealdade; enaõ de vallor de seuz frutos, como hê notorio e Vex.ᶜᵃ tem reconhecido, eoz maiz S.ʳᵉˢ q̃ o gouernaõ; porem naõ se crê p.ˡᵒˢ S.ʳᵉˢ ministroz de Portugal, nem saõ perguntadoz, nem ouuidoz, os gouernadorez q.ᵈᵒ la chegaõ; assim // o exereueraõ sempre p.ʳ satisffaçaõ da encommenda e Requeri-

m.^tos^ q̃ sempre as cameraz, e os particullares lhez fizerão de q̃ imfformem a S. Mag.^e^ e a seuz concelheiros do estado em q̃ viuem oz pouos do Brazil p^r^q̃ se attenda milhor a sua conceruação, e aum.^to^, e naõ imaginem poderozos seuz moradores. Porem a opiniaõ asentada, de q̃ he Rico ao estado, em q̃ viuem os pouoz do Brazil digo de q̃ he Rico ao estado; funda na vista de tantas mil cx.^as^ de asucar, e Rolloz de tabaco, q̃ delle saem cada anno e faz parecer feiçaõ, e naõ Realidade o q̃ se diz da impocibilidade de seuz moradores: iá expostos, e proximoz a total Ruina, p.^lo^ estado a q̃ tem chegado o comercio de seuz frutos; maz por concequencia o hade sentir o Reino todo. Poiz he manifesto que o seu principal alim.^to^, e poder hé o Brazil. E senaõ lembrece o Reino, e oss.^mos^ Ministros, q̃ no anno de 63, ou no anno em q̃ foy Mano.^el^ Demiranda Henriquez cabo da frota; p^r^ Rezoez q̃ se offereceraõ inuernou e Retardou quatro mezez em chegar ao Reino. Foy tal o aperto p.^a^ acodir ao exercito do alenteio, q̃ se remediou a falta de sua importancia, acrecentando a moeda a valia extrincica de *100* por *100* em q̃ hoie está; e esteue até aly com *50*.

Todoz quantoz homeñs vierão do reino esta frota e carga delle, lamentão a ruina e estado em q̃ está o comercio; o q.^al^ todo se deriuou sempre do asucar, e de *30* annoz ã esta parte maiz do tabaco p.^lo^ vzo delle, q̃ se introduzio g.^l^ entoda a Europa. Etodoz agora, oz do negocio ordenaõ a seuz comissarioz, q̃ lhes mandem os seuz cabedaez em dr.^o^ ou letra q̃ em asucar, ou tabaco por nenhum modo: p^r^ q̃ nenhuma saida, nem preço tem lá nem esperança de o ter nunca, p^la^ cantidade, q̃ oz do norte leuaõ da India, e barbadas; que Refinadoz vaõ dar a Italia p^r^ 200 rs. a @. Edizem Maiz q̃ dentro de pouco tempo, ou ia naõ he necessario ao do Brazil maiz q̃ 6, ou 86 Cx.^as^ e outroz tantos rolloz de tabaco que o Reino gasta; pq̃ os estrangeiroz onaõ haõ mister p.^a^ sy, antes tem p^a^ venderem; como fazem p^r^ barato preço em Italia.

A cauza doz Inglezes, eao depoiz Francezes, cos maiz do Norte se diuertirem do asucar do Brazil, e aplicarem alauzallo, eo tabaco p^r^ sy, foy o excesso de preço a q̃ chegou em portugal p.^tos^ annoz de *44* até oz de *54*, q̃ se vendia no Reino a *3200* rz.^s^ e *3500* rz.^s^ p^r^ esta gancia aq̃ attenderaõ oz do concelho do s^r^ Rey D. Ioaõ, e p.^la^ necessidade da guerra, que existia se acrecentaraõ entaõ m.^to^ os dr.^tos^ deste negocio: e contudo podia o preço p^r^q̃ o vendiaõ seus donoz. & naõ se advertio então (como nunca se aduerte) quando se intenta acrecentar o Rendimento real, na concequencia; q̃ foy o damno, q̃ ha annoz se exprimenta no nosso comercio, p.^la^ diuerçaõ doz estrangeiros. Sendo q̃ pudera ser auizo aos politicoz, e s.^mos^ concelheiroz; o q̃ iá se auia visto na pimenta da India; porq̃ dandosse alvitre a el Rej de castella, mandou dobrar o preço, que a pimenta tinha isto desde o descobrim.^to^ da India p.^los^ S^res^ Reiz Portuguezes, e nunca alterado até aque Metp.^o^ de *598*, fundandosse entaõ q̃ os estrangeiroz a naõ escuzauaõ, e auiaõ de tomalla

porq.[ul] q.[er] preço; poiz a naõ tinhaõ em outra p.[te] aquella droga: Sucedeu que o primr.[o] q̃ entrou na caza da India a fazer emprego de huma soma de quintaez, hera Mestre de hũa Nao flamenga. lhe perguntou o official que a tinha a cargo, se sabia o preco? Respondeo q̃ sy, que muitas vezez a tinha alý comprado. tornou o feitor, ia naõ hé esse, senaõ tanto, q̃ assi omanda S. Mag.[e] poz o Marinheiro oz olhoz no chaõ conciderando, e leuantóos Respondendo, hiremoz buscalla onde ella nascece, q̃ noz hade ser maiz barata: foj sem pimenta, carregou a sua Nao de sal, chegou a Olanda disse o q̃ pasara, e o q̃ respondera.

Naõ cahio no chaõ o ponto da Reposta aaquella gente, Rezolueraõ, e armaraõ comp.[a] p.[a] a India; e naõ só a pimenta, mas a canella, crauo, e todas as Riquezas daquelle estado; eas nossas praças noz tiraraõ, e se fizeraõ poderozissimos: No anno de *600* foi a sua prim.[ra] viagem. Inuejozos despoiz oz Inglezes e francezes, e quantoz Burguezez tem o norte, fizeraõ o mesmo e Recebem frotas Requicimas daquellas partez. E Lx.[a], huma Nao, ou pataxe com beirames. Logo no anno de *23* armaraõ noua comp.[a], q̃ chamaõ occidental, e arrebataraõ com ella esta praça no de *24* e no de *30* a de Pernambuco, q̃ possuhiraõ *24* annoz, aq.[al] naõ pôde Recuperar a potencia de castella, senaõ a felicidade, e prudencia do s.[r] Rej Dom Ioaõ de felice memoria. este incendio tamanho se noz originou daquella faisca de cobiça inconciderada.

Se foi cauza desta lamentauel perda aquelle alvitre de dobrar o preço a pimenta todoz o conhecem, e ninguem o nega; do mesmo modo noz sucedeu no asucar, e tabaco. Se logo q̃ seçou a guerra, se tiraraõ oz nouoz dr.[te], q̃ se acrecentaraõ, p[la] necessidade della, podiaõ oz do negocio baixarlhe o preço; q̃ achandoo oz estrangeiroz em conta de sua ganancia em Portugal, naõ se cançariaõ em buscallo em outra p.[te] como fizeraõ. Pouca experiencia de pollitica hera necessaria p.[a] se antever este danno, q̃ eu sey homem q̃ nenhuma tem desta ciencia q̃ se aprende na corte, e negocioz de estado; o qual dice aqui naquelle tempo, q̃ aquellas grandez ganancias do asucar auiaõ de ser cauza da perda de todas, assi se vê e padece hâ annoz, e breuem.[te] serà total. o tabaco que tanto engrossou o comercio do Reino e deste estado, p.[lo] alvitre de q̃ corresse p.[la] fazenda Real o seu estanque, está de todo perdido. Nas ultimaz cortes de *79* se Requereu, e debateu fortem.[te] sobre este ponto: sahiraõ varioz pareceres, o do concelheiro vltramarino Saluador correa de saá, foý o melhor, e aseito p.[los] trez estadoz das cortez, e aprouado e defendido p.[los] homez de negocio; maz concluiraõse as cortes, ficando como deantez; e sô innocê p.[a] contentar os pouoz e desoluer o congreço, se prometeu, q̃ corridoz douz annoz do estanque, q̃ Sua Mag.[e] auia mister de prez.[te] se asentaria o negocio na forma q̃ se prepunha e pedia. asim o escreueo do porto Luiz camello falcaõ, procurador daquella cid.[e] nas mesmaz cortes. Saluador correa me mandou a copia das razoez prim[ras] e segundaz q̃ arbitrou eu lhe Respondi como V. ex[ca] verá do papel iunto, q̃ ne-

cessario he que V. ex.^ca veia, e tenha noticia de tudo; poiz lhe toca tanto o concelho de S. Mag.^de Respondeume o Salvador, q̃ elle, e eu heramos loucoz em cançar o nosso juizo, e gastar a nossa fazenda p.^lo bem publico; q̃ o de q̃ só tratava então era livrarse da doença q̃ o tinha em cama, e della morreo: dignesse V. ex.^ca de ver o papel q̃ as poucas Razoenz delle apertaõ, e concluem sem conta.

& ainda agora maiz, poiz a promeça de alcançar o estanque, e ficar livre o comercio deste negocio, ou genero, se traçou em maiz aperto, naõ se permitindo, q̃ seuz donoz o levem p.^a seuz armazoez, e ficarnoz de S. Mag.^e e isto he m.^te mais hoje, em beneficio doz Rendr.^es do mesmo estanque, comprando liberaez condiçoez q̃ lhes Rezultaõ em gr.^des ganancias, com prejuizo, e descontento commum, e destruiçaõ deste negocio; nervo taõ principal do comercio do Brazil, e Reino, mas os rendr.^es ganharaõ m.^to, eo interece de S. Mag.^e será emq.^to durar; porq̃ — *nihil violentum permanet.*

Finalm.^te s.^r o Reparo de q̃ naõ caya de todo o comercio do Reino p.^los frutoz do Brazil em cuio favor está tambem, o de Angolla, naõ consiste em q̃ se façaõ milhores oz asucares, e se divize sua callidade com as 3 letras, nẽ em que se determine o preço no Brazil, nem ordenarsse q̃ os mercadorez vendaõ a sua faz^da a asucar sem contratar logo o preço que isto assi se faz sempre sem q̃ se lhes hordene; consiste o Remedio em tirar a cauza que originou o mal; esta he Regra certa em todas as materiaz; tudo o maiz he querer botar a cassa fora da cova com o furaõ morto. Tirensse do tabaco oz rigorez do estanque a cargo insoportavel do vintem p.^r livra ficandonoz dr.^tos q̃ antes tinha. Alivicesse o asucar doz q̃ lhe carregaraõ no tp.^o q̃ elle tinha preço grande, determinace a imposiçaõ de *140* rz.^s por (@) do comboj, poiz se alvitrou por aquelle dr.^to p^a o gasto de *36* Naoz de guerra na formaçaõ da comp.^a g.^l e p^la paz q̃ se conceguio, se introduziraõ aquellaz tantaz Naoz â tres, ou quatro, cuio gasto não iustifica p^a se tirar doz vaçalloz toda aquella grande soma que fas este imposto de *140* rz p^r aroba, e 26 rz por tonellada, oz Navioz de seuz frotes. &ste he o Remedio q̃ poderá melhorar o comercio das Drogas do Brazil e naõ alvitres sophisticos; maz iá estou vendo se diz a isto *A....* e eu respondo q̃ o tp.^o o dirá e já o diz.

Mas ia ovsso a dificuldade de vzar de tal remedio, quando se acha naõ bastaõ todoz aquelles Rendim.^tos p^a as despezas, e obrigaçoez da croa e estado Real. Digo q̃. se o perigo de q̃ haõ de faltar os mesmos Rendim^tos e tambem oz p.^ros está muiniente p.^a cahir, ou tem cahido, e aRuinado o comercio, algũ Remedio se lhe deve opor, e este pretende S. Mag.^e eu lhe não sej outro maiz certo; p.^lo qual naõ fica destruido todo ointerece, que sua Mag.^e tem de prez.^te noz dr.^tos e impostos do asucar, e tabaco e seu estanque; e as Drogaz do Brazil aliviadaz teraõ algua milhora e conta de ganancia, p^a continuarse o comercio dellas noz naturaez, e estrangeiroz, terá sua Magestade vassalloz q̃ poçaõ servillo nas necessidadez.

Podera ajudar contra oz asucarez das barbadas, e Indiaz, mandar S. Mag.e q̃ naõ vaõ a Portugal os batidos, e mascauadoz, q̃ saõ adubo precizo pa o Refino daquelles do norte, porq̃ saõ fracoz no doce, e oz do Brazil Requintão nellez, e oz mascauadoz maiz q̃ os brancoz; e pa se aproueitarem no Brazil oz mascauadoz mandar S. Mag.e q̃ se refinem câ que a isso acodiraõ logo officiaiz desta mecanica, e armadores deste negocio como tem os estrangeiroz. Os lauradorez do asucar naõ podem ter perda, por q̃ Reduzem aquelle asucar a melhor callidade, e mais abreuiado o gasto, e despeza doz caixoēz. este ponto naõ pode ser melhoram.to total a Ruina em q̃ está o comercio, será algua ainda, naõ maiz em diffeito dos asucares das barbadaz. Porem ia naõ está onegocio en termoz que poça ter Recurso, Remedio, nem recuperação a perda do comercio do Brazil, porq̃ oz seus frutos laurance hoje com abundancia p.los estrangeiros; e em serem no mesmo Brazil tantos no asucar e tabaco se aRuinam assi mesmo. Veiaõ lá os sabios da politica q.e pode ser o Remedio; eu lhe não vejo, senão o darnoz Deoz algum nouo fruto de estima e preço; e esperar milagres, pa o q̃ a prudencia dos homez basta! naõ se costuma, nem he Racionauel.

Heime alargado m.to S.or, maz nada fora de prepozito, e de zello e V. ex.ca me deo liberdade pa eu dizer tudo q.to me ocorresse afim do intento de S. Mag.e e eu naõ sube reduzirme a menos parllanda; Antes me fica o escrupullo de naõ dizer tudo; porem abstiueme, q̃ podem sem eu offender darense p offendidoz algunz; e ainda isto q̃ digo he fallar sô com V.ex.ca; e p.r q̃ mo manda, e nem assim me atreuo afirmallo p.r se aparecer em outro lugar. & Bahia *20* De *1687* annoz.

S.r Saluador Correa de Saá, e Benavides.

S.nnor o papel q̃ V. S.a offereceo a S. A. por arbitrio de poder tirar doz vassalloz deste Rno douz milhoez e m.o pla distribuiçaõ de 800 $ L.as de tabaco ficando o mesmo tabaco liure em beneffiçio g.l do comercio e dos mesmos vaçallos, e tambem dos deste estado do Brazil. Andou pr todas as maoz dos desta cid.e da B.a A todoz pareceo m.to bem como V. S.a diz foi aoz della eaos trez estados das cortez. Sô aqui o naõ appronou huã vnica p.ca q̃ val por muitas, e p.r todas poiz tem o p.ro lugar, e tambem não pouco juizo. Diz que no estanque vaj pagar vollunt.o q.m q.er e na Repartição se paga tributado, e violento; e ia he tirania. Naõ tratey de deffender as rezoez do papel e Refutar aquella, p/q̃ q.m ioga de mayor naõ sede e a sua Razaõ he sempre aq̃ preuallece, p.a autoridade, e naõ p'q̃. sempre seja Razaõ; mas dicelhe Senhor, eu mandaua sem Rolloz de tabaco, e assi os maiz; destez sem rolloz naõ bastaõ 75 pa os dr.tos, e tributos, e fretez q̃ paga; e p.a os 25 q̃ me Restauão naõ tenho liberdade p.a os vender, nem p.a os comer, ou botar

no mar senaõ estar obrigado a dar conta delles. E se quero buscarlhe venda en terra de Turcos e hereges, eide comprar a licença, epagar outros dr.[ts], e se me falta, como falta dr.[o] p.[a] isto perdios em caza; e ainda assi sucede milhor q̃ mandallos â terra estranha; porq̃ como vaõ taõ custozos, e lâ tem outros encargos, naõ daõ, nem fica Nada; e fiquey eu perdendo p.[r] intr[o] todos os sem rollos, eo trabalho q̃ nelle pux. Esta verdade persepatet. E assy se aquelle arbitrio da Repartiçaõ de 800 $ liuras hé tiranîa, o Rigor do estanque, sobre tão groços dr.[tos], e finalm[te] perdem oz vassallos tudo, q̃ iustiça hé? Estaua tambem prez.[te] hum Ministro de Beca; e ambos encolherão os hombros sem responder pallaura nem hê possiuel a tenha alguem contra tão manifesta Razão e commua lezaõ.

A este prepozito mostrou o d.[o] S.[r] hũa carta de S A. em q̃ lhe dizia q̃ esta Camera lhe reprezentara irce despouoando m.[to] o certaõ desta cappitania q̃ em Rezam do lauor do tabaco estaua m.[to] penetrado, e cultiuado; eq̃ agora p.[la] bx.[a] daquelle fruto o deixaua e Retiraua p.[a] a praya: (q̃ o imformace nisto) e diceme q̃, eu pediria ajudallo na imformação ao q̃ Respondi era facil no q̃ S. S.[ra] via, e naõ tinha outra q̃ o despouoarse o certaõ e virem plantar f.[a], e eruas iunto do mar, onde sem custo achão todoz hostras e carangueios q̃ comer (infenitos o tinhão feito) e outroz q̃ este anno vinhão do Reino a buscar vida p.[r] seu lauor; q̃ naõ auia Nauio do porto, e Ilhaz, q̃ não trouxece de 80 Lauradorez p.[a] sima, se tornauão e hião hindo outra vez a sua terra plantar milho; e finalm[te] oz q̃ p.[r] alguma Razaõ, naõ poderão Retirarce do certão tambem se abstiuerão iâ de plantar tabaco de man.[ra] q̃ dizimandesse os annoz paçadoz hunz por outroz de 160 O @ p.[a] sima, neste se sabia naõ chegar a 250 pq̃ o venderaõ estes annoz proximos foi p[r] douz tostoiz a @, atê quatro, e só o escolhido ficando-lhe o peor, e naõ lhes daua o vendido p[a] o custo dos contoz, e condução a esta cid.[e], e finalm[te] ficauão sem nada do seu suor e trabalho de todo hum anno; eo q̃ se plantou inda este, foi p[a] gasto da terra, e conceruarse a simente nella. La na alfandega se pode ver se hê certa a conta das 25[mil] @. Quando se Rezolueo o estanque do tabaco no Rigor prez.[te] e iuntam.[te] o crecim.[to] de 640 rz' de tributo em cada 100 @, estando iâ grauem.[te] carregado de outroz de maiz doz primr.[os] dr.[tos] Reaiz iustifficôusse tudo com dizerce q̃ o tabaco hera vicio, e naõ sustento de pobres, nem de Ricoz. Assi he mas com distinção q̃ entaõ senão admetio; p[r]q̃ este genero de faz.[da] q̃ serue p.[r] vicio tem natureza, e concequencias de sustento de m[tx] milharez de pobres neste estado, e nesse Rn.[o] e hera o groço e vtil do comercio delle, edo Brazil: hera o q̃ m[to] fazia crecer os rendim.[tos] doz dizimoz, e dr.[tos] da alfandega; naõ so por si; maz por concequencias; pq̃ como faltou câ a importancia q̃ se achaua no tabaco diminuhio o gasto das faz.[das] q̃ vem do Rn[o] ao Brazil; pq̃ naõ tẽ com q̃ comprallas os maiz doz homez que viuião deste fruto; e assim deraõ iâ em fiar algudaõ p[a] cobrirse como no Maranhão; e naõ hê esta a mayor

mizeria q̃ os fas clamar; senaõ q̃ pagaõ as fintas q̃ se lhes tinhaõ feito respectiva ao q̃ faziaõ naquelle labor: assi mesmo cobraõ dellez despoiz q̃ lhes naõ hê de nenhum rendim.[to] e como o naõ tem, tomacelhez o manto, e sayas das m.[eres], e f.[as], e negra, e molleque, se o possuem; iá m.[tos] não tem q̃ dar, e vem pagar com as p.[cas] na enxouia. estas foraõ as conueniencias destes pouoz, p.[r] se estancar e carregar com tal exceço o tabaco, q̃ se toma p.[r] vicio, e naõ p.[r] sustento de pobres, nẽ ricos. A experiencia aproua, mas não o vê, nem padece, q.[m] então entendeo q̃ era justo p.[r] q̃ era vicio. Demais das conuiniencias do seru.[o] q̃ V S.[a] dis, e proua no seu papel, ne ocorre outras grandicissimas. Deixo as do contentam.[to] doz pouoz, aq̃ a boa politica, e Rezaõ de estado deue a primr.[a] atenção; mas tratando sô das do interece q[ue] se fará p[a] a fz.[da] Real, e aum.[to] doz vassallos, tendo liberdade p.[a] mandar seuz cabedaes â India em tabaco. q̃ esta hoie taõ admetido, e estimado en todas aq.[las] nascoez q̃ não ha lâ cabra nẽ cabrito q̃ naõ deixe de comer p.[r] tomar tabaco; e afirmão isto de man.[ra], q̃ dizem naõ basta q.[to] fas o Brazil em dez annoz, p.[a] a India gastar em hum, e pq̃ en todas aquellas infinitaz nasçoez, he aseito, e estimado. Se isto he certo, q̃ mayor felicidade, e Riqueza p.[a] o Reino? e p[a] este estado? p[r] q̃ se laurarâ m.[to] maiz, e será m.[to] grande o interece dos dr.[tos] Reaiz, e enriquecerào os vassalloz, e será maiz poderozo o seu Principe: q̃ axioma he doz politicoz, q̃ naõ ha Rej poderozo com vaçallos pobrez; poiz se estes andaõ descontentes, ainda peor; e q.[do] seia o vniuerçal descontentam.[to] p.[r] cauza desta palha V S.[ra] o tem entendido, e no seu papel o insinua. E em verdade q̃ hâ diaz lhe tenho medo, e o tiue escrito a V S.[a] ha dous annoz, mas naõ me Rezoluŷ, e agora poderâ ser va aquy p.[lo] prepozito, q̃ os q̃ vem, a comedia, atendem maiz a toda ella q̃ as figuras q̃ a Reprezentão; pq̃ cada huma o faz sô ao seu papel. e p q̃ eu nisto naõ quero fazer nenhum, vaj este sem firma. G.[de] D.[s] a V S.[a] m.[tos] annoz p.[a] q̃ o seru.[co] de S. A. tenha nelle as conueniencias q̃ o concelho, e zello de V S.[a] sabe achar. & B.[a] 15 de Julho de 1680 annoz.

FINIS

NOTA

Impressão de msc. existente na collecção Barbosa Machado, sob o n.º 16 do volume intitulado — «Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado. ...»

N.º 56 do nosso *Catalogo dos Manuscriptos* (II, 1878, pp. 57); — n.º 1.578 do *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 376), que o considera — *papel muito interessante para a historia do commercio do Brazil.* — Figura em dois logares no nosso *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*: na Historia Civil, sob n.º 5.811 (pp. 498), e na Historia Economica, § 2.º, A, *Commercio*, sob o n.º 13.180 (pp. 1.180).

Esse msc. é uma *cópia por lettra do tempo*, isto é, dos fins do seculo XVII, in-fol.

de 6 ff. inn., que medem 0m, 27 × 0m, 17 ; e comprehende dois documentos differentes, como o leitor deve ter notado. — Consideramos ambos como ineditos.

A descripção do n.º 5.841 do C. E. H. B. é imperfeita, pois menciona um só dos documentos (o *Parecer* ao Marquez das Minas), dando-lhe as 6 ff. inn. que comprehendem os dois ; — a do n.º 13.150 corrige esse defeito, mencionando ambos os documentos com as respectivas datas ; — a do *Cat. dos Mss.* e a do Sñr. Dr. Ramiz Galvão são porém mais rigorosas e completas. — (J. P.)

RELAÇAM | DA | VITORIA | QUE OS PORTUGUEZES | alcançàraõ no Rio de Janeyro con-|tra os Francezes, em 19. de|Setembro de 1710.|

Publicada em 21. de Fevereyro.

(Estavam as Armas Portuguezas gravadas em madeira)

LISBOA,

Na Officina de Antonio Pedrozo Galrao, |

Com as licenças necessarias, & Privilegio Real.

ANNO DE 1711.

Vende-se em casa de Manoel Diniz, Livreiro ás portas de Santa Catharina, & na Rua Nova.

Parece, que os Francezes de todo se esquecèrão do máo successo, que tiverão as suas Armas no Rio de Janeyro, quando injustamente no anno de 1556. mandados pelo Cavalleyro de Villaganhon, procurárão introduzir-se naquelle destrito, de donde forão lançados pelo valor de Mendo de Sá Governador do Brasil, com vitorias continuas, até o anno de 1567. não lhes valendo as alianças, que estabelecèrão com os barbaros habitadores, que ainda se atrevião naquelle seculo a fazer guerra aos Portuguezes. Não he facil de crer que hũa nação, que se préza tanto de tomar bem as medidas aos seus projectos, com cinco navíos, & hũa balãdra, intentasse penetrar uma barra estreyta, & bem defendida, & com pouco mais de mil homẽs, que desembarcavão quatorze leogas de huma Cidade populosa, passando montanhas inacessiveis, quaes saõ as serras dos Orgãos; ou esperasse achar sem prevenção os defensores, ou ignorassem que a providencia de S. Magestade tinha guarnecido ao Rio de Janeyro com Regimentos pagos, governados por Officiaes valerosos, & experimentados na presente guerra, & com muytos soldados que se achárão nella, & com permissaõ de S. Magestade passárão a buscar os interesses, que promettem as Minas novamente descubertas, nas quaes se achão mais de sessenta mil homẽs, unidos já com os moradores de S. Paulo, que tambem saõ guerreyros; & em grande numero concorrião tão promptos á defensa commũa, que com a primeyra noticia marchou Antonio de Albuquerque Coelho, Sargento Mayor de Batalha dos Exercitos de Sua Magestade, & Capitão

Geral das Minas, com dez mil homẽs bem armados, ficádo o resto da gente prompta para o seguir nesta expedição, que servio só de mostrar o desejo com que Antonio de Albuquerque acredita o acerto, com que tem servido a Sua Magestade.

Havia-se preparado em Brest com grande segredo hũa Esquadra de cinco navios de guerra, & huma balandra, armada á custa d'ElRey, & particulares, com 1500. homẽs de desembarque de tropas escolhidas, com muytos Guardas da marinha, & Cavalheyros voluntarios debaixo da segurança que Munsieur Duclere; Cabo da empresa, tinha dado, de que com a partida da Frota do Brasil, a gente do Rio de Janeyro hia para as Minas, & seria facil ganhar aquella Praça, levando bombas, & os mais instrumentos de expugnação, lembrado do bom successo, que na guerra passada teve Munsieur de Pontis em Cartagena de Indias. Chegou esta Esquadra ás costas do Rio de Janeyro a 6. de Agosto de 1710. & foy logo advertido pelas suas vigias, de que apparecia quatorze legoas ao Norte, o Governador Francisco de Castro de Moraes, que valeroso, & vigilante repartio militarmente os postos, os quaes todos promptamente occupárão; augmentou a guarnição das fortalezas, & as da barra avistárão no dia 17. os seis navios referidos com bandeyras Inglezas; da fortaleza de Santa Cruz se lhe fez sinal com huma peça sem bala, a que respondeo a Capitania com outra para sota-vento colhendo a bandeyra; & começando a Fortaleza a tirar-lhe com bala, se virão obrigados a dar fundo, pelo dano que recebião, & logo buscárão na distancia o melhor seguro; vinha entrando neste tempo huma sumaca da Bahia, & enganada com a bandeyra Ingleza, se foy meter entre os navios que a tomárão: no dia 18. se fizerão á vela para a parte do Sul, & o Governador mandou guarnecer as prayas da Pescaria, & Pedra, avisando a Santos, & á Ilha Grãde, para que estivessem prevenidos: no dia vinte & sete forão dar fundo á Ilha Grande, donde estiverão ancorados atè trinta & hum, saqueando algumas fazendas, que defendèrão muy poucos moradores, em quanto tiveraõ muniçoens, matando seis Franceezes, & ferindo muytos: a cinco de Setembro lançáraõ gente em terra, com seis lanchas, em huma Ilha, que chamão a da Madeyra, & com trezentos homẽs roubàrão sem resistencia hum Engenho, em que achárão poucos Escravos; & a sete sahirão da Ilha Grande dous navios com a Balandra, & Sumaca, ficando os outros tres, & hum delles chegandose mais á terra, canhoneou dous dias a Villa com pouco effeyto, recebendo só algum dano os Conventos do Carmo, & Santo Antonio. Governava a Villa o Capitao de Infantaria João Gonçalves Vieyra, & sendo aberta, & sem mais guarniçaõ que as Ordenanças, desprezando as propostas, que lhe fizeraõ, sem mais perda que a de hum Alferes, os obrigou a retirarse, quando intentárão lançar gente em terra. Os dous navios, & Sumacas que sahirão da Ilha Grande, sondárão a costa nas prayas de Sacopenopan, & da Lagoa, & na noyte de dez intentáraõ desembarcar duas legoas da Cidade, & tendo já unida toda a gente destinada para este effeyto, forão rechaçados só pelas

Ordenanças, & logo mandou o Governador reforçallas com dous destacamentos dos Regimentos pagos, dos Coroneis João de Payva Souto Mayor, & Gregorio de Castro de Moraes; estes achárão já os inimigos retirados pelo valor dos defensores, & aspereza do sitio; no dia seguinte pela manhãa se chegárão á barra Tojuca, quatro legoas da Cidade, & á de Guaratiba quatorze legoas distante, & sendo nesta pela altura dos montes, & tempestuoso dos mares tam difficil desembarque, que estava sem sintinellas, lançárão toda a gente em terra neste destrito. Na noite seguinte teve o Governador esta noticia pelo Capitaõ de Cavallos Joseph Ferreyra Barreto, que governava a guarniçaõ de Guaratiba atè Santa Cruz, & tinha observado, que naõ eraõ mais de mil & duzentos homens, que se encaminhavaõ para a Cidade, querendo os mesmos, a quem se resistio huma povoaçaõ aberta, & hũa praya mál guarnecida com payzanos, penetrar hum país cortado por desfiladeyros, & serras altissimas, & atacar huma Cidade forte, & defendida por gente bem disciplinada. Contentouse o Governador com mandar algũs praticos do país, com pequenas partidas, a embaraçarlhes o caminho, & matarlhe a gente que pudessem nos passos estreytos, ordenando ao Tenente General Engenheyro Joseph Vieyra, com hum corpo mais grosso, que juntando as guarnições, que os inimigos deyxavaõ nas costas, lhe picasse a retaguarda, & embaraçasse a retirada, & com militar prudencia, naõ fez mayor esforço, que lhe seria muyto facil, pela aspereza do sitio, para lhe embaraçar chegarem á Cidade; porque empenhados em tão desigual empresa, ficariaõ castigados da sua temeridade. Continuáraõ a marcha, vencendo os embaraços do caminho, até chegarem ao Engenho dos Padres da Companhia, huma legoa da Cidade. No dia dezasete, tendo o Governador a certeza da marcha dos inimigos, deyxou os quarteis do mar guarnecidos com alguma gente, & passou com o resto ao campo de Nossa Senhora do Rozario, onde se formou em batalha, & defendendo assim a parte que os inimigos haviaõ de buscar para atacar a Cidade, plantou a artelharia nos lugares mais proprios, cobrio com huma trincheyra os mais debeis, cortando tudo o que podia servir aos inimigos para cobrir-se. Na noyte de dezoito, campáraõ os Francezes no Engenho dos Padres da Companhia, & tendo o Governador hum aviso, de que por differente caminho marchava hum corpo de quarenta homens, que depois se soube ser falso, discorreo, que os Francezes esperariam este reforço, & que os seus navios ao mesmo tempo tirassem ás Fortalezas, & assim mandou atacallos com mil homens, á ordem de seu irmaõ, o Coronel Gregorio de Castro de Moraes, que por destacamento dos outros engrossou o seu Regimento atè este numero, mostrando que as suas Tropas estavaõ tam bem disciplinadas, que sem vantagem ás dos inimigos podiaõ atacallas; mas elles observando de hum alto este movimento, segundo depois constou, votáraõ os mais em retirarse; mas Munsieur Duclerc, considerando a difficuldade, se resolveo a continuar a marcha pelo mais alto dos montes, quasi impraticaveis aos mesmos moradores. O Governador que

conheceo o designio dos inimigos mandou destacar trezentos homens, do Regimento do Coronel Crispim da Cunha, a occupar o caminho do Outeyro de nossa Senhora do Desterro, para entrar na Cidade por nossa Senhora da Ajuda; & como podiaõ atreverse a atacar a Fortaleza da Praya Vermelha, mandou ao Coronel Joaõ de Payva Souto Mayor com o seu Regimento, para que se marchassem para a Fortaleza, lhes disputasse o caminho, & se para a Cidade, lhe carregasse a retaguarda, não se executando esta segunda ordem, porque a naõ deu com distinçaõ o Official que a levou. O Capitaõ de Cavallos Antonio Dutra da Silva, avançado do Campo, observava a marcha entre o Desterro, & nossa Senhora da Ajuda: foy o primeyro encontro taõ valerosamente disputado por ambas as partes, que confessa Munsieur Duclere nunça vira tanto fogo; este se augmentou com os tiros de artelharia de bala miuda do Forte de S. Sebastiaõ imminente àquelle sitio, cujo governo encarregou o Governador a Joseph Correa de Castro, que o foy da Ilha de S. Thomè, & que procedeo com grande valor, & capacidade. Neste tempo ouve huma equivocaçaõ, que pudera ser prejudicial, porque vendo que alguma parte dos inimigos se encaminhava para o Forte, entendèraõ que elles queriaõ queymar a casa da polvora, que está nelle; & mais de sessenta soldados corrèraõ a defendella, & o Governador que do seu Campo engrossava os que pelejavaõ, emquanto naõ soube esta desordem, naõ produziraõ effeyto os seus destacamentos, por achar pequeno corpo a que agregarse.

Os inimigos que conhecèraõ que o Governador estava sossegado no seu Campo novamente guarnecido, & que no Forte, & Praya Vermelha havia taõ grandes corpos, & que a artelharia por todas as partes os offendia, intentáraõ com estranha resoluçaõ entrar na Cidade, para capitular dentro em alguma Igreja para salvar as vidas; conseguiraõ este intento, ainda que com valor lhe disputou a entrada o Tenente General Engenheyro Joseph Vieyra, que se achava com muy pouca gente por aquella parte; formáraõse junto ao Convento de nossa Senhora do Carmo, & naõ podendo arrombarlhe as portas, jà cõ perda de muyta gente pelas ruas, & pela retaguarda, foraõ buscar a casa dos Governadores, & muyto tempo lhe defendeo a entrada com muytas mortes de ambas as partes, huma Companhia de Estudantes, mas metendo-se alguns Francezes no Palacio, & Corpo da Guarda, todos ficáraõ mortos, ou prisioneyros.

Tanto que o Governador teve a noticia da desesperaçaõ com que os inimigos entráraõ na Cidade, mandou marchar o Coronel Gregorio de Castro com o seu Regimento, & por outra parte ao Capitaõ Francisco Xavier de Castro de Moraes, filho primogenito do Coronel, a quem tambem acompanhava outro filho, & seu Alferes; governando este troço o seu Sargento Mayor Martim Correa de Sá. Chegando estes corpos á rua dircyta, onde os Estudantes ainda embaraçavão os inimigos, os atacárão tão vigorosamente, que desemparando o Corpo da Guarda, se retirárão por huma travessa para a parte da praya, & a

pezar da vigorosa defensa com que se lhe disputou a entrada de hũ armazem, em que se recolhem cayxas de assucar, a que chamaõ naquelle país Trapiche, entrárão nelle, & ganhárão seis peças de artelharia, que alli estavão para defensa do rio, & lhe havião feyto primeyro grande dano ; nesta occasião matárão, pelejando valerosamente, ao Coronél Gregorio de Castro de Moraes, com duas balas, & com outra ferirão nos peytos, & em huma ilharga com hũa bayoneta, a seu filho mais velho Francisco Xavier de Castro. O Capitão Joseph de Almeyda tambem recebeo algumas feridas, procedendo com grande valor em toda a occasião.

Intentou o Governador pôr fogo ao armazem, mas como este podia atearse nas cazas vizinhas, & se havião recolhido a elle sessenta mulheres, mandou da Ilha das Cobras, & das mais partes vizinhas, tirarlhe com artelharia, tendo já conduzido algumas peças para as bocas das ruas ; mas impaciente o Capitaõ de Cavallos Antonio Dutra da Silva, que com a Cavallaria havia acudido ao conflicto, querendo diante de todos entrar no armazem, foy morto lastimosamente. Munsieur Duclere vendo-se neste aperto quiz capitular, & o Governador lhe concedeo só as vidas, se no mesmo instante se rendessem; assim o fizerão : & não tiverão a mesma fortuna os Francezes do ultimo Troço, que havia marchado por differentes ruas, porque quasi todos forão mortos : os corpos de trezentos se achára̋, & depois apparecêraõ muytos pelos matos, & rios, ficando seis centos prisioneyros, & entre elles trezentos feridos, de que no fim se verá a relação.

Morrêrão cincoenta Portuguezes, & ficáraõ feridos oitenta ; mas sendo mais de mil os Francezes, que desembarcárão, naõ escapou mais que hum negro fugitivo, que lhes havia servido de guia, & levou a nova aos navios, que estavão na Ilha Grande, do seu máo successo.

No dia vinte & hum de Setembro chegáraõ á barra os dous navios, & a Balandra, lançando inutilmente seis bombas, que seviraõ de festejar a nossa vitoria, & com permissaõ do Governador, lhe mandou Munsieur Duclere a noticia do estado em que se achava, a qual participandose aos outros navios, que estavaõ na Ilha Grande, suspendêraõ os tiros, & bombas com que de hum Ilhote vizinho procuravão offender a Villa, & voltando unidos lançárão em terra os vestidos dos prisioneyros, restituindo os vinte & oito Portuguezes, que haviaõ tomado na Sumaca, & a quatorze de Outubro, se fizerão á vèla para a Martinica.

Esta noticia trouxe a Lisboa em hũ patacho de aviso o Capitaõ Francisco Xavier de Castro, a quem S. Magestade honrou dandolhe o posto de Mestre de Campo, que vagou por seu pay Gregorio de Castro, como tambem ao Governador seu tio fez mercê de hũa Comenda de lote de duzentos mil reis. E aos mais Officiaes, & pessoas que se distinguiraõ nesta occasiaõ, tem resoluto fazerlhes mercês de habito de Christo, augmento de postos, & fóros de fidalgos, conforme suas qualidades, & merecimentos.

Em 14. de Fevereyro de 1711. assistirão SS. Magestades, & Altezas, ao *Te Deum* na Capalla Real, & com luminarias, & salvas se solemnizou este bom successo.

Officiaes prisioneyros, & feridos

O Conde de Ruis Coronel.
Munsieur de la Rigadiere Sargento Mòr.
Munsieur Dufez Capitão de Infantaria.
Munsieur de la Sausâya, o mesmo.
Munsieur de la Vaud, o mesmo.
Munsieur de Contenevil, o mesmo.
Munsieur de S. Mirel, o mesmo.
Munsieur de Boisvert, o mesmo.
Munsieur de Saryay, Tenente dos Canhoneyros.
Munsieur de Coigny, Tenente de Infantaria.
Munsieur de S. Legier, Tenente de Infantaria.
O Marquez de Linars, o mesmo.
Munsieur Decessars, o mesmo.
Munsieur de Cluzau, o mesmo.
Milord Macnemara, Tenente Coronel.
Munsieur de Préfontaine, Tenente Coronel dos Gentishomẽs & guarda Marinhas.
Munsieur de Bivause, Guarda das Marinhas.
O Marquez de Signy, Guarda das Marinhas.
Munsieur Gelem, Alferes.
Munsieur Piger, o mesmo.

Dos mortos, eraõ as pessoas de mais consideraçaõ os seguintes Officiaes

O Principe da China, por nome Farima, Capitão de Canhoneyros.
Munsieur de Patreville, Capitaõ de Granadeiros.
Munsieur de Rombert, Capitaõ de Granadeyros.
Munsieur de Proisy, Capitaõ de Infantaria.
Munsieur Laguatrai, Guarda-Marinha.
Munsieur Belli, Tenente dos Granadeyros.
Munsieur de Varaes, Tenente de Granadeyros.
Munsieur de Miraylet, Tenente de Infantaria.
Munsieur Marin, Guarda-Marinha.
Munsieur de la Masanclese, Guarda-Marinha.
Munsieur de Ramesay, o mesmo.

Dos Officiaes prisioneyros, que não ficàraõ feridos.

Munsieur Duclerc, General de toda esta gente.
Munsieur de Paira, Coronel, & Comandante das Guardas-Marinhas.
Munsieur de Monclere Sargento Mór.
Munsieur Lassal, Ay de Camp.
Munsieur Beliami, Provedor da Armada.
Munsieur de Bertuville, Tenente.
Munsieur Duxafause, Tenente.
Munsieur de Corsi, Alferes.
Munsieur de Chetellu, Guarda-Marinha.
Munsieur de la Culhaudier, o mesmo.
Munsieur de Xandolent, o mesmo.
Munsieur de Pon de Veylleme, o mesmo.
Munsieur de la Valmomorenses.
Munsieur de Petefier, o mesmo.
Munsieur de Desquerral, o mesmo.

Gentis-homens voluntarios

Munsieur Hautfais.
Munsieur Grand-Champs.
Munsieur de S. Fermim.
Munsieur Tolest.
Munsieur de Vildone.
Munsieur de Xautauneuf.
Munsieur de Pouzade.
Munsieur de Carrion.
Munsieur de Morfort.
Munsieur Desfontaina.
Monsieur de Pradele de la Rigaudiere.

Capellães

O Padre Piere Esi de Sem Sover.
O Padre Antonio Ferie.

NOTA

Reimpressão de opusculo existente no volume intitulado: — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob o n.º 17.

Não traz o nome do A., mas é de D. Francisco Xavier de Menezes, quarto conde da Ericeira, segundo a opinião geral dos bibliographos. — Veja-se a sua descripção na

Bibl. Hist. Port. de Figaniere, n. 822, pp. 145; — no *Dicc. Bibl. Port.* de Innocencio, III, pp. 86, n.º 1.942 da lettra *F.*, e X (3.º do *Suppl.*, já escripto pelo Snr. Brito Aranha), pp. 317, n.º 4; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n.º 1.579 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VII, 1880, pp. 376), — e no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*, n. 6.038 (pp. 516). — Como bem observa Figaniere, não ha menção d'este opusculo na *Bibl. Lusit.*; entretanto o nosso exemplar pertence á collecção organisada pelo erudito creador da bibliographia portugueza. — Pela data da publicação não podia entrar na *Bibl. Amér.* de Ternaux.

Esta reimpressão deve contar-se como *quarta edição*, pois já existem duas brasileiras, a saber: — na *Rev. do Inst. Hist.*, XXIII, 1860, pp. 412; — e no *Brasil Historico* do Dr. Mello Moraes, II, 2.ª serie, 1867. — Estas reproducções, mencionadas no *Cal. da Exp. de Hist. do Bras.*, em nota ao referido n. 6.038, haviam escapado ao infatigavel pesquizador da collecção, o Snr. Dr. Ramiz Galvão.

O opusculo é in-4.º de 12 pp. num., com fl. de rosto. — Quanto ao seu gráo de raridade, Figaniere accusa a existencia de dois exemplares: — um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Papeis Varios* $\frac{2}{32}$, — o outro na Livraria do Archivo Nacional, *Relações do Brasil, Angola, &c.*, vol. I, n.º 14. — Convem accrescentar que este bibliographo, entre outras incorrecções no titulo, escreveu = *Publicada em 20 de Fevereiro* = quando no rosto do opusculo está = *Publicada em 21. de Fevereyro.* Innocencio possuia um exemplar, que foi vendido por sua morte. (Vide o Catalogo do leilão, pp. 27 da 1.ª parte, n. 448-5.ª obra.) (J. P.)

RELATION | DE CE QUI S'EST PASSÉ | PENDANT LA COMPAGNE | DE RIO JANEIRO, | *Faite par l'Escadre des Vaisseaux du Roy,* | *commandée par le Sieur du Guay-Troüin.* |

Le Sieur du Guay-Troüin mit à la voile des Rades de la Rochelle el 9 du mois de Juin, avec l'Escadre qu'il commandoit, & les deux Vaisseaux de Saint-Malo, le Chancelier & le Glorieux, dans le dessein d'aller tenter la conqueste de Rio Janeiro, place importante à la coste du Bresil, où le Sieur Du Clerc & huit cents soldats de la Marine avoient esté tuez ou pris l'année precedente. Il fut obligé de laisser aux Rades de la Rochelle la Fregate l'Aigle, qui avoit besoin d'un soufflage pour estre en estat de tenir la mer; & il luy donna ordre de se rendre à Saint-Vincent, l'une des Isles du Cap Verd, qu'il avoit choisi pour Rendez-vous, & où il esperoit faire avec facilité de l'eau & des rafraischissements. Le 21, il fit une petite Prise Angloise, sortant de Lisbone à vuide, qu' il jugea propre à servir à la suite de l'Escadre. Le 2 du mois de Juillet, il moüilla à l' Isle de Saint Vincent, où la Fregate l'Aigle vint le joindre. Il trouva beaucoup de difficulté à y faire de l'eau, à cause de la secheresse qui regnoit depuis longtemps, & peu d'apparence d'y trouver des rafraischissements, de maniere qu' il remit à la voile le 6, avec le seul avantage d'avoir mis les troupes à terre, pour leur faire connoistre le rang & l'ordre qu'elles devoient observer en cas de descente. Le 11 du mois d'Aoust il passa la Ligne, aprés avoir essuyé plus d'un mois un vent contraire, si frais que plusieurs Vaisseaux démasterent de leur mast de Hune. Le 19, il eut connoissance de l' Isle de l'Ascension; & le 27, se trouvant à la hauteur de la Baye de tous les Saints, il assembla le Conseil, dans lequel il proposa d'aller y prendre ou brûler ce qui s'y trouveroit de Vaisseaux, avant de se rendre à Rio Janeiro. Il se fit pour cet effet rendre compte de l'estat des équipages, & de l'eau qui restoit dans chaque Vaisseau de l'Escadre: mais il s'en trouva si peu, qu'à peine suffisoit-elle pour la conduire au lieu de sa destination; en sorte que pour ne pas s'exposer à des évenements fascheux, il fut resolu qu'on se rendroit à droiture au Rio Janeiro. Le 11 de Septembre on trouva fond, sans avoir cependant connoissance de terre. Il fit ses remarques là-dessus, & sur la hauteur qu'on avoit observée; aprés quoy, profitant d'un vent frais qui s'éleva à l'entrée de la nuit, il fit forcer de voiles à toute l'Escadre, malgré la brume & le mauvais temps, & il se trouva à la pointe du jour précisement à l'embouchure du Rio Janeiro.

Il estoit aisé de voir que le succez de cette entreprise dépendoit absolument de ne pas donner aux Ennemis le temps de se reconnoistre. Ainsi sans s'arrester à envoyer à bord des Vaisseaux les ordres que chacun devoit observer en entrant, il ordonna au Chevalier de Courserac, qui en connoissoit l'entrée, de se mettre à la teste de l'Escadre, & aux Chevaliers de Gouyon & de Beauve de marcher immediatement aprés, & il suivit, estant alors dans la situation convenable pour voir ce qui se passoit à la teste & à la queuë, & pour pouvoir y donner ses ordres. Il fit en mesme temps signal aux Sieurs de la Jaille, de la Moinerie-Miniac, & à tous le Capitaines de l'Escadre de marcher les uns aprés les autres, suivant le rang & la force de leur Vaisseau ; ce qu' ils executerent ponctuellement ; ainsi que les Maistres de deux Traversiers & de la Prise Angloise, qui essuyerent le feu de toutes les batteries sans changer de route.

Le Chevalier de Courserac, s'est acquis une gloire particuliere dans cette action, par la bonne manœvre qu' il a faite, & la fierté avec laquelle il a montré le chemin. Ce fut dans cet ordre qu'on força l'entrée de ce Port, défendu par une prodigieuse quantité d'artillerie, & par quatre Vaisseaux de Guerre de cinquante-six à soixante-dix canons, commandez par Gaspar da Costa General de la Flote, que le Roy de Portugal avoit envoyé exprés avec des troupes pour la défense de cette Place. Ces quatre Vaisseaux, aprés une canonnade assez mediocre, jugeant par la manœvre, qu'on les alloit aborder, couperent leurs cables, & allerent s'echouer sous les batteries de la Ville. On avoit eu jusqu'alors environ trois cents hommes hors de combat. Il est necessaire pour l' intelligence de cette Relation d'ajoûter ici un estat de la Ville & de la Baye de Rio Janeiro, de ses Forteresses & de la situacion de son entrée. La Baye de Rio Janeiro est fermée par un goulet beaucoup plus estroit que celuy de Brest ; elle est défenduë du costé droit, par le Fort de Sainte Croix, garni de quarante-quatre pieces de canon de tout calibre, depuis quarante-huit livres de bale jusqu'à huit, d'une autre Batterie de six pieces qui est au dehors de ce Fort ; & du costé gauche, par le Fort de Saint Jean, & par deux autres Batteries, garnies de quarante-huit pieces de gros canon qui croisent l'entrée, au milieu de laquelle se trouve une Isle ou gros Rocher qui peut avoir quatre-vingt ou cent brasses de longueur. Au dedans de l'entrée du costé droit, on trouve une Batterie nommée Nostre-Dame de bon voyage, qui est sur une montagne inaccessible, où il y a diz pieces de canon de dix-huit à vingt-quatre, qui se croisent avec le Fort de l' Isle de Villegagnon qui est à la gauche, & où il y a vingt pieces du mesme calibre qui battent l'entrée de la Baye. Au-delà de ce dernier Fort, & de celuy de Saint-Jean, il y a un Fort nommé Saint-Theodose, de seize pieces de canon, qui bat la Plage qui est du costé de la Carioque, au milieu de laquelle les Portugais ont encore basti un espece de Demi-lune. Quand on a passé toutes ces Batteries & tous ces Forts, on voit l'Isle de Chevres qui n'est qu'à la portée du fusil de la Ville du costé des Benedictins, où il y a un petit Fort de quatre bastions avec huit pieces de canon,

& sur un plateau qui est au bas de l' Isle, une Batterie de quatre pieces qui bat le costé de la Mer, & se croise avec le Fort de la Misericorde. Il y a encore des Batteries de l'autre costé de la Rade, & il n'y a pas un seul endroit propre à faire descente, où les Portugais n'eussent remué la terre, fait des abbatis d'arbres & mis du canon en batterie. A l'égard de la Baye, on ne peut guere en trouver de plus belle, de plus grande, ni de plus commode : le mouillage y est parfaitement bon, le Vent & la Mer n'y entrent presque jamais, & ily a au fond une Riviere qui s'estend quatorze lieues en terre du costé du Nord-Est. La ville est bastie le long de la Baye, au milieu de trois montagnes fort élevées, qui sont occupées, l'une, qui est à une des extremitez, par les Jesuites, l'autre par les Benedictins, & la troisiéme, nommée la Conception, par l' Evesque : ces trois montagnes commandent entierement la Ville & la Campagne, & sont garnies de Forts & de Batteries. Au dessus de celle qu'occupent les Jesuites, est un fort nommé Saint-Sebastien, revestu de murailles & entouré d'un bon fossé, garni de quatorze pieces de canon & de beaucoup de pierriers. Sur la gauche de ce Fort, du costé de la plaine à my-costé est un Fort nommé Saint-Yague, où il y a douze pieces de canon : un autre nommé Sainte-Alousie, de huit pieces ; une Batterie de douze ; & le Fort de la Misericorde, qui est basti sur un Rocher qui avance dans la Mer, où il y a douze pieces de canon qui battent du costé de la Ville & celuy de la Mer. La montagne des Benedictins est fortifiée d'un retranchement garni de plusieurs pieces de canon, qui battent du costé de l' Isle des Chevres, du costé de la montagne de la Conception & de la plaine. La montagne de la Conception est retranchée du costé de la campagne par un fossé, une haye vive derriere, & des pieces de canon de distance en distance, qui en occupent tout le front. La Ville est fortifiée par des Redans & des Batteries de distance en distance, dont les feux se croisent : du costé de la plaine elle est défenduë par un Camp retranché & un bon fossé plein d'eau, au-dedans duquel il y a deux places d'armes à pouvoir contenir quinze cents hommes en battaille, plusieurs pieces de canon & des maisons crenelées de toutes parts ; c'estoit le lieu où les ennemis avoient une partie de leurs troupes, qui montoient à douze ou treize mille hommes, parmi lequels plusieurs avoient servi en Espagne à la bataille d'Almanza, & un tres grand nombre de Negres. Le Sieur du Guay-Troüin, surpris de trouver la Place en si bon estat, apprit qu'un Pacquet-bot venu d'Angleterre à Lisbonne, avoit donné avis que son Escadre estoit destinée pour le Rio Janeiro : & comme il ne se trouva point dans ce temps-là de Bastiment armé pour y en porter la nouvelle, le Roy de Portugal y avoit envoyé ce mesme paquet-bot qui y estoit arrivé quinze jours auparavant. Cet avis avoit donné lieu au Gouverneur de faire travailler avec tant de diligence à des retranchements, & à establir des batteries dans tous les endroits où il jugea qu' il pouvoit estre attaqué.

La journée se passa à forcer l'entrée, & le sieur du Guay-Troüin fit

avancer la Galiote & le Traversiers, & detacha le 3 à la pointe du jour le Chevalier de Gouyon avec cinq cents soldats d'élite, pour s'emparer de l' Isle de Chevres. Il l'executa dans le moment & en chassa les ennemis si brusquement, qu' ils eurent à peine le temps d'enclouer leur canon. Ils coulerent à fond en se retirant deux de leurs plus gros Vaisseaux marchands entre les batteries des Benedictins & l' Isle des Chevres, & ils firent sauter deux de leurs Vaisseaux de guerre échouez sous le Fort de la Misericorde: mais voulant en faire autant d'un troisiéme échoué à la pointe de l' Isle des Chevres, le Chevalier de Gouyon y envoya deux Chaloupes commandées par le sieurs de Vaurcal & de Saint Osmanes, qui malgré tout le feu du canon de la place, s'en rendirent maistres & y arborerent le Pavillon du Roy; mais ils ne purent le mettre à flot, parce qu' il se trouva plein d'eau par le coups de canon dont il estoit percé. Le Chevalier de Gouyon envoya aussi tost rendre compte de la situation avantageuse de l' Isle des Chevres le sieur du Guay-Troüin alla visiter ce poste; & l'ayant trouvé tel qu' il le luy avoit marqué, ordonna aux sieurs de la Ruffiniere & Essiot Officiers d'artillerie, & au sieur Keguelin Capitaine de Brulot d'y establir des batteries de mortiers & de canon. Le sieur de Saint Simon Lieutenant de Vaisseau, fut chargé de faire soutenir les travailleurs avec un Corps de troupes; les uns & les autres remplirent leur devoir avec toute la fermeté possible, estant exposez au feu continuel du canon & de la mosqueterie. Cependant la pluspart des Vaisseaux de l'Escadre manquoient d'eau, & il estoit absolument necessaire de s'assurer de l'aiguade, & de faire descente pour couper, s' il estoit possibe, la retraite aux ennemis, & les empescher d'emporter leurs richesses dans le montagnes. Il ordonna pour cet effet au Chevalier de Bauve de prendre le commandement des Fregates l'Amazone, l'Aigle, l'Astrée & la Concorde, dans lesquelles on fit embarquer une partie des troupes, le chargeant de s'emparer pendant la nuit de quatre Vaisseaux marchands qui mouilloient prés de l'endroit où on pretendoit faire descente & d'y establir un entrepost pour les troupes, ce qu' il executa avec beaucoup d'ordre et de conduite. Ainsi ce debarquement se fit le lendemain avec d'autant plus de sureté qu'on en avoit osté la connoissance aux ennemis par d'autres mouvements qui attirerent toute leur attention.

Le 14 Septembre, toutes les troupes estant debarquées au nombre de deux mille cent cinquante soldats & de six cent matelots armez, le sieur du Guay-Troüin envoya les sieurs Gouyon & de Courserac s'emparer de deux hauteurs, d'où l'on decouvroit tout ce qui se passoit dans la Ville. Le sieur d'Auberville Capitaine de Granadiers de la brigade de ce premier, chassa quelques troupes Portugaises d'un bois où ils estoient en embuscade, aprés quoy les troupes camperent dans cette disposition.

L'aile droite commandée par le Chevalier de Gouyon, occupa la hauteur qui regardoit la place: l'aile gauche, commandée par le Chevalier de Courserac, celle qui estoit à l'opposite; & le corps de bataille, commandé par le Chevalier

de Beauve, fut placé au milieu, aussi bien que le quartier general, afin d'estre à portée de se soutenir les uns les autres, & d'estre maistre du bord de la Mer, où les Chaloupes faisoient de l'eau & apportoient continuellement les munitions de guerre & de bouche dont on avoit besoin. Le sieur de Ricoüart Inspecteur general à la suite de l'Escadre, resta dans la rade pour avoir soin de les envoyer & de faire fournir les materiaux necessaires à l'establissement des batteries sur l'Isle des Chevres.

Le 15, le sieur du Guay-Troüin fit marcher toutes les troupes dans la plaine; des détachements s'avancerent jusqu'à la portée du fusil de la place, & tuerent des bestiaux, & pillerent des maisons, sans aucune opposition. Les Portugais esperoient que les troupes Françoises s'engageroient dans les retranchements où ils esperoient s'enveloper, mais voyant qu'ils ne branloient pas, le sieur du Guay-Troüin fit retirer les troupes, aprés avoir bien reconnu le terrain qui se trouva impraticable, de sorte qu'il parut impossible, mesme avec dix mille hommes, de pouvoir couper la retraite aux ennemis, ny leur empescher de sauver leurs richesses.

Il en fut convaincu, lors qu'ayant remarqué un parti des ennemis au pied d'une montagne, il voulut le faire couper par le Bataillon du Lys & celuy du Magnanime qu'il avoit fait couler à droit & à gauche. Mais s'en estant approchez avec bien de la peine, ils trouverént un marais & des halliers impenetrables qui les arresterent, & les obligerent à s'en revenir.

Le 16, un de ses détachements s'estant avancé, les annemis firent jouer un fourneau avec tant de precipitation, qu'il ne fit aucun effet. Ce mesme jour il chargea les sieurs de Beauve & de la Calandre d'establir une batterie de dix pieces de canon sur une presqu'Isle qui prenoit les batteries des Benedictins à revers, & ils y firent travailler si diligemment, que dans trente six heures elle fut en estat de tirer.

Le 17, les ennemis brulerent de grands magazins remplis de sucre, d'agrez & de munitions sur le bord de la Mer, ils firent aussi sauter en l'air le dernier de leurs quatre Vaisseaux de guerre échouez sous les Benedictins, & ils brulerent deux autres Bastiments appartenants au Roy de Portugal, qui touchoient à terre.

Le 18, les ennemis firent sortir de leurs retranchements douze cents hommes de leurs meilleurs troupes, pour enlever un poste avancé que le sieur de Lista gardoit avec cinquante soldats, mais il se deffendit si bien qu'il donna le temps au Chevalier de Gouyon d'y envoyer le sieur de Bourville Ayde Major de sa Brigade, avec les Compagnies des sieurs Droualien & d'Auberville qui chasserent les ennemis, aprés en avoir tué ou blessé plus de cent cinquante. Le sieur de Pontlo Coëtlogon, Ayde de Camp du Chevalier de Gouyon y fut blessé, avec environ vingt-cinq soldats. Ce mesme jour, la batterie des sieurs de Beauve & de la Calandre, commença à tirer sur les retranchements & les batteries des Benedictins.

Le 19, le sieur de la Rufiniere ayant donné avis qu'il avoit cinq mortiers & dix-huit pieces de gros canon en batterie sur l'Isle des Chevres, le sieur du Guay-Troüin fit sommer le Gouverneur de se rendre, & sur sa reponse pleine de fierté, il resolut de l'attaquer vivement. Il alla pour cet effet avec le Chevalier de Beauve le long de la coste, depuis le Camp jusques à l'isle de Chevres, reconnoistre les endroits par où on pourroit plus aisement forcer les ennemis. On remarqua cinq Vaisseaux marchands à demi porté du fuzil des Benedictins, qui pouvoient servir d'entrepost à une partie des troupes qui seroient destinées à attaquer ce poste: il ordonna pour cela que l'on fit avancer le Vaisseau le Mars entre ces deux batteries, & de le placer à portée de les soustenir en cas de besoin.

Le 20, il envoya ordre au Vaisseau le Brillant de s'approcher du Mars, & il fit faire de toutes les batteries & des Vaisseaux un feu continuel, & dondant en mesme temps les ordres necessaires pour attaquer le lendemain.

La nuit du 20 au 21, il envoya une partie des troupes dans les Vaisseaux moüillez prés des Benedictins: les ennemis s'en estant apperçus firent sur les Chaloupes un grand feu de mousqueterie qui fut bien-tost ralenti par le canon des batteries & par celuy du Vaisseau le Mars, ce qui jetta une grande consternation dans la place.

Le 21 à la pointe du jour, le sieur du Guay-Troüin s'embarqua avec le reste des troupes pour aller commencer l'attaque, ordonnant au Chevalier de Gouyon de filer le long de la Coste avec sa Brigade, afin d'attaquer les ennemis par differens endroits.

Sur ces entrefaites les sieur de la Salle qui avoit esté fait prisonnier avec le sieur du Clerc à qui il avoit servi d'Ayde de Camp, s'estant échapé des ennemis, vint se rendre, & donna avis que les ennemis abandonnoient la place avec une terreur étonnante: qu'en se retirant ils avoient mis le feu à un des plus riches Magasins de la Ville, & qu'ils avoient miné le Fort des Jesuites et celuy des Benedectins: le sieur du Guay-Troüin entra ensuite dans la place avec le Chevalier de Coürserac & huit Compagnies de Grenadiers pour se rendre maistre des Forts de S. Sebastien, de S. Yague, & de la Misercorde, laissant aux sieurs de Gouyon & de Beauve le commandement du reste des troupes, avec deffense sur peine de la vie aux soldats de s'écarter, & de quitter leurs rangs.

En entrant dans la Ville, on trouva ce qui restoit de prisoniers de la defaite du sieur du Clerc, qui ayant brisé les portes de leur prison, s'estoient déja repandus pour enfoncer & piller les Maisons qu'ils connoissaient les plus riches, ce qui excita l'avidité des soldats, & les porta d'abord à se débander, mais la punition qui fut faite sur le champ de quelques-uns arresta les autres, & les prisonniers furent conduits sur la hauteur des Benedictins. Ensuite il se rendit maistre des Forts & de tous les postes, aprés avoir fait éventer les mines,

& il en laissa le commandement au sieur de Courserac, avec ordre de faire avancer sa Brigade pour en prendc possession.

Ensuite pour empescher le pillage qui paroissoit inévitable, il fit mettre des Corps de garde, poser des sentinelles en divers endroits, & il ordonna des patroüilles, pour marcher jour & nuit, avec deffense sur peine de la vie aux Matelots & Soldats d'entrer dans la Ville sous quelque pretexte que ce soit.

Nonobstant toutes ces précautions, l'avidité du gain & l'espoir du pillage l'emporterent sur la crainte des chastimens, les Corps de garde mesme & les patroüilles commencerent à augmenter le desordre pendant la nuit: ensorte que le lendemain matin les trois quarts des portes des maisons & des magasins se trouverent enfoncées, les vins repandus, les marchandises & les meubles esparts au milieu des ruës: & enfin tout se trouva dans un desordre & une confusion étonnante. Il ordonna que l'on passast par les armes ceux qui se trouveroient dans le cas du Ban; mais les chastimens réïterez n'ayant pas esté capables d'arrester cette fureur, il n'y eut d'autre parti à prendre que d'employer pendant le jour la meilleure partie des troupes à ramasser ce qu'on put d'effets ou des marchandises dans des Magazins qu'il fit establir, & où le sieur de Ricouart eut soin de mettre des gens de confiance & des Ecrivains de Roy.

Le 23, il envoya sommer le Gouverneur du Fort de Sainte Croix qui se rendit par Capitulation: le sieur de Beauville Ayde-Major General en prit possession, aussi bien que des Forts de Villegagnon, de S. Jean, & des batteries de l'entrée. Le sieur du Guay-Troüin apprit cependant par differents Negres qui se rendirent, que le Gouverneur de la place, & le General de la Flote ayant ramassé les débris de leurs troupes à une lieuë & demie, attendoient un puissant secours commandé par Don Antonio d'Albuquerque General des Mines, fort estimé. Ainsi pour s'assurer contre les entreprises des ennemis: il establit le Chevalier de Gouyon avec sa brigade dans les retranchements qui regardoient la plaine, & le Chevallier de Beauve avec les Corps de bataille sur la hauteur de la Conception, où le quartier General fut placé pour estre à portée de secourir ceux qui en auroient besoin. A l'égard de la brigade du Chevalier de Courserac, elle estoit déja destinée à garder les Forts & la hauteur des Jesuites.

Les ennemis avoient emporté leur or, brûlé leurs meilleurs Vaisseaux & leurs Magasins les plus riches, & tout le reste demeuroit en proye à la fureur du pillage, qu'aucun chastiment ne pouvoit arrester: d'ailleurs il estoit impossible de conserver cette Colonie, par le peu de vivres qui restoient dans la place, & par l'impossibilité de penétrer dans le pays. Ainsi le sieur du Guay-Troüin envoya dire au Gouverneur que s'il tardoit plus long-temps à rachepter la Ville par une bonne contribution, il alloit la mettre en cendres: & afin de luy rendre cette menace plus sensible, il détacha deux Compagnies de grenadiers, commandez par les sieurs de Brignon & de Cheridan, pour aller bruler toutes les maisons de la compagnes. Ils rencontrent un gros Corps des ennemis, mais estant soutenus par une Compagnie de Caporaux, ils enfoncerent les en-

nemis, en tuërent plusieurs, & mirent le reste en fuite. Leur Commandant, homme de reputation, demeura sur la place. Les sieurs de Brignon, de Cheridan, & le sieur de Kret-Kavel garde Marine, se distinguerent dans cette action : le sieur de Brignon entre autres persa le premier la bayonnette au bout du fusil à la teste de sa Compagnie, dont estoient Officiers les sieurs du Bodon & de Mortone gardes de la Marine. Comme cette affaire pouvoit devenir serieuse, je fis avancer le Chevalier de Beauve avec six cent hommes, qui penetra encore plus avant, brusla la maison qui servoit de retraite au Commandant de cette troupe, & se retira ensuite.

Le Gouverneur envoya un Mestre de Camp, & le President de la Chambre pour traiter, & ils representerent au sieur du Guay-Troüin que le peuple les ayant abandonné & transporté tout leur or dans les montagnes, il leur estoit impossible de trouver plus de six cent mille crusades pour la contribution : ils demanderent mesme un assez assez (*sic*) long-temps pour faire revenir l'or appartenant au Roy de Portugal, qu'on avoit transporté bien avant dans les terres. Le sieur du Guay-Troüin rejetta cette proposition & congedia les deputez aprés leur avoir fait voir qu'il faisoit miner les endroits que le feu ne pourroit destruire : cependant il se passa encore six jours sans qu'on entendit parler du Gouverneur : on apprit mesme que Don Antonio d'Albuquerque devoit arriver incessamment. Comme il n'y avoit point de temps à perdre, le sieur du Guay-Troüin fit mettre le lendemain à la pointe du jour toutes les troupes en marche, & malgré la difficulté des chemins il arriva de bonne heure en presence des ennemis, & si prés d'eux que l'avantgarde commandée par le Chevalier de Gouyon se trouva à demi-portée du fusil de la primiere hauteur qu'ils occupoient, & sur laquelle un partie de leurs troupes parut en bataille. Le Gouverneur surpris envoya aussi-tost deux Officiers pour representer qu'il avoit offert tout l'or dont il pouvoit disposer pour le rachat de la Ville : qu'il luy estoit absolument impossible d'en trouver davantage : que tout ce qu'il pouvoit faire estoit d'y joindre dix mille crusades de sa propre bourse, cent caisset de sucre, & tous les bœufs necessaires pour la subsistance des troupes, & qu'aprés cela le sieur du Guay-Troüin estoit le maistre de le combattre, & de destruire la Colonie. On tint conseil, et il fut resolu d'accepter cette proposition plustost que de tout perdre ; & fit donner des ostages, avec promesse de payer le tout dans quinze jours.

Le lendemain 11 Octobre Don Antonio d'Albuquerque arriva avec trois mille hommes de troupes, moitié cavalerie & moitié infanterie, & plus de six mille Negres bien armez. Cependant on travailloit tousjours à transporter dans les Vaisseaux de l'Escadre le sucre qui s'estoit trouvé, & à remplir les Magasins des autres marchandises que l'on pouvoit ramasser.

Le 4 Octobre les ennemis ayant achevé leur dernier payement, on fit embarquer les troupes : on garda seulement les Forts de l'Isle de Villegagnon, de l'Isle des Chevres, & ceux de l'entrée.

Le 13 aprés avoir fait mettre le feu aux Vaisseaux échoüez sous l'Isle des Chevres, & aux autres Bastiments que l'on n'avoit point trouvé à vendre, l'Escadre mit à la voile avez de l'eau & des vivres, pour environ trois mois, embarquant un Officier, quatre gardes de Marine, & trois cent cinquante soldats qui restoient de la defaite du sieur du Clerc : tous les autres Officiers avoient esté envoyez à la Baye de tous les Saints. Le sieur du Guay-Troüin pretendoit aller les delivrer, & tirer mesme de cette Colonie une nouvelle contribution : mais ayant employé quarante jourt à cause des vents contraires, pour arriver à la hauteur de cette Baye, & ayant à peine assez d'eau & de vivres pour arriver en France, il continua sa route. Il fut mesme obligé de laisser la prise commandée par le sieur de la Rufiniere, trop pesante: la Fregate l'Aigle ayant ordre de l'escorter jusqu'en France.

L'Escadre passa enfin la Ligne le 25 Octobre. Les vents estant devenus plus favorables, on arriva le 19 Janvier à la hauteur des Isles des Acores, où on essuya une grande tempeste, qui dispersa une partie de la Flote.

Enfin aprés avoir mis plusieurs fois à travers pour attendre les Vaisseaux, nous continuames notre route vers Brest, où l'Escadre arriva le 6 Février 1712.

A Paris du Bureau d'Adresse, aux Galleries du Louvre,
devant la rüe S. Thomas, le 22 Février 1712.

NOTA

Reimpressão de opusculo existente no volume intitulado: — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob o n.º 19.

É o n.º 1.581 do *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 376). — Figura no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil* sob o n.º 6.040 (pp. 516). — Pela data da publicação está excluida da *Bibl. Amér.* de Ternaux, e, sendo obra anonyma, não vem mencionada no diccionario de Barbier.

O opusculo é in-4.º de 6 ff. inn., sem fl. de rosto. — O titulo occorre no alto da 1.ª fl.

No mesmo vol., antes da *Relation*, sob n. 18, encontra-se um Plano da bahia e cidade do Rio de Janeiro, que tem estreita ligação com o assumpto do opusculo aqui reproduzido (V. o n.º 1.580 do citado *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão e o n.º 6.039 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*)

Eis a descripção feita nesses Catalogos:

= Plan de la baye et de la ville / de Rio Janeiro / *prise par l'Escadre commandée par Mr. Duguay Trouin, / et armée par des particuliers de St. Malo en 1711./*

« Estampa gravada a buril, sem data e sem nome de quem a-abriu. Saiu provavelmente em alguma das primeiras edições das *Memoires* de Duguay-Trouin.

« A chapa mede: 0m,276 de larg. × 0,203 de alt.

« Por ella se-fez outra, que accompanha a obra — *Campagnes de Duguay-Trouin*, mais nitida, de maiores dimensões, e gravada ao que parece por J.na Fca Ozanne.

« Em qualquer d'ellas se-podem notar incorrecções, e não poucas, no que respeita a nomes de logares e á topographia da cidade. » — (J. P.)

RELAÇAM, | E NOTICIA DE VARIOS SUCCESSOS | acontecidos | NO BRAZIL. | COPIA DE HUMA CARTA, QUE POR HUMA | das Nâos que proximamente chegaraõ mandou a hum | seu Correspondente nesta Corte Luiz Agostinho Va- | rella assistente no Rio de Janeiro, com outras | mais noiicias, extrahidas de varias cartas | mais recopiladas nesta Relaçaõ. |

(*Estava o desenho, em madeira, de um Castello.*)

LISBOA:

Na Offic. DE DOMINGOS RODRIGUES.

ANNO DE 1754.

Com todas as licenças necessarias.

Havendo de dar juntas as noticias, que extrahi de varias cartas, que pelas Nâos de guerra, que proximamente chegaraõ da Cidade do Rio de Janeiro a esta Corte, e muito principalmente a que se colhe do que a seus correspondentes escreveo Luiz Agostinho Varella, se faz preciso expor em primeiro lugar em como em o dia, que se contavaõ 26. dias do mez de Junho de 1754 lançou anchora no Porto desta Corte hum Hiate, que daquella Cidade vinha de aviso sendo Capitaõ delle Thomás Ramos, o qual chegou á Barra com sessenta dias de viagem. Por este se soube das noticias, que nesta se declaraõ, e juntamente das cartas, de que acima se faz mençaõ, que se receberaõ não só do dito Luiz Agostinho Varella, mas tambem dos mais que daõ noticia de se achar aquella Cidade, e juntamente toda aquella Capitania occupada em varias operaçoens, de que até ao tempo, em que se escreveo, o que nesta copiámos, se naõ sabe o motivo, ajuizando cada qual conforme lhe dicta ou o seu discurso, ou a sua vontade; mas o que se faz manifesto he a grande diligencia, que se poem nas reclutas, e varios preparos militares, o que tudo ao mesmo tempo infunde receyos, e he causa de alguns juizos temerarios; naõ se sabendo com tudo o ponto, a que se encaminhaõ similhantes aprestos.

Naõ deixa de ser agradavel á gente da plebe similhante disposiçaõ; porque, naõ obstante a natural repugnancia, que temos, que se desejaõ livres; para se sujeitarem ás leis da milicia, segundo referem as cartas, a que nos

reportamos, se alistaõ voluntariamente muitos nas tropas, eo que naõ basta para complemento dellas, segundo o numero, que se pertende, obrigarem muitos a assentar contra a sua vontade.

Os continuos exercicios, que se fazem, obrigaõ a conjecturar alguns movimentos bellicos; por se naõ fazer crivel sejaõ estes sómente dirigidos á boa educaçaõ, que sempre, e em todo o tempo he justo que haja nos soldados; porque naõ sómente se occupaõ em os manejos, mas passando álem destes ensayos, se exercitaõ em atáques de Praças, acampamentos, e outras mais cousas, em que se mostra a disposiçaõ para emprezas de mayor entidade.

Avisaõ mais as ditas cartas, que no dia que se contáraõ nove do mez de Março do presente anno de 1754 chegáraõ áquelle porto as duas Nàos de Guerra, que tinhaõ em outro tempo hido á costa de Africa com gente de Guerra; por estas se soube em que ao principio tiveraõ a infelicidade de acharem os mares do Cabo taõ alterados, que por muitas vezes se julgaraõ perdidos, naõ sómente os soldados, em quem he, pelo descostume de similhante exercicio, mais natural o medo, mas ainda nos marinheiros, cuja vida, por ser quasi toda sobre as ondas, como mais exposta, e com o continuo uso mais desembaraçada, naõ receyou pouco similhantes perigos, os mares, que naquella altura naõ cessaõ de sua natural, e costumada furia, de tal sórte se empenharaõ em destruir as ditas Naos, que de huma naõ sómente as vellas lhe levou pelos ares o temporal; mas ainda por muitas partes aberta ficaria para sempre nas ondas sepultada, sendo infeliz ataúde dos que nella navegavaõ, se a diligencia destes naõ fora tal, que á força de bombas a pozeraõ livre de todo o perigo, o qual naõ foy pequeno, antes sim o mayor de todos quantos tem passado aquelle tormentoso Cabo da Esperança dobrado, do qual chegaraõ á Ilha de Moçambique, e dahi passaraõ a terra de Sena, e áquelle grande rio, cujo nascimento ao presente se ignora, e de que faremos alguma, ainda que breve descripção, confirmando-nos em tudo com algumas particulares noticias, que desta terra nos tem dado algumas pessoas, que a ella foraõ.

Saõ os rios de Sena celebres pelo muito ouro, que em si encerraõ, cuja riqueza até communicaõ ás terras, por onde passaõ; e com ser tanta sua riqueza, andaõ seus habitadores nûs, sem mais abrigo, que o que lhes dá a natureza; saõ mais barbaros, que os de Moçambique; e ainda que tenhaõ pelos certãos das terras alguma communicaçaõ huns com os outros, com tudo como he muita a distancia, que vay de huma a outra terra, de hum a outro Paiz, naõ sómente naõ seguem as leys, e costumes dos outros, mas ainda saõ em quasi tudo differentes.

Communicaõ-se com a contra-costa, que he o que vulgarmente chamaõ costa da Mina; e todo este continente he habitado de Negros os mais barbaros, e guerreiros de toda a Africa.

De todas as conquistas, com que os Portuguezes estabeleceraõ nas mais remotas partes do mundo a gloria, com que excederaõ a Grecia, superaraõ a

Roma, nenhuma lhe foy mais difficil, que a destes Barbaros, naõ só pela vastidaõ dos Paizes, e intrincado dos matos, altura das serras, grandeza dos rios; mas tambem pela fórma da sua peleja, a qual ainda que carece de toda aquella fórma, regra, e arte, que se usa na Europa, com tudo; como muitas vezes temos visto, obra o numero o que falta ao valor, porque nem sempre este se póde contrastar, quando aquelle tem mayores forças para vencer.

Grandes foraõ as victorias de Alexandre Magno, alcançadas na Europa, e na Asia contra os mayores Principes, e mais poderosos Imperadores; mas chegando a estas costas de Africa, he certo que parou de algum modo a torrente de suas victorias, impedidas pela força destes Barbaros.

Tornando porém ao fio da historia, segundo prometemos no principio desta Relaçaõ, avisaõ as noticias, que pelo Hiate de aviso chegaraõ a esta Corte, que em nove do mez de Março de 1754 tinhaõ chegado ao Rio de Janeiro as duas Náos de Guerra vindas daquellas partes; e contáraõ que havendo chegado, e desembarcando a gente de guerra formada, exposta naquella ordem, que pedia taõ arriscada, como difficil empreza; os Cafres, que junto ao mar habitavaõ, governados por hum Rey mais benigno e tratavel, se uniraõ com os nossos: parecia a uniaõ amizade, e o succedido deu a conhecer a cautella, ou malicia, cousa sempre succedida, e muitas vezes experimentada, que onde falta a verdadeira luz, naõ póde haver senaõ enganos, ciladas, traiçoens, e infieis tratos: assim experimentou a nossa gente nesta expediçaõ; porque tendo marchado obra de quarenta legoas por hum caminho, que sendo tractavel aos Cafres como nascidos no Paiz, e por isso mais costumados áquelle rigor; era intoleravel aos nossos, naõ só pelos continuos, e insupportaveis ardores do Sol, como tambem pelo aspero do terreno, e falta de tudo quanto he preciso para a subsistencia das tropas.

Os Cafres, que com os nossos se incorporaraõ, caminhavaõ na Vanguarda, indo como descobridores da terra, e atè ao segundo dia de viagem naõ descobriraõ cousa, que podesse servir de embaraço á gente que marchava.

Era cabeça destes guias hum Cafre, homem de boa presença, e segundo o seu costume de louvaveis acçoens, a quem os outros obedeciaõ pontualmente, reconhecendo nelle a superioridade, que lhe dava o sangue, o qual, ainda que barbaro, era illustre; este por todo o caminho foy persuadindo aos nossos, naõ passassem avante: ao terceiro dia porém, vendo que nenhumas persuasoens suas bastavaõ para dissuadir a nossa gente da empreza intentada, andando mais algumas legoas, já de algum modo remisso, por ultimo fez alto em hum campo, naõ sómente parando, e toda a sua gente, que o seguia, mas ainda sentando-se elle; e por mais que se repetiraõ as diligencias, se lhe duplicaraõ as promessas, e ainda se lhe fizeraõ os ameaços; naõ foy possivel nem passar adiante, nem levantarse do lugar, em que tinha parado; fizeraõ todos quantas experiencias lhe foy possivel para lhe dobrarem o animo; mas era baldada toda a diligencia; varios Officiaes dos nossos o persuadiraõ, entendendo teria para com elles

alguma attençaõ; mas dos rogos, e ameaços nada mais tiraraõ, que desenganos: nem outra cousa mais poderaõ descobrir, que repugnancias; estas obrigaraõ a que o mesmo Tenente Coronel o chegasse a persuadir continuasse na marcha; ou se naõ lhe havia custar a vida! Nada porém foy bastante para que o Cafre cedesse de sua teima; o que vendo o Tenente Coronel arrancando do traçado lhe levou de hum golpe a cabeça.

Amotinados os Cafres, entráraõ com a nossa gente em comprimento de guerra. Vendo os nossos que se naõ escusava, antes era forçosa a batalha, se prepararaõ para ella, derribando com a espingardaria muitos Cafres, o mesmo faziaõ elles com as suas flexas, de tal forma, que nos começaraõ a encravar alguma gente, custando-lhe, com tudo cada hum dos nossos, que matavaõ, muitos dos seus, que morriaõ; mas como eraõ tantos, que cobriaõ os campos, pouca ou nenhuma falta lhe faziaõ os mortos, da nossa parte se fazia mais sensivel a perda, a qual, como era em pouco numero, facilmente se dava a conhecer, com tudo he fama certa, que tanto de fogo, como de ferro acabaraõ naquelle conflicto mais de duzentos Cafres: entre os nossos morreo o Tenente Coronel, perda que se fez sensivel pela graduaçaõ da pessoa: vendo isto alguns, se meteraõ pelo mato, onde andaraõ sem comer, nem beber quatro dias, até que vieraõ à Praça de Moçambique, onde prezos foraõ remettidos a esta Cidade do Rio, e como desertores fechados no Castello, em huma casa que ficava, inferior a hum Armazem de Polvora, a qual como tivesse cahido pelas roturas do sobrado na casa, onde estes prezos estavaõ, em huma noite pegou fogo, e ateando-se sobio á que em cima estava, levando pelos ares a todos, os quaes fogindo de acabar como valentes, vieraõ por ultimo a morrer disgraçados. Estas noticias se colheraõ das sobreditas cartas, que vieraõ, e tanto nellas como na que escreveo o dito Luiz Agostinho, se pode ver a verdade do que expressamos.

Siquid contra Fidem, aut bonos mores dixi; indictum volo.

NOTA

Reimpressão do opusculo existente no volume intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob o n. 22.

Veja-se a descripção na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n. 884, pp. 157; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n. 1.584 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 377), e no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*, n. 5.914 (pp. 504). — Figaniere não faz menção dos exemplares que viu. — Innocencio possuia um, que foi vendido por sua morte. (Vide o Catalogo do leilão, pp. 27 da 1.ª parte, n.º 448,-4.ª obra.)

O opusculo consta de 8 pp. num., com fl. de rosto. — (J. P.)

RELAÇAÕ | DA CHEGADA, | QUE TEVE A GENTE DE | MATO GROÇO, | E AGORA SE ACHA EM COMPANHIA DO SENHOR | D. ANTONIO | ROLIM | DESDE O PORTO DE ARARITAGUABA, ATÉ | a esta Villa Real do | SENHOR | BOM JESUS | DO CUYABA.

LISBOA:

NA OFFICINA SILVA.

Anno de 1754.

Com todas as licenças necessarias.

RELAÇAÕ

Sendo 5. de Agosto em que demos principio a nossa derrota, hindo S. Excellencia embarcar estava a Companhia embaixo no porto formada, e deraõ suas descargas, e depois se embarcáraõ em duas canôas, hindo primeiro a canôa de S. Excellencia com o Guia do caminho todo muito bem vestido com farda azul, e chapeo de plumas tudo agaloado, este hia piloteando, levava seis remeiros com vestia, e calção encarnada, e carapuça, ou barrete, com as armas de S. Excellencia abertas em prata, logo se seguia a canôa da Missaõ, que hiaõ dois Padres da Companhia, e logo a canôa dos Officiaes da Salla, e atraz desta a canôa de guerra Capitania, em que comandava o Capitaõ de Dragoens, e logo a dos criados, e atraz destas as demais de carga, nas quaes se embarcáraõ 1130. sacos de mantimento fóra o fato, e barrilame, e outras cargas mais, e atraz de todas estas a canôa Almiranta em que comendava o Tenente da Companhia, naõ deixando ficar canôa para traz, e esta ordem sempre se executou.

Partimos sendo tres horas do referido porto, e se deraõ muitas salvas, as pessoas principaes da Villa de Itéc, logo demandamos a Cachoeira Canguira Usú, que ficava duas voltas do Rio abaixo, e tem o vocabulo sua significaçaõ *Caveira grande*, e logo Canguiramerim *Caveira pequena*, sendo meyo dia chegamos á pedra Itanhe engh, *pedra que falla*, pela huma hora a pedra C, obaúna *cara suja*, pelas duas horas Itaguaçaba *pedra que passa o Rio*, e he Cachoeira grande fizemos parada a passar todas as canôas de duas horas, e logo fizemos pouzo na Tapera do Alcaide mór 6. de Agosto sahida do pouzo 30. minutos para as sete, fomos a Pirapora Cachoeira grande, *peixe que está saltando*,

de que se sirgue por cima das pedras por ser mais seguro, porque o canal estava muito furioso, sahimos pelo meyo dia passamos Muigiueara, *buraco da Rãa*, e a Cachoeira pequena, e no mesmo dia passamos os Pilões, Cachoeira aonde se afogou hum Clerigo, e tem muitas pedras, embucamos em terra a passar a Trapa, sahimos pelas 3. horas, e sendo 4. horas pouzo mato embaraçado, sete de Agosto sahida do pouzo oito horas e hum quarto, sendo tres horas passamos a Cachoeira chamada a do Gracia, por se afogar hũ homem deste nome, e he Cachoeira pequena dez horas a de Peres Cachoeira pequena, tambem se afogou sendo meyo dia Capibari Rio á direita, huma hora Serocaba Rio á esquerda fizemos parada a ajuntar as canôas, passamos a Pedreneira Cachoeira grande, e paramos na dita por ser muito má, em que custarão a passar todas as canôas, por baixo fizemos pouzo no mato. Dia oito sahida sete horas sendo tres horas Taesatuba Rio á esquerda pouzo no mato, dia oito sahida nove horas, onze horas paramos a descarregar a canôa do senhor General em huma Ilha, e logo fizemos pouzo no mato, em outra Ilha nono dia sahida do pouzo ás oito horas, sendo onze horas passamos á Cachoeira da Ilha chamada do Mato Seco, sendo huma hora passamos o Rio Peracicaba, tem dez braças de boca pouzo no mato perto do morro de Arara coara, onde tem gentio, porém trataõ de sua lavoira, e naõ fazem mal algum aos viagantes, dia dez sahida do pouzo sete horas, sendo dez horas passamos o Ribeiraõ dos Lançoes chamado assim por ter na boca huma Cachoeira que vem da terra, e por fazer a agoa muita escuma, da que parece ao longe lançoes estendidos, terá de largo quatro braças, huma hora parada para se ajuntar as canôas para se entrar no baixio, ou cabeceira de Pintinduiba chamado estiraõ muito escuro, sahimos do baixio em que todas encalharaõ pelas quatro horas, e fizemos pouzo no mato, quatro horas dia onze sahida sete horas Pintinduiba Cachoeira grande, que se passáraõ todas as canôas com Pilotos dobrados, segunda Cachoeira do dito fizemos parada, e nos detivevos no citio de Cubas tres horas, sahimos huma hora Itaupaba de cima isto baixiõ, e logo a Cachoeira de Baurú, que quer dizer que Baú cahio na agoa por ser Cachoeira grande, em que antigamente sempre se perdia canôa, e tem sua sirga por ser baixio por baixo da dita Peuzo quatro horas e hũ quarto, dia treze sahida do pouzo oito horas logo se entrou na sirga q̃ se naõ pode acabar hontẽ, e logo na Cachoeira de Baurúde-debaixo Pilotos dobrados, sahimos depois da dita a navegar, ás 11. horas paramos, para desẽcalhar duas canôas por tempo de huma hora, e hũ quarto sahimos meyo dia e hũ quarto passamos a Cachoeira de Maruiry merim assim chamada, sahimos pelas duas horas paramos, para descarregar primeira carga aos 32. minutos para as tres horas, fizemos pouzo sobre o Maruiry guaçú, chamada Cachoeira grande, dia quatorze sahida nove horas pelas dez entramos nas Cachoeiras, e Itaupabas que saõ baixios de muita lage, e muito grandes, e soltas, as quaes passamos em dar varias pancadas muito fortes, e logo a Cachoeira chamada Sapetuba, por ter em terra muito sapé que he palha, sahimos de todo laberinto ás onze horas

e tres quartos paramos, para ver se algũa canôa tinha algũ perigo das quaes encalhárao quasi todas, sahimos pela hũa hora passamos as Itaupabas, e Cachoeira das Congonhas, que he huma erva que tem muita a terra firme desta Cachoeira, de que uzao os Paulistas, como nós do nosso chá muito diuretica, e sahimos a salvamento, e fizemos pouzo quatro horas, dia quinze sahida do pouzo ás oito horas, pelas duas horas paramos, para passar a Cachoeira de Manicanguabi, chamada braço da velha, pouzo quatro horas, dia dezaseis sahida oito horas passamos a dita Cachoeira, que honte a naõ podemos passar por ser muito comprida, e hir fazendo-se noite, e paramos até passar duas canôas á sirga, que por serem pequenas naõ se meteraõ ao canal em risco de naõ aparecerem mais, sahimos pelas dez horas, de que fomos passando por huns baixios, que se chamaõ a escaramuça do gato falço, por ter os canaes em si que parece ao vir as canôas huma contradança, onde encalhou a canôa do senhor General, embicamos depois do mayor perigo passado a esperar por elle, sendo huma hora esperamos a se ajuntar a tropa para passarmos a Cachoeira (junto de huma Ilha) chamada Tambaûcy, e significado he muyto feyo, sendo duas horas passamos Itaupabas, e comrentezas de Tambaperiria, e significado naõ pode ser pernunciado, e paramos a esperar toda a tropa ás quatro horas, e hum quarto passamos a Cachoeira muito grande chamada Cambajubaveya quer dizer frecha que abrio hum braço (porque o gentio atirou com ella a huma tropa, de que ferio hum homem) gastouse tempo em passar, e depois se fez pouzo dezasete dias sahida do pouzo, sete horas Rio morto pouzo ás tres horas e meya dia dezoito sahida ás sete horas ás onze passamos Itaupabas da Cachoeira Abanhandava merim, que quer dizer homem que corre, ou gente que corre por ser Cachoeira grande, em que todos vaõ por terra, por isso tem este significado, ás tres da tarde passamos a dita Cachoeira com Pilotos dobrados, e fizemos pouzo sobre o salto de Abanhandava Usú, em que estivemos tres dias para haver de se vararem as canôas por terra, o varadeiro he comprido, e com grande trabalho se passaõ, a Cachoeira se despenha por pedrarias, de fórma que deita fumo, tem de altura nove braças, já tem algumas canôas hido por ella abaixo, que por causa da grande corrente que pela parte de cima há, que tem cobrado as prizoens, e tem hido pela Cachoeira abaixo, e naõ se tem visto mais, que se fazem em muitos bocados, dia vinte e hum sahida de salto canôas carredas, e varadas, pelas duas horas da tarde Itaupabas, e Escaramuças, e embicamos para a sirga ás tres horas e meya sahimos das ditas sirgas, e Cachoeira da escaramuça do gato verdadeiro, com Pilotos dobrados pouzo dia vinte e tres sahida do pouzo nove horas, sendo onze horas chegamos ao descarregadouro do Itypanema, onde embicamos para serem levadas todas as cargas por terra, e as canôas hirem á sirga, todas ficáraõ por baixo do salto por toda esta tarde, e as cargas se acabáraõ de passar até o meyo dia vinte e quatro a Cachoeira supra seu significado he (salto patife) por ser muito baixo será hũa braça, no mesmo dia vinte e quatro sahimos depois de tudo carregado á huma hora, sendo duas

horas Cachoeira pequena da Ilha que carece de nome Itaupaba porto da huma volta do Rio, sendo quatro horas passamos as ondas grandes, Cachoeira grande q̃ faz ondas, como o mar sendo cinco horas pouzo dia vinte e cinco sahida oito horas, sendo nove horas ondas pequenas Cachoeira grande, porém menos ondas do que a primeira, sendo dez horas, e trez quartos passamos o funil grande Cachoeira grande, e furiosa, sirga juntamente até ás onze horas e quarenta e cinco minutos esperamos as canôas, e sahimos pela huma hora, e logo entramos ao funil pequeno, Cachoeira grande atravessárað algumas canôas de que estiverað em perigo, esperamos até ás cinco horas que passasse tudo, fizemos logo pouzo chama-se funil estas Cachoeiras, por ter, e ser canal da mesma fórma como funil na entrada largo, e sahida muito estreito, que se acazo alguma canôa naõ vai esquipada que na sahida tópa nas pedras a traveça, e logo vira, dia vinte e seis, sahida nove horas, sendo dez minutos para as dez paramos pára passar a Cachoeira de Vacorituibá, lugar onde há muito palmito, he muito grande Cachoeira, todo este dia gastamos em passar esta trabalhosa Cachoeira chêa de correntezas sirgas e encalhaçoens, e fizemos pouzo, estiveraõ duas canôas em perigo por atravessar, dia vinte e sete de Agosto de caminho vinte e dois sahida ás oito horas, sendo nove horas segunda escaramuça do gato verdadeiro, sendo huma hora embicamos para passar Aracangua Merim Cachoeira, que quer dizer lugar onde se come a cabeça de Arara, por haver muita por este lugar sahimos della, e da (*sic*) suas sirgas pelas duas horas pouzo no mato dia vinte e oito sahida do pouzo sete horas, e sendo oito; entramos na sirga do Aracuanguá guaçû neste salto que será de huma braça, se gastou todo o dia a passar as canôas, e carregar, cuja carga se tirou antes que se entrasse na sirga pouzo, dia vinte e nove sahida sete horas e meya, entramos logo na sirga do Itypéla que diz salto razo, sahimos della, e fizemos logo pouzo sendo quatro horas. Naõ te enfado mais amigo Leitor, com esta porém se quizer ter a paciencia de me ouvires na segunda parte, pois nella te darei mais ampla noticia.

NOTA

Reimpressão do opusculo existente no volume intitulado «Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado...», sob o n. 23.

Veja-se a sua descripção na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n.º 883, pp. 157; — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n. 1 585 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 378), — e no *Cat. de Exposição de Hist. do Brazil*, n. 6.090 (pp. 521). — Figaniere não faz menção dos exemplares que viu. — Convem notar que este distincto bibliographo, entre outras incorrecções no titulo, escreveu — *até Villa Real* — em vez de — *até a esta Villa Real*. — Innocencio possuia um exemplar, que foi vendido por sua morte. (Vide o Catalogo do leilão, pp. 27 da 1.ª parte, n.º 448,-7.ª obra.)

O opusculo é in-4.º 8 pp. num., com ff. de rosto. — A segunda parte, annunciada no fim, parece que não chegou a imprimir-se. — (J. P.)

RELAÇAM | VERDADEIRA | EM QUE SE DAM A LER AS VICTORIAS | dos Portuguezes contra os Gentios, e levantados, | *ALCANÇADAS POR* | GOMES FREIRE | DE ANDRADE | Nas terras visinhas | DA NOVA COLONIA, E ESTADOS | das Indias de Hespanha. |

(*VINHETA*)

LISBOA,

Na Offic. de Domingos Rodrigues.

Anno 1757.

Com todas as licenças necessarias.

RELAÇAM.

Em pouco papel darey a ler ao mundo; que no illustre sangue da Casa de Bobadella naõ se esfria aquelle grande valor, que em tantos seculos deu Heroes ao mundo, que no Juizo das armas deixaraõ decidida a Justiça do seu merecimento. As historias saõ o testemunho authentico, que abonaõ o deverse a esta Casa naõ pequenos indicios de esforço, tanto mais acreditado, quanto vay em servir pela reputaçaõ sem procurar o premio. O seculo passado vio em Gomes Freire de Andrade renovadas as imagens daquelles progenitores, que, ou retirava a inveja, ou consumia o tempo: foy cada acçaõ do seu braço nova estatua que a si, e a seus mayores soube collocar no capitolio da immortalidade; ou para dar a entender ao mundo, que naõ se enganava a fama, ou para escusarlhe o officio, quando sabia mostrar as suas glorias. Penduradas as armas no templo da Paz (sendo a concordia das Coroas Portugueza, e Castelhana, quem fechou as portas de Jano) o levou o seu merecimento a adquirir mayor nome com o zello, e moderaçaõ, que o que tinha alcançado nas batalhas com perigos. O Maranhaõ ainda publica nos desejos a sua vigilancia, e na lembrança do socego, ainda permanecem memorias da saudade, a qual se faria custosa ao soffrimento, se para aliviar a dor naõ tivessemos outro Gomes Freire, com quem se equivocaõ as gloriosas acçoens daquelle Heroe, que cabendo lhe primeira sorte no respeito naõ o segundo lugar ao que o imita, porque corre á porfia a precedencia. E se a este Gomes Freire que presente vive faltaõ mayores occasioens para as victorias, será porque a

fortuna emula do seu esforço procurará divirtirlhe as emprezas para roubarlhe a fama; bem que he frustrado intento, quando ja a America espalha a todo o mundo, o como tem de verdadeiro Heroe a nobre qualidade, de sorte que nos conflictos, onde o seu braço chega, naõ se precisaõ mais instrumentos, para alcança victoria.

Mas por ser certo que o numero das proezas naõ he quem adquire o nome, que só se deve á qualidade dellas, bastará que, a que refiro, vulgarize qual seria o lugar de Gomes Freire, se tivesse iguaes as occasioens, que os desejos; quando em huma só apenas se vê dos vivos imitada, e nos antigos naõ lemos excedida. Direy o que se sabe, por avisos verdadeiros, de quem firma a authoridade do successo.

He ja notorio que a Coroa de Hespanha possue na America taõ dilatada porçaõ de continente que bastára a ser hum poderoso Imperio, se naõ fora comprada pelo preço de Conquista. Alli somos os seus melhores visinhos, ficando lhe pela Colonia, dando as mesmas mãos que outras vezes sentiraõ ja pezadas. Huns, e outros Portuguezes, e Hespanhoes trazem continua guerra com o gentio barbaro, que sendo apoyado por algum rebelde (que por credito de algum gremio, a que pertence, occultamos) andaõ hoje mais attrevidos; resolvendo fortificarse aquelles mesmos que em companhias vagas nunca souberaõ mayores artificios, que a emboscada, ou a fugida. O Vice-Rey daquelle Estado desejando com o castigo pôr termo á insolencia daquelles barbaros, fez ajuntar gente, que em alguns presidios, guarneciaõ a fronteira, e com outros Paizanos foy fazer opposiçaõ aos rebeldes, mais por dar castigo á sua ousadia, que por satisfazer outro interesse de Conquista. Naõ se descuidou em convocar aos Portuguezes, como amigos, os quaes, sendo commandados por Gomes Freire de Andrade, que alli milita, foraõ engrossar o partido dos Hespanhoes, pequeno em numero, em espiritos gigantes, principalmente assistido de uma naçaõ, que sempre lhe disputou as precedencias do valor, nas occasiões, em que as victorias foraõ o efficaz argumento do esforço generoso. Huns, e outros Soldados se deraõ os parabens do vencimento antes de mostrar a espada ao inimigo, tendo por certo, que na assistencia de homem tamanho, era como indisputavel a consequencia do triumpho.

Bastecido o campo, marcheu Gomes Freire a demandar os inimigos, que ja mais praticos com a instrucçaõ dos rebeldes, naõ duvidaraõ fazernos frente, appresentando-nos batalha. Sofreraõ as primeiras cargas dos nossos sem perder a forma que traziaõ; mas vendo que lhe ficavaõ sendo inuteis as suas armas na distancia, tumultuariamente vieraõ carregando a nossa Infantaria com multidaõ de settas, de que alguns dos nossos foraõ bem servidos. Mas como alli estivessem duas naçoens briosas, tirando estimulos da mesma emulaçaõ, parecendo-lhe que a competencia dos barbaros era injuria do seu valor, os rebateraõ com golpes taõ pezados, que se vio o inimigo obrigado a hir deixando o campo cuberto de cadaveres, que regados com a innundaçaõ do proprio

sangue, dava a entender que intentavaõ, que daquella demonstraçaõ da nossa ira, nacessem os monumentos, em que se collocassem as palmas, quē sabia cortar a nossa espada. Foraõ os nossos seguindo-lhe o alcançe em quanto deu lugar o dia, que satisfeitos, e contentes de ver tanta proeza, expoz no firmamento patentes as Estrellas, como luminarias em applauso da victoria. Ficaraõ innumeraveis mortos na campanha, de que naõ souberaõ numero os mesmos vencedores, mais promptos a contar triumphos, que a numerar vencidos. Grande foy o despojo mayor á reputaçaõ que ao interesse; constando de settas, dardos, páos tostádos, e de toar instrumentos bellicos daquella gentilidade, em que falta para valerosos, o que lhe sobeja de atrevimento na ignorancia, carece de disciplina militar a resoluçaõ.

Naõ ficaraõ satisfeitos os nossos com a victoria, e querendo continuarlhe este castigo, foraõ demandar o Forte de Xarifa, aonde se salvaraõ, como reliquias do nosso furor, os que tinhaõ restado da batalha, e unidos com os outros, que ajuntaraõ, procuravaõ fazernos resistencia, talvez que presumissem adquirir melhora. Cercou-se, e Gomes Freire deliberado a vencer mandou commetter á escalla a Fortaleza, em cujo assalto, todos queriaõ ser primeiro, nenhum se contentava em sobir segundo. Foy crua a peleja, nos objectos, que serviaõ a salvaçaõ de huns, e a gloria de outros; naõ sendo alli menos arriscada a fama, pois pendia de vencer desesperados, que tirando forças do temor, pareceriaõ valerosos, se aquelle esforço só o produzisse o desejo da honra, naõ tanto a ambiçaõ da vida. Foy entrada a Fortaleza apezar da resistencia, que na mortandade dava menos motivo á compaixaõ, que á ira; menos movia á lastima, que ao furor.

Largou-se fogo á povoaçaõ, destruindo-se com o ultimo estrago a Fortaleza, sendo agora materia do incendio, aquella parte, que a natureza isentava do rigor do ferro. Desta furia ainda escaparaõ alguns gentios, que lançando-se ao rio Verde, que corre junto da Fortaleza referida, poderaõ noticiar a algumas aldeas o furioso estrago, de que eraõ duas vezes tristes testemunhas; cuidando em obstinada porfia a ajuntarse, como se naõ houvessem achar sempre o mesmo valor, que os destruisse. Appareceraõ muitos barbaros em canôas atravessando o rio, e desafiando os nossos, e da outra parte do rio os animava um Exercito tumultuante, muito avultado em numero, digno de desprezo pela qualidade.

Gomes Freire de Andrade vendo que ainda aquelles barbaros naõ respeitavaõ seu nome, como deviaõ, fallou a todos, dizendo: « Que naõ era decoroso ás nossas Armas, que huns gentios cortados do nosso ferro, se atrevessem a desprezar nossas espadas, devendo, oprimidos, e castigados pelos nossos golpes, confessar na subjeiçaõ o poder, e no temor o esforço; que elle estava de animo de os investir no mesmo rio, e que se o seguissem, alcançariaõ fazer attendida a nossa reputaçaõ, e ainda quando se naõ conseguisse, se nos abria o caminho de morrer honrados, peleijando pela honra

« melhor, que pela vida. Alguma irresoluçaõ detinha os nossos, e nesta ambiguidade se lançou ao rio Gomes Freire, dizendo: « Que naõ eraõ necessarios outros companheiros aonde elle estava só. Destreza que bastou a que todos com agua pelos peitos, e quasi soçobrados com a impetuosa furia das correntes, dessem a conhecer ao inimigo, quem eraõ os que, rompendo os elementos, sabiaõ castigar as ousadias.

Olharaõ com espanto o nosso esforço, e viraõ confirmado de todo o seu castigo, deixando, a seu pezar, manchadas com o bruto sangue aquellas correntes, que consideravaõ infeliz prizaõ das nossas vidas. Nas suas conheceraõ fatal o desengano; pois, prostradas as forças dos que vinhaõ nas canôas, aportáraõ os nossos na outra parte do rio, dando a sentir ao mais exercito, que os tinha molestado com as settas, ocomo o sabiamos vingar estas injurias. Desampararáraõ o campo com grande mortandade, sem igual o numero dos feridos. A mayor fadiga dos nossos naõ era só vencer, era cuidar em destruir de todo os inimigos, e com este desejo foraõ tallando toda a campanha, reduzindo a cinzas todas as aldeas daquelle barbaro paiz, deixando taõ respeitado o nome de Gomes Freire, que, em credito das nossas Armas, basta que o ouçaõ para que de temerosos fujaõ todos os que se conspiravaõ atrevidos, sobre o desprezo de insolentes. Morreraõ nas referidas facções quarenta e quatro Hespanhoes, e treze Portuguezes, alguns ficarão das settas encravados, e todos inteiramente gloriosos. Sem duvida que se competiraõ em gentilezas estas duas Naçoens, quaes por se mostrarem generosos leões de Hespanha, quaes por dilatar o nome Portuguez no mundo; todos por deixarem novos assumptos á memoria.

Esta he a noticia, que dá a conhecer quem he Gomes Freire, e o que fora, se tivera as occasioens como os espiritos, seja-lhe obsequio esta lembrança, com que se divulga a sua gloria, e authoriza igualmente a nossa Patria.

NOTA

Reimpressão do opusculo existente no volume intitulado — « Noticias historicas, e militares da America, collegidas por Diogo Barbosa Machado... », sob o n. 24.

Veja-se a sua descripção na *Bibl. Hist. Port.* de Figaniere, n. 885, pp. 157), — no *Catalogo* do Dr. Ramiz Galvão, n.º 1.686 (*Annaes da Bibl. Nac.*, VIII, 1880, pp. 378), — e no *Cat. da Exposição de Hist. do Brazil*, n. 10.797 (pp. 945).

O opusculo é in-4.º de 8 pp. num., com fl. de rosto. — Quanto ao grão de sua raridade, Figaniere cita apenas um exemplar, de sua propriedade, em um dos dezoito volumes das suas *Miscellaneas Portuguezas*. — (J. P.)

VARIAS

COPIA de uma carta do padre Pero Rodrigues, Provincial da Provincia do Brazil da Companhia de Jesus, para o Padre Joaõ Alvares da mesma Companhia: assistente do Padre Geral.

Por uma de V. R. do anno passado, entendi dezejava saber em particular a disposiçaõ, e esperanças que ha de conversaõ do gentio deste Estado do Brazil, a que respondo, que pela bondade e misericordia de Deos Nosso Senhor, está agora aberta a maior porta de conversaõ, que nunca vimos nestas partes, como se verá pela relaçaõ seguinte.

A 20 de Março do presente anno de noventa e sete, chegou a esta Bahia um galeaõ do Porto em que veio um regimento ou lei que S. M. manda ao Governador Geral destas partes, encarregando-lhe muito por carta particular, a execuçaõ e cumprimento della, pela qual dá por livre a todo o gentio do Brazil; e manda que nenhuma pessoa vá ao sertaõ a descer gente, senaõ os Padres da Companhia de Jesus somente, e que elles doutrinem os Indios e os encaminhem, como na vivenda commum e commercio com os Portuguezes. Quam grande bem este seja e quam acertado meio, assim para a conversaõ das almas, como para conservaçaõ deste Estado, não se poderá bem entender sem primeiro declarar o miseravel em que uns e outros até agora viveram.

Tem os Portuguezes moradores nestas partes, trez generos de inimigos por mar e por terra, e um só de amigos, e chega a tanto á céga cobiça, que só aos amigos fazemos guerra, largando o campo aos contrarios, e deixando-os cada vez tomar mais força e animo.

Os primeiros inimigos, são os negros de Guiné alevantados que estão em algumas serras, donde vem a fazer saltos e dar algum trabalho, e póde vir tempo em que se atrevam acommetter e destruir as fazendas, como fazem seus parentes na ilha de S. Thomé.

Os segundos inimigos saõ uns gentios por extremo barbaros por nome Aymores, os quaes tendo quasi destruidas as Capitanias dos Ilheos e Porto Seguro, estão já no termo desta cidade, e tem feito o mesmo damno e estrago em alguns engenhos e fazendas e vaõ se cada dia fazendo mais fortes e ganhando mais terras. Estes naõ plejam em campo nem comettem onde primeiro saõ vistos, mas fazem saltos nos mattos á traição, com arcos, frechas, e tratam e ferem cruelmente a gente e de feridas taõ grandes que parecem de alabardas,

Naõ tem lingua que os outros Indios entendam, nem querem outro commercio mais que matar homens, e os assar e comer.

Os terceiros inimigos saõ os Francezes, os quaes estes annos passados tem feito muito damno e estrago em toda a costa, assim nos navios que navegaõ por estes mares, como na terra, saqueando alguns logares. O escudo, muro e baluartes dos Portuguezes contra todos estes inimigos, saõ os Indios de paz que estáo juntos das nossas povoaçoẽs, os quaes antigamente eram infinitos, mas com doenças que nelles deram e com os continuos aggravos, e muitas sem razoẽs, e mau tratamento que recebem dos Portuguezes, saõ já poucos, e esses naõ param d'aqui a 200 ou 300 legoas pelo sertaõ dentro.

Os que se conservam e ficam entré nós saõ os que os Padres da Companhia foram buscar ao sertaõ e tem d'elles tratado em todas as Capitanias, ensinando-lhes a doutrina christã, e conservando-os em sua liberdade; os mais, como tenho dito, andam pelos mattos escondidos, fugindo dos Portuguezes que de continuo os andam buscando, e trazem com enganos, promettendo-lhes que os poraõ em aldêas e conservaraõ em liberdade, e como os tem em parte segura, repartem-nos entre si como carneiros, apartando os pais dos filhos, e irmaõs dos irmaõs, vendendo-os, e tratando-os como escravos, e fazendo-lhes tantos aggravos, que de pura paixão e desgosto morrem, ou vivem pouco. Destas injustiças tiveram algumas noticias os reis passados, e acodiram-lhe com remedio conveniente: mas naõ teve effeito nem cessaram as iniquas e injustas entradas, sem titulo algum de guerra justa, e esta era a causa por que os Padres da Companhia naõ queriaõ confessar aos que andavam neste trato, nem se atreviaõ os superiores enviar Padres ao sertaõ em busca do gentio, sem muito receio e temor, de alguma differença, com os que lá andavam ao salto, como algumas vezes aconteceu e era grande lastima sabermos que estava tanta multidão de almas, esperando pelos padres para se virem com elles receber o santo baptismo, (cousa que os Padres tanto dezejavam e pretendiaõ), e não podia ter effeito ou se faria mui pouco fructo, pelas razoẽs sobreditas, e se perderam por esta causa muitas almas, não se lhes podendo accudir e dar remedio.

Um gentio principal da banda de Çirige que dista da Bahia perto de 70 legoas, veio a este Collegio por saber do dezejo e fervor que havia nos Padres de fazer missoẽs á partes remotas dos gentios, e fez uma falla ao Padre Provincial diante dos outros Padres, da maneira seguinte: Da-me padres que vaõ ensinar a minha gente o caminho de Deos, porque como hade haver no mundo, que quero ir agora tambem em busca d'outros, e eu e os meus que estamos mais perto e pelejamos sempre pelos Portuguezes, fiquemos fóra da egreja sem ter quem nos ensine: causou esta sua falla e razaõ que tinha, muita lastima, e lagrimas em os Padres, mas naõ foi por entaõ possivel poder-lhe accudir.

Agora com a nova lei e regimento que S. M. manda, nasce uma nova luz e claridade, e remedio grande para a liberdade temporal destes Indios, e muito maior para a espiritual dos portuguezes.

Daqui por diante, com ajuda do Senhor, poderão os Padres da Companhia, sem estorvo e aversão da gente, fazer seus misterios e accudir a tantas almas tão desemparadas, pois é tirada a occasião e tentação geral, com que o demonio trazia tanta gente enlaçada: e agora sem impedimento descerá o gentio a tratar e commerciar comnosco confiadamente, sabendo que não ha de correr perigo sua liberdade, e que lhe não hão de fazer aggravos, e maus tratamentos: e já de presente ha disto grandes esperanças por toda esta costa.

Os Petiguares que estão acima de Pernambuco, (entre os quaes haverá sessenta mil homens de peleja), por aggravos que receberam dos portuguezes os annos passados, se ausentaram e ajudaram os francezes, e segurando-se da paz que se-lhes promette, esperamos venham em nossa amisade, a tratar comnosco, como faziam antigamente, ea conhecimento de Deos, e das cousas necessarias para salvação de suas almas.

Acima do rio de S. Francisco, pelo sertão dentro, ha muitas naçoẽs e muito bellicosas, muitas das quaes tem já noticia dos Padres, e dezejão fazer-se Christaõs se houver quem os chame e assegure. Abaixo do Rio de Janeiro sobre a Capitania de S. Vicente estão os Carijós que enchem e povoam um grandissimo sertão, e confina com os Indios do Perú. Destes temos ao presente esperanças grandes se converterão á nossa Santa fé, como se verá da relação saguinte; que trata das pazes que com elles agora novamente se fizerão por meio dos nossos religiosos.

A Capitania de S. Vicente nesta Provincia do Brazil, está em altura de 24°. Desta Capitania, cem legoas correndo a costa para o sul, habitam numeraveis gentios chamados Carijós, avantajados em policia e costumes, aos outros do Brazil: andam vestidos, assim os homens como as mulheres, são de ordinario de alta estatura, bem proporcionados nos corpos e rostos, e alguns delles tão brancos como os Portuguezes, usão por joias, de contas e pedras luzentes, compridas e delgadas de diversas côres; com este gentio tinham já algum trato e amizade os moradores de S. Vicente, e se quebrou por muitas razoẽs e injustiças que com elles uzaram certos portuguezes, os quaes indo com seu capitão n'uma embarcação a fazer nesta terra uma entrada com regimento e ordem, de que os mandava, de como devião haver-se nella, assim o capitaõ como os soldados tanto que se virão nas aldêas dos Carijós, esquecidos do regimento que levavam, fizeram muitos aggravos aos pobres indios, e por remate delles chegando ao porto para se embarcarem tomaram a falsa-fé um indio principal que os acompanhava, chamado Cayobig, irmão de outro gentio por noma Facaranha, eo pozeram em ferros, e a outros metteram por força debaixo da coberta do navio. E não contentes com esta preza, sabendo de

certas cazinhas de indios que estavam oito ou nove legoas d'aquelle porto, pela terra dentro, em que podia haver até oitenta pessôas, deram n'ellas de repente ea todos trouxeram por força ao navio, chegando com esta preza a Capitania de S. Vicente, e não faltando entre aquelles soldados alguns de consciencia, que estranhando este caso tam deshumano e cruel denunciaram delle á justiça ; feitas as deligencias devidas, lançou o provedor mão do navio e de todo o gentio que nelle vinha ao qual poz todo em liberdade, obrigando á pessoa que tinha mandado aquelle navio, sustentasse todos á sua custa, e os tornasse a sua terra, o que elle aceitou de boa vontade, mostrando-se sentido do que aeontecêra e queixoso do capitão que no navio mandára ; e dezejando assim elle como o capitão, e provedor da terra de se restaurar a paz com os Carijós, pediram aos nossos quizessem mandar alguns Padres com estes Indios, assim com effeito de os restituir e pôr em suas terras, como para tratar da renovação das pazes. E tendo-se respeito ao bem d'aquella Capitania, e as grandes esperanças que já antes havia da conversão desta gentilidade, lhes concederam dois Padres. Como o demonio vio quanto nisto perdia, e a presa grande que das mãos se lhe tirava, buscou meios e invençoês para evitar esta ida, e procurou estorval-a quanto poude, primeiramente com temores da morte, representando aos Padres o evidente perigo em que se mettião, por estarem os Carijós levantados e escandalisados dos Portuguezes ; segundo, por ser a terra doentia : e finalmente com falsas murmuraçoês, semeando pela terra, e divulgando que os Padres iam buscar seus proveitos e interesses, e levavam muitos caixoês de resgate para esse effeito, mas não podendo o demonio sair com a sua por nenhuma destas vias (porque os Padres romperam por todos os inconvenientes e perigos que se lhes offerecião, folgando de arriscar suas vidas por salvação daquellas almas) buscou entaó outras invençoês que foi, que estando os Padres já embarcados, para se-partir com aquelles Indios e alguns Portuguezes, procurou por-lhe estorvos á embarcação, não querendo dar ao piloto ancora, nem agulha, e pondo-lhe varios impedimentos, mas Deos Nosso Senhor a que ninguem póde resistir, tirou todos os estorvos e difficuldades, e assim deram á vella a 27 de novembro de 1696 e com prospera navegaçaõ a 4 de dezembro seguinte tomaram um porto chamado Laguna de los patos, por razão de uma lagôa que junto delle está, em que andam muitos e mui grandes patos, os quaes não somente dão appellido ao porto, mas tambem aos mesmos Carijós, que por outro nome se chamam patos e tem suas aldêas de 20 para 30 legoas afastadas deste porto.

Tomando terra e arvorando os Padres logo sua formosa Cruz, começaram a fazer igreja para celebrar os divinos officios, emquanto alli estivessem, juntamente enviaram tres indios, dous delles naturaes d'aquella terra, e outro principal de S. Vicente, para que fossem dar conta ao Facaranha da sua vinda e de seus parentes. Com receio estavam os portuguezes do successo que teria este recado e crescia-lhes cada vez mais o medo com

a tardança dos embaixadores, que foi maior do que todos cuidavam, mas nosso Senhor (cuja empresa era) recompensou a molestia dos medos, com muito boas e alegres novas que nos deram tres Carijós enviados do Facaranha, dizendo que o nosso recado fôra recebido com muita alegria, e houvera em todos muito praser, sabendo que em suas terras estavam Padres da Companhia que por extremo dezejavam vêr, e que de contentamento choravão muitas lagrimas, e se abalavam homens, mulheres e meninos em grande numero, para os vêr, e em especial o Facaranha, que é o principal dentre elles, o qual mandou dizer aos Padres que logo se punha ao caminho, mas que por ser já velho, e estar longe do porto, não chegaria tão depressa como dezejava, e cada vez se iam mais confirmando estas boas novas com varios recados que Facaranha do caminho mandava, até que finalmente chegou. Vinha vestido de uma roupeta comprida azul, com uma cruz vermelha de tafetá no peito, ao modo de commenda, seu chapéo na cabeça e sua espada, acompanhado de muitos homens, mulheres e meninos: entrou fazendo uma pratiça, e logo se foi direito ao terreiro da igreja, em o qual passeando continuou com sua pratica, referindo as grandes injustiças e aggravos que dos Portuguezes tinham recebido, e a muita consolação e alegria que de repente sentia com a vinda dos Padres : acabada a pratica entrou na igreja.

Vendo tudo isto os Padres, do navio onde estavam, desembarcaram e se foram para a igreja (ficando ainda no navio os Portuguezes temerosos) Tanto que Facaranha vio os Padres, remetteu a elles levou-os nos braços com muito signaes de amor e contentamento.

Assentados todos tres ao pé do altar lançando o braço sobre o pescoço de um dos Padres começou a chorar, (costume usado entre elles, e comprimento com que recebem os hospedes) e com voz alta e grande sentimento continuando no pranto, foi referindo os seu trabalhos e as angustias passadas. Isto acabado se saudaram uns a os outros, e familiarmente desabafou com os padres contando-lhes meudamente quantos aggravos recebera dos Portuguezes, e limpando com sua maõ um terreirinho, foi signalando e apontando com riscos todas as circumstancias das sem-razoês e aggravos; e para explicar bem e engrandecer o grande sentimento que tivera, poz um dedo de uma maõ no cume da cabeça e outro debaixo da barba, dizendo com voz alta e esperta: senti tanto isto que parece me arrancaram os miolos, mas que com a presença dos Padres e com vêr diante dos olhos em sua terra, deitava toda a magoa fóra, e toda a má vontade, e queria d'ahi por diante ser como antes, muito amigo dos portuguezes, e elle com todos os seus filhos ser de Deos e tomar nossa Santa-fé.

Segurando-se os Portuguezes no navio com estes signaes de demonstraçaõ de amor, se viu com elle o capitaõ e lhe fez entrega de seu irmaõ, e dos mais companheiros e firmaram as pazes com muito gosto e contentamento de

ambas as partes, para maior firmeza e corroboraçaõ dellas, de sua propria e livre vontade entregou Facaranha aos padres um seu sobrinho (que entre elles corre por filho) para o levarem comsigo, e despedindo-se delles com mostras de saudades, lhes pedio com muita instancia, pois naõ era possivel ficarem por então com elles, tornassem cedo ás suas terras, porque queriam todos ser christaõs e ter igrejas, e dando-lhes os padres boas esperanças, elle e os seus responderam que quando embora tornassem, já achariam feitas as igrejas.

Concluidas as pazes, e despedindo-se Facaranha (aquem os nossos eram enviados) tiveram os Padres novas que quatro ou cinco principaes vinham com muita gente de perto de 200 legoas já pelo caminho com dezejo de os vêr, movidos da grande fama, que por suas terras, dos Padres corria, e chegando os Padres e chegaram dias, e foi cousa digna de grande admiraçaõ ver gente taõ apartada e remota do commercio e trato dos Christaõs, vir de taõ longe a pedir com tanta sede e fervor os quizessem fazer christaõs, e ir ás suas terras levantar cruzes e igrejas e mostrarem-se taõ dezejosos e famintos de ouvir as cousas da nossa Santa-fé, que em lhes querendo praticar nellas os Padres se enchiaõ logo as igrejas, até mais naõ caberem e cobrarem tanta affeiçaõ e amor aos Padres que se naõ podiam apartar delles; levados do grande gosto que sentiam em os ver e ouvir, e aconteceu que estando passeando um dos Padres no terreiro da igreja, estava um destes principaes todo absorto e pasmado com os olhos fitos nelle, por grande espaço descorrendo e notando (como depois disse) a muita differença que nos Padres via dos outros homens, no rosto, na barba, no andar, no traje e nos costumes.

Deste conceito grande e credito que nos Padres tem, lhes nascia fazerem-lhes algumas perguntas de cousas futuras, parecendo-lhes que pelo muito trato e communicaçaõ que com Deos tinham, tudo sabiam, pelo que estando este principal muito triste pela tardança de um seu irmaõ que tambem vinha a vêr os Padres, lhe perguntou quando havia de chegar.

Chegando-se o tempo da partida, sabendo um destes principaes que Facaranha dera aos padres um seu filho, para o trazerem comsigo e doutrinarem, invejando-lhe taõ boa sorte lhes mandou por duas pessoas dizer que tambem era homem de que se podia fazer caso, pois era senhor de tanta ou mais gente que Facaranha, e pois lhe aceitáram um filho, aceitassem tambem outro seu, em signal do muito amor que lhes tinha, eos padres o aceitáram das maõs do pai, e da mai entregando-lh'o elles com muita alegria, antepondo a confiança que tinham nos padres eo bem espiritual de seu filho, ao amor natural e paternal que lhe tinham. E porque naõ podiam os portuguezes fazer mais detença n'aquelle porto, se despediram os padres com muita saudade, e lagrimas d'aquella gente, as quaes tambem pelo caminho iam derramando todas as vezes que nos padres fallárão, segundo disse um portuguez, que vindo de suas aldêas o encontrou.

Eis aqui grandes esperanças que de presente temos da conversão desta

gentilidade, o que attribuimos ao sangue de nossos irmãos João de Sousa e Pero Corrêa no anno de 54 a mãos deste gentio, derramárão por amor de Deos.

Tambem o sertão da Capitania do Espirito Santo nos mostra copiosa messe, de que já se começa a colher o fructo, como se intenderá do que agora direi.

No mez de Dezembro do anno de 95 foram por ordem dos Padres dois indios principaes da Capitania do Espirito Santo, chamado um d'elles Arco-grande e o outro Ignacio de Azevedo com trinta indios pelo sertaó dentro obra de quatro centas legoas, em busca de seus parentes, que por fugirem dos portuguezes se ausentaram e allongaram tanto do mar. Tendo caminhado obra de cem legoas, encontráram com um christão principal, chamado Pero Luiz, que vinha já por caminho para a igreja com passante de cem almas, aos quaes os nossos indios deram aviso do caminho que haviam de tomar, para não serem salteados, e lhes foi proveitoso porque chegaram sem perigo a uma aldêa onde estava o Padre Domingos Garcia, do qual foram recebidos, e assim dos outros Indios com muita festa e alegria os outros dois principaes que tenho dito, seguirão seu caminho até acharem seus parentes em duas aldeas: dando-lhes novas do muito cuidado que os nossos padres tinham delles, e do muito zelo que procuravam a sua salvação, ensinando-lhes coisas da nossa Santa-fé; defendendo-os das injurias e aggravos dos portuguezes, e contando-lhes outras particularidades dos padres, de sua honesta vida e bons costumes, os moveram de maneira que se determináram a vir com elles para a igreja: e pondo alguns nisso duvida (não se fiando de todo de seus parentes pelos aggravos com que poucos mezes havia forão outros indios captivos) dizendo-lhes: ora vamos; ainda que não seja mais que para sermos escravos de taes padres, os moveu com isto a perderem o medo que tinham, e fazendo mantimentos para o caminho, e começando abalar-se adiantou Ignacio de Azevedo e partiu diante delles com quatro indios, a dar aviso ao padre como os seus vinham já por caminho e passarião de quatro centas almas, e foi tão grande a alegria e contentamento de trazer tanta gente para a igreja, que por dar tão boa nova ao padre, se arriscou a caminhar quatro centas legoas, por meio de seus contrarios: fazia esta gente, que vinha, em muitas partes caminhos novos por serras e mattos bravos, e por virem assim os homens como as mulheres e meninos apé gastáram no caminho alguns seis mezes de chegarem ao mar coisa de oito jornadas, forão avisados como uns seus contrarios os estavam esperando em certa paragem do Rio Doce, em ciladas para os matarem e comerem, mas nem por isso deixaram de ir por diante, estimando mais a salvação de suas almas que as proprias vidas, e posto que foram de subito accommettidos, ajudou-nos Nosso Senhor, e deu ao seu novo exercito tanto animo e esforço que alcançaram victoria de seus inimigos, pondo-os em fugida, e matando-lhes perto de duzentas pessoas e tomando as armas dos que poderam salvar as vidas: vendo isto o Arcogrande que com elles vinha, lhes disse que pelos dezejos que traziam de vir para a igreja, os ajudára Nosso

Senhor, que lhe agradecessem, pelo que ficaram animados para continuar seu caminho: sabendo deste acontecimento o padre Domingos Garcia por tres indios que de novo lhe mandaram com este recado, lhes mandou um refresco de farinha, pescado e outros mantimentos em seis canoas com quarenta homens, que chegaram a bom tempo, pela falta que já tinham do necessario, e tomando com isso forças e auxilio, chegaram em poucos dias com saude á barra do Rio Doce que dista oito legoas da aldêa, onde o padre Domingos Garcia reside, o qual os foi esperar com trezentos frecheiros afóra muitos meninos e mulheres, tres legoas da aldêa, onde fez uma cazinha para dizer missa no seguinte dia, que era do glorioso S. Miguel, em cuja manhã chegaram os Indios novos por esta ordem: Vinham diante os meninos com seus arcos e frechas n'uma mão, e na outra seus bordoês, após elles se seguiam as mulheres, trazendo algumas dellas os filhinhos ás costas. No terceiro logar vinham a gente de guerra, e no cabo e fim de todos, o seu principal que os regia e governava, todo empennado a seu modo; com uma pedra verde muito fina no beiço, e sua espada no hombro: o que tanto que viu os padres se poz de joelhos diante delles e deitando-se aos seus pés com grande humiliação esteve sem poder fallar por muito espaço desta maneira; com soluços derramando lagrimas, tendo sempre abraçado o padre pelos pés, levando-o o padre e dando-lhe os parabens de sua vinda, o levou com toda aquella gente para a igreja, com tambor e frautas, de que ficaram espantados, vendo este seu principal o como os padres o receberam e tratavam, disse-lhes: eu venho para a igreja abalado com a boa fama de vós outros, e do bom tratamento que nos fazeis, o que já comecei a experimentar, porque estando no sertão e correndo muitas terras, nunca senti em minha alma quietação como agora, depois que me determinei a vir para a igreja. Os indios antigos agasalharam aos novos com isso que levavam, e descançaram ali todos aquella noite. Ao dia seguinte muito cedo lhes fez o padre uma pratica, de que ficarão não menos consolados que espantados, dizendo uns para os outros — se este padre for ao sertão não ficará lá homem nenhum que se não venha fazer christão. Finalmente chegando ao posto onde a igreja estava com ramos e lata bem conservada, se renovaram as lagrimas da alegria, vendo o que tanto dezejavão e dizião com admiração estas palavras: com rezão se chama isto *Tupaoca,* que quer dizer caza de Deos.

Em companhia destes indios veio um principal de quatro aldêas, com outro companheiro, a ver se era verdade o que no sertão lhe dizião dos Padres para que com mais certeza podesse vir com sua gente receber o santo baptismo, e estiveram aqui seis mezes em a nossa aldêa na qual adoecendo este principal, e sendo curado pelo padre com muita diligencia, e caridade, em sarando começou a pregar pela aldêa conforme a seu costume, dizendo que os que estavam nas igrejas, não tinham necessidade de pai nem de mai, pois tudo isto tinham nos padres, e tornando-se com seu companheiro para o sertão, levou comsigo outros quatro dos que tinham vindo, para testemunhas do que passava,

para com isso descer a abalar toda a sua gente e receber nossa Santa fé; não são ainda vindos, mas esperamos cheguem aqui cedo.

O Padre Bastião Gomes, que reside na aldêa de S. João, na Capitania do Espirito Santo, diz n'uma carta sua feita a 6 de Outubro de 96 o seguinte:

« Há nesta Capitania do Espirito Santo (a qual dista da Bahia 120 legoas) quatro aldêas de gentios, duas para a parte do Sul e duas para o norte. Nesta de que tenho cuidado, que é a da invocação do glorioso Apostolo S. Joaõ, haverá oito centas almas christans, e como nesta Capitania se dá o algodaõ mais que nenhuma outra, quasi todos vem á igreja vestidos. Destes christaõs se tem escolhido e examinado cento equarenta, que recebem o Santissimo Sacramento nas tres pascoas do anno comtanta quietaçaõ, modestia e lagrimas que os portuguezes se edificam por uma parte muito de os ver e por outra se envergonham. Estes que commungaõ saõ avantajados de todos os outros assim nos bons costumes e devoçaõ, como no conhecimento ejustiça das coisas da fé edoutrina christã. Todos geramente tem grande devoçaõ á agua benta, equando tem os filhos doente costumam leval-os á igreja e deitarem-lh'a na cabeça, emuitos com isto săraõ.

Tinha um indio christaõ um crucifixo pintado em papel, indo para o sertaõ o levou comsigo, confiado que aquelle Senhor o livraria de todos os perigos e desastres, vindo por um rio abaixo de grande corrente virando-se a canôa subitamente (que é embarcaçaõ pequena de um só páo cavado) naõ somente naõ perigou e ficou salvo, mas ainda o crucifixo de papel que trazia na algibeira naõ se molhou.

Uma menina de 5 annos doente de febres, por nome Maria, foi com sua mai á igreja a pedir saude (como elles dizem) entrando por entre as grades e pondo-se de joelhos diante do altar onde estava um retabulo com a imagem da virgem nossa Senhora, fez na sua lingua esta oraçaõ: « Senhora que tendes omeu nome, dai-me saude, sare eu. » — Depois disto se foi a outro altar de S. Sebastiaõ: « Santo que tendes o nome de meu irmaõ, dai-lhe saude (porque tambem estava doente). Com esta breve oraçaõ alcançou saude para si e para seu irmaõ, e naõ lhe veio mais a febre.

Ha nesta Capitania grande porta aberta para descer indios gentios do sertaõ, como descem muitas vezes, indo-os chamar seus parentes para se fazerem christaõ; e muitos mais desceriaõ se a insaciavel cubiça dos portuguezes de os fazer escravos os naõ estorvasse e impedisse, porque muitos, duzentas, trezentas legoas pelo sertão dentro, onde se tem acolhido o gentio, que ficáraõ das muitas guerras que os portuguezes lhes tem feito, e dizendo-lhes que os vaõ a buscar para os trazerem para a igreja, depois os repartem entre si efazem injustamente escravos: fugindo os mais dextros e valentes, vaõ dar novas aos outros dos enganos e mentiras dos portuguezes, e com isto se escandalisam muito, esquivam e endurecem, e naõ querem vir para junto dos

brancos, e têm mortos portuguezes, que iam depois lá com semelhantes enganos. Isto é as continuas guerras dos brancos, e dezejos de a todos os gentios fazerem escravos, tem consumido e gastado todo o gentio, que havia ao longo destas trezentas e tantas legoas de costa do Brazil, e sendo tantos como formigas agora naõ ha nenhum, senaõ junto das fortalezas e povoaçoẽs dos portuguezes, algumas aldêas de indios christaõs, e se os nossos religiosos naõ tiveraõ cuidado delles, e de os emparar e defender das unhas e dentes dos brancos, já naõ houvera nenhum, e por que lhe himos ás maõs, e estorvamos, naõ captivem estes pobres indios, somos malquistos da maior parte dos portuguezes, e fazem contra nós mil capitulos.

Nosso Senhor lhes dê graça com que sigam a justiça e conheçam a verdade. Castiga Nosso Senhor estes captiveiros injustos e outros peccados do Brazil, com molestar os Portuguezes uma naçaõ de gentios que chamaõ Tapuyas, ou Aimores, os quaes tem feito despovoar a Capitania do Porto Seguro, e vaõ por outras partes fazendo muitos damnos, e estragos. Desta aldêa de S. Joaõ tem ido os indios christaõs em busca delles por tres vezes: onde pousavam arvoravam logo uma cruz, e antes de pelejar se punham todos de joelhos diante della, feito isto arremettiaõ aos inimigos com tanto esforço e confiança de victoria que sempre Nosso Senhor lh'a deu, davam as frechas dos inimigos em nossos indios, e naõ os feriâo, quebravaõ em pedaços na carne, e naõ entravam dentro, mataram os nossos quarenta Tapuyas, e captivaram tres innocentes que se baptisáram depois, e estaõ já no céo. Até aqui. O padre Bastiaõ Gomes.

Tambem no Rio de Janeiro ha esperanças de conversaõ e nova christandade á vista dos Maromomins, que povoam aquelle sertaõ: saõ estes indios no modo de viver e policia inferiores aos outros, estaõ divididos em vinte e tres castas differentes nos nomes, mas não na lingua; alguns saõ já christaõs, os demais mostram muita vontade e dezejo de o ser.

Estas saõ as esperanças que de presente temos da conversaõ dos gentios destas partes, para a qual uma difficuldade sómente se apresenta de importancia, que é a pouca gente que temos nesta provincia para taõ grande e espalhada empreza, mas como esta obra é de Deos, ainda que ao principio espante e assombre os operarios com sua grandeza e vastidaõ, confiamos nella acudirá com os meios necessarios, e convenientes para ter o effeito que dezejamos. Duas coizas temos por nós muito de estimar, e que tiram boa parte das difficuldades:

A primeira que da terra dos Carijós (que disse confinavam com o Perú) até os Pitaguares e Tupinambás, vizinhos do famoso rio dos Amazonas; todos os que vivem perto do mar usam da mesma lingua, e as praticas e doutrina que nella andam escriptas servem tambem aos Padres da Companhia que andam no Perú para ensinar os indios de Tucumaõ e Rio da Prata e d'outras terras que confinam com o Brazil.

A segunda, que em toda a costa e muitas legoas pelo sertão dentro, corre fama entre os gentios que os Padres da nossa Companhia lhes ensinam fielmente, e lhes tratam; verdade que é grande meio, e parte do caminho para ouvirem commais gosto e respeito as coisas da nossa Santa fé e doutrina christã.

Da Bahia 1 de Maio de 1697 (*aliás 1597*).

NOTA

Impressão do msc. da Bibliotheca Nacional.

Na respectiva secção existem duas cópias: — uma de 1874, in-fol. de 9 ff. num. escriptas de ambos os lados e medindo 0,m20 × 0,m185, no cod. $\frac{\text{C D II}}{19-4}$ sob n. 12, que figura no *Catalogo dos Manuscriptos* (n. 9, pp. 88-89 do Tomo I), e no *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* (n. 9.157, pp. 738); — e outra tirada posteriormente pela primeira, in-fol. de 17 ff. num. escriptas só pelo anverso e medindo 0,m285 × 0,m181 no Cod. [illegible] sob n. 13. — Pela segunda se fez a presente impressão. A primeira foi tirada por outra pertencente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro e está authenticada pelo ex-Bibliothecario o Snr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão com a data de 27 de Outubro de 1874.

Em ambas as cópias encontram-se os erros de data: *1695* e *1697*, em vez de *1596* e *1597*; esses erros certamente vem da cópia primitiva, e não póde haver a menor dúvida na rectificação, pois os proprios factos narrados justificam as *erratas*.

Sobre a reducção da tribu de *Facuranha*, principal dos Carijós da Lagôa dos Patos, de que se occupa a presente *Carta*, lêa-se a — *Historia geral de Portugal por Mr. de La Clede, traduzida em vulgar, e illustrada com muitas notas historicas... Lisboa*, 1787, IX, pp. 143 e seguintes.

Sobre o padre Pero Rodrigues e a *Annua* que escreveu convem consultar: Barbosa, III, pg. 612; —Innocencio, VI, pp. 445, n. 411 da lettra P; — Backer, III, pp. 672, n. 2; — o Ternaux, pp. 45, n. 223 — (J. P.)

MEMORIA III

Sobre as Minas de Ouro do Brazil

POR

Domingos Vandelli

Se huma Ordem superior me não obrigasse a escrever sobre as minas de Ouro do Brazil, eu certam[te] me não atreveria a entrar nesta materia, que athé agora se deixou somente nas mãos de Pessoas ignorantes de mineralogia, com grave prejuizo do Estado.

Se as minas de Ouro são vantajozas ou prejudiciaes ao Portugal? esta questão deixo a decidir aos Sabios Politicos, que sabem calcular os verdadeiros interesses das Naçoens.

Que sejão necessarias Pessoas inteligentes, que instruão os mineiros, e os dirijão nas suas operaçoens, se verá isso, considerando o estado prezente das minas: mas para isso não hé preciso fazer vir estrangeiros, estando já muitos nacionaes instruidos na mineralogia e chimica, aos quaes somente falta hua instrução pratica em grande, a qual podem adquirir em dois, ou tres annos viajando a Alemanha.

E para seguir nesta memoria alguma Ordem, e que possa tãobem servir de instrução aos Mineiros a dividirei em nove Capitulos.

I. — Donde se acha o Ouro no Brazil, e quaes são as terras, areas ou pedras, nas quaes se costuma achar o Ouro Virgem, ou mineralizado nas Pyrites.

II — Se existem verdadeiras minas de ouro, ou se o ouro se encontra mineralisado.

III. — Riquezas das minas de Ouro, e quantidade delle em geral.

IV. — Signaes de minas de Ouro, e qualidade do Ouro do Brazil.

V. — Modo de excavar as minas de Ouro no Brazil, e descripção de hua dellas.

VI. — Lavagem das Terras ou areas.

VII. — Ensajos.

VIII. — Fusão, e purificação do Ouro.

IX. — Extração do Ouro de outras minas, e Pyrites.

CAPITULO I

Donde se acha o Ouro no Brazil, e quaes são as Terras, arêas, ou pedras nas quaes se costuma achar o Ouro virgem, e mineralizado nas Pÿrites?

O descobrimento das minas de Ouro ([1]) no Brazil foi por acazo e porque o Ouro existe no seu estado de perfeição, e assim pessoas, que não conhecem o Ouro, que pela sua côr, foram os primeiros a descobri-lo, e são os que o procurão, e sepárão das terras, ou arêas: todo o mais Ouro, que hé misturado nas minas de ferro, das quaes abundão os montes das minas geraes, ou nas Pÿrites, ou que aparece com outra côr, não é conhecido nem procurado.

O Ouro virgem, que hé o unico, que se recolhe no Brazil, se encontra, ou nos Rios em lugares onde fazem voltas, e aonde depozitão mais areas, como succede tãobem na major parte dos Rios de Africa, da Europa ([2]), ou nas planicies em terras ou arêas transportadas dos montes circumvizinhos, ou em massas despregadas, ou misturado em varios bancos em pequenas particulas, principalmente perto da superficie, no humus, na terra ocracêa, na marga ou argilla, ou em vejos de pedra branca, chamada pelos mineralogistas *Quartzo friavel*, nas entranhas dos montes, os quaes vejos os mineiros do paiz chamão *vieiros*.

Acha-se tãobem nas fendas, ou rimas dos rochedos, e disposto por bancos nas pedras rijas na superficie da terra, e em grande profundidade.

As pedras, nas quaes o Ouro virgem está encravado, ou pegado, alem do Quartzo friavel, ou granulado, como se observa no Brazil, são tãobem Quartzo *pingue*, *Diaspromarcial*, *Petroselec*, seixo composto de steatite, émica, seixo de quartzo émica argentea; seixo d'argilla, e quartzo, na ardessia, ou schisto, no marmor esquammozo, nos espatos fusiveis, e calcareos.

A figura, com que apparece o Ouro, hé em pó, em pequenas laminas, em gráos angulares, em cristaes quadrangulares, octogonos, e pyramidaes, em ramos, em laminas applicadas as vezes hua asima de outra; ou se acha tãobem algumas vezes em pedaços, como fundidos, entre os quaes Sua Magestade tem hum de muitos arrates de pezo.

Hé varia a côr do Ouro ([3]), como a mina do Ouro de Cartagena no Mexico, cujo metal asimelha-se a huma mina de cobre variégada.

([1]) A maior parte do ouro transportado em Europa, vem do Brazil, Chyle e Perû e das Costas da Africa; muito pouco hé da China: entre os paizes de Europa a Vngaria tem maiores minas depois de Salzbourg: e tãobem em outros paizes existem minas de Oiro menos consideraveis, entre as quaes aquellas de Aedelfros em Smolandia merecem consideração pela sua grande extensão. Tambem Portugal contem varias minas de Ouro, que indiquei na memoria I.

([2]) Sobre o que se pode ver Mr. de Reaumur nas memorias da Academia das Sciencias do anno de 1708, pag. 108 e *Histoire de l'Academie de belles-letres. tom. 21 pag. 24. e Struvio Dissert de Auro fluviatili.*

([3]) O ouro, que está nas terras, ou arêas, ordinariamte contem mais prata, que o que se acha em matriz de pedra: e certamente a côr desmaiada de algum Ouro depende desta mistura.

Acha-se bom Oiro em pó preto misturado com argilla endurecida, ou marga branca; as vezes hé encarnado o pó de Ouro em alguâs arêas de Rio, cuja côr lhe communica alguma materia ferruginea, e tãobem aparece de côr de chumbo ou cinzenta.

Além das pedras, arêas, e terras, o Ouro está misturado muitas vezes em differentes minas, e principalmente de ferro ([4]), das quaes tenho boas amostras, que vierão do Brazil.

A grande união, que se acha entre as minas de ferro e a major parte das minas de Ouro conhecidas até o prezente, parece indicar, que o ferro contribue alguma coiza para a formação do Ouro; de modo que Becker, falando do ferro diz, que sempre delle extrahio Ouro, ainda que em muita pequena quantidade.

Porem nas Pÿrites auriferas parece, que o Ouro está mineralizado: das quaes Pÿrites tenho tirado ouro. Estas vierão das minas geraes.

As Pyrites auriferas não são differentes das outras, senão que por serem de huma côr amarella mais clara, mais viva, e mais brilhante, e porque não sujeitas a florescer por si mesmas.

Estas Pyrites contem mais Ouro ([5])

Alem das matizes indicadas o ouro aparece até nas plantas, porem a extração delle não vale a despeza.

CAPITULO II

Se existem verdadeiras minas de Ouro, ou se o Ouro se encontra mineralizado

O Ouro não se produz nos Rios, e nas Arêas; mas vem nelles transportado pelas Agoas, que o extrahirão dos veios, ou fibras metallicas ([6]).

([4]) In minera ferri fatiscente e Keijerstolla ad Schemnitz Hungar.

Ouro nativo em pequenos grãos espalhado em huma mina de ferro hepatica crÿstalizada em cubos rectangulos de Catherinebourg de Siberia, que me mandou o Cel. Pallas.

O ouro nativo em mina de ferro do monte carpatho.

([5]) As Pyrites de ferro de Acdelfors em Svessia, contem mais de uma onça de Ouro em cada quintal

As de Schemnitz em Ungaria rendem por quintal 45 livras de ferro 35 de enxofre e 5 marcos de ouro.

Henkel na sua Pyritologia indica algumas Pyrites de Ungaria que contem ouro; e de hum quintal de huma ou 1600 onças extrahio meia onça de Ouro, do qual o quinto era Prata; e da mesma quantidade de outra tirou até 60 onças de prata em 8 ½ de Ouro.

Em Edelfors na Smolandia se extrahe Ouro de huma Pyrite marcial.

Algumas Pyrites tanto marciaes, como de cobre ou arsenicaes. segundo Mr. Brunnich. (Demeste Cartas sobre a chymica. Carta 44 pag. 466) rendem desde 6 atté 13 marcos de Ouro por quintal.

A mina de Ouro Arsenical de Vagnij em Transilvania contem por quintal 75 livras de Arsenico. 11 liv. de cobre, 8 liv. de ferro, 2 liv. de quartzo 3 liv. e 7 onças de cobalto, e 9 onças de Ouro.

([6]) . A Suvappawri acima de Torneo, e em Bastanaes na vizinhança de Ritterhutte se achão bancos de ouro nativo.

O Ouro misturado com as minas de ferro, ou encravado nas pedras calcareas, vitressentes ou refractarias, forma especie de filoens, ou veios, mais ou menos compridos, e largos nas montanhas.

Quando o Ouro hé unido com outros metaes nas suas minas, a proporção delle nunca hé constante, com tudo neste cazo está menos sugeito a mudar, que quando hé espalhado entre as terras, ou arêas. Porem Lazaro Evcker, e Cramer asegurão não haver verdadeira mina de Ouro, ou que haja mina, na qual o Ouro constitua a maior parte della. Kelmann diz, que o Ouro não se encontra em minas, mas somente está pegado puro a certas pedras mais que á outras.

A pezar destas opinioens fica fora de duvida, pelas observaçoens dos mais exactos mineralogistas, existirem verdadeiras minas de Ouro, mais ou menos Ricas, simplices, ou misturadas com outros metaes.

Se o Ouro pois que se tira das entranhas da terra, hé todo virgem ou se há parte delle que seja mineralizado, foi questão entre os mineralogistas antigos, na suppozição, que o enxofre ou arsenico mineraliza somente as calces metallicas; e como o Ouro nunca se pode calcinar, concluião, que este não podia ser mineralizado. Porem hé certo, que o Ouro se acha em estado calciforme, como na mina de Ouro de Sakaremb. na Transilvania (1), e alem disso os ditos mineralizantes dissolvem os metaes no seu verdadeiro estado metallico, principalmente o figado de enxofre.

O ouro nas Pyrites auriferas não sómente hé interposto como cuidarão Henckel e Lehmann; mas verdadeiramente mineralizado, porque neste estado a agoa regia não tem ação sobre elle.

Para demonstrar, que o Ouro em muitas minas Pyriticozas, ou de cinabre se acha mineralizado; basta que elle neste estado não se possa amalgamar com o mercurio, nem se dissolver na agoa regia, e que misturando-se Ouro nos metaes sulfurados fundidos, este venha a ser dissolvido, e mineralizado.

CAPITULO III

Riqueza das minas de Ouro, e quantidade delle em geral

Segundo Agricola, qualquer mina, que em quintal contem tres Onças de Ouro puro, se pode considerar hua mina Rica.

Ainda que seja grande a extenção, onde o Ouro está espalhado na America Portugueza e Castelhana, a quantidade delle porem em geral he muito pouca a proporção das pedras ou terras nas quaes está misturado.

---

(1) Esta mina existe em hua terra Lamelloza ou terra plumbaria, que conthem algum enxofre, particulas de ferro, prata, e ouro calciforme. Scopol: *Annus historico natur.*

Conforme as relaçoens de Mr. Frezier na sua viagem do mar do Sul, e a relação do Capp.^m Bretagh, impressa na Colleção de Harris, o producto ordinario não hé mais, que de cinco ou seis onças em cincoenta quintaes de mineral.

As minas mais ricas não dão mais que dez, ou Onze onças, e aquellas, que não são bastantemente ricas, para pagar a despeza da sua excavação não dão mais que duas onças.

A quantidade de Ouro nos mineraes hé variavel mais, que a dos outros metaes, e por consequencia o proveito de hua mina de Ouro hé mais incerto. O Ouro nativo hé em maior quantidade do que o mineralizado.

CAPITULO IV

Signaes das minas de Ouro, e qualidade do Ouro do Brazil

Varios são os signaes, que mostrão as minas de Ouro entre os quaes Agricola refere as pedras azues, a crisocola, o Ouripigmento, a Prata, o Chumbo cinzento, o Antimonio, o Cobre, o Chumbo branco, huã pedra, que parece espuma, ou escoria da mina da Prata, e a ferrugem de ferro.

A areia vermelha, preta amarella, ou de côr differente da sua ordinaria hé signal do Ouro.

Becker, e Cramer, cuidão que não haja areja alguma sem Ouro: e o primeiro com experiencias fez conhecer isto no seu tratado :—*Minera Arenaria*, e propôz aos Hollandezes de extrahilo em grande das arêas do már; mas como não executarão este trabalho, hé prova, que não fazia conveniencia.

Hellot refere os ensayos de Liebercht sobre as areas, e o producto consideravel em Ouro, que dellas obteve.

A terra, que contem muito Ouro ordinariamente hé encarnada, e forma hum delgado banco na superficie, ou até a profundidade de seis ou sete péz, e hé misturada com grossa area a esta terra no Brazil dão o nome de *formação*.

Debaixo desta *formação* pelo ordinario se observa hum banco de pedra azul com muitas pyrites, de que se conclue, que o Ouro misturado com a dita terra foi ali transportado pelas Agoas.

Encontrando-se o Ouro em huma terra movel, pode-se esperar, que as vejas, ou palhinhas de Ouro sejão abundantes.

As terras que accompanhão as minas do Ouro são huma terra branca, ou de verde claro, ou azulada. As terras secas, que atravesão os bancos das sobreditas terras misturadas, se considerão como hum dos bons signaes.

Pelo contrario não se achando mais de huma simplez terra argilloza de côr algum tanto amarella, encarnada, ou preta, estas não são de signal muito favoravel.

As pedras, ou calhaos de cor escura, preta, ou de café torrado são signaes de bom agouro; mas a materia branca deve ser experimentada antes de continuar o trabalho.

Huma materia lapidea, que parece Chumbo, ou estanho calcinado pelo enxofre hé huma especie de cobertura das minas do Ouro, mas hé necessario fazer os devidos ensaÿos, cavar, e procurar a veja; a qual posto que no principio seja pequena poderá conduzir a alguma major e mais rica, algumas vezes principalmente se as terras de formação são cortadas por materias rijas ou pedras.

O que pertence pois a qualidade de Ouro nativo Van Justi assegura, que não excede Vinte e dois quilates; e outros cuidão, que o pó de Ouro da Africa o mais puro não excede Vinte e tres quilates.

Porem a qualidade do Ouro do Brazil, como vem de diferentes lugares, e hé lavado por differentes homens, e passa pelas mãos de muita gente, ainda em pó como dinheiro, se observa ser de differente valor, ou qualidade, pela mistura natural, ou fraudolenta, que conthem; de modo que algum Ouro chega a 16., ou 18., quilates, e as vezes a 19 e $^1/_2$, a 21., a 22. e $^1/_2$ ou $^3/_4$, e aquelle ultimamente descuberto na Serra dos Orgãos perto do Rio de Janeiro a 23 quilates.

Geralmente as partes estranhas, que conthem, são hũa especie de area fina, que chamão os mineiros do Brazil *esmeril*, ou está misturado com hum pouco de Platina, a qual communica ao Ouro huma côr desmaÿada, ao qual Ouro estes ensaÿadores dão o nome de Ouro preto, e tãobem hum pouco de Prata, ou lhe vem misturado limalha de cobre amarelo.

CAPITULO V

Modo de escavar as minas de Ouro no Brazil, e descripção de hua dellas

As enormes despezas, que se fazem no Brazil para tirar terras, ou areas, que contem o Ouro, parecem incriveis: não construem galerias; mas ou mudão de corrente os Rios, para tirar as areas dos seus alveos, ou excavão a terra a mina aberta, fazendo covas, ou muito largos poços, dos quaes tirão a terra; e como destes não tem sahida as Agoas, costumão tiralas com huma especie de nora, que hé das mais antigas maquinas, a que os mineiros chamão *rosario* pelo feitio e união dos alcatruzes unidos com cadeÿas: porem como esta não pode extrahir se não hua pequena porção d'agoa, e taõbem a huma determinada profundidade; sendo muita agoa, ou muito profunda, não se continua a excavação, e fica a mina abandonada por se não conheçer a Bomba á fogo, nem outras maquinas hydraulicas; ou por não se saber a Arquitetura subterranea, dar escolo as Agoas por mejo de contraaberturas, ou galerias

inferiores, havendo situação conveniente. Quando pois encontrão algum piqueno filão, que os ditos mineiros chamão *vieiro* então o continuão, e o excavão com pequenas galerias: mas interrompido este por qualquer causa, não o sabem procurar por falta de conhecimento da geometria subterranea. Alem disso os mineiros não tem instrução alguma da méttalurgia; nem commumente pessoa, que os dirija nas suas operaçoens; e assim não tirão o ouro, se não a força de ouro; e a major parte delle para estes fica inutil, ou desconhecida.

As minas ou lavras do Brazil são antigas de pozicoens de terras transportadas das serras superiores, e estas dispostas em bancos quazi orizontaes, estando nellas irregularmente espalhado o Ouro.

Da relação e figura de hua destas minas feita pelo meu Discipulo o D.or Joaquim Vellozo substituto, que foi da cadeira de Historia Natural, se formará idea mais clara do modo com se tira o Ouro no Brazil.

DESCRIPÇÃO DA LAVRA DA CATA PRETA ([8]) CHAMADA CALDEIRÃO ([9])

Na latitude meridional de 20. gr. e 10 m. está situada a freguezia do Infecionado, que se compoem de 200. fogos. Este arrayal tem sido sempre hum dos mais florentes destas circumvizinhanças, em razão das lavras permanentes, que tem, e nas que se trabalha desde o seu descobrimento, que foi em 1707. As principaes, que ha são as lavras chamadas da Cata preta, cuja descripção hé a seguinte.

Esta lavra, que terá de extensão hum quarto de legoa, caminha com a sua formaçao ([10]) seguindo sempre a direcção de huma grande serra, chamada do Caraça, que passa desviada da mesma lavra hua Legoa. A mesma formação acompanha a dita serra para ambos os rumos do Norte e Sul em distancia consideravel, com a major ou menor conveniencia, conforme os montes, que estão Sobranceiros. Ocupão se nesta Lavra 200 Escravos, e 5 Feitores brancos. Nos seus principios se achava o ouro mais a superficie da terra, e por isso os seus jornaes erão avultadissimos; porem pelo decurso dos tempos foi necessario profundar a terra, e perder muito tempo no desmonte da terra inutil, de que se compoem os altos montes, que estão eminentes a mesma Lavra, ou buraco, aonde se tira a formação. Neste buraco se ajunta a agoa da chuva, e a que lhe vem filtrada pelos lados do mesmo serviço, o que deo ocazião a necessidade de hua maquina de tirar Agoa. Não conhecerão athe agora os Habitadores do Paiz outra maquina para este effeito mais do que a roda que se vê descripta na taboa junta (a); hé huma roda tocada por huã bica de Agoa (b), a extremi-

([8]) Lavra Cata, serviço — são synonymos do lugar em que se tira o ouro. Cata preta hé o mesmo que serviço da terra preta.

([9]) Nome tirado da figura do serviço.

([10]) Terra mais rica de ouro, composta de area e crystaes majores, ou menores.

dade (c) do eixo da dita roda, faz com os seus dentes mover-se hum chamado rozario composto de tablêtas de um palmo em quadro, enfiadas em hua especie de cadeja de ferro propria para se mover a roda do eixo; o qual dito rozario desce por fóra do cubo (d), e sobe por dentro do mesmo, levando as tabletas a agoa, que apanharão na pia (e), onde está posta a extremidade inferior do cubo; fazendo dezagoar em hum Canal (g), que está immediato a parte superior do dito cubo (ff) = são estacadas para sustentar o plano, sobre que está a roda, e seus pertences. (hh) os contrafortes, que se deixão nos desmontes, para sustentar os mais altos desmontes. (ii) são cavidades feitas pela agoa da chuva. A mayor altura que há da superficie, ao lugar mais baixo, hé de 100 palmos, que se encontrão do alto, d, até a parte mais baixa, e, os outros lados pouco menos tem de altura; ll, são estacadas de páos, e ramos, para embaraçar a que não desça a terra juntamente com a Agoa que deve correr para a pia b). (mm.) são os planos por onde corre a formação com a direcção do Norte ao Sul, com hua inclinação quazi orizontal. (nn) são vieiros de cristal que se achão cravados juntamente com a formação no Cariman (11) e picarra (12) de que se compoem os lados g, E, i, f., e alguma parte dos planos (mm (oo) hé o caminho, por onde sobem os pretos carregados com a formação, que tirão em batias (13) dos lugares (mm) para as canoas (pp). (14) He difficil poder fazer-se hum calculo exacto em serviços de iguaes circunstancias; porem direi o mais que pude observar a este respeito.

Hé certo que hum preto tirando formação dos lugares (mm), tirava 5 oitavas de Ouro por dia, livre das despezas; mas isto não hé praticavel, se não depois de desmontada a terra inutil, que sobre está ao serviço Neste trabalho se perde a maior parte do tempo, de sorte que só a terça parte do anno se virá a gastar tirando formação: o resto do tempo se consome em dismontes inuteis, o que hé inevitavel ao mesmo tempo, até fazer-se huma larga praça e preparar serviço util para mais tempo. Nestas circunstancias o jornal ordinario he de trez quartos (15) para cima em cada semana livres de despezas. Não parece compativel jornal tão diminuto, como o que se observa neste serviço, como a esperiencia seguinte. Tirada hua bateada da terra do lugar (mm) depois de lavada, e apurada esta, se acha hum Vintem de Ouro athe 5 outavas conforme o lugar: Tanta hé a irregularidade dos filoens de ouro, bem notado por todos os mineralogistas. He verdade, que muito consideravelmente hão de crescer os

---

(11) Argilla bollus cinerea. Argilla apÿra.

(12) Argilla mixta porosa, atomis ferreis nitentibus vulgo Picarram. Argilla apyra vulgo Picarram.

(13) Hé hum instromento feito de Pão, que virado com a boca para baixo e tem a figura de huma pyramida conica, e na sua cavidᵉ conduz a terra e serve para se apurar o ouro.

(14) Lugar onde se separa do ouro a terra e pedras mais grossas fazendo precipitar o ouro nas cavidᵉˢ das cabeceiras das Canoas.

(15) 3/4 de Outava corresponde a 900 d. este ouro hé o melhor q̃ há nesta circumvizinhança q̃ hé de 23 quilates e 7/8.

jornaes depois de feito o engenho de quebrar pedras, em que se cuida; porque entre a formação aparece hua grande quantidade de cristaes, os quaes quebrados a mão deixão livres de gastos $^{2}/_{8}$ e $^{1}/_{4}$ por semana; sendo pois este Trabalho feito pelo engenho, se deve esperar hum augmento de jornal muito consideravel. E na verdade que nesta pedra está firmada a ma/ior esperança deste serviço e ma/orm^te daqui por diante, pois que athé agora se lançava fora como inutil, e só se cuidava na formação miuda, como mais facil. Prova esta alem do mais, que bem pode dar a conhecer o quanto está imperfeita ainda neste paiz, a Arte de tirar o Ouro. Este serviço para onde se vejo há pouco tempo, não está ainda reduzido á melhor forma e methodo: agora se cuida nisso, e esperamos não obstante os gastos grandes de ferro e aço ([16]), fazer conveniencia avultada. Ao menos este hé o sentimento dos melhores mineiros destas circunvizinhanças, que anciozos dezejão comprar as ditas lavras.

As gallerias fortificadas com madeira obviarião tão avultadas despezas nos desmontes.

CAPITULO VI

Lavagem das terras ou areas

A lavagem das Terras, ou areas no Brazil se faz com o methodo ja descripto por Agricola por Ulloa nas suas viagens, servindo-se taõbem os Castelhanos depois das lavagens da amalgamação em moinhos apropriados, ajudando-a com hum pouco de calor.

Se o Ouro virgem está pegado ao Seixo, ou quartzo, poem-se em braza as ditas pedras, e depois se apagão com Agoa fria, para mais facilmente se quebrarem nos pizoens; e com a lavage dellas se separa ouro, o qual ficando ainda impuro pela mistura d'area de ferro, se lava com vinagre ou Agoa aluminoza ou vitriolica para se separar delle tudo o que poderia retardar a amalgamação; mas no Brazil rarissimas vezes se faz uso deste methodo por falta ou pelo excessivo preço do mercurio.

A lavagem das ditas pedras pizadas, terras ou areas, se faz em caleiras, nas quaes as vezes estendem panos para reter as particulas mais subtis do ouro; porém não observão exactamente as cautelas necessarias na inclinação das ditas caleiras, a qual inclinação deve ser proporcional a gravidade da mina, e a velocidade, e quantidade de agoa, que cahe, e corre nas ditas caleiras.

Por isso nada se deve deitar fora das ditas Lavagens sem antes examinar-se chimicamente: Porque o que vem lavado, e tirado pela Agoa no principio algumas vezes hé mais rico do que aquilo, que se precipita no fundo ou que se recolhe nas caleiras.

([16]) Não se cuidando, ou não tendo licença de aproveitar-se das ricas minas de ferro, que estão nas serras vizinhas.

Boylé júlga, que além das particulas de ouro, que ficam dezunidas da arêa se achaõ muitas outras pequenas tão fortemente unidas, e pegadas a area, que com a vista não se distinguem, e que se não podem separar com o methodo ordinario da lavagem; e deste modo se perde muito ouro, o qual por hum trabalho particular, se pode aproveitar; o que eu tenho algumas vezes esperimentado.

CAPITULO VII

Ensaÿos

He necessario muita cautela no Ensaÿo do Ouro com a Agoa Forte: advertindo o célebre Brandt. com as esperiencias feitas na prezença de ElReÿ da Suesia, e da Academia, que a Agoa forte dissolve alguma porção de ouro.

Schaeffer, Bergam[m], e M[r]. Sage no seu Tratado da Arte de Ensaÿar o ouro e a prata, confirmão esta mesma esperiencia; porem M[r]. Macquer, Cadet, Lavoisier, Baumé, Cornet, e Bertholet, consultados pelo ministro da Fazenda de França asseguraõ que ainda, que o dito acido algumas vezes dissolva hũa levissima porção de ouro, isso não pode ser prejudicial nas cazas da moeda, porque as circunstancias necessarias para esta dissolução são estranhas, e ignoradas nos ensajos, que se fazem nas ditas cazas.

Porem estes celebres chimicos não podem negar, que por esta solução do ouro na Agoa forte, não hé necessaria circunstancia algũa particular, e differente daquela se costuma nas cazas da moeda, excepto a precipitação de ouro dissolvido na Agoa forte, a qual ignorão os Ensaÿadores: e assim os Ensaÿos feitos pela Agoa forte, sem verificar a porção do ouro dissolvido na mesma, não são exactos, e são de grande prejuizo; sendo bem conhecido que qualquer minima differença, ou levissima falta do metal ensaÿado, respectivo ao grande, vem a ser consideravel, e por consequencia o ensaÿo falso, inutil, e prejudicial.

Como tãobem muitas vezes pode succeder na capelação, não se podendo de todo separar o chumbo do ouro, ainda que elle se tenha por muito tempo em fusão a hum fogo forte, e que tome o ouro hũa côr viva, como fosse de 24 Quilates, não chegando mais que aos de 23.

O modo de conhecer, que o Ouro na copelação ficou ainda unido a huma porção de chumbo, hé achar-se fragil, até se poder quebrar com os dedos; neste cazo, para que o ensaÿo seja perfeito se une a este ouro em fuzão hum pouco de Sublimado corrozivo, cujo acido separando-se do mercurio, e unindo-se ao chumbo, o transmuta em chumbo corneo.

Os Ensaÿadores destas cazas da moeda desconhecem totalmente a platina, e ignorão o methodo de a distinguir do ouro, rezistindo esta igualmente, que o ouro a cupelação, e sendo tãobem dissoluvel na Agoa regia; de modo que o Ouro, que elles chamam preto, é que hé mais esbranquiçado, conthem bastante porção deste novo metal, e supõem os ditos Ensaÿadores telo redu-

zido com as purificaçoens a 24 Quilates quando verdadeiramente pela mistura da dita Platina, as vezes não chegão a 18 Quilates.

Querendo esperimentar se hum mineral ou hua pyrite conthem ouro, se deve dissolver a dita pyrite com acido de nitro fumante, o qual dissolve tudo, exceptuando o ouro, e enxofre, que fica no fundo do vazo; e se a pyrite hé arsenical, antes da dissolução se deve torrar; deste modo se tira muita mais quantidade do ouro, que com a cupelação.

CAPITULO VIII

Fuzão e purificação do Ouro

Para aproveitar todo o Ouro, que pelas Lavagens não se separa da area, ou dos fragmentos quartzosos, ou dos crystaes, não podendo servir-se do mercurio, como usão os castelhanos ([11]) hé menos dispendiozo, e mais util fazer uzo da fuzão.

Querendo extrahir-se o ouro intimamente unido as particulas da areja ou do quartzo, hé necessario pôr em braza as ditas arêas, e apagalas na Agoa, e fazer isto por tres ou quatro vezes. Misturão-se a 16 partes desta arêa calcinada 4 partes de alkali extrahido das cinzas de Arvores, 3 partes de carvão, e 32 de Lytargirio. Fundese esta mistura mechendo algumas vezes com hua vara de ferro.

He necessario continuar o fogo até que a materia seja fluida como a Agoa, o que se conhece, quando a vara sahe quazi limpa.

Refriada esta materia, e separadas as Escorias, se acha no fundo o chumbo que conthem o Ouro, o qual se deve copelar, e depois fazer a partiças para separar a prata, ou com agoa forte, ou Agoa regia.

O methodo, que uzão nesta casa da moeda para purificar o Ouro, e com a mistura do cobre reduzido a 22 quilates, hé o seguinte. Fundem o Ouro em sinco cadilhos, cada hum em forja separada, e lanção por varias vezes salitre, e acabadas as reiteradas detonaçoens, em cem marcos de ouro lanção mais de 20 arrates de sublimado corrosivo. Assim cem marcos de Ouro purificado perde seis, até sete marcos. As Escorias, que subministrão os cem marcos, raras vezes passão de tres ou quatro marcos, e de cem marcos destas Escorias ferrineas o mais, que se pode ainda extrahir do ouro são tres marcos e meyo; de modo

([11]) O methodo de que se uza no Chilý, e nas outras partes da America Hispanhola hé de quebrar com pizoens o quartzo conthem o ouro, e em moinhos convenientes amalgamalo com o mercurio.

A mina de ouro de Humgria de Schmintz e de Kremnitz hé em quartzo branco, ou preto ou vermelhado. Esta se quebra com pizoens e depois se lava, e como conthem materia estranhas se mistura com cal virgem, e escorias, e se funde no forno; o q̃ se fundio se passa novamente por hum fogo de carvão.

que o mais Ouro que falta, ou foi volatilizado pela grande quantidade de sublimado corrozivo, ou lançado fora dos cadilhos pelas detonaçoens do salitre, ou penetrado nos cadilhos; o que eu verefiquei muitas vezes nesta caza da moeda.

Que o ouro pode ser volatilizado pelo sublimado corrosivo, está demostrado pelas esperiencias de celebres chymicos ([18]) que eu tenho repetidas com o mesmo sucesso.

A razão pela qual se faz o moderado uzo do sublimado corrosivo na purificação do ouro, hé para separar a prata nelle misturada, porque o acido marino unindo-se a dita prata, a transmuta em luna cornea, e a volatiliza; porem a dose deve ser moderada, e proporcionada a prata, demodo que nas outras cazas da moeda estrangeiras, quando uzão o dito sublimado, não passão de seis Outavas delle em seis marcos de Ouro; pelo contrario da casa da Moeda de Lisboa chegão as vezes athe 16 Onças.

Alem disso outra razão do abuzo, que elles fazem do sublimado, hé por ignorar outro methodo de separar o Esmeril, ou area de ferro do ouro; sendo certo, que o ouro, que conthem Esmeril, hé muito difficultozo de purificar-se totalmente, de modo que não fique algumas particulas delle entranhadas sem separar-se com os methodos ordinarios da copelação, cementação, ou partição.

O modo unico, que ate agora se achou na dita purificação vem indicado nas Memorias da Academia das Sciencias no anno de 1727. e consiste.

Partes iguaes de ouro e de bismuth se fundem e fundidas se mettem em huã grossa coppella, e se purificão; mas sempre ficará alguma coiza ainda impuro; por isso se porá sobre cada hum marco de Ouro duas, ou trez onças de chumbo, e se continuará a copelação; depois desta segunda copelação se porá em cadilho largo na forja, de modo que o vento deite a chama sobre o metal, o qual se deve ter por algum tempo fundido, e se acabará de separar, quando o Ouro principiar a exclarecer-se: Depois se lançará por varias vezes hum pouco de sublimado corrozivo, e no fim hum pouco de borax; conhecendo-se que a operação está acabada, quando o metal não deita mais fumo, e que a supreficie hé brilhante.

O methodo de purificar o Ouro com o antimonio hé muito antigo. Bazilio Valentino hé o primeiro author que fallou delle; este methodo hé tãobem o menos custozo, quando o Ouro não contem mais, que dobrado do seu pezo dos outros metaes. Sobre cada marco de Ouro não se poem mais, que huã livra, e meja de antimonio e ½ de enxofre; o major embaraço hé separar o antimonio do ouro por meio do vento dos folles; porem a esperiencia tem mostrado, que

([18]) Boerhave Clem. Chim. pars. alter. de art. theoria quoniam tandem nihil magis paradoxum tradi potest quam aurum volatile, succurrat chimica non fallax, quæ mercurio vulgari sublimato duto cum polline auri contrito, deem ex retorta cum regulo antimonii destillato, ipsum auri corpus forma olei punicei in altum evehit, et penitus volatile reddit quin etiam sulphure calce calcanthi et sale ammoniaco idonea arte mixty adhibitisque omnia fere metalla volatilia adignem reddi queunt.

esta operação se faz muito bem de baixo de huma musla; e assim como o folle em hum dia hum Official pode separar exactamente seis athé oito Marcos de Ouro do antimonio, o qual ouro fundido depois com nitro, e borax se obtem purissimo.

CAPITULO IX

Extração do Ouro das minas, e pÿrites

Achando-se o Ouro misturado, ou mineralizado em huã mina pÿriticoza de prata: Se funde a Mina, e a metallina, que se Obtem se deve torrar, e depois misturando-se o chumbo se copela, e então se Obtem o ouro unido a prata, da qual se separará pela partição, ou quartação.

O ouro pois unido ao cobre em muita quantidade se separa delle, como adverte o celebre Wallerio, reduzindose em Escorias o cobre, unindoselhe chumbo, e depois se mete a copela; quando porem a quantidade do Ouro hé muito menor, que a do cobre, neste cazo se funde o cobre, e se lhe une o chumbo, o qual depois se extrahe sem fundir o cobre; e este chumbo, que se unio ao Ouro se copela; ou se pode servir de outro methodo, que hé excorificar o cobre por mejo das pÿrites, ou das escorias sulfureas, e assim se tira o Ouro tãobem das minas de ferro de Catherineobourg de Siberia calcinando, ou excorificando o ferro com as pÿrites.

Das pÿrites auriferas se extrahe o ouro fundido as mesmas com fluxos salinos, ou lapideas. Segundo a natureza dellas, e a matallina pois ustullada e misturada com chumbo se copela.

Sobre esta materia se pode ver Schulter, Lehmann, Henckel, Lewy, Wallerius e muitos outros celebres chimicos, os quaes por extenço tratão dos varios methodos de extrahir o Ouro das sobreditas minas, segundo a natureza dellas.

Isto hé quanto eu prezentemente posso dizer sobre as minas de Ouro em geral, e do Brazil em particular, as quaes poderão promover-se, tirando-se major proveito dellas, se os mineiros quizerem seguir as instruçoens, e exemplo do Doutor Joaquim Vellózo, e tãobem extrahirem o Ouro das minas de ferro, e das pÿrites [19] que nas montanhas vizinhas há em abundancia; o qual trabalho me parece ser menos dispendiozo, que a lavagem das terras, ou areas, e mais segura e constante á mina.

---

(19) Pÿrites cristallinus octaëdrus. Pÿrites ferreus. Ferrum granosum. Commune ochra ferri aurifera.

MEMORIA

Sobre os Diamantes do Brazil

POR

Domingos Vandelli

Tendo já aprezentado a esta illustre Academia hua memoria sobre as minas de Ouro do Brazil, nesta tratarei de outras minas não menos interessantes, que as primeiras, quero dizer as minas dos Diamantes.

Não me demorarei em referir tudo, o que differentes Authores mineralogicos, chimicos, e Viajadores, tem Escripto sobre os mesmos, bastando somente indicar os seus nomes, como são Anselmo Boecio a Boot (1), Laet (2), Agricola, (3) Boyle (4), Stenons (5), Gassendi (6), Federico Hoffmann (7), Lésser (8), Beaumer (9), Wallerio (10), Linneo, Argenville, Thomé de L'Isle (11), Kundman (12), Davila (13), Arcet (14), Macquer (15), alem de Plinio (16), e entre os Viajadores Tavernier (17), e os Ourives encravadores de pedras Roberto de Berquen (18), Pedro de Rornel (19), David Jeffriés (20), e o que está recopilado no Diccio-

(1) Le parfait yod. allier etc. de gem. et. Lap. trad. Lion 1644.
(2) Degem et. Lap. p. 5.
(3) De natur foss. L. 6. p. 620.
(4) De gemmis p II. pag. 13. et. 31.
(5) De solido intra solidum.
(6) Invita Peiresii--Lib. 4. pag. 346.
(7) Opusc. Phys. chim T. I. p. 162.
(8) In litho: theolog. pag. 327.
(9) Historia naturalis lapidum pretiosorum omnium etc. Francfourt. 1771.
(10) Systema mineralog. T. 1. p. 242.
(11) Essai de cristalo-graphie. Paris 1772. p. 199. Seg.
(12) In rar. nat. et. Ar. p. 190.
(13) Cat. tom. 2. p. 278 nº 724.
(14) Mémoire sur le Diamant. et quelques autres pierres precieuses traitées au feu. Par 1771.
(15) Diccionar de Chimie Diamant.
(16) Histor. mund —L. 37 C. 4
(17) Les Sex. voyages partie 2. liv. 2 1516.
(18) Les merveilles des Indes etc.—Par 1661.
(19) Le mercure indiem, & Paris 1667
(20) Traité des Diamants et. des Perles à Paris: 1753.

nario Encyclopedico no artigo—Diamant. Más somente indicarei na prezente Memoria, o que tenho observado nos Diamantes do Brazil, a Saber.

1.°—A sua figura.

2.°—A differença entre elles, e os Diamantes da India.

3.°—O lugar donde se tirão os Diamantes, e o Cascalho em que estão misturados.

4.°—Que os Diamantes do Brazil se achão naturalmente encravados em hua Especie de mina de ferro.

5.°—Que os dittos Diamantes se devem procurar nos montes superiores aos rios, donde existem nas minas de ferro, ou vejas ochraceas.

§ I

Da figura dos Diamantes do Brazil

Entre muitos Diamantes do Brazil, que tenho tido occazião de examinar não somente no Real Erario, mas tãobem em caza do Consúl Hollandez Ghildemester, a figura mais constante delles hé de duas pyramidas de quatro faces cada hua unidas pela sua baze, o que já tinha observado o Celebre Linneo nos mesmos Diamantes do Brazil na casa de Cliffort, de cuja figura hé o alumen; porem as vezes succede encontrar-se alguns, que na união das duas pyramidas formão quatro faces rectangulares, de modo que a figura d'estes cristaes, computando os quatro pequenos rectangulos vem a formar hum cristal de decaédro. Alem destes cristaes regulares se encontra algum, que por ter tido esfregamento com outros Diamantes transportados nos Rios, perderão totalmente os angulos, de modo que parecem de figura oval, ou quazi esférica, e o Ex.mo Senhor Marquez de Angeja possue hum delles perfeitamente esferico.

Achão-se tãobem Diamantes de hua só pyramida, ou de hum lado triangular della, de differente grossura, assim divididos por alguã cauza, que separou as laminas, de que constão os Diamantes: sendo bem conhecido, e podendo cada hum verificar isso — que o Diamante está formado de laminas subtilissimas, e que do conhecimento da direcção dellas depende a arte facil de os dividir.

Nunca tenho observado Diamantes cubicos, nem exaedros em alguns milhares delles, que deligentemente examinei. Da mesma cristalização octaëdra no anno passado observei hum pequeno Diamante de cor verde no interior da pyramida exaedra de hum cristal de rocca, que do Serrofrio remeteo para este Real Erario o Administrador do contrato Caetano Jozé de Souza no anno de 1773.

Os Indios costumão lapidar contra outras pedras rijas os cristaes de rocca, e dar-lhe a figura octaedra, e assim emitar pela configuração os verdadeiros Diamantes, que misturados com estes a primeira vista podem enganar.

§ II

Differença entre os Diamantes do Brazil, e os da India.

Eu até agora não pude esperimentar no fogo os Diamantes do Brazil para verificar se estes são combustiveis como os da India segundo as observaçoens de Macquer, e Lavoisier, como era o meu dezejo; mas parecendo a esta illustre Academia uteis estas esperiencias, na minha vinda a esta Corte, poderei executa-las na sua prezença.

O Celebre Arcet. achou hum Diamante do Brazil, que se fundio; mas isto terá succedido por ser elle muito corado, e por consequencia conter muitas partes metallicas, e não por ser da natureza do Basaltes, como são outras pedras preciozas do Brazil, v. g. os Topazios, Chrÿsolitas, e Esmeraldas.

Não ignoro, que os Lapidarios geralmente considerão estes Diamantes mais tenros, que os da India; porem esta differença hé muito pequena, e principalmente se acha nos Diamantes de maÿor cor.

A gravidade especifica do Diamante do Brazil ao da India hé como 3513 á 3517.

A electricidade dá hum mejo para distinguir-se o Diamante do Brazil do da Azia, e consiste em chegar o Diamante ao condutor da maquina Electrica; então o Diamante do Brazil dá signaes electricos, attrahindo hum corpo suspendido a hum fio; pelo contrario o Diamante da Asia não dá signal algum de Electricidade.

A côr mais geral, que tem os Diamantes do Brazil hé hum verde amarelado produzido provavelmente pelo ferro em cuja mina elles se achão.

Estas pequenas differenças porem não são sufficientes para julgar os Diamantes do Brazil hua especie diversa dos da India, e principalmente por se achar as vezes alguns tão claros, ou sem cores e rijos como os da Asia.

§ III

Lugar donde se tirão os Diamantes e o Cascalho ao qual estão misturados.

Os Diamantes no Brazil se tirão nos Alveos de alguns rios como *Milho verde* no Lugar chamado *Caÿ de Merin* pouco longe da Villa Nova do Principe na Provincia de Serro-frio onde se achão tambem Topazios, Jacÿntos, e Crÿsolitas.

Para procurar e tirar os Diamantes destes Alveos, mudão com despezas immensas a corrente aos mesmos Rios, e escavão muitas vezes em varias partes os ditos Alveos principalmente donde se acha Cascalho, o qual não hé outra coiza mais, que huns pequenos calhãos ovaes redondos, rhomboidaes, ou de outra figura irregular com a superficie liza; e estes são fragmentos de mina de ferro assim levigados pelo movimento das Agoas: Alguns são hũa variedade

do *ferrum hæmatites. B nigrum botrytes* outros são de ferro vulgar com cavidades, que conthem ochra, outros são de ferro granulozo, outros emfim são de hũa mina de ferro Argilloza; todos porem com superficie levigada de cor preta, ou de amarelo muito escuro. Pegado pois á superficie do alguns delles, pelo gluten vitriolico, ou ocraceo, estão arêas ou fragmentos de quartzo *Eyalino*, ou Lacteo com alguns pequenos Diamantes, como se pode ver nas amostras annexas.

§ IV

Que os Diamantes do Brazil se achão naturalmente encravados em hua mina de ferro.

Algumas vezes entre os mesmos cascalhos se encontrão fragmentos de mina de ferro granulozo, ou de ferro vulgar em parte decomposto, e conglutinando varios fragmentos de quartzo ou area grossa, e nesta mina se achão Diamantes encravados; como se pode ver em tres pedaços existentes no museo do Exmo. Senhor Marquez de Angeja; os quaes pedaços estão unidos com betume.

O sobredito Gheldemester teve varios pedaços da mesma mina, que deo para alguns museos de Hollanda.

Neste Real Erario juntamente com o indicado crystal no anno passado estavão dois pedaços da mesma mina, ou matriz dos Diamantes, e outro no seu muzeo tinha o Exmo. Nuncio.

A matriz dos Diamantes descripta por Argenville não differe desta.

Os Diamantes da Azia, exceptuando os de Bengala, e de Borneo, que se achão transportados nos rios, são extrahidos das minas ou das entranhas dos montes, como são as minas de Viscapour, de golconda, e outras da costa de Coromandel.

A matriz das ditas minas hé huma terra ocracea amarela com alguns pequenos calhaos de ferro, ou avermelhada, e as vezes conglutinada com ferro.

§ V.

Que os Diamantes se devem procurar nos Montes superiores.

Dos pedaços de mina ou conglutinação de ferro, na qual estão encravados os Diamantes, e do Exemplo das mais ricas minas de Asia, se pode deduzir, que táobem os Diamantes do Brazil existem naturalmente nos montes superiores aos rios, e dispostos em hũa especie de mina de ferro, e que os que se achão espalhados juntamente com o cascalho ou pedaços de mina de ferro, e os fragmentos de conglutinação de ferro com Diamantes forão ali transportados das agoas dos montes superiores: e que o modo melhor, mais seguro e menos dispendiozo seria com a verruma da terra antes investigar em todos os montes superiores aos rios, que trazem Diamantes donde se encontrão terras ocraceas, ou minas de ferro; e achandose abrir as minas d'elles, como costumão na Azia.

RELATORIO

BIBLIOTHECA NACIONAL, 15 de fevereiro de 1898.

Cidadão Ministro,

Apresento-vos o relatorio do movimento occorrido nesta repartição durante o anno proximo findo de 1897, como me recommendastes pelo Aviso circular n. 722, de 17 de novembro do mesmo anno, e me impõe o respectivo regulamento.

Referindo-me em primeiro logar ao pessoal que commigo trabalha, devo dizer-vos que se viu elle constantemente desfalcado por vagas que o orçamento, então vigente, impedia de preencher-se, além das causas occasionaes de faltas por motivo de molestias e das licenças que d'ahi decorreram: só por um grande esforço de trabalho se poude dar conta da tarefa annual, que, apesar de todos os embaraços, excedeu de muito, como vereis, á dos exercicios anteriores. Assim é que, preenchida a vaga que havia, de auxiliar com a nomeação feita em dezembro na pessoa do sr. José Pacheco Dantas, resta ainda por preencher a de amanuense, cujo numero actualmente existente é insufficiente para o maneio da repartição.

O serviço da

Secretaria

não poude ser feito com a devida regularidade; nada entretanto soffreu de essencial no seu funccionamento. Deu-se nella o movimento seguinte quanto ao seu

EXPEDIENTE

Avisos recebidos	36
Officios recebidos	80
Officios expedidos	146
Cartas officiaes recebidas	135
Cartas officiaes expedidas	96
Portarias sobre o serviço interno	12
	505

Como de costume, as cartas acima mencionadas se referiram a interesse e dever da repartição.

Permutações

Este serviço, que obedece a uma ordem de idéas do mais remontado alcance, ficou prejudicado este passado anno.

A remessa que tinhamos de fazer, relativa ao anno, não poude ser effectuada; ficou porém prompta para ser expedida nos primeiros dias do anno proximo futuro, por intermedio da *Smithsonian Institution* em parte e em parte directamente.

O numero de associações e instituições estrangeiras, com as quaes trocamos publicações, era no anno de 1894 de 43; em 1895 subiu a 45, no de 1896 a 51, e presentemente se eleva a 58; a saber:

1.— Smithsonian Institution.— *Washington.*
2.— Bibliotheca de Washington.
3.— Geological Survey de Washington.
4.— American Museum of Natural History.— *New-York.*
5.— Bibliotheca Publica de New-York.
6.— State Library of Pensylvania.
7.— British Museum.— *Londres.*
8.— Biblioteca de Lima.— *Perú.*
9.— Biblioteca Nacional de Bogotá.— *Colombia.*
10.— Biblioteca de Cartagena. Departamento de Bolivar.— *Colombia.*

11.— Ministerio del Interior de Venezuela.— *Caracas.*
12.— Bibliotheca da Faculdade de Direito e Notariado del Centro.— *Guatemala.*
13.— Biblioteca de Honduras.
14.— Biblioteca de Tegucigalpa.— *Honduras.*
15.— Bibliotheca Nacional do Estado de Nicaragua.— *Republica Mayor de Centro America.*
16.— Biblioteca de San Salvador.
17.— Biblioteca Nacional de Mexico.
18.— Seccion de Estadistica del Ministerio del Ramo. Republica del Ecuador.— *Quito.*
19.— Archivo y Biblioteca del Poder Legislativo de la Republica del Ecuador.— *Quito.*
20.— Bibliothèque de la Legislature de Quebec.— *Canadá.*
21.— Public Library of Victoria.— *Melbourne.*
22.— Exchange Board, Public Library de Nova Galles do Sul. — *Sydney.*
23.— Director da Bibliotheca Publica de Sydney.
24.— Director da Bibliotheca Parlamentar.— *Sydney.*
25.— The Board of Trustees of Queensland Museum.—*Brisbane.* — *Australia.*
26.— Sociedade de Geographia de Bucharest.
27.— Director da Bibliotheca Khedival.— *Cairo.*
28.— Taung-Wen Khuan.— *Pekin.*
29.— Vice-Ministro da Instrucção Publica.— *Tokyo.*
30.— Bibliothèque Imperiale Publique.—*S. Petersburgo (Perdeu-se num naufragio a remessa anterior e pediu nova).*
31.— Director General de la Instruccion Publica. Ministerio del Fomento.— *Madrid.*
32.— Chanceller do Ministerio.— *Christiania.*
33.— Bibliothèque de l'Université Royale de Norwège.— *Christiania.*
34.— Commission Belge de Permutations Internationales — *Bruxellas.*
35.— Encarregado dos Negocios do Haway.— *Paris.*

36.— Königliche Bibliotek.— *Berlin.*
37.— Ministerio do Interior.— *Haya.*
38.— Ministerio Federal do Interior.— *Berna.*
39.— Repartição Central da Estatistica da Suecia.— *Stockolmo.*
40.— Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti.— *Veneza.*
41.— Reale Bibliotheca Nazionale Centrale.— *Florença.*
42.— Reale Accademia della Crusca.— *Florença.*
43.— Reale Accademia delle Scienze.— *Florença.*
44.— Regia Accademia delle Scienze di Torino.
45.— Presidente da Commissão Real Italiana das Permutações Internacionaes.— *Roma.*
46.— Reale Accademia dei Lincei.— *Roma.*

Estas recebem as nossas publicações por intermedio da *Smithsonian Institution.*

O que se destinava porém ás duas bibliothecas de Colombia, ns. 9 e 10 d'esta relação, vai ser-lhes remettido por intermedio do consul do Brasil em New York e por este funccionario entregue ao consul d'aquella Republica na mesma cidade, pois os destinatarios se queixaram ao sr. dr. J. A. Ferreira da Costa, então ministro do Brasil alli, que nunca receberam o que lhes mandámos, recebendo entretanto o nosso aviso de remessa.

As seguintes são feitas directamente:

47.— Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos Publicos.— *Lisboa.*

A Inspecção se encarrega de distribuir o que enviamos á Sociedade de Geographia de Lisboa, á Bibliotheca da Universidade de Coimbra e á Academia Real das Sciencias.

48.— Biblioteca Nacional de la Republica Argentina.— *Buenos Aires.*
49.— Biblioteca Municipal de La Plata.— *Republica Argentina.*
50.— Directoria General de Correos y Telégrafos de La Republica Argentina.— *Buenos Aires.*

51.— Oficina de Depósito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones.— *Montevidéo.*
52.— Museo y Biblioteca Pedagogicos de la Republica Oriental del Uruguay.— *Montevidéo.*
53.— Biblioteca Nacional de Santiago.— *Chile.*
54.— Biblioteca del Instituto Nacional de Chile. — *Santiago.*
55.— Universidad de la Republica del Paraguay. — *Asuncion.*
56.— Oficina General de Informaciones y Canjes. — *Asuncion.*
57.— Instituto Historico del Paraguai i Regional de Americanistas.— *Asuncion.*
58.— Biblioteca de La Paz.— *Bolivia.*

Da remessa d'estas quatro ultimas, os. 55 58, o sr. commendador J. Arsenio Cintra da Silva, digno consul do Paraguay nesta capital, patrioticamente se encarregou.

Do que se destina ao Chile se encarregou o sr. barão da Estrella, consul geral.

Eis a relação do que a Bibliotheca Nacional preparou para ser enviado ás associações supramencionadas, além dos seus proprios *Annaes* em continuação.

1.— Orçamento da receita e despeza da Republica para 1897.
2.— Idem, idem, idem para 1898.
3.— Balanço provisorio da receita e despeza da Republica no exercicio de 1896.
4.— Synopse da receita e despeza da Republica no exercicio de 1896.
5.— Plantas novas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro. Descriptas, classificadas e desenhadas por J. Barbosa Rodrigues. Vol. IV.
6.— Idem. Vol. V.
7.— Vocabulario indigena. Com a orthographia correcta. Complemento da *Poranduba Amazonense.* 1893. Por J. Barbosa Rodrigues.
8.— Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria. 1896. Pelo dr. Bulhões Carvalho.

9.— Diccionario Bibliographico Brazileiro pelo dr. A. V. A. Sacramento Blake, 1.º vol. 1898.

10.— Relatorio apresentado ao Presidente da Republica em 1897 pelo Ministro da Fazenda dr. Bernardino de Campos.

11.— Annexos ao Relatorio supra.

12.— Relatorio apresentado ao Presidente da Republica pelo dr. Amaro Cavalcanti, Ministro do Interior, em março de 1897.

13.— Relatorio do Tribunal de Contas. Exercicio de 1897.

14.— Extracto do Relatorio do Ministro da Fazenda de 1897.

15.— Relatorio da Exposição de trabalhos juridicos realizada a 7 de setembro de 1894 pelo «Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros». Apresentado pelo dr. Deodato Cesinio Vilella dos Santos.

16.— Relatorio apresentado ao Presidente da Republica pelo Marechal Bernardo Vasques, Ministro da Guerra, em maio de 1896.

17.— Revista de Engenharia e Industria, III, série n. 1.—1897.

18.— Regulamento para a cobrança do imposto do consumo de fumo, approvado pelo Decreto n. 2.420 de 31 de dezembro de 1896.

19.— Regulamento para a cobrança do imposto do consumo de bebidas fabricadas no paiz, approvado pelo Decreto n. 2.421 de 31 de dezembro de 1896.

20.— Estatutos do Club de Engenharia, approvados em 6 de março de 1897.

21.— Mensagens ao Congresso Nacional sobre os serviços da Assistencia Medico-Legal dos Alienados em 1898.

22.— Instrucções para a arrecadação das Rendas Federaes pelas collectorias do Estado do Rio de Janeiro. 1897.

23.— Catalogo da Bibliotheca da Escola Normal do Districto Federal. 1896.

24.— Exposição da Proposta da Receita e Despeza do exercicio de 1898 apresentado ao Presidente da Republica pelo Ministro da Fazenda no anno de 1897.

25.— Lei n. 425 de 10 de Dezembro de 1896. Orça a Receita Geral da Republica para o exercicio de 1897 e dá outras providencias. — Lei n. 429 da data supra. Receita para o exercicio de 1897.

26.— Relatorio do Banco da Republica do Brazil annexo ao apresentado pelo Ministro da Fazenda em 1894.

27.— Circular n. 1. Thezouro Federal. Directoria das Rendas Publicas. 27 de Janeiro de 1897.

28.— Ruy Barbosa. Cartas de Inglaterra.

29.— Ruy Barbosa. — Amnistia inversa. Caso de teratologia juridica. Segunda edição. *Rio de Janeiro*, 1896.

30.— Ruy Barbosa. — O partido republicano conservador. Documentos de uma tentativa baldada. 1897.

31.— Ruy Barbosa. Finanças e Politica da Republica. Discursos e escriptos. 1892.

32.— J. Barbosa Rodrigues. — Hortus Fluminensis. Breve noticia sobre plantas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro. 1893.

33.— Relatorio apresentado ao dr. Joaquim Mauricio de Abreu, Presidente do Estado do Rio de Janeiro, pelo secretario Augusto de Abreu Lacerda. 1895.

34.— Directoria Geral da Estatistica. Registro Civil de 1894.

35.— Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas. Maio de 1897.

36.— Archivo do Districto Federal de agosto de 1896 a novembro de 1897.

37.— Resumo historico da Bibliotheca Nacional (1810–1896).

38.— Relatorio do movimento da Bibliotheca Nacional durante o anno de 1896.

39.— Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol XVIII (1896).

Durante o anno de 1897 recebeu a Bibliotheca para si mesma, por permutação, por intermedio da *Smithsonian Institution* ou directamente pelo correio, 39 volumes encadernados,

64 em brochura e 192 folhetos, ao todo 345 volumes de obras diversas, provindas das fontes seguintes:

Smithsonian Institution.

Biblioteca Nacional de San Salvador.

Oficina de Canje Internacional de Montevidéo.

Bibliotheca Nacional de Florença.

Reale Accademia dei Lincei de Roma.

Sociedade de Geographia de Lisboa.

Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Biblioteca Nacional de Santiago.

Oficina de Circulacion y Canjes de Publicaciones Internacionales de la Republica de San Salvador.

Bibliotheca Nacional de Sydney.

British Museum de Londres.

Universitäts-Bibliotheck in Wien.

Académie Royale des Sciences et des Lettres de Danemark, de Copenhague.

K. Statistika Central Byran. — Suecia.

Biblioteca Nacional de Mexico.

California State Mining Bureau.

Museo y Biblioteca Pedagogicos del Uruguay.

Bibliotheca da Faculdade de Direito de Guatemala.

Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Direccion General de Correos y Telegraphos de la Republica Argentina.

Direccion General de Estadistica de la Republica Argentina.

Direzione Generale della Statistica, de Roma.

Royal Society of Victoria, de Melbourne.

The American Geographical Society, de Nova-York.

University of Nebraska, de Lincoln.

Bibliotheca R. de Stockolmo.

Oficina General de Informaciones y Canjes, do Paraguay.

Bibliotheca de Quebec.

New Hampshire State Library, de Concordia.

Biblioteca Nacional de Bogotá.

Reale Accademia Vergiliana di Mantova.

Real Academia de Ciencias Médicas, Fisicas y Naturales de la Habana.

Lenox Library, de New York.

Department of Education de Tokyo (Japão).

Museo Nacional de Buenos Ayres.

Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos de Portugal em Lisboa.

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa recebeu a Bibliotheca 21 volumes das suas *Memorias* e mais 24 obras varias, de real merecimento, e da Inspecção Geral 160 volumes de obras diversas, todas interessantes, que não possuiamos.

Temos assim que, por permutações internacionaes, tivemos um augmento de 345 volumes pela *Smithsonian*, e 222 vindos de Portugal, o que perfaz um total de 567 volumes, a que se accrescentarão os vindos pelo correio, a saber:

Remettidos pelo correio, 17 volumes encadernados, 90 brochados e 40 folhetos, ao todo 147 volumes, que sommados aos já mencionados 567 volumes, elevam o total recebido a titulo de permuta a 714 volumes.

Da *Smithsonian Institution* nos foram remettidos durante o anno, além do que nos era privativamente destinado e já acima se especificou, obras e opusculos empacotados para as instituições e pessoas em seguida declaradas:

Em S. Paulo:

Albert Löfgren, Commissão Geographica e Geologica;

Dr. Franz Benecke, Instituto Agronomico de Campinas;

Estação Agronomica de Campinas;

Museu Paulista;

Commissão Geographica e Geologica;

Dr. Orville A. Derby;

Sociedade de Medicina e Cirurgia;

Hülfsgesellschaft der Schweizer (Consul da Suissa);

Camara Municipal;
Morton College;
Dr. A. C. de Miranda Azevedo;
Fernando Albuquerque;
Dr. Le Roy King;
A. de Toledo Piza;
Dr. Eugen. Hussacke. *Commissão Geologica de Campinas.*
Schweizer Verein. — *Rio Claro.*
Dr. F. H. Dafert. — *Campinas.*
U. S. Consul. — *Santos.*
U. S. Vice-consul. — *Santos.*
Dr. J. Ferraz. — *Itú.*
Escola Agronomica de Piracicaba.

E para residentes em outros Estados, tivemos de remetter ás seguintes, enviadas pelo Ministerio da Instrucção Publica de França:

Rio de Janeiro:

Sociedade de Geographia;
(*) Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro.
(*) Sociedade de L'Etoile du Sud;
Academia Nacional de Medicina;
Jardim Botanico;
Instituto Historico e Geographico;
(*) Commissão Geologica;
Repartição Central Meteorologica;
Repartição Brasileira de Permutações Internacionaes (*Bibliotheca Nacional*);
Observatorio Astronomico e Meteorologico;
Revista do Observatorio;
Dr. Pires Farinha;
Dr. Bulhões Carvalho, do Instituto Sanitario Federal;
Pavilla Nunes;

(*) As remettidas com este signal são dirigidas a destinatarios que não existem mais ou nos são desconhecidos por defeito e insufficiencia dos endereços.

Dr. Sousa Lima ;
Museu de Historia Natural — (*Museu Nacional*) ;
Chermont (J. L.) ;
Cruls (L.) ;
A. Alvim ;
Moncorvo (C. A.) ;
Motta (J. B.) ;
Otero (E.) ;
Pinto C. S. (*Dr. Carlos Pinto Seidl*) ;
Visconde de Saboia ;
Consulado dos Estados Unidos ;
Couto & C. (L.) ;
Legação dos Estados-Unidos ;
(*) Dos Santos (J. A.) ;
(*) Albuquerque (F.) ;
(*) Netto L. (*Ladislau*) ;
(*) Pinheiro (A. P.) ;
(*) Angliker (H.) ;
(*) Borges (M.) ;
Braune (D. H.) ;
Costa (C.) ;
Glaziou (A.) ;
(*) Portugal (A.) ;
(*) Silva (Professor).

Outros Estados :

Castro (F. L.) *Bahia* ;
Chenaud (C.) *Idem* ;
Dorval (C.) *Idem* ;
Moreira (J.) *Idem* ;
Oliveira (S.) *Idem* ;
Rodrigues (N.) *Idem* ;
Dr. Ramos (*J. Gonçalves*) — Sanatorio de Barbacena. — *Minas-Geraes* ;
Escola de Minas de Ouro-Preto ;

Commissão Geologica de Ouro-Preto ;
Muller (F.) — Blumenau. — *Santa Catharina* ;
Cramer Fry & C. — *Pernambuco* ;
Revista do Instituto do Ceará ;
Museo de Historia Natural do Pará.

Esta longa relação tem por fim fazer resaltar mais uma vez a necessidade indeclinavel de se reorganizar a sub-secção das Permutas Internacionaes, cuja importancia não é preciso demonstrar e que não póde continuar, no pé em que se acha, a preencher os fins da sua instituição como fôra para desejar; serviço que se desenvolve de anno para anno e que não é possivel ser desempenhado cabalmente pelos meios existentes, sobretudo tratando-se de relação nossa com associações estrangeiras, caso em que toda circumspecção não é por demais.

D'estas remessas a quasi totalidade foi por nós encaminhada aos seus destinos, encarregando-se generosamente o sr. dr. Orville A. Derby, digno director da Commissão Geologica de S. Paulo, da sua distribuição individual naquelle estado, e aqui ficaram em deposito na Bibliotheca as dirigidas a individuos fallecidos ou desconhecidos, como já ficou indicado. Em tempo communiquei á *Smithsonian Institution* os nomes dos mortos e dos desconhecidos por falta de clareza nos endereços, afim de vermos sanada a anomalia.

1.ª Secção (Impressos)

Consulta publica. — A sala de leitura na Bibliotheca teve durante o anno de 1897 o seguinte movimento:

No 1.º trimestre	3.362	leitores consultaram	......	4.263	obras
No 2.º »	4.008	» »	......	5.102	»
No 3.º »	4.691	» »	......	6.261	»
No 4.º »	4.208	» »	......	6.097	»
Total...	16.269	leitores	......	21.723	obras

LEITURA A DOMICILIO

No 1.º	trimestre	159	leitores	consultaram	202	obras
No 2.º	»	181	»	»	220	»
No 3.º	»	140	»	»	169	»
No 4.º	»	128	»	»	161	»
	Total	608	»	»	752	»

Como se vê, o numero absoluto de consultantes que se utilizaram dos nossos archivos ascendeu a 16.877 e o de obras utilizadas subiu ao de 22.475.

Comparado este resultado com o do anno anterior (1896), que accusou 16.052 leitores e 20.055 obras consultadas, verifica-se que houve um accrescimo de 825 leitores e de 2.420 obras. Maior differença para o augmento gradativo do numero de leitores e de obras pedidas se observará, si compararmos a frequencia do anno anterior (1895) com a do de 1897, pois naquelle o numero de leitores foi de 14.531 e o de obras de 17.845; dando-se portanto a differença para mais: de 2.346 leitores e de 4.630 obras.

Convem ponderar que o anno que acaba de passar foi um dos mais perturbados e trabalhosos, que ultimamente se tem observado, como tive a honra de vos informar ao começar o presente historico do movimento d'esta Repartição.

Antes de dar por exgottado o assumpto cumpre-me especificar as linguas em que eram escriptas as 22.475 obras consultadas e as materias sobre que versavam, pelo interesse que nisto encontra a estatistica:

Em	portuguez	foram	consultadas	13.598	obras
»	francez	»	»	7.608	»
»	inglez	»	»	420	»
»	italiano	»	»	238	»
»	hespanhol	»	»	218	»

Em	latim	foram	consultadas	151	obras
»	allemão	»	»	133	»
»	tupy-guarani	»	»	30	»
»	grego	»	»	15	»
»	hollandez	»	»	2	»
»	arabe	»	»	2	»
		Confere	o total	22.475	obras

E versavam sobre:

Bellas-lettras	5.713
Historia e Geographia	2.115
Sciencias mathematicas	3.177
» naturaes	1.686
» medicas	666
» juridicas	1.169
» sociaes	483
Theologia	131
Philosophia	114
Artes	295
Relatorios	133
Almanaks	99
Jornaes e revistas	6.608
Encyclopedias	738
Bibliographia	58
Confere	22.475

Por estes dados se evidencia que ainda são as bellas lettras o assumpto predilecto dos nossos leitores; entretanto, mesmo neste particular, observámos que já não são simples romances de passatempo os mais vezes pedidos, mas grammaticas e obras elementares e de mais elevada esphera e de alta litteratura.

Acquisições. — Teve a Bibliotheca durante o anno de que vos dou conta o augmento de 2.555 volumes e 2.353 folhetos.

de obras diversas, dando um total de 4.908 volumes, de maior ou menor tomo, provenientes das origens seguintes:

Compra	1.292	volumes	e	923	folhetos
Doação	534	»	»	1.108	»
Permuta	522	»	»	198	»
Effeito legal	207	»	»	124	»
Total	2.555	»	»	2.353	»

Sommados os totaes, temos que se realisou durante o anno a acquisição de mais 4.908 entre folhetos e volumes, a que devemos addicionar 63 collecções de jornaes e revistas, que só agora se mettem em linha de conta, porque, só agora encadernados, passaram a constituir volumes. Houve pois neste exercicio um augmento de 4.971 volumes.

O *fundo* da Bibliotheca eleva-se assim, de 236.418 volumes contados em junho, a 238.795 actualmente. Entretanto, no relatorio de 1885 accusei a existencia apenas de 230.877 volumes.

Quanto a mappas impressos, adquiriram-se, por compra, sómente as duas mais antigas « Cartas Geraes da America » por J. G. Kahl, *Weimar, 1860*. Com essa acquisição ficou o numero dos que possuimos elevado a 2.431.

D'entre as acquisições feitas cumpre-me especificar as seguintes pela sua importancia propria, versando todas as que por qualquer titulo adquirimos sobre variados assumptos de bellas lettras (nacionaes e extrangeiras), historia, viagens, legislação, sciencias sociaes e juridicas, medicina, mathematicas e philosophia; além de relatorios e de catalogos provindos principalmente de França, Italia e Allemanha:

Compra: « La Galeria Internacional » por Casimiro Estevan Kolstoi, em 4 vols.;

« Encyclopédie Internationale de Chirurgie » por J. Ashurst, em 7 vols.;

« Sermões varios do P. Antonio Vieira, edições de 1748 e 1754 e duas edições modernas das « Cartas » do mesmo A.;

« Diccionario de la lengua maya » por D. Juan Pio Peres, *Merida de Yucatan. 1866-1877;*

« L'Art National. Étude sur l'histoire de l'Art en France. Par Henri Cleuziou. » 2 bellos vols. ornados de numerosas gravuras avulsas e no texto. Encadernação primorosa.

Das compras feitas a Angelo Bertola e a Juan Cañero, de obras no mais perfeito estado de conservação possivel, apesar do grande lapso de tempo decorrido depois da respectiva impressão, apenas farei menção das seguintes pelo seu enorme valor bibliographico como incunabulos ou edições raras que são:

C. Plynius Secundus. — De naturali historia diligentissimè castigata. *Venetiis, Bartolomeu de Zanis de portesio*, 1496;

S. Bernardus. — Opera omnia. *s. l. nem data*. O exemplar trás escripto á mão a data *1484*, numero de ordem seguramente, pois a 1.ª edição das obras de S. Bernardo mencionada por Brunet é de 1667. Em todo caso é uma edição rara, que não vemos mencionada. O exemplar pertenceu á « Libreria del Collegio Apostolico de la Santa Cruz de Queretaro, 1703 », e conserva o *ex-libris* de « D. Ignazio Manuel Altamirano », do Mexico;

Lucanus. — Pharsalia. *Brixiae, Jacobus Britannicus, 1486*. Encadernado em pergaminho;

Cl. Tolomeo. — Geografia; trad. dal latino dal R. D. Leonardo Cernoti. *Venetia, 1598*. Encad. em pergaminho;

Mamotrectum in varia lectio. *Mediolani, Leonardus Pachel, 1481;*

Diodorus Siculus. — Historiarum priscarum a Poggio in latinum traducti liber... (*Veneza?*), 1481. — Encadernado em pergaminho;

M. T. Cicero. — De Officiis, Paradoxa, de Amicitia, de Senectute. *Venetiis, per Phillippum Pinsium*, 1495. — Notas marginaes mss.;

Lactantius Firmianus. — De divinis institutionibus. *Venetiis, 1497;*

Banchero (Giuseppe). — La Tavola di bronzo. Il Pallio di seta ed il Codice Colombo-Americano, nuovamente illustrati. *Genova, Fratelli Ferrando, 1857* ;

Court de Gebelin. — Monde primitif analysé et comparé avec le monde moderne... *Paris, chez l'Auteur, 1775 — 1778.* Em 4 vols.

Lemery. — Dictionnaire universel des drogues simples. 3ième édition avec des figures en taille douce. *Paris, Veuve d'Houry, 1778*;

Perrucci (Francesco). — Pompe funebri di tutti le nationi del mondo. *Verona, Francesco Rossi, 1639.* Com estampas ;

Ortelio (Abramo). — Theatro del mondo. *Venetia, Scipion Branca,* 1667 ;

Rosaccio (Giuseppe). — Mondo elementare et celeste. *Trevigi, Euangelista Deuchino,* 1604 ;

Vinci (Lionardo da). — Trattato della pittura, tratto da un codice della Biblioteca Vaticana. *Roma, De Romanis,* 1817. Em 2 vols;

Zanotti (Eustachio). — Trattato teorico-pratico di Prospettiva. *Bologna, Lelio dalla Volpe,* 1766 ;

Savanarola. — Prediche del reverendo padre Hieronymo da Ferrara. *S. l., 1496* ;

Ricardo Palma. — Tradiciones peruanas. *Barcelona, 1893–1894.* Em 3 vols. ;

José Caroleu. — Historia de América. *Ibi, 1894.* Em 3 vols ;

D. Patricio Montojo. — Las primeras tierras descubiertas por Colón. *Madrid, 1893* ;

Autographos de C. Colón, publicados por la Duqueza de Berwich y de Alba. *Ibi, 1892* ;

Bibliografia Colombiana. *Ibi, 1892.*

As obras acima especificadas e as restantes d'estas duas acquisições, que não puderam ainda classificar-se, estão em admiravel estado de conservação, como já ficou notado.

Doação : Cumpre tambem mencionar o exemplar que recebemos do interessante *fac-simile* do «Il manoscritto Messicano Vaticano.

3773», presente do duque de Loubat, por intermedio da « Colombia University Library. *New-York City.* ». Codice de 7.m35 de comprimento, desdobravel, e cujo original se conserva na Bibliotheca Apostolica de Roma desde 1596. Encadernação de madeira, estylo antigo.

E' ainda o magnifico exemplar que offerecestes do « Progetto del Codice Penale per il regno d'Italia da Zanardelli, *Roma, 1888.* » Com dedicatoria autographa do Auctor.

Do sñr. general d. Bartholomeu Mitre, a quem a Bibliotheca já devia a valiosa offerta da sua traducção castelhana das odes de Horacio, recebemos um bello exemplar da sua *Traduccion en verso ajustada al original* da « Divina Comedia » de Dante. *Buenos Aires, 1897.* Com os retratos do Auctor e do traductor conjugados.

Do sñr. Horacio Alexandrino da Costa Santos tambem acolheu a Bibliotheca a preciosa doação de obras diversas, d'entre as quaes se salienta a que se inscreve:

« Del unione del Regno di Portogallo alla Corona di Castiglia, Istoria del Sign. Jeronimo de Franchi Conestaggio. *In Genova, 1636* ».

De outros cavalheiros e associações tem egualmente recebido a Bibliotheca donativos singulares de grande merito, que fôra longo ennumerar, em cujo numero devo todavia especificar o illustrado sñr. Ramos Paz que, em digressão pela Europa, de lá lhe enviou um caixote com grande numero de publicações e algumas estampas referentes ao cantor dos *Lusiadas*; e o sñr. visconde de Sanches de Baêna, que nos tem mandado de Portugal tudo o que tem recentemente escripto, a saber: as suas eruditas e successivas memorias acêrca de *Gil Vicente*, de *Bernardim Ribeiro* e do *Descubridor do Brasil*.

Pela minha parte contribui com as duas obras seguintes, que me foram offerecidas pessoalmente, a primeira por D. Juan Canero e a segunda pelo dr. José Antonio Pimenta Bueno:

« Ensayo de una Tipografia Complutense por d. Juan Catalina Garcia... Obra premiada por la Biblioteca Nacional en

el concurso público de 1887... *Madrid, Imprenta y Fundición de Manuel Tello*, 1889.» — Bello exemplar *in-8.º* de XII-673 pp. num. a duas columnas e 3 ff. innum. no fim, folhas douradas, encadernação de couro da Russia, com as armas do duque de Ossuna, estampadas a ouro nas guardas;

«Bibliografia dei testi di lingua a stampa citati dagli Accademici della Crusca. Opera di Luigi Razzolini ed Alberto Bacchi Lega. *Bologna, presso Gaetano Romagnoli*, 1878» — *In-8.º* de X-462 pp. num. a duas columnas e 1 de *Errori*.

Classificação. — Convém discriminar sob este titulo o duplo trabalho effectuado durante o anno, isto é: a catalogação ordinaria e consuetudinaria da Repartição e a da «Collecção D. Thereza Christina Maria».

A primeira reduziu-se a 526 bilhetes systematicos e a 913 cartões para o catalogo alphabetico, que serve na sala publica de leitura.

A classificação da collecção imperial, a que se deu preferencia em virtude do vosso Aviso n.º 112 de 16 de fevereiro, no qual me ordenastes que a ella procedesse sem perda de tempo, o que só nos primeiros dias de março se começou a pôr em execução, tendo havido necessidade de dispôr desde o dia 22 de fevereiro o arranjamento dos livros nas respectivas estantes, de modo a desembaraçar o trabalho que se ia iniciar; essa classificação deu o seguinte resultado:

Prepararam-se 806 bilhetes para o catalogo methodico e 783 cartões para o alphabetico.

Sommados estes algarismos aos da catalogação commum, acima dados, verifica-se que se tiraram durante o anno 1.332 bilhetes e 1.696 cartões.

Confrontado com este o trabalho do anno anterior (1896), vê-se que neste de 1897 se dispuzeram mais 350 bilhetes e 269 cartões do que naquelle; e isto, convém ponderar, não obstante as multiplas e frequentes causas que perturbaram a marcha regular d'esse serviço durante todo o anno.

Conservação. — Fizeram se durante o anno tres remessas de obras e jornaes a encadernar no Instituto dos Surdos-Mudos: a 19 de março, de 259 obras em 306 volumes, dos quaes 160 de jornaes e revistas; a 2 de junho, de 198 obras em 214 volumes; e a 12 de julho, de 192 brochuras, das quaes 63 de revistas e jornaes. Está preparada nova remessa mais avultada, que ainda não foi expedida, por não ter ainda o Instituto aprompta do uma das remessas já feitas.

Por esta relação se vê que foram a encadernar durante o anno mais 712 volumes, comprehendidos 223 jornaes e revistas.

O numero de jornaes que a Bibliotheca possue tem crescido tanto que já não ha espaço para colloca-los convenientemente. Hesito em transportar para a casa de deposito os mais antigos para dar logar aos modernos, ou vice-versa, porque póde qualquer d'elles ser pedido na sala de leitura e seria difficil attender-se aos pedidos, por pouco portateis que são.

Para honrar a memoria dos que tiveram aos hombros a direcção d'esta casa e a ella serviram com patriotico zelo e dedicação, que podem servir de exemplo e modelo, inauguraram-se nella os retratos de dous bons funccionarios seus, ambos fallecidos, a saber: do dr. José Zepherino de Menezes Brum, primeiro chefe e organizador da secção de estampas, em cujo gabinete foi collocada, devidamente emmoldurada, uma Ethnographia que para esse fim offereci; e, a 23 de outubro, na secretaria, em seguida aos dos seus predecessores, o retrato a *crayon* do dr. Raul d'Avila Pompéia, que foi o 10.º que, na categoria de director, serviu com amor á Bibliotheca Nacional.

Entre os que visitaram esta Bibliotheca e no competente livro de visitantes deixaram as impressões, para nós muito

lisonjeiras, que a visita lhes despertára, particularizarei os nomes dos srs. d. Joaquim Walker Martinez, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Chile; d. José Paravicini, Ministro Plenipotenciario de Bolivia; d. Ricardo Jayme Freyre, secretario da mesma Legação; dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife; e Alfredo de Campos Salles e José Faria Ramos, vindos de S. Paulo.

2.ª Secção (Manuscriptos)

Frequencia e consulta.—Esta secção, que se acha agora bem accommodada e dotada de todos os meios ao alcance da directoria para o seu regular funccionamento, resentiu-se comtudo da falta do amanuense que lhe compete e que nem sempre foi possivel supprir com outro funccionario da 1.ª secção. Só de 5 de novembro em deante ficou completo o quadro do seu pessoal, em detrimento da 1.ª secção, pois a vaga de amanuense que está por preencher se deu na 2.ª, pela promoção do sr. João Gomes do Rego para 2.º official.

No 1.º semestre deu-se o seguinte movimento: teve a secção 48 visitantes, 369 leitores, que consultaram 782 documentos; no 2.º teve 41 visitantes, 204 leitores e foram compulsados 786 documentos; o que dá o total, para o anno, de 89 visitantes, 573 leitores e 1.568 documentos consultados. Esses documentos versaram sobre os seguintes assumptos:

Historia: Minas Geraes; Rio de Janeiro e Districto Federal; Brasil em geral; *Biographia:* Bahia; Pará e Amazonas; *Questão de limites*; Pernambuco; Santa Catharina; *Linguistica* (tupy): Rio Grande do Sul; Pará; Maranhão e Pará; Rio da Prata; *Genealogia brasileira.*

Cartas geographicas: Rio de Janeiro; Amazonas; Matto-Grosso; Pará; Limites com a Guyana Franceza.

Convem declarar que os documentos e cartas geographicas

referentes á questão do Oyapock só foram facultados com sciencia e annuencia do sr. Ministro das Relações Exteriores.

Os documentos acima enumerados eram escriptos nas linguas: portugueza 1.437; hespanhola 64; latina 16 e tupy 1; total, que confere: 1.568.

Ainda como um dado a mais, relativo ao movimento da secção, dir-vos-ei que no volume XVIII dos nossos «Annaes» se publicou a porção do Catalogo dos Manuscriptos que devia completar o respectivo tomo IV, como vos haviamos annunciado no anterior relatorio.

Acquisições.—O total annual elevou-se a 3.241 documentos, adquiridos: 240 por offerta e 2.901 por compra. O que faz avultar tanto estes ultimos algarismos é a collecção comprada por esse Ministerio ao espolio dos condes de Linhares, no leilão que se effectuou em Lisboa em dezembro de 1895, a qual por si só ascende ao numero de 2.849 e foi recolhida a esta secção em 22 de maio de 1897. A essa collecção, que ainda não poude ser estudada convenientemente, andam annexos 53 impressos de referencia, que elevam o seu total a 2.902 peças, incluidas 42 cartas geographicas manuscriptas, em 61 folhas, e 20 desenhos.

Foram d'ella apartados os papeis que se relacionavam com a questão de limites pelo lado das Guyanas e confiados ao sr. Rio Branco para o estudo da questão. Comtudo, deixaram tambem de vir, ao que parece, alguns referentes a outros assumptos da nossa Historia, como induzem a suppor-se os rotulos dos pacotes recebidos.

Uma das acquisições mais interessantes, das feitas por compra durante o anno, é sem duvida a dos «Desagravos do Brazil e Glorias de Pernambuco. Discursos Brazilicos, Dogmaticos, Bellicos... Author D. Domingos de Loreto Couto... 1757», que, pela sua grande extensão, temos recebido e pago por partes. Copia do original inedito existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa. E tambem

« Dissertaçoens sobre a Historia Ecclesiastica do Brazil. Que recitou na Academia Brazilica dos Esquecidos o R.do Padre Gonçalo Soares da França no anno de 1724. » — Comprado ao snr. Capestrano de Abreu.

Cumpre mencionar ainda as seguintes:

« Cartas inéditas de José de Anchieta » copiadas do Archivo do Collegio de Giezú em Roma e graciosamente offerecidas, com outros documentos manuscriptos, egualmente valiosos e aproveitaveis, pelo rev.do padre Bonnani, illustre Superior da Missão Romana da Companhia de Jesus no Brasil. Foram publicadas, como devíam, no volume XIX dos *Annaes da Bibliotheca*, na homenagem por nós prestada ao afamado thaumaturgo por occasião de passar o terceiro centenario do seu fallecimento.

Aos 181.819 manuscriptos possuidos em 1896 pela Bibliotheca, ajuntem-se os 3.141 supra mencionados e ter-se-á um total de 184.760, que representa o seu acervo actual nessa especialidade.

Assim tambem, ás 416 cartas geographicas manuscriptas que já possuiamos (Relatorio de 1896), accrescentem-se as 42 supra mencionadas e teremos 458, que constitue o total actualmente existente na respectiva secção.

Cópias de manuscriptos — Foram por vós autorizados a a extrahir cópia integral de manuscriptos, de accôrdo com as disposições regulamentares, o director do Archivo Municipal do Districto Federal, o redactor do Archivo Publico Mineiro e o sr. F. de Paula Chaves Campello.

Tiraram-se cópias dos artigos referentes ao p. Antonio Vieira, existentes na Bibliotheca, para o volume XIX dos *Annaes*, e da « Historia dos Collegios do Brazil », copiada da Bibliotheca Nacional de Roma, que naquelle volume tambem figura.

CLASSIFICAÇÃO. — A classificação, inventario e catalogação de documentos biographicos foi o principal trabalho da secção.

Fez-se a distribuição de documentos contidos em 720 latas,

dispostas em 10 estantes, comprehendendo tambem documentos officiaes e outros antigos, que se achavam de envolta com documentos de naturezas diversas. Das 21.010 pastas, que se houve de estudar, que occupavam as 720 latas acima mencionadas, tiraram-se 20.921 bilhetes para o respectivo catalogo.

Fazendo todo o empenho para conseguir resultado completo, teve o chefe da secção de trabalhar na Repartição até ás 6 horas da tarde, isto é, mais 3 horas por dia, tendo ainda assim de trabalhar em sua residencia e durante as ferias para obter a maior somma possivel para o fim almejado.

Teve, além d'isso, de se occupar, durante o 2.º semestre do anno, com a noticia bibliographica relativa ao padre Antonio Vieira, que enchera a melhor parte do futuro volume dos *Annaes da Bibliotheca* e será a mais minuciosa que se haja até agora feito nesse sentido.

Conservação. — Dos mappas manuscriptos, que careciam de reparo por ameaçarem ruina total e de que vos falei no relatorio passado, foram restaurados os 100, com esse intuito separados no exercicio anterior. Muitos d'elles eram exemplares unicos.

3.ª Secção (Estampas e Numismatica).

ESTAMPAS

Mal accommodada no estreito recinto que tem occupado no edificio desde que, em 1858, para elle se transferiu e se conserva a Bibliotheca Nacional, a dupla secção de estampas e numismatica precisa de maior espaço não só para facilidade do estudo technico das riquezas que encerra, como para a consulta de extranhos.

Consulta publica. — Foi a secção procurada durante o anno apenas por 27 consultantes e 16 visitantes. No anno anterior tivera entretanto 73 consultantes.

ACQUISIÇÕES. — Compraram-se, durante o anno de que ora vos dou conta, 1.341 estampas e foram-nos doadas 109, o que perfaz um total de 1.450. Reunindo este total ás 100.511 que já a Repartição possuia em 1896, ficou o seu cabedal nesse particular elevado a 101.994 peças, entre gravuras, lithographias e photographias.

De estampas mandadas vir da Europa, á parte algumas de mestres antigos, todas as demais são de artistas contemporaneos, contando-se entre ellas muitas subscriptas por artistas justamente afamados nessa tão instructiva quão deleitavel provincia da Arte.

Não devo furtar-me ao dever de tornar-vos conhecido o topico seguinte de um dos relatorios do chefe da secção dirigidos a esta directoria no anno proximo findo:

« Cada vez mais me firmo, escreve elle, na convicção dos beneficios que pode retirar a Bibliotheca da acquisição criteriosa de estampas modernas.

« Sem que tenhamos largos auxilios, como os que figuram nos orçamentos de estabelecimentos congeneres estrangeiros e lhes permittem entrar em concurrencia na lucta pela posse das boas gravuras dos mestres antigos, e sem que possuamos parallelamento um serviço regular de compras na Europa, feito por empregado da repartição, que periodicamente alli vá em pessoa para esse fim, coisas desejaveis mas que não poderão jamais ser levadas a effeito, parece que só se nos depara esse recurso, felizmente posto em pratica nos ultimos tempos, com assentimento vosso e soccorro da pequena verba consignada no orçamento para esse mister.

« E depois, é preciso não esquecer uma coisa: boas estampas, as peças que, por merecimento proprio e dos artistas que as produzem, grangeam logo a attenção do publico conhecedor e estimulam a cobiça dos colleccionadores, constituirão no futuro thesouros quiçá tão valiosos como os que hoje deploramos faltarem-nos, e será bom por isso que procuremos desde já evitar para então uma situação analoga á actual.»

No numero das acquisições feitas, interessantes, ou pelo seu merecimento intrinseco, por isso que são chromolithographias, ou por serem aguas-fortes a traço, coloridas a pincel, constituindo importantes documentos para o conhecimento da archeologia da Arte e da historia do vestuario, &., salientam-se as seguintes:

Doadas: «Foviles de Pompei», edit. A. Nicolini, collecção de 34 chromolith. e texto; e

Retrato de Mac-Kinley, actual presidente dos E. U. da America do Norte, á agua-forte.

Compra: «Dipinti murali scelti di Pompei», edição de Pasquale d'Amelio, collecção de 20 chromolithogravuras e texto;

«Galeria internacional de cem quadros escogidos»; e

«L'iconographie du costume par Jacquemin», contendo 200 estampas coloridas; e uma serie de 54 gravuras de Cunego, Bittiini, Campanella, Marchetti e outros, pela mór parte da escola hespanhola, que não possuiamos; além de 32 duplicatas.

Classificação. — Tiraram-se 457 bilhetes para os diversos catalogos iconographicos, a saber: catalogo por escolas, o por materias e o de nomes de gravadores; 540 cartões para o catalogo geral por nomes de artistas e 150 bilhetes para o catalogo bibliographico da secção, o que dá o total de 607 bilhetes de classificação e 540 cartões.

Para termo de comparação: No exercicio de 1896, como se vê do respectivo relatorio, apenas se tiraram bilhetes de 122 obras da «Col. D. Thereza Christina Maria» e de 88 estampas compradas durante o anno, tendo se feito a classificação de 80 estampas sómente, quasi todas antigas.

Entretanto o pessoal da secção se viu reduzido no decurso do anno de 1897 ao respectivo chefe e um amanuense, tendo sido o seu official chamado a servir em commissão, desde principios de abril de 1896, na Secretaria do Senado, onde ainda se acha.

NUMISMATICA

Como vos communiquei no relatorio de 1896, as moedas e medalhas que possuimos andavam esparsas em *vitrinas* ou mostradores collocados em diversas partes do edificio, onde quer que se nos deparou algum espaço para isso, o que tornava difficil manuseal-as para classifical-as e de nenhum modo se prestava á consulta dos estudiosos; agasalhada agora em sala especial, ficou em verdade melhor garantida de extravios a opulenta collecção; mas, ainda assim, tão proximas as vitrinas entre si que reclamam maior espaço.

Frequencia. — Teve esta sub-secção tão sómente 12 consultantes e 1 visitante.

Ainda assim 9 estudiosos a procuraram este anno mais do que no de 1896.

Acquisições. — Foram 12 as peças numismaticas com que se viu augmentado o nosso medalheiro durante o anno de 1897.

Nesse numero se contam:

Doadas: Medalha de cobre commemorativa da Exposição Internacional de Trabalhos juridicos 1894. — Offerecida pelo Secretario dr. Sá Vianna;

Medalha de cobre com a effigie da ex-princeza imperial d. Isabel. 1892. — Pelo sr. Francisco Rodrigues de Paiva;

Medalha de latão, em fórma de caixa, contendo a constituição do Imperio impressa em *typo mignon*. 1823. — Pelo dr. C. A. de Moraes Sarmento;

Medalha de bronze (Chile-Brasil) commemorativa da visita da esquadra chilena ao Brasil em 1897. — Pelo Ministro daquella nação d. Joaquim Walker Martinez

Medalha de cobre nikelado commemorativa do 2º anniversario do fallecimento do marechal Floriano Peixoto. 1897;

Um exemplar de cobre da « Medalha de Caridade concedida ao... Dr. José Paes de Carvalho pela Associação de Caridade

S.ta Casa da Misericordia do Pará. 1895 ». — Pelo sr. Julius Meili;

Medalha de cobre cunhada para perpetuar a memoria de Francisco Corrêa Vasques. — Pelo sr. Luiz Carvalho.

Compra: Medalha de ouro da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mechanicas, Liberaes, e Beneficente. 1860; com as effigies do imperador d. Pedro II e da imperatriz d. Thereza Christina Maria.

A Bibliotheca recebeu em dias de julho, remettidas pelo director do Museu Nacional, 152 moedas antigas, na quasi totalidade de cobre, que alli foram encontradas na 4.ª secção.

Sommando estas 152 moedas e as 12 supra mencionadas ás 22.863 que possuiamos em 1895 e ás 1.599 moedas e 545 medalhas, de que vos dei conta no relatorio de 1896, e mais 2 medalhas e 2 moedas nesse anno adquiridas, verifica-se que se eleva a 25.023 especies numismaticas o total actualmente possuido.

Classificação. — Fez-se um catalogo summario das obras de consulta, relativas á numismatica, existentes na secção, e classificaram-se 50 peças, que ficaram promptas para se incluirem nos grupos a que cada uma individualmente pertencer. Essas 50 peças fazem parte da remessa acima referida do Museu Nacional e são algumas dellas de bastante interesse pelos factos historicos a que se prendem.

Eis em resumo a relação do movimento da Repartição a meu cargo durante o exercicio de 1897, que submetto á vossa esclarecida attenção.

Ao Cidadão Dr. Amaro Cavalcanti, Ministro de Estado dos Negocios do Interior e da Justiça.

O DIRECTOR,

José Alexandre Teixeira de Mello.

INDICE GERAL ALPHABETICO

DOS

VINTE PRIMEIROS VOLUMES

DOS

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL

INDICE GERAL ALPHABETICO

DOS

VINTE PRIMEIROS VOLUMES

DOS

ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL

A

B

C

Alvará de 5 de Outubro de 1715 por que sua magestade manda declarar ao vice-rei do Estado do Brazil, governadores do Rio de Janeiro e Pernambuco e capitão-mór da Parahyba a fórma como se hão de haver com os navios estrangeiros que forem aos portos do dito Estado contra a lei passada em 8 de Fevereiro de 1711, o que manda se execute como nelle se declara
Vol. X, Pg. 110, n. 93

Artigo secreto que se tinha posto no Tractado de paz de Utrecht com Castella de 6 de fevereiro de 1715 e depois se tirou.
Vol. V, Pg. 347, n. 88.

Artigos secretos do Tratado da Alliança feito com Felipe 5.º em 18 de Junho de 1701, e assignados em Madrid no 1.º de Julho de 1701.
Vol. V, Pg. 252, n. 70.

Auto del Gor del Paraguay D. Sebastian Felix de Mendiola en que manda esten los indios prevenidos contra los portuguesses. *(13 de Noviembre de 1692).*
Vol. V, Pg. 74, n. 60.

Breve de Innocencio X, que no permite à los Superiores de la Compañia de Jesus en las Indias, de egercer su cargo por mas de tres años. (Dado en Roma a 1 de Janeiro de 1646).
Vol. IV, Pg. 40, n. 18.

Bulla do Papa Alexandre 6.º de q̃ se faz menção neste tratado *(4 de Maio de 1493).*
Vol. IV, Pg. 1, n. 1.

Bulla de Paulo III declaratoria de la libertad de los Indios *(Dada en Roma a 2 de Junho de 1537).*
Vol. IV, Pg. 15, n. 6.

Bulla de Paulo III, en q̃ se comete la execucion de la libertad de los Indios al cardenal Tavera *(28 de Maio de 1537).*
Vol. IV, Pg. 14, n. 5.

Carta que o Marquez de Montalvão Visso Rey do Brazil, escreveu, ao Conde de Nassau em q̃ o faz Sabedor da Acclamaçam, e Juramento q̃ se fez no Reyno de El Rey Dom João o quarto Nosso Senhor *(Março de 1641).*
Vol. IV, Pg. 42, n. 13.

Carta (outra) do P.e Antonio Vieyra ao mesmo Conde *(da Ericeira) (1660?)*
Vol. V, Pg. 73, n. 58.

Carta de Pero Vaz de Caminha a elrei d. Manuel, dando-lhe noticia do descobrimento da terra de Vera-Cruz, hoje Brazil, pela armada de Pedro Alvares Cabral.
Vol. IV, Pg. 7, n. 3.

Cartas do conde de Villa Pouca de Aguiar, do conde de Castel-melhor, do conde de Atouguia, de Francisco Barreto de Menezes e do conde de Obidos, governadores geraes e capitães generaes do Estado do Brazil, do anno de 1648 ao de 1664.
Vol. IV, Pg. 126, n. 30.

Cartas escriptas en Madrid por D. Diego de Villatoro al Tribunal del Consulado de Lima sobre la Poblacion de Portuguesses en Buenos ayres *(1681).*
Vol. IV, Pg. 445, n. 52.

Cartas de Francisco Barreto governador geral e capitão general do Estado do Brazil dirigidas a André Vidal de Negreiros João Fernandes Vieira, Francisco de Brito Freire e outras pessoas, do anno de 1657 ao de 1661.
Vol. IV, Pg. 105, n. 25.

Cartas de materia nova, e diversos Officios *(Bahia, de 1724 a 1728).*
Vol. XVIII, Pg. 251, n. 111.

Cartas dos padres da Companhia de Jesus sobre o Brazil, desde o anno de 1549 até ao de 1568.
Vol. IV, Pg. 16, n. 7.

Cartas para S. Mag.e do Snr. Conde de Attouguia, Gov.or, e Cap.m Geral deste Estado, e do Snr. Francisco Barreto. — 1655 á 1661. — Bahia.
Vol. IV, Pg. 107, n. 28.

Cartas de d. Sancho de Faro e Sousa, 2.º conde do Vimieiro, governador e capitão general do Estado do Brazil, e do Governo interino, composto do arcebispo d. Sebastião Monteiro da Vide, Caetano de Brito e Figueiredo e João de Araujo de Azevedo, dos annos de 1719 e 1720.
Vol. X, Pg. 422, n. 98.

«Cartas e negociações de Joseph da Cunha Brochado na sua ultima missão em a Corte de Espanha em qualidade de P.o Plenipotenciario de Elrey D. João o 5.º».
Vol. XV, Parte 1, Pg. 106, n. 167.

Cartas e mais papeis relativos ao territorio e á Colonia do Sacramento, do anno de 1680 ao de 1725.
Vol. XV, Parte 1, Pg. 166, n. 195.

Cartas patentes e alvarás de postos militares passadas por d. Sancho de Faro e Sousa, conde de Vimieiro, governador e capitão general do Estado do Brazil, nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro de 1719.
Vol. X, Pg. 418, n. 97.

Certificacion del Maestro de Campo Antonio de Vera y Mujica, sobre los servicios prestados por los Padres de la Compañia de Jesus, y los Indios, en el sitio de la Colonia *(4 de septiembre de 1680).*
Vol. IV, Pg. 443, n. 40.

Certificaciones de la prision de Jorge Suarez Macedo, Gobernador Portugues de las Islas de San Gabriel *(14 a 20 de enero de 1680).*
Vol. IV, Pg. 438, n. 46.

Chartas do conde de Castel-melhor e do de Attouguia, governadores e capitães-generaes do Estado do Brazil. Bahia 1651 a 1657.
Vol. IV, Pg. 53, n. 22.

Patentes, provisões e alvarás passados nos annos de 1718 a 1728 por el-rei D. João V, e registrados no governo do vice-rei do Estado do Brazil Vasco Fernandes Cesar de Menezes nos annos de 1721 a 1728.

Vol. XVIII, Pg. 109, n. 110.

Peticion del Cabildo de Buenos Aires á su Gobernador, para que certifique lo que cooperó esta ciudad al desalojo de los Portuguezes de la Colonia; con la contestacion del Gobernador D. Alonso Juan de Valdes y Ynclan. 1705.

Vol. V, Pg. 281, n. 80.

Portarias e ordens do general Francisco Barreto, do conde de Obidos, de Alexandre de Sousa Freire, do visconde de Barbacena, do governo interino, e de Roque da Costa Barreto, governadores geraes do Estado do Brazil, dos annos de 1660 a 1678.

Vol. IV, Pg. 214, n. 39.

Portarias e ordens de Roque da Costa Barreto, de Antonio de Sousa de Menezes, de d. Antonio Luis de Sousa Tello e Menezes, 2.º marquez das Minas, de Mathias da Cunha, do Govêrno interino e de Antonio Luis Gonçalves da Camara Coutinho, governadores e capitães generaes do Estado do Brazil, desde o anno de 1678 até ao de 1693.

Vol. V, Pg. 154, n. 62.

Portarias e ordens expedidas pelos governadores e capitães generaes do Estado do Brazil d. Lourenço de Almada, Pedro de Vasconcellos e Sousa, marquez de Angeja e conde de Vimieiro, do anno de 1711 ao de 1719.

Vol. X, Pg. 227, n. 96.

Portarias passadas pelo Govêrno interino do arcebispo d. Sebastião Monteiro da Vide e pelo do vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, do anno de 1719 ao de 1722.

Vol. X, Pg. 518, n. 100.

Portarias expedidas por Vasco Fernandes Cesar de Menezes, depois Conde de Sabugosa, 4.º vice-rei do Estado do Brazil, nos annos de 1723 a 1728.

Vol. XVIII, Pg. 5, n. 108.

Projecto de Tratado entre Portugal, e Castella. Artigos acordados entre o Emb.or extraordin.ro e Plenipotenciario d'ElR. de Portugal Dom Rodrigo Annes de Sá Almeyda e Menezes seu m.to amado e prezado Sobrinho do seu Concelho Gentil homem da sua Camara Marques de Abrantes, e o Commissario e Plenipotenciario d'ElR. de Espanha Dom João Baptista de Orendayn Marques de la Paz do seu Concelho primeiro Secretario de Estado do despacho p.a a restituição reciproca dos desertores, das Tropas de hua e outra Coroa.

Vol. V, Pg. 347, n. 89.

Provincia (Da) do Brazil, do numero de casas e pessoas da Companhia que nellas ha, 1608.

Vol. IV, Pg. 30, n. 10.

Provisão em forma de lei de 5 de fevereiro de 1711 por que sua Magestade ha por bem prohibir nas conquistas ultramarinas commercio com e (*sic*) extrangeiros e impôr aos transgressores d'elle as penas que hão de ter, como tambem aos que passarem ou intentarem passar das mesmas conquistas para os reinos extranhos, como nella se declara.

Vol. V, Pg. 324, n. 84.

Provision del Virrey del Brasil D.n Diego Luis de Oliveira en que manda hacer informacion de los daños q.e los Portuguezes hacian en las Reducciones de Indios, fecha en 4 de Diciembre de 1629.

Vol. IV, Pg. 40, n. 11.

Provisões dadas por Antonio de Sousa de Menezes e d. Antonio Luis de Sousa Tello e Menezes, 2.º marquez das Minas, governadores e capitães generaes do Estado do Brazil, nos annos de 1683, 1684 e 1685.

Vol. V, Pg. 49, n. 55.

Provisões de officios de fazenda e justiça passadas em nome dos reis de Portugal d. Pedro II e d. João V pelo governador e capitão general do Estado do Brazil Luis Cesar de Menezes nos annos de 1707 a 1710.

Vol. V, Pg. 263, n. 82.

Provisões de officios de fazenda e justiça passadas em nome d'el-rei d. João V pelos governadores geraes do Estado do Brazil Pedro de Vasconcellos e Sousa, 3.º conde de Castel-Melhor e d. Pedro Antonio de Noronha, 1.º marquez de Angeja, nos annos de 1712 a 1715.

Vol. V, Pg. 348, n. 90.

Provisões de officios de justiça e fazenda, expedidas pelo vice-rei marquez de Angeja nos annos de 1715 a 1720.

Vol. X, Pg. 455, n. 99.

Provisões passadas no Govêrno de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, posteriormente conde de Sabugosa, vice-rei do Estado do Brazil, do anno de 1721 ao de 1723.

Vol. XV, Parte 1, Pg. 2, n. 102.

Provizões e Regimentos antigos, 1654 á 1672. Bahia.

Vol. IV, Pg. 164, n. 35.

Regimento que trouxe Roque da Costa Barreto, Mestre de Campo General do Estado do Brasil, em data de 23 de Janeiro de 1677, com varias observaçoens feitas pelo actual Vice-Rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil D. Fernando José de Portugal, em cumprimento da Provisão do Conselho Ultramarino de 30 de Julho de 1796, cuja execução se recõmenda por outra de 10 de Abril de 1804 em as quaes se apontão as Ordens que tẽ alterado, ampliado, ou restringido alguns Capitulos do mesmo Regimento, interpondo-se o parecer sobre os Artigos presentemente praticaveis.

Vol. IV, Pg. 205, n. 38.

Registo das Cartas que Se expedirão p.a a Cidade, Villas Capitanias, e Certaõ no Anno de 1725, até o de 1728.

Vol. XVIII, Pg. 364, n. 112.

Relaçion de lo sucedido enel Rio Janeiro con la Publicaçion de las bullas. 1640.

Vol. IV, Pg. 41, n. 12.

Relacion del Cap.n Joseph Gomes Jurado, de lo sucedido en el requirim.to primero q.e se le hizo al Gou.or D. Manuel Lobo (Fevereiro de 1680).

Vol. IV, Pg. 436, n. 44.

Relacion de lo sucedido en la expulsion de los Portugueses q.e pretendiendo inuadir las Prou.as del Rio de la Plata Paraguay etc. se poblaron en frente de las Islas de S. Gabriel, desde 25 de Nouiembre de 79, hasta 9 de Agosto de 80.

Vol. IV, Pg. 442, n. 48.

Representacion del Cabildo de Santa Cruz de la Sierra sobre los peligros de una invasion de Portugueses por las Misiones de Chiquitos. 1602.

Vol. V, Pg. 73, n. 59.

Rezumo do tratado sobre o cazam.to da Snra D. Catherina Infante de Portugal com Carlos 2.o Rey de Inglaterra, sobre a alliança deffensiva, comercio, e cessino de Bombaim e Tangere feito entre El Rey Dom Affonço 6.o de Portugal, e o d.o Carlos 2.o de Inglaterra, a Whitehall em 23 de Junho de 1661.

Vol. IV, Pag. 107, n. 27.

Rezumo do tratado Provizional sobre a Colonia do Sacramento entre Portugal e Castella feito em Lisboa aos 7 de Mayo de 1681.

Vol. IV, Pg. 444, n. 51.

Rezumo do Tratado de alliança e garantia do testam.to de Carlos 2.o entre França e Portugal feito em Lx.a aos 18 de Junho de 1701.

Vol. V, Pg. 234, n. 75.

Roteiro da Costa de Araguary athe o Rio de Vicente Pinsson p.lo rumo da terra Guayapoco que mandou fazer o Capp.am Comandante João Paiz do Amaral p.r Ordem do G.or e Capp.am G.l do estado João da Maya da Gama indo o d.o Capp.am Comandante a reconhecer a parage honde estavão os Marcos das terras de Portugal &.a (1726).

Vol. XV, Parte I, Pg. 1, n. 101.

Sumario, e Descripção do Reino de Angolla, e do descobrimento da Ilha de Loanda, e da grandeza das Capitanias do estado do Brazil. Feito por Domingos d'Abreu de Brito, Portuguez. Dirigido ao muito alto, e poderoso Rey Dom Philippe, Primeiro deste Nome, pera augmentação do Estado, e rendo de sua Coroa. Anno de 1592.

Vol. IV, Pg. 37, n. 8.

Tantto de la Cartta de Jorge Suarez Mazedo Gou.or Señalado por el principe de Porttugal p.a la Poblazion de las yslas de S.n Gabriel escriptta a los Padres misioneros q.e fueron p.ra confesar los yndios enviados p.r el S.or G.or de Bu.s ay.s a explorar las tierras de las doctrinas del urugay hasta las Costas del mar (5 de março de 1680).

Vol. IV, Pg. 437, n. 45.

Traité d'accommodement sur les differents, et mes-intelligences survenus au Bresil, depuis quelques ans en çà, et ailleurs sous le district de l'Octroy de la Compagnie des Indes Occidentalles des Provinces Unies entre Mr. L'Ambassadeur de Portugal d'un côté, et M.rs les Commissaires des Seigneurs Etats de l'autre coté; conclu, et arresté à la Haye le 20, reçu le 24 Octobre 1648, et lu le 28 du dit mois, etc.

Vol. IV, Pg. 49, n. 19.

Tratado de Alliança e Comercio entre Portugal, e Hollanda feito na Haya a 30 de Julho de 1669.

Vol. IV, Pg. 163, n. 32.

Tratado de Alliança feito por Felipe 5.o em 18 de Junho de 1701 e ratificado em Madrid ao 1.o de Julho do mesmo anno.

Vol. V, Pg. 231, n 69.

Tratado de alliança e garantia ao testamento de Carlos 2.o entre França e Portugal feito em Lisboa aos 18 de Junho de 1701.

Vol. V, Pg. 233, n. 73.

Tratado de alliança, e garantia ao Testamento de Carlos 2.o entre França, e Portugal, feito em Lx.a a 18 de Junho de 1701.

Vol. V, Pg. 234, n. 74.

Tratado sobre o cazamento, e dote da Snra Infante D. Catherina, e sobre o comercio, e alliança deffensiva feito entre El Rey D. Affonço o 6.o de Portugal, e Carlos 2.o Rei da Grande Bretanha, em Whitehall aos 23 de Junho de 1661.

Vol. IV, Pg. 103, n. 26.

Tratado de Confederação, e aliança (sic) concluido entre Louis 13 Rey de França, e El R. D. João o 4.o de Portugal em Paris o 1.o de Junho 1641.

Vol. IV, Pg. 44, n. 14.

Tratado de Liga, e Confederação entre El Rey Filippe 5.o de Castella, e El Rey D. Pedro o 2.o de Portugal, feito em Lisboa aos 18 de Junho de 1701.

Vol. V, Pg. 234, n. 76.

Tratado de Liga entre Felipe V. e El-Rey D. Pedro o 2.o de Portugal. Feito em Lisboa a 18 de Junho de 1701.

Vol. V, Pg. 235, n. 77.

D

E

F

G

N

P

R

—— Monserrate (Fr. Camillo de). — Estudo biographico.

Vol. XII, Pgs. 3-167.

—— Monserrate (Fr. Camillo de).—Noticia e analyse dos seus escriptos.

Vol. XII, Pgs. 169-287.

—— Notas bibliographicas (Addições a Barbosa e Innocencio da Silva).

Vol. I, Pgs. 150 e 363; Vol. III, Pg. 210.

—— Prefacio ao «Catalogo da Exposição de Historia do Brazil».

Vol. IX, T. 1, Pg. V.

—— Prefacio á « Memoria » do Conselheiro José Feliciano de Castilho sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador do Brazil.

Vol. VIII, Pg. VII.

—— Prologo á traducção portugueza, effectuada pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, do manuscripto guarani sobre a primitiva catechese dos indios das Missões, composto em castelhano pelo P. Antonio Ruiz Montoya e vertido para guarani por outro padre jesuita.

Vol. VI, Pg. VII.

—— Um bom Poeta, e mau calligrapho.

Vol. I, Pg. 184.

Rectificação á noticia biographica de Luiz Calamatta, de pgs. 661—663, do Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios.

Vol. XI, Pg. 1070.

Relação de um caso notavel que succedeu antes da morte do P. José Suares, companheiro do P. Antonio Vieira, auctorisado com o testemunho do P. Reitor que então era do Collegio, pelo P.e João Antonio Andreoni.

Vol. XIX, Pg. 161.

Relação dos mappas, chartas, planos, plantas e perspectivas geographicas, relativas á America Meridional, que se conservam na secção de mss. da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, por A. do V. Cabral.

Vol. I, Pg. 321.

Relatorio do movimento da Bibliotheca durante o anno de 1895, pelo Director Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

Vol. XVIII, Pg. 453.

Relatorio do movimento da Bibliotheca durante o anno de 1896, pelo Director Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

Vol. XIX, Pg. 243.

Relatorio do movimento da Bibliotheca durante o anno de 1897, pelo Director Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

Vol. XX, Pg. 283.

Remissão alphabetica dos auctores e obras mencionados no «Catalogo das Biblias &», pelo Dr. Teixeira de Mello.

Vol. XVII, Fasc. I, Pg. 265.

Resumo historico da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (Pelo Dr. Teixeira de Mello).

Vol. XIX, Pg. 219.

Rezultado dos trabalhos e indagações statisticas da provincia de Matto-Grosso por Luiz d'Alincourt, Sargento-Mór Engenheiro, Encarregado da Commissão Statistica Topografica ácerca da mesma Provincia. (Cuyabá, 1828)

Vol. III, Pgs. 68 e 225; Vol. VIII, Pg. 39.

Rodrigues (*P.e Pedro*).—Vida do Padre José de Anchieta.

Vol. XIX, Pg. 1.

Rodrigues (*Pero*). —Copia de uma carta do padre..., Provincial da Provincia do Brazil da Companhia de Jesus, para o padre João Alvares da mesma Companhia: assistente do Padre Geral (*1.º de Maio de 1597*).

Vol. XX, Pg. 255.

Rodrigues Ferreira (*Alexandre*).—(Noticia das obras manuscriptas e ineditas relativas á Viagem Philosophica do Dr..., pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Matto-Grosso e Cuyabá (1783-92), por A. do Valle Cabral.

Vol. I, Pgs. 103 e 222; Vol. II, Pg. 192; Vol. III, Pgs. 54 e 324.

S

T

V

FIM